







AS CIDADES E VILLAS
DA
MONARCHIA PORTUGUEZA
QUE TEEM BRASÃO D'ARMAS.

POR
F. DE VILHENA BARBOSA.

VOLUME III.



LISBOA
TYPOGRAPHIA DO PANORAMA.
TRAVESSA DA VICTORIA, 73.

1862.

A VILLA DE SABUGAL.

Acha-se edificada esta villa em sitio plano, na provincia da Estremadura, districto administrativo da Guarda, a uma legua de distancia da villa da Sortelha, e dez da cidade de Castello Branco.

Pertencendo o seu territorio no seculo XIII ao reino visinho, d'onde dista umas tres leguas, foi fundada por D. Affonso x, rei de Castella e de Leão. Passados porém poucos annos veio para a corôa de Portugal, e cremos que foi por occasião do casamento do nosso rei D. Affonso III com D. Brites, filha bastarda de D. Affonso x de Castella.

El-rei D. Diniz fortificou-a pelos annos de 1296, construindo um castello, com uma alta torre de menagem de cinco quinas. No fecho da abobada superior d'esta torre collocou-se o escudo das armas reaes, e o seguinte lettreiro:

Esta fez el-rei D. Diniz,
Que acabou tudo o que quiz;
Que quem dinheiro tiver,
Fará quanto quizer.

No anno de 1328, ajustado o consorcio da infanta D. Maria, filha d'el-rei D. Affonso IV, e da rainha D. Brites, com D. Affonso XI, rei de Castella, partiu de Coimbra a real noiva em companhia de seus paes, e da rainha Santa Isabel, sua avó. Chegados á villa de Sabugal, ahi se demoraram alguns dias, para receber a infanta D. Leonor, irmã d'el-rei de Castella, que veio com luzido acompanhamento para ver e comprimentar os seus augustos parentes, pois que a rainha Santa Isabel, era sua avó. Durante os dias, que a familia real ali esteve fizeram-se grandes festas em obsequio da infan-

ta castelhana. Depois partiram todos para a villa d'Alfaiates, proxima da fronteira do reino de Leão, aonde concorreu el-rei D. Affonso xi, e na qual se celebrou o casamento.

El-rei D. Manuel deu o senhorio de Sabugal a seu filho, o infante D. Fernando; e D. Filippe ii d'Hespanha, tendo-se apossado de Portugal, fez conde de Sabugal a D. Duarte de Castello Branco. Mais tarde, reuniram-se por enlace matrimonial as duas casas dos condes d'Obidos, e de Sabugal, cujos titulos hoje possue o senhor D. Manuel Pedro d'Alcantara d'Assis Mascarenhas Castello Branco da Costa Lencastre, setimo conde d'Obidos, e quinto de Sabugal. A alcaidaria-mór d'esta villa pertence desde o seculo xvi a esta familia.

Dizem que o nome da villa se derivou dos muitos sabugueiros, que ali havia quando se fundou. Por esta mesma razão tem por brasão d'armas no meio do escudo um sabugueiro e uma chave, sendo esta allusão ao antigo castello, que defendia a villa.

Sabugal é uma pequena povoação, que não chega a conter mil almas. Tem duas parochias; Santa Maria do Castello, e S. João Baptista; egreja da misericordia, hospital, e umas sete ermidas.

Proximo da villa, pela parte do sul, passa o rio Coa, que nasce mais acima, e não longe, indo entrar no Douro junto a Villa Nova de Foscoa. Todavia ha quem affirme, que este rio tem a sua fonte principal na serra de Xalma, no reino de Leão, a qual é pertencente á cordilheira da Gata. Conforme esta opinião o Coa entra em Portugal por Folgosinho.

Os romanos davam a este rio o nome de *Cuda*, e aos povos, que habitavam nas suas margens, chamavam *Cudanos*, ou *Transcudanos*. Frei Bernardo de Brito, na sua *Geographia Lusitana*, fallando do Coa, attribue ás suas aguas as singulares propriedades de serem excellentes para tingir lãs, e caldear ferro; de serem pesadas para beber, e de má digestão; de causarem tristeza, dôres de ventre, e de cabeça; de engrossarem, ou fazerem obtuso o

entendimento ; e de offenderem o rosto a quem se lavar com ellas.

Sejam porém as aguas d'este rio boas, ou más para beber, é certo que regam e fertilisam os campos, que circundam a villa, fazendo-os produzir abundantemente cereaes, frutas, com especialidade castanha, linho, e magnificas pastagens, onde se cria muito gado. Ha muitas colméas, e bastante caça por todos aquelles contornos.

A 25 de Julho tem esta villa uma feira annual.

A VILLA DE SANTAREM.

Quasi no centro da provincia da Estremadura está a villa de Santarem, ora campeando sobre alto monte a cavalleiro do Tejo, ora, sentada na raiz d'elle, espelhando-se nas puras aguas d'este poetico rio.

Pelos respeitos de uma remota antiguidade; pelas memorias de passadas grandezas, e preeminencias; pelo interesse de importantes factos historicos; pelo grande numero de monumentos d'arte, e de historia; pela importancia militar da situação; por muitas e variadas bellezas naturaes; e, enfim, pelos numerosos filhos dados á patria, distinctos nas armas, nas letras, e nas virtudes christãs e civicas, avanta-se Santarem a quasi todas as povoações do reino.

A sua origem é tão remota, que sendo Santarem uma das principaes terras da Lusitania sob o dominio dos romanos, ainda assim se ignora quem foram os seus fundadores. Todavia não deixaram os antiquarios de lhe assignalar a epoca da fundação, e até o nome do fundador. E' uma pura fabula, já se vê, porém, na falta de noticias positivas, referil-a-hemos, como uma d'essas lendas phantasticas, que envolvem em formas poeticas e romanticas a escura origem das antigas povoações.

Diz, pois, a lenda, que tendo Ulysses aportado ao Tejo, depois do incendio e destruição de Troya, encantado da magestade do rio, e da formosura das suas margens, edificara ahi uma cidade a que poz o nome de *Ulyssea*, que com o tempo se corrompeu em *Olysipo*, depois em *Lissibona*, e mais tarde em *Lisboa*.

Reinava então nas Hespanhas um poderoso rei, chamado Gorgoris, o qual, apenas lhe constou que a armada dos gregos surgira no Tejo, e se apossara da sua margem direita, correu á frente de um valente exercito para expulsar os intrusos do seu reino. Taes foram, porém, as traças de Ulysses,

tal o effeito da sua eloquencia e das suas promessas, que, em vez de batalha, vieram os dois chefes a um accôrdo, de que resultou intima alliança, permittindo-se ao illustre aventureiro proseguir na edificação da cidade.

Com a convivencia cresceu entre os dois principes a amizade. Mas se el-rei Gorgoris se deleitava com a conversação amena de Ulysses, sua filha, a princeza Calypso, rendera-se inteiramente ao grego gentil e seductor.

Não tardou muito que el-rei Gorgoris se apercebesse de que sua filha trazia no seio o fructo de criminosos amores. Acceso em ira, poz-se de novo á frente dos seus soldados para lavar a injuria no sangue do ingrato principe. Ulysses, dorido da consciencia, não se atrevendo a esperar o inimigo, acolheu-se com a sua gente aos navios da armada, e abandonando a cidade, deu velas ao vento em demanda da Grecia, sua patria.

Como não encontrasse o iracundo pae onde exercer a sua vingança, resolveu ceval-a no innocente filho d'aquelle, que assim fugia ao justo castigo. Gorgoris faz vigiar de perto a princeza, e ordena sob penas severas aos satelites de que a cerca, que logo que der á luz a creança, seja esta lançada immediatamente ao Tejo.

A cruel ordem foi executada á risca. Calypso teve um menino, ao qual poz o nome de *Abidis*. Ao principio conseguiu o amor maternal occultar o innocente filhinho aos seus inhumanos perseguidores. Mas logo depois, descoberto o engano, foi a pobre creança mettida n'um cesto, e lançada ao rio. Por acaso, ou por decreto da Providencia, as ondas do Tejo, respeitando a innocencia, foram depositar o menino, incolume, n'uma praia, a que ficava sobranceiro alto monte de rochas escarpadas.

Salva das aguas do rio, a infeliz creança ia perecer de fome, ou servir de pasto ás feras, quando lhe appareceu, como presente do ceo, uma linda corça, que a alimentou com o seu leite, e co-

mo pôde lá foi empurrando o cesto até o deixar em uma gruta, aberta nos visinhos rochedos.

Todos os dias vinha a corça offerecer o leite ao pequeno Abidis, que assim foi vivendo, e crescendo. Nos primeiros annos corria e brincava em torno da gruta, e ao longo das praias do Tejo; depois, mais forte e atrevido, divagava pelos mattos e bosques d'aquellas visinhanças. Mas se via ao longe algum outro homem, fugia para a sua gruta como o mais timido animal. Houve, porém, quem o visse, e participasse á princeza Calypso a existencia d'aquelle menino selvagem. Movida da curiosidade, ou tocado de um presentimento o seu amor de mãe, mandou a princeza muitos dos seus criados ao sitio designado, para lhe trazerem o menino a todo o custo. A empresa foi bem succedida, e Calypso pôde reconhecer no adolescente vagabundo, graças a um certo signal, que tinha no corpo, o querido filho, que tão cruelmente haviam roubado aos seus carinhos.

Reconhecido e educado como principe, Abidis veio a succeder na corôa a seu avô, Gorgoris, pelos annos 2863 da creação do mundo; e um dos primeiros actos do seu governo foi commemorar a sua maravilhosa salvação, fundando uma cidade no sitio, onde as aguas do Tejo o lançaram, e onde a corça o creou. A esta cidade, que escolheu para sua côrte, denominou *Esca Abidis*, que quer dizer *mangar ou alimento de Abidis*. O tempo, que tudo consome, corrompeu este nome, mudando-o em *Scalabis*, que os romanos mudaram a seu turno no de *Præsidium Julium*, e que os lusitanos trocaram pelo de *Santarem* em testemunho de veneração pelo milagre da virgem e martyr Santa Iria.

Esta é alenda; e com effeito o primeiro nome, que teve Santarem, foi *Scalabis*, cuja etymologia não é conhecida.

Subjeita toda a Lusitania ao dominio de Roma, Scalabis, que já era povoação importante, cresceu e prosperou a tal ponto com o poderoso impulso da civilisação romana, que logrou todas as preeminencias, a que os dominadores do mundo costu-

mavam elevar as suas mais notaveis cidades. Honrada com o titulo e grandes privilegios de *colonia romana*, foi escolhida para assento de um dos quatro *conventos juridicos*, que houve na Lusitania, que eram chancellarias, ou tribunaes a que recorriam os povos das provincias, que formavam o seu districto judicial. O do convento juridico de Scalabis abrangia o territorio das duas provincias actuaes da Beira e Estremadura, e parte do reino de Leão.

Vindo Julio Cesar á Lusitania, honrou com o seu nome aquella povoação, ordenando que d'ahi em diante se chamasse *Præsidium Julium*. Entre as obras mais grandiosas, que os romanos construíram n'esta terra, contava-se a magnifica ponte de cantaria, que atravessava o Tejo para dar passagem á grande via militar, que ia de Lisboa para Merida. D'esta ponte, que a corrente do Tejo destruiu durante as suas inundações, ainda se conservavam alguns vestigios nos principios do seculo XVI.

Na invasão dos barbaros do norte padeceu esta povoação quasi total ruina, e os novos senhores, que estendiam o seu odio a tudo o que lhes recordava o poder de Roma, abolindo o nome de *Præsidium Julium*, resuscitaram o de Scalabis.

Depois, ou por quererem estabelecer uma denominação propriamente sua, ou porque a povoação ficasse reduzida á cidadella, deram-lhe o nome de *Scalabicastrum*, castello de Scalabis.

No meiado do seculo VII, estando a Lusitania sob o governo dos godos, teve lugar na cidade de *Nabancia*, hoje Thomar, o martyrio da virgem Santa Iria ou Irene. Refere a lenda, que, lançado o seu casto corpo ao rio Nabão, a corrente o trouxe ao Zezere, e d'este ao Tejo, onde os anjos lhe fabricaram sumptuoso sepulchro, no meio das aguas, em frente de Scalabicastrum, que em memoria d'este successo se começou a chamar *Santa Irena*, e depois por abreviatura *Santarem*.

Em 745, quasi dois annos depois da destruição da monarchia dos godos nos campos de Guadalete,

foi Santarem tomada pelos arabes, que a possuíram até 1093, em que D. Affonso vi, rei de Leão, os expulsou d'ali aos 21 d'Abril.

A fortaleza da sua situação, e a bravura dos seus habitantes, que já em diversas occasiões haviam feito Santarem temida dos inimigos, foram causa, sem duvida, de que d'esta vez se conservasse christã pelo espaço de dezesete annos, apesar do estandarte das meias luas campear triumphante por quasi toda a Lusitania. No anno, porém, de 1110 veio pôr-lhe cêrco um tão poderoso exercito de serracenos, que ao cabo de inutil resistencia entregou-se, apertada da fome.

Reconheceram os moiros a importancia de semelhante posição para a conservação do seu dominio em toda a Estremadura; e trataram de augmentar tanto as suas fortificações, que fizeram d'ella uma das mais fortes praças de guerra da peninsula Iberica.

Não obstante tudo isso, nem o denodo da valente guarnição, que a defendia, nem o extremo valor do seu alcaide Auzechri, a torreada Santarem rendeu-se á espada victoriosa d'el-rei D. Affonso Henriques, que a assaltou e entrou em um sabbado, 15 de Março de 1147.

O vencedor fez povoar Santarem com familias christãs, e deu-lhe o foral de villa com muitos e singulares privilegios. A cruz de Jesus Christo, então hasteada, não tornou mais a descer das frontarias dos seus templos, nem o pendão das quinas deixou mais de fluctuar sobre os seus baluartes. Contudo, por duas vezes se viu esta villa, em tempos de D. Affonso Henriques, em perigo de cair em poder dos infieis. A primeira, vinte annos depois de conquistada por este monarcha, foi quando Albarraque, rei de Sevilha, á frente de um grande exercito, a sitiou, e accommetteu com repetidos assaltos, sendo repellido, e afinal destroçado e perseguido pelos portuguezes, capitaneados pelo seu primeiro rei. A segunda teve lugar em 1184, ou 85, em que Aben Jacob, imperador de Marrocos, vindo d'Africa com todo o seu poder, e unindo-se

às tropas do rei de Sevilha, para desaffrontar as armas musulmanas, tantas vezes vencidas ante os muros de Santarem, poz cêrco a esta praça, combatendo-a logo durante cinco dias successivos. Eram tantos os inimigos, e os ataques tão violentos, que, apesar de se achar á frente dos sitiados o corajoso infante D. Sancho, que mais tarde foi o nosso segundo rei, chegaram os portuguezes a tal aperto, e extremo de desesperação, que já estavam para abandonar as muralhas, e recolher-se á Alcaçova, ou cidadella, como ultimo refugio, quando D. Affonso Henriques, acudindo de Coimbra, onde se achava, e dando de improviso com as suas aguerridas hostes sobre o arrayal inimigo, levou os moiros de vencida, e libertou a villa.

El-rei D. Sancho I, e seus successores, tiveram por muitas vezes a sua côrte em Santarem, cujo foral foi confirmado, e ampliado com alguns novos privilegios por D. Affonso III, e outros reis até D. Mannel, que lhe deu o ultimo em 1506.

Nas discordias, que rebentaram entre el-rei D. Diniz, e seu filho primogenito, o turbulento infante D. Affonso, veio este, de Coimbra, com mão armada sobre Leiria, que se lhe rendeu, e depois sobre Santarem, que egualmente tomou. Poucos dias, porém, esteve esta villa na desobediencia d'el-rei, pois que o infante a abandonou logo, que o exercito de seu pae se aproximou d'ella, tendo já subjeitado a cidade de Leiria. Feitas as pazes por intervenção e diligencias da rainha Santa Isabel, festejou Santarem o termo da guerra civil, juntamente com a entrada em seus muros dos dois monarchas e seu filho D. Affonso.

Reinando este principe com o nome de D. Affonso IV, e achando-se em Santarem, celebraram-se ahi os esponsaes de sua filha, a infanta D. Leonor, com D. Pedro IV, rei de Aragão; para cuja cerimonia este soberano enviara dois embaixadores.

No seguinte reinado foi theatro esta villa d'aquella scena de cruel vingança, em que finalisou o terrivel drama da morte de D. Ignez de Castro. Pedro Coelho, Alvaro Gonçalves, e Diogo Lopes

Pacheco, os tres fidalgos, que tomaram parte no barbaro assassinato da desditosa Ignez, tinham fugido para Castella, apenas viram moribundo D. Affonso iv. Mas logo que D. Pedro i subiu ao throno, sequioso de vingança, obteve de seu sobrinho, el-rei de Castella, a entrega dos fugitivos, em troca de outros fidalgos castelhanos, que, perseguidos n'aquelle reino, se tinham acolhido ao nosso. Pacheco, avisado a tempo, conseguiu evadir-se para o Aragão, e de lá para Inglaterra; porém os seus dois companheiros foram levados a Santarem, onde, depois de postos a tormentos em frente das janellas do paço real da *Alcaçova*, ali mesmo lhes foi arrancado o coração em vida, a Pedro Coelho pelo peito, e a Alvaro Gonçalves pelas costas, sendo os seus corpos afinal queimados. D. Pedro i assistiu a todo este longo e horroroso supplicio (1358).

Quando o povo de Lisboa se amotinou por correr voz que el-rei D. Fernando se casara occultamente com D. Leonor Telles de Menezes, que era mulher de João Lourenço da Cunha, partiram furtivamente el-rei e D. Leonor d'aquella cidade para Santarem, e d'ali para o Porto, indo receber-se nas suas visinhanças, na egreja de Leça do Balio (1372). Passados treze annos, quentes ainda as cinzas d'el-rei D. Fernando, fugia outra vez para Santarem a rainha D. Leonor Telles, por causa do povo de Lisboa, que novamente, e agora mais ameaçador, se levantara contra ella. O primeiro cuidado da ambiciosa rainha, assim que chegou á villa, foi escrever a seu genro D. João i, rei de Castella, instando-o a entrar em Portugal em defensa dos direitos da rainha D. Beatriz, sua mulher. No curto praso de poucos dias fizeram a sua entrada em Santarem os reis de Castella (12 de Janeiro de 1385); foi acclamada D. Beatriz, rainha de Portugal; desavieram-se D. João i, e sua sogra, a rainha D. Leonor; tentou esta fazer assassinar o genro; descoberta logo a traição, foi presa, e enviada para Castella; e D. João i e sua mulher, seguidos de um forte exercito, partiram sobre Lisboa, onde o mestre d'Aviz, acclamado defensor do reino, segurava a capital contra o dominio estrangeiro.

Durante o calamitoso periodo d'esta guerra, de que saiu salva a independencia de Portugal, padeceu Santarem muitas vexações e alborotos, estando sujeita aos castelhanos em quanto durou o cêrco de Lisboa, e recebendo outra vez dentro de seus muros, na retirada, os reis de Castella, e as suas tropas.

No começo do reinado de D. João I coube a Santarem a honra de servir de assento ao tribunal da relação, instituido por aquelle soberano, e depois a pedido das côrtes mudado para Lisboa.

No anno de 1434 foram convocados a côrtes os tres estados na villa de Santarem para a cerimonia do juramento de fidelidade a el-rei D. Duarte. A primeira convocação fôra para Leiria, porém mudara-se de local em consequencia da peste, que se desinvolveu nas visinhanças d'esta cidade.

No reinado antecedente, de D. João I, e no seguinte, de D. João II, reuniram-se côrtes n'esta villa.

A 12 de Julho de 1491, achando-se a côrte em Santarem, ainda entregue ás festas e alegrias do casamento do principe D. João, filho d'el-rei D. João II, com a princeza de Castella, D. Isabel, succedeu ahi a lamentavel catastrophe da morte d'aquelle joven principe, por effeito de uma queda do cavallo, andando a correr junto á margem do Tejo.

Fallecido o cardeal rei D. Henrique, sem ter nomeado successor; transpostas já as fronteiras do reino pelo exercito do duque d'Alba; descontente e inquieto o povo sobre a sua sorte; e divididos os nobres e o clero em diversas parçialidades; D. Antonio, prior do Crato, filho bastardo do infante D. Luiz, fez-se acclamar rei de Portugal em Santarem, aos 19 de Junho de 1580. Os moradores da villa, que queriam mais que tudo a independencia da patria, saudaram com enthusiasmo o principe, que assim ousava affrontar o poder de Filippe II. D. Antonio, vendo-se rodeado de uma grande multidão de povo armado, marcha sobre Lisboa. A capital abre-lhe as suas portas, recebe-o como rei, e engrossa-lhe as fileiras com muitos centos de po-

pulares. Mas em breve naufragaram todas estas esperanças e ardores. Derrotado junto á ponte de Alcantara pelo duque d'Alba, volta a Santarem, e d'ahi debalde percorre o reino até se ver forçado a sair d'elle.

Na segunda lucta travada com a Hespanha pela restauração da independencia em 1640, não padecceu esta villa outros incommodos, além dos sacrificios geraes, que foram impostos a todo o paiz para a sustentação de tão santa causa. E o mesmo lhe succedeu na guerra dos sete annos, da successão da Hespanha, de 1701 a 1710, em que Portugal entrou como alliado da Inglaterra, da Austria, e Hollanda.

Aos 19 de Novembro de 1722 foi assolada a villa de Santarem por uma horriovel tempestade, que lhe causou grandes estragos. O terramoto do 1.º de Novembro de 1755 tambem lhe arruinou muitos edificios.

Nas guerras, que abrazaram a peninsula nos principios do seculo actual, passou esta villa por grandes trabalhos e assolações, sendo entrada por diversas vezes pelos exercitos de Napoleão. Na ultima invasão franceza, descoroçoado o marechal Massena de romper as formidaveis linhas de Torres Vedras, retirou-se sobre Santarem aos 14 de Novembro de 1810, e ahi se conservou até 3 de Março de 1811.

Durante as luctas da liberdade tambem esta villa foi theatro de acontecimentos importantes. Em Junho de 1823 fugiu de Lisboa para Santarem, á frente de um regimento de linha, o infante D. Miguel, proclamando a queda da constituição. Em Outubro de 1833 este mesmo principe, desalojado e mais o seu exercito das posições, que occupava no cêrco de Lisboa, pelas tropas constitucionaes, foi encerrar-se em Santarem, onde permaneceu até Maio de 1834, em que se viu forçado a abandonar aquella fortissima posição. N'este periodo fatal os estragos da guerra foram ainda aggravados pelo flagello da cholera morbus.

D'est'arte as vantagens economicas, que resul-

tam para esta villa da riqueza dos seus campos, e da communicacão fluvial com Lisboa, e com tantas outras povoações, que o Tejo banha, teem-lhe sido contrabalançadas pelos damnos, que lhe teem provindo da sua posição strategica.

Santarem floresceu outr'ora com a amudada assistencia da côrte; e quando esta lhe faltou inteiramente, ainda cresceu e prosperou pelo desinvolvimento da sua industria agricola e commercial. O periodo desde o termo da guerra da restauração da independencia, 1668, até ao principio do ultimo quartel do seculo passado, foi para esta villa uma epoca de successivo engrandecimento e prosperidade, chegando a conter o dobro da população, que hoje encerra. A nova estrada, que a rainha D. Maria I mandou abrir de Lisboa ao Porto, por Leiria e Pombal, foi a primeira causa da decadencia de Santarem, não só porque lhe desviou a concurrencia dos passageiros, que transitavam entre aquelles dois grandes centros de povoação, mas tambem porque aquella mudança se seguiu o abandono e a ruina da estrada velha. As subseqüentes calamidades, já referidas, e outras circumstancias que por brevidade omittimos, augmentaram aquella decadencia. Felizmente ha meia duzia de annos, que esta nobre villa começou a entrar em um caminho de progresso, que lhe hade trazer de novo, sem duvida, a sua antiga prosperidade.

Na velha monarchia Santarem tinha voto em côrtes com assento no banco primeiro, apar de Lisboa, Porto, Evora, Coimbra, e Elvas, honra não pequena.

Consiste o seu brasão d'armas em um castello de prata com tres torres em campo azul, e sobre um rio, tendo o castello por cima da porta o escudo das quinas reaes. Eram alcaides-môres de Santarem os condes de Assumar, elevados depois a marquezes d'Alorna.

Santarem é capital do districto administrativo do seu nome, e por conseguinte é sede de um governador civil, e mais autoridades administrativas, fiscaes, e judicias. Acha-se ahi estabelecido o semi-

nario patriarchal, um lyceu, e o quartel do regimento de cavallaria n.º 4.

Divide-se a villa em tres grandes bairros, chamados *Marvilla*, *Ribeira*, e *Alfange*. O primeiro d'estes é o maior, e occupa a parte superior da montanha, que é plana. Este bairro ainda mostra pedaços da sua cêrca de muros ameçados e torreados, e n'alguns sitios com seus cubellos e barbacãs. Tinha cinco portas, e tres postigos. A da *Atamarma* ou *Tamarma* é a porta por onde entrou el-rei D. Afonso Henriques na tomada da villa. Este nome de origem arabica, que ainda conserva, e se dá tambem a uma calçada, que desce para o Tejo, queria dizer *aguas amargosas*, o que alludia a uma fonte, que ali ha. A segunda porta era a de *Leiria*, que não existe. A terceira a de *Manços*, sobre a qual está uma inscripção muito antiga. A quarta a *porta do Sol*, ao presente tapada, e que, por deitar para um despenhadeiro, quer a tradição, que no tempo dos moiros era um lugar de supplicio, sendo d'ali precipitados os condemnados a pena ultima. A' quinta porta deu nome o apostolo *Santiago*. Além d'estas tinha outras chamadas postigos, alguns dos quaes ainda existem.

Dentro d'este bairro, no sitio mais elevado e sobranceiro ao Tejo, está a *Alcaçova*, a velha cidadella, com sua cêrca de muros, portas, e postigos. Outr'ora entrava-se n'ella por uma ponte levadiça. No seu recinto ficava o paço real. A *Alcaçova*, apezar de muito mudada do que foi nas passadas cras, ainda deixa ver muitos vestigios de edificios antigos. Ainda ali se vê um bello portal de architectura gothica.

Marvilla é a parte mais nobre da povoação. Ali avultam os seus melhores edificios, e os mais venerandos padrões da sua historia. E' o bairro aristocratico da villa, assim como os seguintes são puramente burguezes.

Os bairros da *Ribeira*, e d'*Alfange* estendem-se na margem do Tejo, e pelo declive dos montes, orlando as calçadas, que sobem da borda do rio para *Marvilla*. São egualmente antiquissimos, e n'el-

les se vêem restos das murallias, que os defendiam. Ha n'estes dois bairros bastante movimento commercial, por causa do seu porto, e por serem como o deposito de todos os generos, que a villa importa, e exporta pelo Tejo.

Tinha outr'ora esta villa treze freguezias, que hoje se acham reduzidas a quatro; e quatorze conventos, onze de frades, extinctos em 1834, e tres de freiras ainda existentes.

A' frente dos seus edificios religiosos está, pela sua cathegoria, e tambem por muita antiguidade, a *real collegiada de Santa Maria da Alcaçova*, fundada pelos templarios, que ajudaram a D. Affonso Henriques na conquista de Santarem. Acha-se situada na Alcaçova, ou cidadella, de que tomou o appellido, e ficava contigua ao paço, com communição interior, servindo de capella real, cujas honras conserva. Foi instituida esta collegiada pouco depois do anno de 1280, reinando D. Diniz, com dezesete conegos, quatro meios conegos, e tres dignidades, chantre, mestre escola, e thesoureiro. A egreja é de tres naves, e pequena. Exteriormente nada mostra de architectura antiga. Por dentro, apesar de ter tido diversas reedificações, a maior das quaes principiou em 1715, e acabou em 1724, ainda deixa adivinhar-lhe as feições antigas. Na capella-mór, do lado do evangelho, está um sepulchro de marmore embebido na parede, de Rodrigo Affonso, filho natural d'el-rei D. Affonso III, e prior d'esta egreja. Além de outras sepulturas antigas, estão no adro dois cippos, com inscripções romanas, que traduzidas em vulgar, dizem, uma : *Memoria consagrada aos deuses dos mortos. Aqui está sepultado Marco Antonio, natural de Lisboa, filho de Marco Lobo, da tribu Galeria* : a outra : *Memoria consagrada aos deuses dos finados : Quinto Antonio, militar, filho de Cayo Perfeito, natural de Lisboa.*

A *collegiada de Santa Maria das Maravilhas*, nome que o tempo corrompeu em Santa Maria de Marvilla, é fundação tambem do reinado d'el-rei D. Affonso Henriques, e disputa as honras de matriz

á real collegiada de Santa Maria da Alcaçova. E' esta igreja parochial um dos maiores e mais bellos templos da villa. Divide-se em tres naves, sustentadas sobre altas columnas jonicas, de marmore. Tem tido varias reconstrucções. A capella-mór foi reedificada inteiramente por el-rei D. Manuel, que tambem augmentou e reformou o corpo da igreja. A porta principal, de architectura gothica, ostenta lindos e variados labores.

A *igreja de Santo Estevão*, mais conhecida pelo nome do *Santo Milagre*, foi sagrada em 1241, ignorando-se porém o anno da fundação. Outr'ora foi parochia. E' templo de medianagrandeza, de tres naves sustentadas em columnas de cantaria da ordem toscana. Em quatro paineis, de pintura antiga, que ornão a igreja, está representada a historia do Santo Milagre. No primeiro vê-se a mulher, que fez o sacrilegio, recebendo n'este templo a comunhão. No segundo vae a dita mulher, de caminho para sua casa, levando escondida a sagrada particula. No terceiro mostra-se a arca em que a mulher guardou a particula, toda cercada de resplendores, e anjos. O quarto representa a procissão, com que foi levada solememente a hostia de casa da mulher para a igreja de Santo Estevão, que desde então o povo começou a denominar do *Santo Milagre*. Refere a lenda, que esta mulher, em vez de consumir a hostia, a trouxera para casa, com o fim de a entregar a uma judia, que lhe promettera, sob esta condição, fazer com que d'ali em diante fosse estimada do marido, que andava desencaminhado. Recolhendo a sacrilega a hostia em uma arca, para no dia seguinte a entregar á judia, acordando de noite o marido viu, que da caixa saíam mil resplendores. Então a mulher confessou tudo, e logo que amanheceu foram os dois conjuges dar parte do caso; vindo depois toda a cleresia, e pessoanotaveis da villa, conduzir em procissão a hostia para a referida igreja. Na particula vêem-se umas nodoas escuras, que a lenda diz, que fôra sangue, que a mesma gotejara na occasião de ser levada pela mulher.

A *egreja parochial de S. Nicolau* é de tres naves. Não se sabe o anno da sua fundação, mas sim que já existia no seculo xiv. O templo primitivo foi destruido inteiramente por um incendio, e depois reedificado no anno de 1613. Em uma das suas capellas, dedicada a Jesus Christo, está um rico mausoleo, em que jaz João Affonso de Santarem, o que instituiu o hospital de Jesus Christo no anno de 1426.

A *egreja parochial do Salvador*, occupa presentemente o templo do extincto convento de Nossa Senhora da Piedade.

São estas as tres parochias, que actualmente ha no bairro de Marvilla. Nos outros dois bairros ficou só uma freguezia, cujo templo é dedicado a *Santa Iria*. Está situada no bairro da Ribeira, e attribue-se a sua primeira fundação a el-rei D. Affonso Henriques; mas d'essa epoca não conserva vestigios o templo actual, que é de tres naves.

A *egreja da misericordia* acabou-se de construir pelos annos 1570.

O *convento de Santo Agostinho*, da ordem dos eremitas do mesmo santo, teve por fundador no anno de 1380, ao conde d'Ourem, D. João Affonso Tello de Menezes, tio da rainha D. Leonor Telles de Menezes. Tem uma boa igreja, de architectura gothica, de tres naves, com um bello portico na fachada principal, e sobre elle um grande e lindo espelho, ornado de variadas esculpturas. No meio da capella-mór está a sepultura do fundador e de sua mulher, *D. Guiomar de Villa Lobos*, bisneta de el-rei D. Sancho de Castella. Nas mais capellas da igreja estão, entre outras, as seguintes sepulturas: de *D. Leonor de Menezes*, filha do conde de Ourem, e mulher de D. Pedro de Castro, filho de D. Alvaro Pires de Castro, conde de Arrayolos, e primeiro condestavel de Portugal; de *D. Affonso de Vasconcellos de Menezes*, conde de Penella, bisneto do infante D. João, que era filho de el-rei D. Pedro 1: de *Pedro Alvares Cabral*, o illustre descobridor do Brazil, e de sua mulher, *D. Isabel de Castro*: de *D. Pedro de Menezes*, conde de Vianna, alferes-mór

de el-rei D. Duarte, e primeiro governador da cidade de Ceuta, fallecido em 1437. Este é um dos mais ricos mausoleos, que ha em o nosso paiz. As delicadas esculpturas, e variadissimos desenhos, que o guarnecem por todos os quatro lados; as estatuas do conde e da condessa, que sobre elle repoisam, ataviadas com as insignias e adornos proprios da sua elevada jerarchia; os arrendados corucheos, que se elevam como doceis sobre as frentes dos dois conjuges; todas estas circumstancias, juntas ás proporções grandiosas do tumulo, e a memoria das pessoas, que elle encerra, fazem d'este sepulchro um precioso monumento historico e artistico. Por fortuna, pouco commum em a nossa terra, acha-se no melhor estado possivel de conservação.

Este tumulo esteve primitivamente no meio de uma das capellas do templo. Porém em 1723 foi mudado para debaixo do côro, junto á porta da egreja.

O convento de *S. Domingos*, ou de *Nossa Senhora da Oliveira*, da ordem dos prégadores, foi fundado no reinado de D. Affonso II, mas reedificou-se em 1604, por se achar em grande ruina, excepto a capella-mór da egreja, que ficou a primitiva. E' este templo de tres naves, e encerra muitas sepulturas de pessoas illustres, entre outras, as de D. Fernando Sanches, filho bastardo d'el-rei D. Diniz, de *D. Miguel de Noronha*, de *D. Leonor*, filha do segundo marquez de Villa Real; de *D. Margarida de Villena*, filha do terceiro marquez do mesmo titulo; de *Ruy Telles de Menezes*, mordomo-mór da rainha D. Maria, segunda mulher de el-rei D. Manuel; e de *Martim d'Ocem*, chanceller-mór de el-rei D. João I. Esta ultima é um grande monumento de pedra com a estatua do chanceller deitada sobre a tampa. Na capella de S. Frei Gil, no cruzeiro da mesma egreja, está o sumptuoso mausoleo de marmore d'este santo. Esta egreja foi profanada, e não tardou, que mãos sacrilegas attentassem contra o sagrado dos tumulos. No edificio do convento, que pertence á camara, estão o matadouro, e a praça dos toiros.

O convento de *S. Francisco*, de franciscanos, teve principio pelos annos de 1242, sendo o seu fundador el-rei D. Sancho II. El-rei D. Fernando reconstruiu-o e augmentou-o. O edificio do convento serve de quartel ao regimento de cavallaria n.º 4, a egreja, que está, infelizmente, profanada, acha-se convertida em palheiro, e com grande escandalo publico, e vergonha nacional, despresados e em partes destruidos os tumulos, que encerra. Era um vasto templo de architectura gothica, e de tres elevadas naves. Jazem no côro em um grande mausoleo, todo coberto de muitos lavores, el-rei D. Fernando, e sua mãe, a infanta D. Constança, primeira mulher de el-rei D. Pedro I. A profanação tambem não poupou este real sepulchro. Tentando abril-o, mutilaram-o em um dos seus quatro angulos. Porém actualmente acha-se reparado, e resguardado.

Junto á porta do templo vê-se um tumulo, ornado de esculpturas, tendo sobre a tampa a estatua de uma dama. Os profanadores despedaçaram a parte inferior da tampa, julgando, sem duvida, encontrar dentro algum objecto de valor. Mas acharam-o vasio. Este tumulo encerrou, segundo se diz, o corpo da infanta D. Constança até ao tempo da sua trasladação para o mesmo sepulchro de seu filho, el-rei D. Fernando. Em uma das capellas do templo, hoje vedada, vê-se um grandioso mausoleo de architectura gothica, que mandou erigir D. Isabel de Castro, condessa de Vianna, para n'elle recolher um dente, como unico despojo, que lhe ficou de seu marido, o valente *D. Duarte de Menezes*, terceiro conde de Vianna, morto em Africa pelos moiros, em defensa de seu rei, D. Affonso V, que livrou de cair prisioneiro. Este tumulo, em que avulta a estatua do conde, é uma obra d'arte digna de ser examinada. Na mesma capella jazem em mausoleos de marmore, e em sepulturas razas, muitas pessoas d esta illustre familia, sobresaindo a condessa, *D. Isabel de Castro*, seu filho, *D. João de Menezes*, conde de Tarouca, e seu terceiro neto, D. Francisco de Menezes, bispo de Leiria e do Algar-

ve. Existem ao presente n'esta capella mais um sepulchro e uma antigualha dignos de especial menção. O sepulchro tem um longo epitaphio, que diz jazzer ali D. Affonso de Portugal, filho d'el-rei D. Affonso Henriques, e grã-mestre da ordem de S. João de Jerusalem, cuja dignidade renunciou, recolhendo-se á patria. Achava-se este tumulo na antiquissima ermida de S. João d'Alporão, d'onde foi modernamente trasladado para aqui por occasião de se construir um theatro dentro d'aquella ermida.

A antigualha é uma estatua de pedra, toscamente lavrada, d'el-rei D. Affonso Henriques, que estava no frontispicio da arruinada ermida de S. Miguel, fundada por aquelle soberano dentro da Alcaçova. Conforme a tradição, esta estatua é contemporanea do nosso primeiro rei. Além d'estas sepulturas, ha n'outras capellas da egreja varios tumulos de pessoas notaveis.

O *convento da Santissima Trindade*, de religiosos trinos, foi fundado em 1218, mas sendo a primeira fabrica pequena e mesquinha, reedificou-o e ampliou-o el-rei D. João III em 1554, e a egreja foi feita inteiramente de novo nos principios do seculo passado. O edificio do convento, que é contiguo ao de S. Francisco, está occupado igualmente pelo regimento de cavallaria n.º 4, ao qual a egreja serve de capella.

O *collegio de Nossa Senhora da Conceição*, dos jesuitas, teve a primeira fundação em 1621 por D. Duarte da Costa, armeiro-mór, que anteriormente tomara o habito da ordem. Fazendo el-rei D. João IV doação aos jesuitas do paço real, que estava contiguo á porta da villa, chamada de Leiria, mudaram-se para elle os padres, e pouco depois se começou a levantar o segundo edificio do novo collegio, tal qual ao presente vemos, servindo de seminario patriarchal. Tem uma boa egreja, cuja capella-mór é mui rica em obra de mosaico em marmores de côres.

O *convento de Nossa Senhora de Jesus*, de terceiros regulares de Jesus, foi fundado em 1617

n'um palacio arruinado da mitra archiepiscopal de Lisboa, onde se tramou a conspiração do duque de Vizeu contra D. João II, de que resultou a morte d'aquelle principe dada pela mão d'este soberano. Foi o arcebispo de Lisboa, D. Miguel de Castro, que fez doação d'aquelle palacio aos religiosos em 1592. A egreja é fabrica mais moderna; pois se concluiu em 1722.

O *convento de Santa Thereza*, de carmelitas descalços, foi construido em 1648 no local do palacio de D. Fernando Mascarenhas, conde da Torre, sendo padrocinhas do convento a condessa de Faro, e sua filha a duquesa de Caminha. A egreja acabou-se em 1707. No edificio do convento, renovado e aformoseado ultimamente, acham-se as repartições do governo civil, da administração do concelho, da pagadoria do districto, de fazenda, do conselho de districto, e de justiça. No pavimento terreo está a cadêa, em muito boa ordem, aceio, e segurança.

O *convento de Nossa Senhora da Piedade*, de agostinhos descalços, foi fundado em 1664, lançando a primeira pedra nos alicerces com grande solemnidade el-rei D. Affonso VI.

O *convento de S. Bento dos Apostolos*, de monges beneditinos, edificou-se em 1571 sobre um monte fora da villa, mas proximo d'ella. Vendido depois da extincção das ordens religiosas, foi em grande parte demolido para se empregar a pedra em outras obras.

O *convento de S. João Baptista*, ou *S. João do Pereiro*, de arrabidos, foi fundado em 1590 no sitio, onde tinham os seus paços os duques de Bragança. Lançou a primeira pedra nos alicerces o duque de Bragança, D. Theodosio II.

O *convento de Santa Clara*, que é ainda occupado por freiras franciscanas, teve a el-rei D. Affonso III por fundador no anno de 1259. A sua egreja é vasta, e tem ricas capellas. As columnas, que lhe sustentam as naves são de pedra, e todas cobertas de arabescos dourados. O côro é como uma grande egreja, ornado de quadros de pintura anti-

ga. No fundo d'este côro está o mausoleo de *D. Leonor Affonso*, filha natural d'el-rei *D. Affonso III*, e religiosa n'este convento. Está debaixo de um arco, encostado á parede. No seu epitaphio erradamente se lhe dão os titulos de infanta, e fundadora. Na casa, que dá entrada para a sachristia, vê-se outro tumulo muito antigo. Está sentado sobre leões; adornam-o muitos lavores com o escudo das quinas reaes; e tem sobre a tampa deitada a estatua de um cavalleiro, na acção de arrancar da espada. O epitaphio diz, tambem erradamente, jazer ali o infante *D. Henrique*, filho de *D. Affonso III*. Não tendo tido este soberano filho algum d'este nome, parece que aquelle mausoleo é de um seu filho natural, chamado *Martim Affonso Chichorro*.

O convento de *S. Domingos das Donas*, ainda occupado por freiras dominicas, foi fundado em 1280. Na capella-mór da egreja, que era jazigo dos condes de Unhão, vêem-se alguns tumulos de pessoas d'esta familia.

Além d'estes ha em Santarem muitos outros edificios religiosos, como são os templos das suprimidas freguezias, de confrarias, e grande numero de ermidas. Não permittindo os limites, que nos impozemos, tratar de cada um d'estes templos, mencionaremos um, apenas, como monumento de antiguidade. E' a egreja de *S. João d'Alporão*. Já existia, quando *D. Affonso Henriques* tomou a villa aos moiros, que faziam d'ella a sua principal mesquita, e que, parece, denominavam torre do Alcorão, a que se ergue ao lado do templo, d'onde se presume, que se derivou o appellido de *Alporão*, porque é geralmente conhecida esta egreja desde tempos mui remotos, sendo o orago *S. João Baptista*. Se se der credito á tradição, serviu este edificio, no tempo dos romanos, de assento ao convento juridico. Até ao ultimo quartel do seculo passado via-se em um dos cunhaes d'este templo uma especie de cadeira de pedra, quasi da feição de um pulpito, da qual dizem que se publicavam os editos no tempo do dominio romano. Por occasião de uma visita da rainha *D. Maria I* a Santarem, foi

destruida esta preciosa antigualha para que o coche real podesse passar pela estreita rua contigua ao edificio. O nosso habitual vandalismo tem deturpado este curioso monumento com remendos de moderna e prosaica architectura. Todavia ainda conserva muitas partes, que attestam remotissima origem. Na capella-mór estava o tumulo de que fallámos, tratando da egreja de S. Francisco. Actualmente acha-se construido dentro d'este templo um theatro.

Até ao principio do seculo xvi possuia Santarem um grande numero de estabelecimentos de caridade, os quaes el-rei D. João II fez encorporar no *hospital de Jesus Christo*, fundado e dotado em 1426 por João Affonso de Santarem, do conselho d'el-rei D. João I. Na egreja d'este hospital acha-se um sepulchro, com a seguinte inscripção : « Sepultura de « Pedro Escuro, do conselho d'el-rei D. Affonso Hen-
« rique, a quem o dito senhor, para tomar esta vil-
« la aos moiros, encarregou a porta de Vallada, pe-
« la qual entrou, e por memoria se mandou enter-
« rar junto d'ella : e depois por haver instituido o
« hospital do Reclamador, e Palmeiro, mandou el-
« rei D. Manuel trasladar seus ossos a esta egreja,
« d'onde tem missa quotidiana. »

A tradição conta pelo seguinte modo o motivo porque este guerreiro se mandou sepultar junto d'aquella porta. Estando Pedro Escuro já senhor da porta de Vallada, pretendeu um alentado moiro fugir por ella, o que conseguiu depois de porfiosa lucta com Pedro Escuro. Vendo-se o moiro já a salvo, ameaçou o seu contrario, promettendo que havia de tornar a medir suas forças com elle ; ao que o portuguez respondeu : *Hiredes, e viredes, e aqui me acharedes, morto ou vivo*. Como o moiro não voltasse, quiz Pedro Escuro, em cumprimento da sua palavra, ser ali mesmo enterrado.

Tendo sido mudado o hospital de Jesus Christo no anno de 1833 para o extincto convento de Nossa Senhora de Jesus, foram trasladados os restos de Pedro Escuro para a capella-mór da egreja do novo edificio do hospital, o foi que devido ás diligencias do illustrado prior de S. Nicolau, da mesma villa, o senhor João Antonio Pereira.

Além dos monumentos de antiguidade referidos, encerra outros Santarem, não menos curiosos ; taes como a *porta da Tamarma*, por onde entrou D. Afonso Henriques, na conquista d'esta villa ; a *porta de Manços*, especimen da antiga architectura militar ; e a *torre do Relogio*, vulgarmente chamada *torre das Cabaças*. Sobre a porta de Manços havia uma torre quadrada, onde o tribunal da relação fazia as suas sessões até ser mudado para Lisboa, depois do que ficou servindo por muito tempo de casa do senado da villa. A *torre do Relogio* foi mandada edificar por el-rei D. Manuel. Tem perto de cem palmos de altura, e remata em uma cupula, sobre a qual está um grande sino, sustentado por quatro varões de ferro, que se firmam nos angulos da torre. A voz d'este sino, que serve para indicar as horas, é repercutida por sete bilhas quebradas, que estão presas aos varões de ferro. O vulgo pretende que estas bilhas sejam allusivas aos sete membros da camara, e por causa d'ellas serem geralmente chamadas cabaças, se dá este nome á torre.

A mão do tempo e a barbaridade dos homens teem despojado Santarem de varias outras antigualhas. Durante a guerra da restauração de 1640, tratando-se de levantar algumas obras de fortificação, segundo o systema moderno, para melhor defensa da villa, foi demolida a celebre *torre do Bafio*, que ficava na Alcaçova, para se utilisarem dos seus materiaes n'aquellas obras. Era antiquissima, e a mais alta, que havia em Santarem. Tambem a Alcaçova teve a sua *torre Albarran*, ou *Alvarrã*, cuja demolição foi anterior á d'aquella.

O bairro de Marvilla, que é o principal, não só por conter os melhores edificios, mas tambem pela sua extensão, e situação em terreno plano, communica-se com os outros dois bairros, e com os subúrbios por nove calçadas.

Como succede geralmente em todas as povoações antigas, as ruas de Santarem são estreitas, tortuosas, e na maior parte mal calçadas e immundas. Todavia encerra varias praças e largos espaços e alegres ; e alguns modernamente alindados

com arvoredos. No sitio chamado *Fora de villa*, por ficar outr'ora da parte de fora da cêrca de muros, ha um bonito passeio plantado d'arvores, com seus assentos, e alegretes. Fazem-se ahi os mercados e feiras.

A praça, onde está a casa da camara, e a egreja de Santa Maria de Marvilla, servia antigamente para as corridas de toiros. O *terreiro da Piedade*, para onde deita a fachada principal do seminario patriarchal, chamava-se em outros tempos *Terreiro do paço*, por fazer frente a um dos tres palacios, que os nossos reis tiveram n'esta villa, o qual, como dissemos em outro logar, occupava o terreno em que se edificou o seminario.

A casa da camara é bom edificio, de architectura regular.

Adorna-se Santarem com muitas casas nobres, entre as quaes avulta o palacio patriarchal, que foi adquirido e reconstruido pelo cardeal patriarcha D. Guilherme I. Tinha pertencido este palacio aos condes de Unhão, e pela extincção d'esta familia passara para os marquezes de Niza.

No tempo em que esta villa foi côrte, a maior parte das familias titulares tinham ahi palacios, alguns dos quaes ainda existem, e outros converteram-se em conventos, ou caíram em ruinas.

Santarem possui um theatro, um circo para corridas de toiros, e uma casa de assemblea. Varias fontes abastecem d'agua a povoação, porém nenhuma é notavel como obra d'arte.

Goza esta villa, principalmente a parte alta, ares mui saudaveis, e pontos de vista encantadores, e variados. Do alto de S. Bento, e da porta do sol, na Alcaçova, descobre-se em dilatadissimo horisonte as fertes lezírias de riba-Tejo; os campos da Golegã; o Tejo correndo entre margens arborisadas, em muita extensão do seu curso; as villas d'Almeirim, de Muge, de Salvaterra de Magos, de Benavente, e de Coruche, os logares de Vallada, de Porto de Muge, e outras; além do Tejo vastos pinhaes e longas cordilheiras de serras, elevando-se em amphitheatro até se perderem no espaço; e finalmente

te aos pés do espectador os bairros d'Alfange e da Ribeira, e mais adiante os lindos suburbios das *Omnias* e *Assacaias*, estendendo á beira do Tejo o verde manto de seus pomares, hortas, e vinhas. Da torre do seminario desfruta-se grande parte d'aquelle painel, o bairro de Marvilla, e formosas paisagens para o interior. Porém o *monte dos Cravos* é o sitio d'onde os olhos relanceiam os mais pittorescos e aprasiveis panoramas.

Os arrabaldes, pois, de Santarem são formosos, e variam muito de aspecto. Conteem muitas quintas magnificas pela sua grandeza, e pela abundancia e variedade de produção.

Posto que muitos habitantes d'esta villa se empreguem em differentes artes e officios mechanicos, os principaes ramos da industria de Santarem são a agricola e commercial. É mui variada a cultura em todo o concelho ; porém as produções, que fazem importante e valiosa a exportação d'esta villa, são cereaes, especialmente trigo e cevada, azeite, e vinho. Nos campos de Santarem cria-se bastante gado cavallar, vaccum, lanigero, e suino, e de todas estas especies vêem-se ahi muitas e grandes manadas.

Os arredores da villa abundam em caça, acudindo muita de arribação ás lezirias durante a estação invernosa. De pesca é mimosa esta terra. O Tejo cria n'aquellas paragens algumas variedades de peixes, sendo os saveis uma das mais abundantes. Mais acima algumas poucas leguas pescam-se boas lamprêas.

No segundo domingo de cada mez ha na villa um grande mercado, e feiras annuaes pela Paschoella, e a 11 de Outubro.

Conta esta villa mil oitocentos vinte e tres fogos, e mais de sete mil e oitocentos habitantes. Ao presente está ligada com a capital pelo caminho de ferro de leste, que em poucos annos a deverá pôr em facil e rapida communicação com a cidade do Porto, e pontos intermedios.

Por decreto de 17 de Dezembro de 1811 o principe regente creou visconde de Santarem a João Diogo de Barros Leitão de Carvalho.

Santarem tem sido berço de muitos filhos illustres, e benemeritos, d'entre os quaes nomearemos os seguintes: *S. Narciso*, bispo de Braga, e martyr; o *infante D. Affonso*, filho primogenito d'el-rei D. João I, e fallecido de pouca idade; os *infantes D. João*, e *D. Fernando*, o *santo*, tambem filhos do mesmo soberano; a *infanta D. Filippa*, filha d'el-rei D. Duarte; *Pedro Eannes Lobato*, armado cavalleiro na batalha d'Aljubarrota pelo mestre d'Aviz, que depois da sua elevação ao throno o nomeou regedor da casa da supplicação; *João Affonso de Santarem*, o instituidor do hospital de Christo, illustre patriota, que vendeu quasi todos os seus bens, entregando o producto ao mestre d'Aviz, para ser applicado á defensão da independencia de Portugal contra os castelhanos; *D. Fr. Alvaro Paes*, bispo de Silves; *D. Fr. Sebastião de Menezes*, arcebispo de Carthago, e patriarcha d'Africa; *D. Jeronymo de Menezes* reitor da universidade de Coimbra, bispo de Miranda, e depois do Porto; *D. Fr. Fernando de Tavora*, bispo do Funchal; *D. Fr. Henrique de Tavora e Brito*, bispo de Cochim, e depois arcebispo de Goa; *D. Antonio de Mattos e Noronha*, inquisidor geral, e bispo d'Elvas; *D. Fr. Gaspar do Casal*, bispo do Funchal, de Leiria, e ultimamente de Coimbra; o *padre Antonio de Quadros*, jesuita e celebre missionario da India; *Fr. Luiz de Sousa*, o elegante e erudito chronista da ordem dominicana; *Fernão Lopes de Castanheda*, o distincto historiador da India; *Antonio Prestes*, poeta comico; *Alvaro Nunes*, medico de muita fama, e physico-mór do archiduque d'Austria, Alberto.

A VILLA DE SANTIAGO DE CACEM.

Na provincia do Alemtejo, districto administrativo de Beja, está a villa de Santiago de Cacem, sentada nas faldas do norte de um oiteiro, que é ramificação das serras de Grandola e de S. Theotonio. Dista da villa de Ourique oito leguas, quatro de Grandola, e pouco mais de duas da costa do oceano.

A pouca distancia de Santiago de Cacem, no sitio onde se ergue uma ermida dedicada a S. Braz, existiu a cidade de *Mirobriga*. Não ha noticia certa de quem fossem os seus fundadores; parece, todavia, fora de duvida, que era anterior ao dominio dos romanos. D'esta epoca teem-se descoberto muitas e importantes memorias da antiga Mirobriga, das quaes ao diante trataremos. Não se sabe como esta cidade se arruinou até ao ponto de ficarem poucos vestigios seus sobre o solo. Provavelmente foi destruida no seculo v pelas invasões dos povos do norte, ou na entrada dos arabes, no seculo viii.

Das ruinas de Mirobriga saíram, certamente, os materiaes para a edificação da villa de Santiago de Cacem. A'cerca da origem d'esta não são mais positivas as noticias. Ignora-se se a fundaram os godos, se os moiros. O que é verdade, é que estes a possuíam no principio da nossa monarchia.

A historia da sua conquista pelas armas christãs é igualmente confusa, e incerta, pois não ha d'ella documento algum irrecusavel, e a tradição popular apresenta duas versões. Segundo uma, D. Bataça, neta de Theodoro Lascaris, imperador do Oriente, achando-se em Portugal, preparou á sua custa uma armada, e navegou para Sines, onde desembarcou com a tropa, que levava; e, pondo-se á frente dos seus valentes soldados, accommetteu e tomou uma povoação moira, com um forte castello, que ficava a pouca distancia d'aquelle porto. Por ter sido ganha esta victoria em 25 de Julho, dia de Santiago, e em memoria de ter esta prin-

ceza matado a Kassen, alcaide d'esta terra, deram d'ahi em diante á povoação, que passou a ser christã, o nome de *Santiago de Kassen*, logo a portuguezado em *Cacem*.

Ou seja fabula, ou facto historico, é certo que D. Bataça, fugindo com sua familia de Constantinopola, em consequencia de Miguel Paleologo lhetter assassinado o tio, o imperador João Lascaris, e usurpado o throno, veio para o Aragão, em cuja côrte se estabeleceu. Acompanhou depois a rainha Santa Isabel, quando veio para Portugal, e aqui morreu. Jaz em um tumulo na sé velha de Coimbra.

Conforme a outra tradição, o castello do alcaide Kassen, e a povoação, que elle defendia, foram conquistados pelos cavalleiros de Santiago, capitaneados por Galim Pires Pantoja. Por esta razão, ficaram as terras conquistadas pertencendo á ordem de Santiago, que assim se praticava n'aquelles tempos. Em honra, pois, do seu patrono, puzeram os cavalleiros á povoação o nome do apostolo, accrescentando-lhe o do alcaide para recordação do feito, ou para differença de outras terras do mesmo nome, que já havia, tanto em Portugal, como na Hespanha.

Esta versão tem mais algum fundamento, que a outra, se se attender a que os Pantojas, que constituíram uma das mais nobres familias de Santiago de Cacem, lograram por muitos annos a alcaidaria-mór d'esta villa.

El-rei D. Manuel deu foral a Santiago de Cacem a 20 de Setembro de 1512. Pertenceu esta villa á ordem militar de Santiago até aos fins do seculo xv, em que passou a propriedade particular do grã-mestre da ordem, D. Jorge de Lencastre, duque de Coimbra, filho natural d'el-rei D. João II. Por morte d'este principe conservaram-a os seus descendentes, os duques d'Aveiro, até que, extinta esta illustre casa em 1759, depois da condemnação e supplicio do ultimo duque, foi encorporada na corôa, juntamente com os mais bens da casa d'Aveiro.

Tinha voto esta villa nas antigas côrtes, sentando-se os seus procuradores no banco decimo-sexto.

O seu brasão d'armas é um escudo de prata, tendo no centro o apostolo Santiago, a cavallo, empunhando com a mão direita a espada, em acção de batalhar, e com a esquerda envergando o escudo em que se vê a cruz da ordem. Sobre o cavalleiro ha ceo com algumas nuvens, e no terreno, aos pés do cavallo, jaz estendido um infiel.

Tem esta villa uma unica parochia, dedicada ao mesmo apostolo. Está situada sobre o monte sobranceiro á villa, no recinto do castello. Parece que foi fundada no reinado d'el-rei D. Diniz, e talvez por aquella D. Bataça, de que acima fallámos, pois que na mesma egreja ainda se conserva com muita veneração e recato uma reliquia do Santo Lenho, trazida de Constantinopola, e offerecida áquelle templo pela dita princeza. O relicario, em que se guardam os pedacinhos da cruz de Jesus Christo, é rico, e mui curioso, mostrando bem pela sua forma e esculptura a sua origem grega. E' de prata, e assenta sobre uma columna de marmore. Presentemente está n'um sacrario especial, fechado com tres chaves. A egreja é grande e de architectura muito antiga, excepto o frontispicio, que foi edificado inteiramente de novo no anno de 1822, para o que se demoliu uma das torres do castello.

Os principaes edificios da villa, além da matriz, são : a egreja da misericordia, o hospital, as ermidas de Nossa Senhora do Monte, e de S. Sebastião, e a casa da camara. Esta e a egreja da misericordia adornam a praça principal, aonde se acha o pelourinho.

O castello de Santiago de Cacem é um dos mais curiosos monumentos, que restam em o nosso paiz da dominação dos arabes. E pode-se accrescentar que, apezar da sua ruina, é um dos mais completos, por quanto são muito poucas as fortalezas de construcção verdadeiramente moirisca, que Portugal possuiu em soffrivel estado de conservação.

Tem este castello duas cêrcas de muralhas, com

setecentos passos de circumferencia junto á interior. Esta era flanqueada por dez torres, das quaes existem nove, cinco de forma redonda, e quatro quadradas. A segunda cêrca é uma contra muralha ameçada, com seus bastiões, e que terá meia altura, pouco mais ou menos, da primeira. No centro levanta-se o alcaçar, ou cidadella, com a sua torre de menagem, derrocada pelo meio. No alcaçar está uma boa cisterna.

A villa é abundante d'agua. Proximo da ermida de Nossa Senhora do Monte tem um chafariz, em torno do qual se vêem, dispostos com symetria, varios cippos e lapidas sepulchraes com inscripções romanas. Estas antiguidades foram achadas junto á ermida de S. Braz, e collocadas á roda d'aquelle chafariz por ordem do juiz de fora, que então era Francisco Onofre de Faria.

Nos arredores da villa ha diversas hortas e pomares. Nos que existem no sitio chamado *terras da Ordem* descobriu-se ha tempos, fazendo-se uma excavação, uma curiosissima lapida com muitas figuras esculpidas. Representam o apostolo Santiago, a cavallo, armado de espada e escudo, arremettendo contra uma partida de cavalleiros moiros, que se vão defendendo, e fugindo, mas deixando o campo juncado de mortos. A esculptura é grosseira, e o desenho muito incorrecto; comtudo é uma antigualha apreciavel; e houve o bom juizo de a pôr a coberto de destruição, collocando-a dentro da egreja matriz, logo á entrada.

O nome do sitio em que foi encontrada não deixa duvida de que havia ali outr'ora alguma propriedade da ordem de Santiago. Pode, por conseguinte, presumir-se com bastante probabilidade, que esta lapida figuraria em algum hospicio ou capella d'aquelles religiosos cavalleiros, durante os bons tempos da ordem.

A uma milha, pouco mais ou menos, da villa, está um monte, e na corôa d'elle a ermida de S. Braz, e as ruinas de um antigo castello. Era nas faldas d'este monte, que tinha o seu assento a cidade de *Mirobriga*. O nosso diligente antiquario

André de Rezende, e o seu commentador Diogo Mendes de Vasconcellos, não só trataram d'esta cidade, mas descreveram algumas antiguidades achadas ali até ao seu tempo. Porém, a maior copia de memorias, que se tem recolhido d'esta povoação romana, deve-se ao zelo e amor das antiguidades do erudito arcebispo d'Evora, D. frei Manuel do Cenaculo. Por ordem e despendio d'este prelado se fizeram excavações n'aquelle monte no anno de 1800. Encontrou-se uma escadaria de pedra, que conduzia a uma casa abobadada, e em ruinas; cinco lapidas sepulchraes de marmore, com inscripções; varias figuras de deuses penates; e uma estatua do deus *Terminus*. Todos estes objectos foram enviados ao sabio prelado, que então occupava a cadeira episcopal de Beja.

Por occasião d'estas excavações acharam-se ainda outras pedras com inscripções; e em 1841 deparou casualmente um trabalhador com um tumulo contiguo ás ruinas do castello. Tinha o tumulo cinco palmos em quadro, e era coberto com uma abobada de alvenaria. Encontraram-se dentro ossos quasi desfeitos; um vaso de vidro, á similhança de garrafa; um copo; um anel de prata com pedra, na qual se via esculpida uma figura a cavallo; uma arma parecida com um chuçõ; e uma moeda de bronze com as iniciaes: S. C. Tambem d'aqui foi tirada, não sabemos em que tempo, uma pedra com uma inscripção quasi de todo apagada, deixando apenas ler-se *Esculapio Deo*, a qual se acha embebida na parede do adro do hospital da villa.

Pouco mais de meia legua da villa para o sul, está o edificio do convento de Nossa Senhora do Loreto, que foi de frades franciscanos. Fundou-o D. Catharina Paes Pantoja pelos annos de 1454. Está o convento situado n'uma serra, longe de povoado, e cercado de bosques e mattos.

Em distancia de legua e meia de Santiago de Cacem ha uma lagoa, contigua ao oceano, do qual a separa um banco d'areia, que as ondas ali accumulam no verão, e desfazem no inverno. Tem es-

ta lagoa duas leguas de circumferencia. E' abundante de muita variedade de peixes, que fornecem copiosamente o mercado da villa, e as mais povoações visinhas. As ribeiras de *Pereira*, *Azelhal*, *Ponte*, e *Cascalheira*, que no estio seccam quasi inteiramente, trazem no inverno grande volume d'aguas para a lagoa.

Santiago de Cacem tem um termo mui dilatado, e productivo. A sua principal cultura consiste em cereaes. Cria-se n'elle muito gado, e é mimoso de caça de varias especies.

A villa de Santiago de Cacem encerra uns dois mil moradores.

A VILLA DE SERPA.

Está edificada esta povoação em terreno elevado, na provincia do Alemtejo, districto administrativo de Beja. Banha-lhe os muros a ribeira de Chouchou, e a uma legua de distancia corre o Guadiana. Achase collocada entre as villas de Mertola e de Moura, distando quatro leguas da segunda, e pouco mais da primeira. A cidade de Beja fica tambem a umas quatro leguas de Serpa.

A sua fundação é anterior ao nascimento de Christo. Alguns antiquarios dão-lhe por fundadores os celtiberos turdulos. Outros, porém, mais conscienciosos, talvez, não emitem opinião sobre um ponto tão incerto, como este é. O que é certo é que Serpa foi uma antiga cidade da Betica, e que no tempo dos romanos já tinha o nome actual. Um eippo, ali achado nos principios do seculo passado, veio tirar todas as duvidas a este respeito. A inscripção do eippo é a seguinte :

D. M. S.

Fabia Prisca Serpensis

C. R. An. XX. H. S. E. S. T. T. L.

C. Geminus Priscus Pater.

Et Fabia Cadila Mater.

Posuerunt,

Quer dizer : *Memoria consagrada aos deuses dos defuntos. Fabia Prisca, Serpense (de Serpa), cidadã romana, de vinte annos, está aqui sepultada. Seja-lhe a terra leve. Caio Geminio Prisco, seu pae, e Fabia Cadila, sua mãe, lhe erigiram este monumento.*

Nas invasões, e sob o dominio dos povos do norte, e dos arabes, padeceu Serpa, como as mais terras da Lusitania, vexames, e prejuizos de todo o genero, que a despojaram da sua antiga importancia.

Esteve debaixo do jugo dos moiros quatro seculos e meio, até que el-rei D. Affonso Henriques a

resgatou no anno de 1166. A sua visinhança do Algarve e da Andaluzia, onde o islamismo ainda imperava arrogante e ousado, não lhe permittiu gozar por muito tempo da sua emancipação. As hostes sarracenas voltaram sobre Serpa, e logo hastearam sobre os seus muros o estandarte de Mafoma.

D. Affonso Henriques não acudiu, não podia acudir á conquista, que assim lhe arrancavam do seu dominio. As duras lides em que os moiros o traziam empenhado mesmo no coração dõ seu reino, obrigavam-o a concentrar ahí toda a sua attenção e esforço. D'est'arte se conservou Serpa sob o poder mauritano durante o resto do reinado do nosso primeiro monarcha.

Desaffrontado D. Sancho I dos ataques dos infieis, prestes tomou a offensiva, e atravessando o Alentejo, limpou-o de inimigos, e lá foi accommetter o rei do Algarve na sua propria capital, onde entrou triumphante. Serpa rendeu-se pois á espada victoriosa de D. Sancho. Mas como o conquistador não dispunha de forças bastantes para deixar bem guardadas as povoações, que ia tomando, e para proseguir nas suas empresas, succedeu que, regressando ao seu reino, não tardaram os moiros a recuperar o perdido. Assim caiu novamente Serpa em seu poder; e moira permaneceu durante o resto do reinado de D. Sancho I, e em todo o de D. Affonso II. Finalmente no anno de 1230 foi reconquistada por D. Sancho II, e desde então não deixou mais de ser christã.

Comtudo, apesar de se ver livre dos infieis, não quiz o destino que esta infeliz terra gozasse por muito tempo socego e liberdade. Os castelhanos apoderaram-se d'ella, e a tiveram subjeita até que el-rei D. Diniz a restaurou para a corôa de Portugal no anno de 1293.

Tantas guerras, e tamanhas oppressões reduziram Serpa a um ermo, e a um montão de ruinas. A tão desgraçado estado acudiu D. Diniz, mandando-a reedificar e povoar, e para attrahir-lhe moradores, concedeu-lhe foral com todos os grandes privilegios, que desfructava a cidade d'Evora. Para a

pôr em mais segurança contra qualquer aggressão, cercou-a de muralhas ameaçadas, e fortaleceu-a com um bom castello.

Na guerra da successão de Hespanha foi sitiada a villa de Serpa pelas tropas hespanholas, commandadas pelo duque d'Ossuna. No fim de porfiosa resistencia, em que tanto a guarnição da praça, como os habitantes, obraram prodigios de valor, rendeu-se por capitulação a 26 de Maio de 1707. No anno seguinte o inimigo foi constrangido a largar a sua presa, mas pouco antes de a abandonar, demoliu o castello, e as cinco portas da cêrca de muros.

No antigo regimen Serpa tinha voto em côrtes com assento no banco setimo. Foi senhor d'esta villa o infante D. Fernando, chamado geralmente pelo povo — o infante de Serpa, filho d'el-rei D. Alfonso II. Por sua morte voltou a villa para a corôa. Mais tarde foi dado este senhorio ao infante D. Luiz, filho d'el-rei D. Manuel. Tendo tornado para a corôa por morte d'este principe, veio a ser novamente doado ao infante D. Pedro, depois rei, segundo do nome, quando seu pae, el-rei D. João IV, instituiu a casa do infantado.

O brasão d'armas de Serpa é um castello com ameias e guaritas, em campo azul, e sobre terreno montuoso.

Dividem-se os moradores de Serpa por duas parochias, intituladas — Santa Maria, e o Salvador. Tem esta villa casa de misericordia, um bom hospital, as ermidas de S. Roque, no Rocio, de S. Pedro, S. Sebastião, Nossa Senhora dos Remedios, e Nossa Senhora da Saude, fora da villa; é um bello templo, servido e mantido por uma confraria. Teve dois conventos de frades — o de Nossa Senhora da Consolação, de paulistas, que se principiou em 1440, e o de Santo Antonio, de franciscanos, fundado em 1502 por el-rei D. Manuel a pouca distancia da villa. Na capella-mór da igreja tinham o seu jazigo os ascendentes do senhor marquez de Ficalho.

Este fidalgo possui em Serpa importantes pro-

priedades, e ahí tem um excellente palacio, situado junto ao antigo castello, de que foram alcaides-móres os seus avós. Acompanha o palacio uma quinta, ornada de arvoredos e jardins, e abundantissima d'agua, que lhe vem de fora por um aqueducto.

Do castello d'el-rei D. Diniz ainda existem as ruínas. As cinco portas da muralha, que cercava a villa, que os hespanhoes demoliram, chamavam-se de *Moura*, de *Sevilha*, de *Corredoura*, de *Beja*, e *Nova*.

Os suburbios de Serpa são mui ferteis e apraziveis. Conteeem grande numero de hortas e pomares, e são regados por muitas fontes e pela ribeira de Chouchou. O terreno é accidentado, com valles bem cultivados, e de muita amenidade. A tudo isto dá realce a visinhança do Guadiana.

O concelho de Serpa é um dos mais productivos da rica provincia do Alemtejo. Cereaes, azeite, e vinho são os principaes generos da sua cultura, mas tambem recolhe legumes, cera, mel, e varios outros productos, assim como muitas frutas. Os montados são ali muito importantes; cria-se n'elles grande copia de gado suino.

No termo d'esta villa, em um valle proximo da freguezia rural de Santo Antonio o Velho, ha uma fonte chamada dos *Banhos*, porque outr'ora concorreria a banhar-se n'ella muita gente de todos aquelles arredores, e da propria villa, em a noite e dia de S. João. Porém outra usança mais singular levava todos os annos, na manhã d'aquelle dia festivo, a camara de Serpa, acompanhada de grande numero de moradores da villa, a fazer *capellas*, e a correr cavalladas em uma horta contigua á fonte, e tambem do mesmo nome d'esta (*). Este costume acabou ha muito mais de um seculo, e, por uma disposição não menos singular, ao finalisar ficou pensionada a horta na terça parte do seu rendimento annual para a camara de Serpa.

Honraram esta villa com o seu nascimento muitos homens distinctos em virtudes e lettras. Foram

(*) Fazer *capellas* é mandar celebrar os officios divinos, e assistir a elles.

naturaes d'ella os santos martyres Proculo e Hilarião, que padeceram o martyrio no tempo do imperador Trajano, no anno 110 da era de Christo. Conforme a tradição nasceram em umas casas terreas a pouca distancia do castello, e foram martyrisados junto á *horta dos banhos*, de que acima fallámos. Treze bispos tiveram esta terra por patria, e, per uma notavel coincidência, cinco d'estes exerceram o episcopado ao mesmo tempo, nos fins do seculo xvii. Manuel Côrte Real, reitor da universidade de Coimbra ; o doutor frei Antonio de S. José, lente e vice-reitor da mesma universidade, e autor de varias obras ; foram egualmente filhos d'esta villa.

A população de Serpa ascende a quatro mil e seiscentos habitantes, que se empregam na agricultura, e nas industrias manufactora, e commercial. Para auxilio dos lavradores menos abastados ha na villa um *monte de piedade*, ou celleiro commum, de emprestimos, que tem sido de muita utilidade publica.

A 24 d'Agosto tem Serpa a sua feira annual, que é mui concorrida de gente, não só d'aquellas immedições, mas de terras distantes, e da Andaluzia. A affluencia de genceros e de gados tambem é grande.

A CIDADE DE SETUBAL.

Depois de Lisboa é Setubal a maior povoação da Estremadura, assim como é a de mais importancia commercial depois das duas primeiras cidades do reino.

A sua situação é tão deliciosa, quão vantajosa para o commercio. Estende-se por uma planicie na margem direita do Sado, e proximo da sua foz. O oceano, misturando as suas aguas com as d'este rio, forma em frente da cidade um porto bastante amplo e seguro. Nas costas da povoação erguem-se as serras de S. Luiz e de Palmella, que a abrigam das nortadas. Para o occidente abre-se a barra, e elevam-se os montes, onde campêa o castello de S. Philippe. Para o lado do nascente alonga-se um terreno esteril, e levemente accidentado, ao qual se seguem as famosas salinas, que dão occupação a milhares de braços, e que attrahem a este porto numerosos navios nacionaes e estrangeiros, que ahi vem deixar avultados capitães.

Setubal dista de Lisboa pouco mais de seis das antigas leguas, atravessando-se o Tejo, e proseguindo depois por terra; pois que por mar a distancia é pouco menos do dobro, por causa da volta que se dá na saída do Tejo, e no dobrar do cabo do Espichel, que fica a quatro leguas da foz do Sado.

Alguns autores, em que entra o chronista-mór frei Bernardo de Brito, crendo que a etymologia de Setubal se derivava de *Sedes Tubal*, assento ou residencia de Tubal, avançaram que o seu fundador fôra Tubal, neto de Noé.

Quando os antiquarios vão d'est'arte soccorrer-se a opiniões tão absurdas, o que deixam provado, quasi sempre, é que a antiguidade da terra é muita, e que são confusas, ou nenhuma, as noticias acêrca da sua origem. E com effeito no presente caso assim acontece.

Na falta, pois, de dados positivos, presume-se

com algum fundamento, que os phenicios, nas suas excursões á Lusitania, encontrando na serra d'Arrabida riquezas mineralogicas, objecto da sua principal pesquisa, estabeleceram uma colonia no pontal, que hoje vemos coberta d'arêas na margem esquerda do Sado, e junto á sua foz.

Admittida esta hypothese, é bem de suppôr, que as immensas vantagens de uma tal posição, reunidas ao genio emprehendedor, e habitos commerciaes d'aquelle povo singular, fizessem crescer e prosperar a colonia.

O que é fora de toda a duvida, é que no tempo da dominação romana existia n'aquelle logar uma cidade importante com o nome de *Cetobriga*. E tambem não é menos certo, que, occupando-se muito os geographos e historiadores romanos da descripção e successos da Lusitania, e fallando por vezes d'aquelle cidade, não a mencionam como fundação dos seus patricios.

Pretendem ainda os etymologistas derivar o nome de *Cetobriga* das duas palavras *Cete*, que quer dizer grandes peixes, e *briga* que equivale a povoação, e isto em razão da muita pescaria, e volumosos peixes em que abunda a visinha costa.

Conforme a opinião mais geral, destruido o imperio romano, e avassallada pelos barbaros do norte a Peninsula Iberica, gozou *Cetobriga* de muita prosperidade sob o dominio dos godos. Mas na invasão dos moiros padeceu tão grande ruína, que ficou totalmente abandonada. Passados muitos annos estabeleceram-se alguns pescadores na margem fronteira do Sado. Foram edificando casas, e d'este modo deram principio á actual cidade de Setubal.

Posto que esta opinião seja seguida por mui respeitaveis autores antigos e modernos, não podemos conformar-nos com ella. Milhares de medalhas romanas; vasos e candeeiros de prata; columnas, estatuas de marmore e de bronze, perfeitamente cinzeladas, mostrando em toda a evidencia a arte romana; sepulturas, e muita variedade de utensilios ao uso de Roma; todos estes objectos achados

nas diversas excavações, que teem sido feitas em differentes epochas nas ruínas da antiga Cetobriga, sendo muitos dos objectos de valor encontrados dentro das proprias casas, provam em nosso entender duas coisas: primeira, que a ruína d'aquella cidade foi resultado de algum cataclismo, e não da invasão de inimigos, porque então estes, ou os naturaes levariam comsigo para onde quer que fossem as preciosidades de que fallamos; segunda, que a desgraça, que sobreveiu áquella povoação teve lugar sob o dominio dos romanos, por quanto ainda não se deparou n'aquellas excavações com objecto algum, que recorde a existencia dos godos, ou dos arabes.

Pondo de parte, porém, conjecturas para colher o fio de historia mais conhecida, deixaremos Cetobriga sepultada nas arêas, e voltaremos para a mesquinha povoação, que os pescadores fundaram na outra margem do Sado.

Em memoria d'aquella infeliz cidade deram á nova povoação o nome de *Cetobra*, corrupção do da primeira. Corrompendo-se ainda este com o tempo, veio a trocar-se em *Setobala*, e mais tarde em *Setubal*.

Tambem se ignora quando teve lugar a fundação dos pescadores; mas deveria ser em tempo dos godos ou dos moiros, porque a estes ultimos a conquistou D. Fruela, rei de Leão, pelos annos de 760, isto é, pouco mais de quarenta annos depois da invasão mauritana; circumstancia, que faz mais provavel, que aquelle successo se passasse sob o governo dos godos.

Voltaram os infieis a assenhorear-se de Setubal, e por largos annos a possuiram, até que a tomou el-rei D. Affonso Henriques. Esta conquista fez despovoar de todo esta terra, naturalmente por serem todos os habitantes sarracenos. Aquelle monarcha mandou-a povoar de novo no anno de 1170 com familias, que saíram de Palmella. El-rei D. Sancho I deu-lhe foral com muitos privilegios, os quaes foram depois confirmados por D. Affonso III.

D. Affonso IV mandou-a cercar de murallas

com ameias, e torres quadrangulares. Tinham cinco portas, e nove postigos. As portas chamavam-se, em tempos mais modernos, do *Sol*, de *S. Sebastião*, d'*Evora*, *Nova*, e dos *Padres da Companhia*. D. João I fundou para defesa do porto a torre do *Ou-tão*.

Por vezes os nossos reis tiveram a sua côrte em Setubal. Em 22 de Janeiro de 1471 celebrou-se ali o casamento d'el-rei D. João II, sendo principe, com a infanta D. Leonor, sua prima, filha do infante D. Fernando, duque de Vizeu, e da infanta D. Beatriz. Não houve festas por ter fallecido pouco antes o infante D. Fernando, pae de D. Leonor, que cobriu de lucto os reaes noivos, e a todo o reino. Passados treze annos foi theatro esta mesma terra d'uma horri-vel tragedia.

Achando-se el-rei D. João II em Setubal, no mez de Agosto de 1484, foi avisado de que se tramava uma conjuração contra a sua vida. Pertenciam os conjurados ás principaes familias do reino, e á sua frente estava D. Diogo, duque de Vizeu, primo e cunhado d'el-rei. Disfarçou o soberano, mas tratou de vigiar os conspiradores. O conhecimento, que tinha do trama, e a sua coragem por vezes desconcertaram os seus inimigos, prestes a descarregar o golpe. Finalmente bem convencido da culpabilidade dos criminosos, resolveu fazer justiça. Entrando no paço, na noite de 23 de Agosto, o duque de Vizeu, levou-o el-rei de conversa para o vão de uma janella. Depois, voltando-se de improvisopara elle, perguntou-lhe : *Que farieis vós, primo, se alguém vos quizesse matar ? — Procuraria matalo primeiro ;* respondeu o duque muito perturbado. — *Pois bem,* disse el-rei, *déstes a sentença contra vós.* E estas palavras foram pronunciadas ao mesmo tempo, que lhe cravava o punhal no peito. O duque caiu morto aos pés do monarcha ; e n'essa mesma noite andaram as justiças por toda a villa em procura dos mais complices. Foram presos D. Garcia de Menezes, bispo da Guarda, que foi morrer encerrado na cisterna secca do castello de Palmella ; D. Fernando de Menezes, irmão do bispo, D. Pedro

de Ataíde, sobrinho do conde de Atouguia, D. Pedro d'Albuquerque, irmão do conde de Penamacor, que foram logo degolados; D. Guterres Coutinho, que morreu n'uma prisão dentro de poucos dias. Escaparam ao supplicio, fugindo, Fernão da Silveira, filho do barão d'Alvito, D. Alvaro de Ataíde, irmão do conde de Atouguia, e D. Lopo d'Albuquerque, conde de Penamacor.

Um terremoto succedido em 26 de Janeiro de 1531 causou grandes estragos em Setubal, deitando por terra muitas casas, e fazendo muitos desastres nas embarcações ancoradas no porto, com perda de bastantes vidas. Outro flagello ainda mais tremendo pela sua duração veio por duas vezes assolhar esta terra no ultimo quartel d'esse seculo. Foi a peste de 1579, e de 1598, que devastou tambem todo o reino.

Libertado o paiz do jugo de Castella pela gloriosa revolução de 1640, mas empenhado n'uma porfiosa lucta com os seus oppressores, cuidou ellei D. João iv de pôr Setubal, que já então era terra muito importante, em estado de resistir a qualquer aggressão do inimigo. Para este fim mandou fazer novas fortificações, incluindo dentro d'ellas os dois arrabaldes do *Troino*, e *Palhaes*, que hoje são dois bairros da cidade. Constavam estas fortificações de onze baluartes, e dois meios baluartes, além de outras obras exteriores, que não chegaram a completar-se.

No dia 19 de Novembro de 1724 rebentou sobre Setubal uma tão furiosa tempestade, que arruinou muitos edificios, arrancou arvores seculares, e fez naufragar quasi todas as embarcações surtas no porto.

O terremoto do 1.º de Novembro de 1755 destruiu uma grande parte d'esta nobre povoação. Foram então incalculaveis os prejuizos, na terra e no rio, e immenso o numero das victimas. Outro recente cataclismo (1838) arrasou-lhe um bairro quasi todo, damnificando os mais.

Finalmente, tendo atravessado, com mais ou menos vexames, a funesta quadra das invasões fran-

cezas, e das nossas revoluções, foi elevada por el-rei, o senhor D. Pedro v, ás honras de cidade.

A' sua situação geographica, á industria dos seus habitantes, e aos valiosos productos do seu solo, deve Setubal a fortuna de ter resurgido tantas vezes d'entre as suas ruinas, e do meio de mortíferas epidemias, resarcindo-se em breve das suas perdas, e crescendo e prosperando apesar de tudo.

Em mais de um reinado se projectou abrir um canal, que pozesse em communicação o Tejo e o Sado. Já que esta grande empresa nunca passou de projecto, hoje, graças aos progressos da civilização, acha-se Setubal em contacto immediato com a capital por meio de um caminho de ferro, aberto á circulação em 1860.

Teve Setubal representação nas antigas côrtes, sentando-se os seus procuradores no banco quarto. O seu brasão d'armas é uma fortaleza em campo azul, sobre o mar. Sulca as ondas uma pequena embarcação cercada de peixes. Aos lados da fortaleza estão duas cruzes da ordem de Santiago. As cruzes de Santiago, significam que esta terra pertenceu áquella ordem de cavallaria. Indica a fortaleza ter sido, já em tempos antigos, fortificada esta povoação. O mar e os peixes alludem ao seu porto e á abundancia de pescaria.

Eram alcaides-móres de Setubal os duques de Aveiro.

Divide-se a cidade em tres bairros: o que formava a antiga villa de muros a dentro; e os dois arrabaldes que com o tempo se lhe reuniram, o *Troino*, que se estende para oeste, e *Palhaes* da parte de leste.

São quatro as parochias: *Santa Maria da Graça*, e *S. Julião*, que disputam entre si as honras de matriz; *Nossa Senhora da Annunciada*, e *S. Sebastião*. No districto de cada uma d'estas freguezias existem varias ermidas; e no da parochia de S. Sebastião fica a egreja da misericordia.

Tem esta cidade dois hospitaes, um convento de freiras, alfandega, um museu de antiguidades, um theatro, um circo para corridas de toiros, um

club, uma sociedade philarmonica, e teve outro convento de freiras, e oito de frades.

O convento de *S. João Baptista*, de religiosas dominicas, modernamente extincto, foi fundado em 1529 por D. Jorge d'Alencastro, duque de Coimbra, e mestre de Santiago, filho legitimado d'el-rei D. João II. O convento de *Jesus*, de freiras capuchas, começou-se a edificar pelos annos de 1489; e teve por fundadora Justa Rodrigues Pereira, ama d'el-rei D. Manuel, que concorreu para a obra. E' habitado por umas dezesete religiosas.

E' este o mais notavel edificio religioso de Setubal. E' de architectura gothica, e toda a pedra de que são construidos o frontispicio e interior do templo é *gres vermelho antigo*, hoje muito em voga em Lisboa, onde é conhecido pelo nome de mármore da serra d'Arrabida, porque d'ahi se extrahê. O portal é ornado de columnas com muitos relevos. A egreja é, como a de Belem, dividida em tres naves da mesma altura por esbeltas columnas bem lavradas. E' o unico templo, que ha no paiz construido com esta bella pedraria. A era de 1598, que se vê sobre a entrada principal indica unicamente a reconstrucção das portas do templo.

O museu pertence á sociedade archeologica de Setubal, instituida sob a presidencia do fallecido duque de Palmella para proceder ás excavações e investigações no sitio da antiga cidade de Cetobriga. Foi organizado este museu pelo distincto antiquario, o senhor doutor Xaro. Compõe-se de grande numero de medalhas, urnas lacrimaes, lampadas, amphoras, e muitos outros objectos achados nas ditas excavações.

Os conventos eram os seguintes: *S. Francisco*, de frades franciscanos, construido em 1410; *S. Sebastião*, de dominicos, edificado em 1562 por el-rei D. Sebastião; o collegio de *S. Francisco Xavier*, de jesuitas, erigido em 1655; o convento da *Santissima Trindade*, de trinos, fundado em 1669; o de *Santa Thereza*, de carmelitas descalços, fabricado em 1661; o de *Nossa Senhora do Carmo*, de carmelitas calçados, começado em 1652; o de *Nossa*

Senhora da Boa Hora, de agostinhos descalços ; e o hospicio de *Nossa Senhora dos Anjos*, de missionarios apostolicos, fundação do veneravel frei Antonio das Chagas em 1682, auxiliado por el-rei D. Pedro II.

Como este hospicio foi edificado em um terreno, que de tempos antigos chamavam de *Branca Annes*, veiu a ser conhecido o hospicio pela denominação popular de *Brancanes*, e o mesmo nome passou aos religiosos. Este edificio com a sua cêrca arborizada, está situado n'uma encosta junto á cidade, em uma posição muito aprazivel e pittoresca. A sua pequena e modesta egreja encerrava outr'ora uma preciosidade artistica de grande valor. Era um quadro original do celebre Raphael d'Urbino, representando a Annunciação de Nossa Senhora. Dizem que este painel foi enviado de presente pelo papa Innocencio XI á rainha D. Catharina, filha d'el-rei D. João IV, e que, tendo enviuvado de Carlos II, rei de Inglaterra, voltou para Lisboa. Algum tempo depois da morte d'esta princeza foi o quadro doado áquelle hospicio, cremos que por seu sobrinho, o infante D. Francisco, filho de D. Pedro II. Pela extincção das ordens religiosas, veiu aquelle primor d'arte enriquecer a galeria de pinturas da academia de bellas artes de Lisboa, onde se acha ao presente.

Os arrabidos tambem tiveram em Setubal um pequeno hospicio, fundado em 1593.

As ruas da cidade são pela maior parte estreitas, tortuosas, e immundas, ou pouco limpas ; mas algumas são largas, acieadas, e bem calçadas. As praças principaes são tres : a do *Sapal*, que é a melhor, ornada de bons edificios, em que entra a egreja parochial de S. Julião, junto da qual ficavam os antigos paços dos duques d'Aveiro ; a praça da *Fonte Nora*, e da *Annunciada*, todas com seus chafarizes. O *Rocio*, mais conhecido pelo nome de *Campo do Bomfim*, fora da cidade, mas contiguo aos seus edificios, é um sitio delicioso pelo desafogo de vistas variadas e pittorescas, pela bonita fonte, que lhe adorna o centro, pelas formosas arvores que a

cercam, e emfim pela frescura que as aguas da fonte espalham em torno de si. Sobranceiro a este campo, na crista de alto monte de negras rochas, cortadas quasi a prumo, avulta o velho castello de Palmella.

O *castello de S. Filippe*, que domina a cidade e protege o porto, foi começado por D. Filippe II de Hespanha, e concluido por seu filho D. Filippe III. Teve por architecto a Filippe Terzo, ou Tercio, o mesmo que reconstruiu desde os alicerces, por ordem de D. Filippe II, a egreja e mosteiro de S. Vicente de Fora em Lisboa. Melhor architecto civil, que militar, commetteu muitos erros na edificação d'esta fortaleza; a qual, todavia, encerra uma grande e excellente cisterna.

A *torre do Outão* está situada nas faldas da serra d'Arrabida, sobre a barra do Sado, mas dentro do rio. A fabrica primitiva foi obra, como disse-mos, d'el-rei D. João I, porém tem tido desde então muitas reconstrucções e augmentos. Os mais consideraveis foram ordenados por el-rei D. João IV. Por esta occasião, abrindo-se os alicerces para novos baluartes, achou-se, primeiramente, parte de uma estatua de marmore, tendo na base alguns versos em louvor de Neptuno. Depois, progredindo as excavações, encontraram-se as ruinas de um edificio, que mostrava ter sido templo pelas muitas architraves, pedaços de columnas de fino marmore, e outras pedras bem lavradas; apparecendo no meio de tudo isto uma estatua de bronze de Neptuno; o que poz em evidencia ter sido o templo consagrado a esta divindade.

Nas mesmas ruinas se acharam algumas lapides com inscrições latinas, que davam áquella serra o nome de *Promontorio de Neptuno*. N'outras excavações, tambem para alicerces, appareceram muitas medalhas dos imperadores Vespasiano, Tito, e Adriano. Estas medalhas, os fragmentos da estatua de marmore, as inscrições, e outras pedras mais notaveis, foram dadas de presente pelo superintendente das obras, Manuel da Silva Mascarenhas, a D. Pedro d'Alencastre, arcebispo eleito de Bra-

ga. Quanto á estatua de bronze de Neptuno, por ser grande commetteu-se a barbaridade de a fazer fundir para artilharia d'aquella fortaleza.

Um nosso escriptor do seculo passado, narrando este facto, exclama com justa indignação: «Barbaridade bastante para se dar a este promontorio, se já o não tivesse, o nome de *Barbario*. Os romanos tambem assim designavam a serrania d'Arrabida.

Contém a torre do Outão boas accomodações para o governador e guarnição, cisterna, armazens, etc. A cavalleiro d'esta fortaleza ergue-se o pharol, que indica aos navegantes a foz do Sado. Para auxiliâr a torre do Outão construíram-se mais proximos da praia os fortes d'*Albarquel*, e das *Vieiras*, porém acham-se em mais ou menos ruina.

A barra, sem ser muito perigosa, não é de facil accesso. E' bastantemente estreita, mas apesar d'isso pode ser demandada por navios d'alto bordo.

E' mui consideravel o movimento d'este porto. Os productos de uma boa parte da provincia do Alemtejo, principalmente do districto de Beja, que vindo embarcar aos diversos portos do Sado, descem pelo rio a procurar saida pela sua barra; as valiosas produções agricolas do concelho d'Alcacer do Sal; as laranjas afamadas, e outras frutas dos arredores de Setubal, que se exportam em grande quantidade para a Inglaterra; e sobretudo o sal das suas innumeraveis salinas, que sobreleva em qualidade ao mais fino de Hespanha, de França, e de Sardenha; dão a este porto o movimento annual de mil e quatrocentos navios e embarcações costeiras, entradas e saídas. N'esse numero figuram os navios estrangeiros por mais de quatrocentos entrados em cada anno.

As salinas das margens do Sado eram no fim do seculo passado trezentas setenta e nove; davam occupação nos mezes do trabalho a mil setecentos e sessenta operarios; e produziam em cada anno de colheita regular uns duzentos e vinte e seis mil moios de sal. Desde então este ramo de industria tem tido differentes alternativas, de decadencia e prosperidade. Posto que não temos presentes dados esta-

tísticos do seu estado actual, cremos que tem prosperado por effeito de varias causas, mas principalmente em virtude da reforma da legislação especial sobre o commercio de sal de Setubal.

Antes da molestia das vinhas era tambem muito importante a exportação de vinhos, principalmente brancos, d'entre os quaes se extrema o moscatel por sua superioridade e nomeada no paiz e no estrangeiro. No primeiro quartel d'este seculo houve anno em que a exportação pela foz do Sado subiu a mais de vinte mil pipas. Depois, tendo variado o gosto na Grã-Bretanha, ou tendo passado a moda dos vinhos brancos, decaiu consideravelmente esta cultura.

Setubal contém muitas casas de bom prospecto, e algumas apalaçadas; um excellente caes, onde veem atracar as embarcações até á lotação, inclusive, de hiates; e varias fontes além das mencionadas acima. Os seus suburbios são celebrados no paiz, principalmente nas provincias do sul, pela sua belleza e amenidade. Nas encostas e nos valles lindas quintas e casas de campo; por toda a parte verdejando os pomares de laranja; os montes e serras visinhas assoberbados com as fortalezas do Outão e S. Philippe, e com o venerando castello de Palmella, chronica de pedra de eras gloriosas, e de uma ordem heroica e benemerita; vastas campinas estendendo-se ao longo do Sado; e este rio, estendendo em frente da cidade toda a magestade do seu amplissimo alveo, como para lhe offerecer digno espelho em que se mire e retrate; tal é em mal esboçado painel o pittoresco panorama dos arrabaldes de Setubal.

E ainda além dos encantos e paizagem, e da amenidade dos sitios, encerram aquelles arrabaldes importantissimas antiguidades, e curiosidades naturaes dignas do exame das pessoas intelligentes.

As ruinas da antiga cidade de Cetobriga são presentemente as antiguidades romanas de mais vulto, que possui o nosso paiz. Occupam uma grande extensão de terreno, não inferior a meia legua. A cidade está inteiramente sepultada pelas arêas do

oceano; e a este sitio se dá ha seculos o nome de *Troya*. Tem-se tentado em differentes epocas fazer resurgir os seus edificios; porém todas as tentativas naufragam, infelizmente, nas difficuldades, que as arêas apresentam para a sua remoção, não sendo conveniente lançal-as ao oceano, nem ao Sado, pelo risco de irem entulhar a barra; e não se podendo accumular nas visinhanças das excavações sem que se vejam estas em breve obstruidas de novo pela invasão d'essas mesmas arêas, que as ventanias facilmente levantam e arremeçam para longe. Entretanto n'outro qualquer paiz ter-se-hia já achado meio de vencer semelhante obstaculo, ainda que fosse á custa de avultadas despezas.

No reinado de D. Maria I fizeram-se ali grandes excavações, que afinal não progrediram pela causa referida. Descobriram-se, comtudo, alguns edificios, e extrahiram-se muitos objectos d'arte preciosos, medalhas, utensilios, etc. Entre os primeiros figura uma magnifica columna de marmore branco arraiado de negro e cinzento, com um capitel de ordem corinthia, se bem nos lembramos, primorosamente sinzelado; a qual a mesma soberana mandou inaugurar n'uma praça de Setubal, onde ao presente se admira como um dos melhores adornos da cidade. A maior parte das medalhas, vasos, umas pequenas estatuas de bronze, outras de marmore mutiladas, e diversos utensilios de prata e bronze, foram distribuidos por alguns fidalgos da côrte, que possuíam medalheiros ou museus, entre outros o duque de Lafões, os marquezes d'Abrantes, d'Angeja, e d'Alegrete, o visconde Manique, etc. Creemos que alguns d'esses objectos tambem foram enriquecer o museu de antiguidades dos arcebispos d'Evora.

Em 1814 empregaram-se novas excavações, das quaes se tiraram, entre outras coisas, um castiçal, uma lampada, e uma taça, tudo de prata, e com figuras e brincados desenhos relevados com primor. Por esta occasião tambem se encontrou uma sepultura com um esqueleto, que se desfez em pó apenas teve contacto com o ar.

Em nossos tempos tentou-se tambem um louvavel esforço, a que já alludimos. Teve logar no anno de 1850. D'esta vez chegaram a desenterrar-se completamente duas casas, cada uma de dois pavimentos. Tivemos o gosto de as ver logo que se acabaram de desentalhar. Tinham junto á porta d'entrada, da parte de fora, um como tapete de mosaico, de pedrinhas quadradas, brancas, pretas e avermelhadas. A pintura das paredes conservava-se tão viva, e tão fresca, como se n'aquelle momento se acabasse. Mas d'ahi a dias estavam as côres já bastante desvanecidas pelo effeito da luz e do ar. Posto que o inconveniente das arêas, e a escacez dos recursos pecuniarios fizessem suspender os trabalhos, colheu-se, todavia, muito proveito d'esta tentativa pela grande quantidade de medalhas, e de mui variados utensilios, que então se descobriram, e extrahiram. D'entre os ultimos mencionaremos um candeeiro de prata, que a sociedade exploradora offereceu ao seu presidente, o fallecido duque de Palmella.

A vizinha serra d'Arrabida offerece ao viajante intelligente curiosidades naturaes muito dignas de se verem. Antes, porém, que ahi levemos os nossos leitores, faremos menção de uma mui singular curiosidade geologica, que está proximo da cidade. E' um rochedo, que na sua base se banha no Sado, e que se ergue a uma altura de oitenta palmos acima da superficie do rio, tendo quarenta a cincoenta de diametro. Por um dos lados encosta-se a uma collina arenosa, e está enterrado nas arêas. Chama-m-lhe a *Pedra furada* porque é todo carcomido e erivado de uma infinidade de buracos. Formado de um mineral ferruginoso, a sua côr é escura.

Começa a serra d'Arrabida na freguezia de Nossa Senhora d'Ajuda, suburbana de Setubal, e estende-se de nordeste a sudoeste até formar o *cabo do Espichel*. Tem cinco leguas de comprimento, e pouco mais de uma na sua maior largura. N'umas partes é agreste, escabrosa, e inhospita; n'outras sombream-na frondosos arvoredos silvestres. Em muitas ladeiras do seu vasto dorso offerece á agricul-

tura bons terrenos. Nos valles é amena, fresca, e bem cultivada. Na raiz, ou a meia encosta, cercam-na varias povoações agradavelmente assentadas, e muitas quintas e casas de campo, algumas lindas e magnificas, como são as do Calhariz, dos senhores duques de Palmella, e as dos senhores condes de Murça, na Moita. Romantizam e santificam esta serrania os tão populares e venerandos santuarios de Nossa Senhora d'Arrabida, e de Nossa Senhora do Cabo. E fazem-na, finalmente, rica e curiosa a diversidade e belleza dos seus marmores; a variedade da sua Flora; a infinidade d'aves diversas, que n'ella vivem, ou que a procuram nas suas emigrações annuaes; as lapas, e grutas, que nos sitios mais amenos se vestem de heras, ou se escondem entre os arbustos; e as algares e cavernas em que a montanha se rasga e abre desde a sua superficie até ao mar, que por ellas lhe devassa e mina as entranhas.

As mais notaveis d'estas curiosidades naturaes são duas immensas grutas, ou cavernas. Uma tem a entrada junto ao caminho, que vae para Nossa Senhora do Carmo, onde chamam *Val-Bom*, e depois de atravessar por baixo da terra o espaço de uma grande legua, tem saida no logar da *Agua Branca*. A outra abre-se na aba da serra sobre o mar. Pode dar abrigo a mais de quinhentas pessoas, e intitula-se de *Santa Margarida*, porque ahi collocaram em tempos antigos uma imagem d'esta santa virgem e martyr, que, segundo a lenda, ali mesmo foi encontrada por uns pescadores do Seixal e Arrentella, que, acossados de uma tempestade, se foram abrigar n'aquella gruta. Defronte d'esta levanta-se sobranceiro ao mar o *Penedo do duque*, assim chamado desde o tempo em que D. Alvaro d'Alencastro, duque d'Aveiro, costumava ir pescar de cima d'elle.

Uma fabula popular de antiga origem, e que tres escriptores do seculo passado ainda repetiram cheios de infantil credulidade, conta que junto áquelle penedo appareciam ás vezes homens marinhos, que viviam como os peixes no seio do oceano. Um d'es-

tes escriptores refere o caso, não só como tradição, mas tambem pelo testemunho ocular de um frade, seu conhecido, que lhe assegurou ter visto ali um d'esses monstros « com meio corpo fora d'agua, da feição de um homem muito branco, e bem figurado, o qual, olhando para todas as partes, e sacudindo a cabeça, que tinha povoada de grandes cabellos de uma côr verde mar, se sumiu outra vez nas ondas, mergulhando-se n'ellas como o costumam fazer os nadadores.»

Pondo fim a esta digressão, que tanto nos ia afastando do ponto principal, e voltando ao que propriamente são arrabaldes de Setubal, não devemos deixar de mencionar os grandes depositos de turfa, importante combustivel, que se acham no sitio da *Comporta*, além do Sado.

Apezar de não ter um systema regular de defensiva, Setubal é considerada praça de guerra de segunda ordem, e como tal tem um governador militar.

Contém esta cidade uma população de quinze mil almas. A 25 de Julho faz-se ahi uma feira annual, a que concorre muita gente das terras vizinhas, e de Lisboa.

S. M. a rainha D. Maria II, por decreto de 23 de Setembro de 1835, creou barão de Setubal ao general João Schwalback, e em 13 de Outubro de 1848 elevou-o ás honras de visconde do mesmo titulo.

Foram naturaes d'esta cidade, entre muitos outros homens illustres, Manuel de Cabedo, grande jurisconsulto, e o poeta Vasco Mousinho de Quevedo.

A CIDADE DE SILVES.

Esta antiga capital do reino do Algarve está sentada sobre uma collina pouco elevada na margem esquerda de um rio, que mais abaixo, no seu curso para o mar, toma o nome de Portimão. A cidade dista duas leguas e meia da foz do rio, quatro leguas da cidade de Lagos, e dez do cabo de S. Vicente.

A'cêrca da fundação de Silves nada se sabe ao certo. Alguns geographos, que tratam d'este assumpto, discorrem por diverso modo, querendo uns que seja anterior ás primeiras excursões dos cartaginezes á Lusitania; outros, assignalando-lhe o anno de 450 antes do nascimento de Jesus Christo, e dando-lhe por autores os *curetes*, antigos lusitanos.

Não padece duvida que a origem d'esta cidade é anterior ao dominio dos arabes, pois que d'isso dão prova umas inscrições romanas, que ahi se acharam, porém não guardou a historia em seus archivos o nome dos fundadores. Segundo o maior grau de probabilidades poder-se-ha attribuir aos phenicios a fundação de Silves. Depois do nascimento de Christo, a memoria mais antiga, que d'esta terra se encontra, é a que refere a sua tomada aos moiros por D. Fernando I, rei de Castella, no anno de 1060.

Pouco tempo gozaram os christãos da sua conquista, que logo tornou ao poder dos musulmanos. Cento e vinte e nove annos de paz, que se seguiram a este acontecimento, fizeram crescer e prosperar Silves, já então capital do florente reino moirisco do Algarve.

Correndo, pois, o anno de 1189, tendo aportado a Lisboa uma armada de cruzados, vinda do norte em demanda da Palestina, convidou-os el-rei D. Sancho I para o ajudarem n'uma empresa contra os moiros. Os cruzados, que haviam deixa-

do patria e familia para ir em longes terras guerrear os infieis, acceitaram de boa vontade o convite; e eil-os ahi vão, caminho do Algarve, em companhia dos portuguezes, capitaneados pelo cavalleiro rei D. Sancho I.

Foi dirigido o golpe ao coração do poder agarenno. Silves, estreitamente sitiada e muitas vezes accommettida pelos christãos em vigorosos e renhidos assaltos, teve de render-se ao cabo de dotts mezes de cêrco, apesar das formidaveis muralhas torreadas, que a defendiam.

O saque da cidade foi o premio da victoria para os vencedores. Os moiros, que escaparam ao fio da espada, ou ficaram captivos, ou fugiram.

Querendo D. Sancho conservar para a sua corôa, e para a fé christã, tão importante preza, mandou-a povoar de portuguezes; fez purificar a sua principal mesquita, que erigiu em cathedral, nomeando-lhe por primeiro bispo ao seu confessor, D. Nicolau, conego regente de Santo Agostinho; e em fim deixou-lhe uma guarnição de tropa escolhida.

Tal era a fortaleza d'esta praça, que, não obstante achar-se no centro de um paiz todo habitado por inimigos, conservou triumphante sobre seus muros o pavilhão das quinas durante tres annos, no fim dos quaes foi preciso para vencel-a vir d'África o miramolim de Marrocos com um poderoso exercito em auxilio de seus irmãos do Algarve.

Abalado assim o poder mauritano n'este pequeno reino, veio a succumbir d'ahi a meio seculo no reinado de D. Affonso III. D. Paio Peres Corrêa, mestre da ordem de Santiago, foi o esforçado campeão d'esta empresa. Assenhoreando-se da cidade de Silves em 1242, caminhou de victoria em victoria até fazer a conquista de todo o Algarve, que ficou para sempre unido á corôa de Portugal.

Quando esta conquista se acabou de realisar, achava-se deserta a cidade de Silves, e os seus edificios caíam em ruinas. Acudiu-lhe então D. Affonso III, mandando-a reedificar e povoar; e no anno de 1266 concedeu-lhe foral com os mesmos pri-

vilegios do de Lisboa, aos quaes ainda accrescentou outros. N'esse anno tambem restituiu á cidade a sua antiga cadeira episcopal. El-rei D. Fernando tambem lhe deu novas regalias em 1380.

Cõm estes esforços e favores, continuados n'outros reinados, Silves, se não renasceu opulenta e populosa como outr'ora, ergueu-se, todavia, das suas ruínas, e medrou á sombra das suas prerogativas de sede de um bispado, e de cabeça d'um reino. Porém a cidade de Faro, mais vantajosamente situada, com um porto sobre o oceano, crescendo e prosperando pelo poderoso impulso do commercio, e adquirindo tambem importancia pelas conquistas de D. João I na Africa, arrebatou a Silves todas as suas preeminencias.

Reinando D. João III intentou-se mudar para Faro a sede episcopal, e para esse fim impetrou-se um breve do pontifice; mas por tal modo se oppoz, e se empenhou o povo de Silves, que o projecto não teve effeito. Nos fins, porém, do seguinte reinado, não valendo rogos nem opposições, effectuou el-rei D. Sebastião aquella mudança, sendo bispo de Silves o sabio e virtuoso D. Jeronymo Osorio. A esta transferencia seguiu-se de perto a da capital, que passou igualmente para Faro. A decadencia de Silves progrediu desde então a passos largos.

Poucas povoações em o nosso paiz terão passado por uma tão longa cadêa de infortunios como a cidade de Silves. Ao tempo da conquista de D. Sancho I, conforme o testemunho de um individuo, que vinha na armada dos cruzados, que auxiliaram este soberano n'aquelle feito d'armas (*): « estava muito mais fortificada que Lisboa, e era dez vezes mais rica e grandiosa em edificios; cercada de muros e fossos de tal arte, que nem uma só choupana

(*) Este individuo escreveu uma relação d'aquelle successo a qual se imprimiu pela primeira vez em Turim no anno de 1810. O periodo da dita relação, que deixamos copiado, póde ver-se tambem na *Corographia do Algarve*, pelo sr. João Baptista da Silva Lopes.

se encontrava fora do recinto, dentro do qual havia quatro arrabaldes fortificados.»

Caída pois d'esse apogeu da sua opulencia, viu-se despojada successivamente das honras e titulos, que mais favoreciam os seus interesses, e que mais lisonjeavam a sua vaidade. A população tornou a diminuir, e muitos, os melhores edificios, apresentaram novamente um aspecto ruinoso. Estas desgraças foram ainda aggravadas, no decurso de annos, por duas calamidades phisicas. A primeira foi obstruir-se d'arêas o seu rio, que, sendo navegavel até aos muros da cidade por navios d'alto mar, passou a não consentir mais que pequenas embarcações. A segunda foi o terremoto do 1.º de Novembro de 1755, que destruiu a cidade quasi inteiramente, pois apenas poupou vinte casas.

Todavia, a grande revolução que se operou em 1833, resgatando a terra, e dando a Portugal com a liberdade novas condições de existencia, veio pôr um termo á decadencia de Silves. A animação, que teve o commercio de exportação em todo o paiz, tambem se fez sentir n'aquella cidade. Pouco a pouco se foi tornando um dos principaes depositos da cortiça do Alemtejo, destinada para embarque. Para o mesmo fim ali concorrem ao presente muitos outros productos agricolas do interior. Com o desenvolvimento da industria tem, pois, melhorado a cidade; e com a facilidade de communicações com o oceano por meio do seu rio, e d'ahi com as cidades e villas do litoral do Algarve, e com Lisboa, por meio de carreiras regulares de barcos movidos a vapor, é de erer que hade prosperar.

Silves tinha voto em côrtes em a nossa antiga organização politica, e os seus procuradores n'ellas tomavam assento no segundo banco. O senhoria d'esta cidade pertenceu ás rainhas de Portugal desde o reinado de D. João II até á abolição d'este apanagio em 1833.

O brasão d'armas de Silves é um escudo em branco coroadado, pois que até n'isto a sorte adversa perseguiu esta infeliz povoação. Tendo sido côrte de um rei, e theatro de muitos feitos gloriosos

para a religião de Jesus Christo, e para as armas portuguezas, nenhum emblema veio trazer ao seu brasão uma memoria, sequer, de suas passadas grandezas!

A egreja de Santa Maria é a unica parochia da cidade. Foi mesquita dos moiros, e depois por mais de tres seculos cathedral. Está edificada no centro da povoação, em terreno alto. E' um templo vasto, que o terremoto de 1755 destruiu em grande parte, e que a reconstrução posterior deturpou e amesquinhou. Nas capellas vêem-se os tumulos dos seus bispos, e de outras pessoas illustres.

Os mais edificios religiosos limitam-se á egreja da misericordia, e a duas ou tres ermidas. O hospital da misericordia foi instituido em 1773 em virtude de legados particulares.

Das antigas fortificações conservam-se as muralhas da cidadella e do castello, modernamente reparadas. O castello occupa o logar mais alto da cidade. Tem uma grande cisterna, de setenta palmos por lado, e cuja abobada é sustentada por nove arcos. Pode conter a agua sufficiente para o consumo de um anno dos habitantes da cidade. Entretanto, estes provêem-se d'agua da *Fonte Nova*, abundante nascente a um quarto de legua da cidade.

A qualidade da pedra de que são construidas as casas, que é de uma côr vermelha escura, dá ao interior da cidade um aspecto sombrio e triste, que ainda é augmentado pela estreiteza e tortuosidade das ruas. Além da egreja de Santa Maria, e do castello, não tem Silves edificio algum notavel. Contudo, em nossos tempos teem-se ali aberto algumas novas ruas, onde se vêem já bons predios de habitação, e grandes armazens. No largo do castello ha uma alameda de amoreiras, plantadas em 1836.

Dentro da povoação encontram-se algumas tuilhas, ou celleiros subterraneos, onde os moiros guardavam os cereaes, azeite, e outros productos. Nos contornos da cidade acham-se alicerces de edificios, e de muralhas, que provam que Silves era em outro tempo muito maior.

Junto á cidade ha uma ponte sobre o rio, para o lado do mar, a qual, pela accumulacão de areias, apenas dá passagem por baixo de um dos seus arcos a pequenas embarcações. D'ahi a duas leguas para o sudoeste forma este rio, já misturado com as aguas do oceano, o melhor porto do Algarve. Tem meia legua de extensão até ao mar, com fundo e capacidade para conter mais de duzentos navios. A barra precisa de praticos por causa de alguns bancos d'areia movediços. Está defendida pelas fortalezas de Santa Catharina, e de S. João. Sobre este bello porto está edificada Villa Nova de Portimão, terra populosa, e de muito commercio.

Os suburbios de Silves são arborisados e bem cultivados, e o mesmo se vê presentemente em todo o concelho, onde a agricultura tem tido grande desinvolvimento. São terrenos mui ferteis, e regados por muitos mananciaes, que brotam das visinhas serras. Conteem muitos pomares de laranja, vinhas, oliveas, alfarrobaes, e figueiraes, de que ha extensos bosques, não fallando em outras qualidades de arvores fructiferas, que por toda a parte abundam. Produzem, pois, além dos fructos correspondentes ás plantações indicadas, cereaes, legumes, muita amendoa, e samagre. De todos os seus productos agricolas exporta mais ou menos; porém os principaes artigos da sua exportação para os portos nacionaes e estrangeiros, são passas d'uva e figo, alfarroba, amendoa, laranjas, azeite, aguardente de figo, e obras de esparto, de palma, e de fio de piteira, que constituem um ramo importante da industria manufactora em todo o Algarve.

A um quarto de legua da cidade fundou D. Fernando Coutinho, bispo de Silves, pelos annos de 1518 o convento de Nossa Senhora do Paraizo, hoje extincto, o qual pertenceu primeiro aos frades capuchos piedosos, e depois aos religiosos da ordem terceira de S. Francisco.

Na serra d'Alferce, que não fica longe da cida-

de, dizem haver jazidos mineralogicos. N'um dos seus cabeços, nas visinhanças da aldêa d'Alferce, vêem-se as ruínas de um grande castello, obra dos moiros.

O *pego do Pulo*, em outro tempo chamado de *Aben-Afan*, é um sitio historico dos arrabaldes de Silves. N'elle se afogou Aben-Afan, o ultimo rei do Algarve, quando, perdida a sua capital, fugia da espada victoriosa de D. Paio Peres Corrêa. O *pego do Pulo* é no rio de Silves, perto de uma ilha, que separa este em dois braços, ambos navegaveis. Junto ao mesmo rio, a uma legua da cidade para a parte do mar, ha uma fonte de abundante e excellente agua, denominada do *Gramacho*. Nasce de uma rocha pouco distante, e d'ahi é trazida por um aqueducto até á margem do rio, onde concorrem a buscar-a muitas lanchas para aprovisionamento de Villa Nova de Portimão, do logar da Mexilhoeira, e dos navios que demandam o visinho porto.

Saindo da cidade para o lado de oeste, a pequena distancia, está a antiga ermida de Nossa Senhora dos Martyres. Dizem que fôra fundada por el-rei D. Sancho I, durante o cêreo de Silves, para celebração dos officios divinos, e enterro dos que morriam na expugnação da praça moirisca. Encontram-se ainda n'este logar campas com brasões de armas, que a tradição diz pertencerem a cavalleiros mortos n'aquella empresa.

Na serra d'Atalaia, que se levanta junto do rio, no sitio chamado *barra de Silves*, houve uma guarita fabricada de tijolos phenicios, da qual tirou a serra o nome. D'ali vigiavam o porto os moiros, e outros povos, que antes d'elles habitavam no Algarve.

Silves é terra farta de todos os generos necessarios á vida. As montanhas, que a cercam, abundam em caça miuda, e n'algumas se encontravam outr'ora corças e javalis. O rio e o mar dão-lhe bom provimento de pescado.

A população d'esta cidade pouco excede a duas

mil almas. Com a dos suburbios monta a tres mil e duzentas. Tem duas feiras annuaes ; a primeira a 3 de Maio, e a segunda no 1.º de Novembro. Esta ultima é importante pelo muito gado e productos agricolas, que ali concorrem.

A CIDADE DE TAVIRA.

Esta bella poveação está mui bem assentada junto á costa do sul do Algarve, e sobre as duas margens do rio d'Asseca, que a divide em duas partes, uma antiga, outra moderna. Esta acha-se edificada em uma planicie, e aquella em terreno um pouco levantado no centro, onde campêa antiquissimo castello. Em volta vêem-se terras montuosas, cobertas de vinhas e arvoredos, e semeadas de pequenos casaes a alvejar por entre a verdura. D'est'arte a cidade de Tavira offerece uma formosa perspectiva ao viajante que a demanda, entrando pelo rio. Dista doze leguas da cidade de Silves, quatro da cidade de Faro para o oriente, e outras quatro da foz do Guadiana para o poente. É-praça de guerra, e cabeça de comarca.

Ignora-se completamente qual fosse a origem de Tavira, a não se querer dar credito a fabulas. Segundo a opinião do nosso erudito antiquario, André de Rezende, foi aqui que existiu a cidade de *Balsa* de que trata o itinerario de Antonio Pio, e de que fallam varios escriptores romanos.

Depois da queda do imperio romano Balsa deveria seguir, sem duvida, a sorte das mais cidades da Lusitania e Betica, que foram mais ou menos destruidas nas successivas invasões dos povos do norte, e mais tarde na dos arabes. Quaes d'estes conquistadores a reedificaram, é ponto tambem que se ignora. O que se sabe ao certo, é que os moiros possuiam n'esse sitio uma cidade florescente, populosa, e bem fortificada, chamada Tavira, quando D. Paio Peres Corrêa, mestre de Santiago, tendo acabado de conquistar Silves, lhe veio pôr cerco no anno de 1242.

Depois de portiosa resistencia rendeu-se a praça ao valor dos portuguezes; mas, como succedia em todas essas conquistas, padeceu bastante ruina, e ficou despovoadá.

El-rei D. Affonso III, estando já senhor de todo

o Algarve, cuidou em reedificá-la, e povoá-la de novo, para o que lhe concedeu foral de villa em 1266, com os privilegios proprios para lhe attrahir moradores. Protegida por esses privilegios, e pelas vantagens commerciaes, que o seu porto lhe prestava, foi readquirindo Tavira a sua perdida prosperidade. As nossas empresas d'Africa no seculo xv, fazendo convergir para as terras do litoral do Algarve as attensões do governo, grande parte dos recursos do paiz, importante movimento de navegação, e por consequente muito trato commercial, engrandeceram a tal ponto a villa de Tavira, que chegou a pessão setenta navios d'alto mar, propriedade dos seus habitantes, além de um crescido numero de embarcações costeiras, e de pesca. El-rei D. Manuel elevou-a então ás honras de cidade em 16 de Maio de 1520.

Achava-se tão opulenta no seculo xvi, que, tratando-se em 1516 de mandar uma expedição a Africa em auxilio da nossa praça d'Arzilla, que um poderoso exercito de moiros tinha em apertado cêrco, a maior parte d'esse soccorro foi á custa dos moradores de Tavira. Igual patriotismo desinvolveram por occasião do cêrco de Mazagão em 1576. E quando em Julho de 1596 os inglezes, que hostilisavam a Filippe ii de Castella, então senhor de Portugal, fizeram um desembarque em Faro, saqueando e lançando fogo á cidade, foram os habitantes de Tavira, que com effusão do seu sangue, e com despendio da sua fazenda, expulsaram o inimigo da cidade de Faro, e da costa do Algarve.

Os males que opprimiram o paiz sob o dominio castelhano, acabaram com as prosperidades de Tavira. A sua decadencia foi em progresso, não só durante esta quadra, mas em toda a luta da restauração. Porém o seculo xviii, que trouxe a Portugal longos annos de paz, e immensas riquezas do Brazil, viu renascer a actividade do commercio e da marinha em todos os nossos portos, e por consequente Tavira animou-se, e melhorou novamente.

Nos fins d'esse mesmo seculo teve um grande

desenvolvimento o importante ramo das suas pescarias, para o que muito concorreu a criação da companhia de pescarias do Algarve, em que entraram os principaes capitalistas de Lisboa. Esta companhia, que, no fim de alguns annos de uma situação pouco lisonjeira, veio a tornar-se prospera, e a auferir avultados interesses, foi muito prolicua a Tavira, e mais povoações d'aquelle litoral.

Quando liquidou, as suas acções valiam o dobro, ou quasi o dobro do capital representativo. Desde então este ramo d'industria tem passado por diversas alternativas, sem que, todavia, tenha logrado attingir o grau de prosperidade a que chegou n'aquella época, e n'outras anteriores.

A cidade de Tavira acha-se ao presente em comunicação facil e regular com Lisboa, e portos do Algarve e Alemtejo por via dos barcos movidos a vapôr da companhia União Mercantil. Esta circumstancia, junta á tranquillidade e desenvolvimento material, que o nosso paiz tem tido n'estes ultimos nove annos, vão dando novo impulso e vigor ás suas industrias.

Era representada esta cidade em as nossas antigas côrtes, onde os seus procuradores tomavam assento no banco segundo. O senhorio d'esta terra foi dado por el-rei D. Sancho II em 1244 á ordem de Santiago, em reconhecimento dos serviços prestados pelos seus cavalleiros por occasião da conquista da cidade dois annos antes. Apesar d'esta doação ser confirmada em 1245 por bulla do papa Innocencio IV, contestou-a D. Affonso III annos depois de ter succedido no throno a seu irmão, D. Sancho II. Correu, pois, demanda, entre a corôa e a ordem de Santiago, decidindo-se afinal, que ficasse a esta o padroado das egrejas, e o poder temporal a el-rei. D. Affonso III foi o soberano de Portugal, que arrostando por mais vezes o poder de Roma, logrando sempre dobral-o á sua vontade, apesar da gravidade, e muitas vezes injustiça das suas pretensões.

Em allusão ao seu porto compõe-se o brasão de

Tavira de um escudo coroadado, e n'elle representada uma ponte com dois castellos, e um navio á vela sobre as ondas.

Divide-se a cidade em duas partes deseguaes, a cidade velha, que é a parte principal, e a nova, muito mais limitada, e que era outr'ora um arrabalde. Separa-as o rio, e une-as uma bella ponte de cantaria de sete arcos.

No tempo dos moiros era cercada d'altas muralhas torreadas, com um forte castello no sitio mais elevado da povoação. D'estas fortificações apenas resta o castello, que foi reparado e augmentado por el-rei D. Diniz.

São duas as parochias da cidade, que se intitulam: *Santa Maria*, e *S. Thiago*. A primeira, que é a matriz, foi mesquita de moiros. O terremoto de 1755 causou-lhe consideraveis estragos; mas deixou illesa a capella-mór, que dizem ser da construcção primitiva. Se o não é, mostra todavia grande antiguidade. Foi reconstruido este templo, depois d'aquelle cataclismo, pelo bispo do Algarve D. Francisco Gomes, que fez prevalecer na sua obra o gosto da architectura moderna. É actualmente uma egreja espaçosa de tres naves, com uma boa fachada, parte da qual tambem resistiu ao terremoto. Na capella-mór, do lado do evangelho, estão as cinzas do illustre conquistador de Tavira, D. Paio, que, fallecendo no convento de Velez, então cabeça da ordem de Santiago, deixou determinado, que se trasladasse seu corpo para aquella egreja. Do lado da epistola está uma lapide mettida na parede com sete cruces vermelhas. Repoisam ahi, por ordem do mesmo D. Paio, aquelles sete cavalleiros, que, em tempo do cerco de Tavira, tendo saido de Cacella para se divertirem na caça, confiados em umas treguas, que se acabavam de tratar com os moiros, foram por estes traiçoeiramente assaltados, e mortos depois de um renhido combate, em que a victoria custou aos vencedores, não obstante o seu crescido numero, muito sangue e vidas.

A parochia de *S. Thiago* é tambem muito antiga,

e tanto que já tem disputado á de Santa Maria as honras de matriz. Não sabemos quando foi instituída, porém já existia em 1272, pois que n'esse anno el-rei D. Affonso III fez mercê do padroado d'esta egreja, já então parochia, ao bispo D. frei Bartholomeu, seu capellão e medico. A capella do Sacramento d'este templo é digna de menção pelas suas pinturas e ornatos.

A casa da misericórdia foi erecta em 1544, e tem de renda um conto de réis.

O *hospital de S. José* teve a sua primeira fundação em 1425 com o nome de *albergaria*, que el-rei D. Affonso V mudou no de—hospital no anno de 1471. Dispõe este estabelecimento de um rendimento de tres contos de réis.

Os outros edificios religiosos são : a *egreja dos terceiros de Nossa Senhora do Carmo*, que é ornada de boas pinturas; a dos *terceiros de S. Francisco*, guarnecida de bellos marmores pretos, extrahidos do serro do Cavaco, que fica proximo da cidade; cinco ou seis ermidas; o *mosteiro de freiras de S. Bernardo*; e os templos dos extinctos conventos de frades. O mosteiro das religiosas bernardas está situado extramuros n'um vasto rocio, e com dilatada vista de campo e mar. É um bonito passeio. Foi fundado este mosteiro nos começos do seculo XVI pelo bispo de Silves D. Fernando Coutinho.

Os conventos de frades eram quatro. O de *S. Francisco*, de religiosos franciscanos, edificado por el-rei D. Diniz em 1279 para os templarios, que n'elle habitaram até á sua extincção em 1312, passando depois aos franciscanos. Diz-se que este convento na sua primeira origem fôra celleiro dos moiros. O *de Nossa Senhora d'Ajuda*, de paulistas da congregação da serra d'Ossa, teve principio no sitio de Valle Feroso, reinando D. Affonso V, e pelos annos de 1606 se mudou para dentro da cidade, edificando-se-lhe uma rica egreja. O *de Nossa Senhora da Graça*, de eremitas de Santo Agostinho, foi fundado pelos annos de 1569. O *de Nossa Senhora da Esperança*, de capuchos piedosos,

é fundação do bispo D. Fernando Martins Mascarenhas no anno de 1612.

Tem esta cidade algumas ruas e praças bastante regulares. Na parte que está situada sobre a margem direita do rio, ha uma grande praça, aformoseada pela casa da camara, que é um bom edificio com uma elegante arcada de cantaria. N'esta praça faz-se o mercado diario. Em um dos angulos da arcada avulta uma cabeça de homem, feita de pedra, que, conforme a tradição, representa D. Paio Peres Corrêa.

É abundantissima d'agua esta povoação, assim como é farta de frutas, hortalças, e de todos os generos essenciaes. O rio e o mar fazem-na mimosa de peixe.

O rio, cujo nome alguns autores querem que seja — *Sequa* — e não *Asseca*, nasce em uma serra a duas leguas de distancia da cidade para o interior. Como no seu pequeno curso não recebe ribeiro algum, é pouco caudaloso. Lança-se no oceano a uma legua de Tavira. N'esta primeira legua admittiu outr'ora navios d'alto bordo, e hoje admitte embarcações de menor lote; d'ahi para cima só é navegavel para pequenos barcos por outra igual distancia, que é até aonde chega a maré. Corre entre pomares, campos cultivados, arvoredos silvestres, e marinhas de sal. Tambem se vêem nas suas margens alguns moinhos. A barra é de muitas voltas, e variavel pelo movimento das arêas. Defendem-na duas fortalezas. Nas cinco leguas de costa, que vão d'esta barra até Faro, ha uma fileira de pequenas ilhas, que deixam entre si e a costa uma especie de ria, ou de esteiros.

As cercanias de Tavira são apraziveis e de variado aspecto. Ha n'ellas muitas quintas com casas de habitação, muitas hortas, e pomares, muito arvoredo fructifero e silvestre; emfim por toda a parte verdura, e frutas copiosas.

Os productos agricolas do concelho são alguns poucos cereaes, que não chegam para o consumo, vinho, azeite, alfarroba, amendoa, figo, cera, mel, resinas, canna, e kermes, ou grã de carrasco. O

vinho é do melhor do Algarve, e ao presente tem saída para diversos portos do reino, principalmente para Lisboa, nos ultimos mezes que precedem a colheita. O azeite forma um dos ramos mais importantes da sua exportação. Ha vinte annos produzia em occasião de boa colheita mais de setenta mil almudes. Desde então tem augmentado esta cultura. De todos os mais generos, exceptuando cereaes, que precisa importar, exporta maiores ou menores quantidades para os principaes mercados do nosso paiz, para a Catalunha, Inglaterra, Hollanda, e para Gibraltar, d'onde saem depois para Marselha, Genova, Liorne, e outros portos do Mediterraneo. A grã de carrasco, ou kermes, tão estimada para tinturaria, é um producto valioso d'aquelle solo.

As pescarias constituem uma boa parte da riqueza publica em Tavira. Fornecem de atum, e outros peixes salgados, muitas terras do reino; e produzem bastante azeite de peixe, dando emprego a centenaes de braços.

A cidade de Tavira pertence ao districto administrativo de Faro. N'ella reside ordinariamente o general commandante da oitava divisão militar. A sua população excede a seis mil almas. Tem feiras annuaes a 6 de Agosto, a 8 de Setembro, e a 4 de Outubro.

A CIDADE DE THOMAR.

No meio de uma planície regada pelas aguas do Nabão, e com as orlas levemente accidentadas, está situada a cidade de Thomar, uma das mais lindas povoações da Estremadura, e tambem uma das mais historicas de Portugal. Banha-lhe os muros aquelle rio pelo lado do oriente, e no extremo occidental ergue-se um monte, sobre o qual campea o antigo castello dos templarios, e junto d'este o magnifico convento da ordem de Christo. O monte do castello, estendendo-se do sul para o norte, com maiores ou menores ondulações, descreve um semicirculo em volta da cidade, terminando por ambos os lados junto ao rio, onde deixa estreita passagem á estrada, que de Santarem dá entrada para Thomar, e d'esta cidade dá saída para Coimbra.

O Nabão, com as suas margens guarneccidas de hortas e pomares; as collinas, que cingem a cidade, verdejando sempre, e mostrando aqui e ali algumas ermidas; a povoação gentilmente sentada, e alvejando no meio de todos esses verdores; o castello de D. Gualdim Paes, onde cada pedra recorda um feito d'armas, uma acção gloriosa, e o convento de Christo, rico de memorias, riquissimo de arte, ambos dominando com senhoril e venerando aspecto as collinas, o rio, e a cidade, formam um dos mais deliciosos panoramas em que os olhos se podem recrear.

A cidade de Thomar é cabeça de comarca, e pertence ao districto administrativo de Santarem. Distante vinte e duas leguas de Lisboa para o nordeste; cinco de Abrantes para o noroeste; e quasi tres do Tejo, e da villa de Tancos para o norte.

Prende-se a origem de Thomar ás glorias da fundação da monarchia portugueza. Quando D. Affonso Henriques, cercado apenas de um punhado de guerreiros esforçados vinha de Coimbra, caminho de Santarem, com o pensamento arrojado de tomar

aos moiros esta forte praça, fez voto a Deus de dar todos os direitos ecclesiasticos de Santarem, se fosse feliz na empresa, á ordem do Templo, então afamada pelos seus prestantes serviços á christandade na Europa e na Asia.

A fortuna coroou a ousadia do nosso primeiro rei, que cumpriu fielmente aquelle voto, doando o senhorio ecclesiastico de Santarem a D. Gualdim Paes, ao diante mestre do Templo, e aos mais cavalleiros templarios, que o haviam acompanhado e auxiliado n'esta ardua empresa. Tendo tido logar, porém, n'esse mesmo anno de 1147 a conquista de Lisboa aos moiros, e sendo nomeado seu primeiro bispo D. Gilberto, não tardou este prelado a impugnar a doação feita aos templarios.

O bispo dizia que a doação fôra feita em prejuizo de terceiro, e que estava nulla por lhe faltar o consentimento do prelado diocesano, e além d'isso, que, achando-se inculto e despovoado quasi todo o territorio do seu bispado, era impossivel sustentar-se a nova sé, alienando-se-lhe os rendimentos de Santarem. Os templarios defendiam a doação, allegando ter sido feita em cumprimento de um voto, e antes da instituição do bispado, por conseguinte sem prejuizo de terceiro, nem lesão de direito algum.

Começou, pois, um renhido letigio, que, subindo á curia de Roma, ahi correu durante tres pontificados, sem se concluir coisa alguma. Afinal chegaram ambas as partes a um accordo perante el-rei D. Affonso Henriques, no anno de 1158, desistindo os templarios dos direitos ecclesiasticos de Santarem, ficando só com a egreja de Santiago d'esta villa, e recebendo em troca as terras de Nabancia, então incultas e desertas.

Nabancia era uma cidade da antiga Lusitania, prospera e populosa no tempo dos romanos; ainda florescente sob o dominio dos godos; celebre nos annaes do christianismo pelo nascimento e martyrio da virgem Santa Iria; e por tal modo destruida na invasão dos arabes, que ficou para sempre

em completa ruina e abandono. Estava situada na margem esquerda do rio Nabão.

No territorio de Nabancia havia um antigo castello, chamado de *Ceras*, porém não agradando aos templarios por sua má situação, resolveram estes edificar outro em posição a seu gosto, e mais accommodada aos fins do seu instituto. Vendo, portanto, na margem direita do rio, em frente das ruínas de Nabancia, um monte pedregoso, e defendido de um lado pelo Nabão, e dominando pelo outro uma vasta planicie, escolheram este sitio para a fundação do castello.

Começou-se a obra em o 1.º de Março de 1160, como consta da seguinte inscripção lapidar, que esteve dentro do castello, e que hoje se vê ao lado da porta principal da egreja do convento de Christo: *Era 1198 (anno de Christo 1160) Regnante Alfonso illustrissimo Rege Portugalis, Magister Galdinus Portugalensium militum Templi, cum fratribus suis, primo die Marci cepit edificare hoc castellum nomine Thomar, quod prefatus Rex obtulit Deo et Militibus Templi.*

Não longe do castello, que se edificava, mas do outro lado do rio, existiam as ruínas d'um templo e mosteiro, que no tempo dos godos fôra habitado por monges benedictinos, e no qual viveu o abbade Celio, tio de Santa Iria. Cuidou logo D. Gualdim em reconstruir este edificio, que foi a cabeça da ordem do Templo em Portugal, sob a invocação de Santa Maria dos Oliveaes.

O mesmo D. Gualdim, em quanto cresciam as paredes da fortaleza e da casa de oração, lançava os fundamentos de uma povoação na planicie visinha. A' povoação e ao castello deu o fundador o nome de *Thomar*, que era o que os moiros deixaram ao rio, e que ao diante se tornou a mudar no antigo de *Nabão*.

A villa de Thomar facilmente se povoou, e rapidamente cresceu ao abrigo de tão forte castello, e sob a protecção de uma ordem de cavallaria, que pelos seus feitos gloriosos e pelo favor do rei em breve se tornou poderosa. D. Affonso Henriques,

reconhecido ao valor com que os cavalleiros do Templo o auxiliavam na expulsão dos moiros e no alargamento das fronteiras da nascente monarchia, não cessava de doar á ordem castellos e terras, ora em recompensa de serviços, ora como um meio de os ter em guarda e boa defesa.

No anno pois de 1190, apezar de serem passados apenas trinta annos depois da fundação do castello e da villa, achava-se esta populosa e rica, quando lhe sobreveiu o seu primeiro e maior infortunio. O imperador de Marrocos Jacob, querendo acudir ao islamismo, que succumbia em Portugal, e ao mesmo tempo vingar-se do destroço das suas armas ante os muros de Santarem no anno de 1184, e da morte de seu pae, o imperador Abu-Jussof, que fallecera das feridas, que recebeu n'essa campanha, colloca-se á frente de um formidavel exercito, atravessa o mar, desembarca no Algarve, assola o Alemtejo e Estremadura, e vem pôr cêrco ao castello de Thomar aos 25 de Julho de 1190.

A' aproximação do inimigo os moradores da villa recolheram-se á fortaleza com o mais precioso do seu movei; porém d'ahi presencaram consternados o saque da sua fazenda, e a destruição completa das suas casas. Durante seis dias deram os moiros continuos e vigorosos assaltos ao castello, e outras tantas vezes foram repellidos com tão grave perda, que ao sexto dia viram-se forçados a levantar o sitio, e retirar-se. Segundo as memorias christãs d'aquella epoca, e tambem conforme a *historia arabe dos soberanos mahometanos*, vingaram-se os marroquinos da heroica resistencia dos templarios, arrazando quantas povoações encontraram na sua retirada, e levando para Africa treze mil captivos de ambos os sexos. Dentro do castello de Thomar está uma inscripção, que commemora aquelle curto mais terrivel cêrco.

Desafrontado o paiz da presença dos inimigos, tratou D. Gualdim Paes de reparar o castello e de reconstruir a villa, á qual longos annos de paz trouxeram prosperidade e engrandecimento, pois que o crescente musulmano nunca mais se atreveu a ir

aflrontar o valor dos denodados campeões de Thomar. Estes é que se viram obrigados pela sua missão religiosa a ir demandal-os dentro das suas proprias fronteiras.

Em 1314 teve lugar em Paris aquelle celebre processo e supplicio de Jaques Molay, grã-mestre do Templo, e de outros cavalleiros templarios, que foi precedido da extincção da ordem em toda a christandade, e do sequestro de seus avultadissimos bens.

Esta catastrophe ameaçou seriamente os interesses da villa de Thomar, pois que n'essa epoca de tão grande atraso, e de tantos embaraços para todos os ramos da industria, a residencia principal d'uma ordem de cavallaria, tão opulenta e poderosa como a do Templo, era para qualquer terra um forte elemento de prosperidade e civilisação. O sabio e prudente rei D. Diniz conjurou habilmente a tempestade, que rebentara na França. Justificando os templarios de Portugal das accusações, que serviram de fundamento á bulla da extincção da ordem do Templo, e fazendo valer os direitos da sua corôa para impedir que o papa dispozesse dos bens d'aquelles cavalleiros, como praticara n'outros paizes, obteve do summo pontifice João xxii, por bulla de 14 de Março de 1319, a instituição da nova ordem de cavallaria de Nosso Senhor Jesus Christo, e a incorporação n'ella de todos os castellos, senhorios e mais bens, que até ali possuíam os templarios.

A nova milicia estabeleceu a cabeça da ordem na villa de Castro Marim, no Algarve, por ficar mais proxima da fronteira dos mouros; porém no reinado de D. Pedro i, em 1356, transferiu-a para Thomar, pela razão, sem duvida, de que a esse tempo o dominio arabe na peninsula se achava limitado ao reino de Granada, e por conseguinte já longe da raia portugueza.

A milicia de Christo não herdou sómente da extincta ordem as riquezas e privilegios; foi tambem sua herdeira no patrimonio, no esforço, e na gloria. Se os templarios estenderam com a sua espada os limites da monarchia de Affonso Henriques, os cavalleiros de Christo, tendo por seu mestre o in-

elito infante D. Henrique, transpondo mares ignotos, foram plantar o sagrado emblema da redempção, e nobre divisa da sua ordem, de involta com as quinas portuguezas, na costa occidental da Africa, no archipelago dos Açores, na ilha da Madeira, e outras terras, que por ordem do mesmo infante descobriram, povoaram, e civilisaram. Dilatando d'est'arte o nome e o poder da patria, engrandeceram ao mesmo tempo a sua ordem, que, obtendo por doação regia as terras novamente descobertas, e por bulla pontificia os direitos ecclesiasticos d'ellas, viu elevarem-se successivamente os seus rendimentos, a ponto de ser considerada, senão a mais rica, uma das mais opulentas ordens de cavallaria da Europa.

De toda esta grandeza reflectia sobre a villa de Thomar muito lustre e variadas vantagens economicas, com que a povoação se augmentou e enriqueceu. O infante D. Henrique, duque de Vizeu, por muitos annos fez a sua principal residencia n'esta villa. Desde então a ordem de Christo foi governada por principes, e o seu convento de Thomar offereceu hospedagem a muitos soberanos.

Ao infante D. Henrique succedeu, no mestrado de Christo, o infante D. Fernando, seu sobrinho, e irmão d'el-rei D. Affonso v. A D. Fernando succedeu seu filho primogenito, D. Diogo, duque de Vizeu, e a este seu irmão, D. Manuel, duque de Beja, que alguns annos depois empunhou o sceptro, merecendo que a historia lhe desse o epitheto de *rei afortunado*, pelas venturas que choveram sobre Portugal em seu reinado.

El-rei D. Manuel, continuando com vigoroso impulso as empresas maritimas de seu illustre tio, o infante D. Henrique, associou a ordem de Christo a todas as glorias do seu venturoso reinado. As fro-
tas, que, devassando todos os mares do globo, rasgaram o veo, que encobria á Europa a carreira da India, e as regiões do Brazil, foram armadas e equipadas, quasi exclusivamente, com os avultadissimos rendimentos da ordem de Christo. Os seus habitos e rendosas commendas serviram de premio ao

arrojo e dedicação dos descobridores, e constituiram o incentivo moral e physico, que produziu aquellas extraordinarias façanhas, que pozeram avassalladas aos pés do soberano de Portugal a Africa, a Asia, e a America. E finalmente a insignia da mesma ordem, esculpida em todas as grandes construcções d'aquella epoca, fallando-nos d'essas nossas passadas grandezas, ainda hoje attesta aos estranhos, e recordará ás gerações futuras o quanto a ordem de Christo concorreu, com o despendio das suas rendas, e com o esforço dos seus cavalleiros, para lançar as bases sobre as quaes se elevou e assenta solidamente esta moderna civilisação, que nos maravilha e ensoberbece.

No decurso de trinta e sete annos, em que D. Manuel regeu o mestrado de Christo, por muitas vezes esteve em Thomar, e ahi celebrou varios capitulos geraes em que se reformaram e ampliaram os estatutos e definições da ordem. O governo d'este grande monarcha ficou commemorado em Thomar por diversas construcções, que lhe fazem honra; no convento de Christo por algumas obras magnificas; e na villa pelos seus melhores edificios, como adiante mostraremos.

D. João III succedeu a el-rei D. Manuel, seu pae, no throno portuguez, e no governo da ordem de Christo, e em seu tempo, e por sollicitações suas, se encorporaram para sempre na corôa os mestrados das tres ordens militares, por bulla do papa Julio III, em 1551. Em 1523 foi este soberano a Thomar, e ahi fez muitas reformas na constituição dos freires, que passando a ser religiosos de cogula, ficaram, talvez, venerando melhor a Deus, mas servindo menos a patria. D. João III fez sumptuosas obras no convento de Christo. Seu neto e successor, el-rei D. Sebastião tambem honrou com a sua visita a villa de Thomar; mas dois annos depois da lamentavel catastrophe, que sepultou este joven e temerario soberano com a independencia do seu reino nas planicies de Alcacerquibir, adquiriu aquella villa uma triste celebridade. Quiz o capricho da sorte, que a usurpação castelhana se consummasse

na propria terra, d'onde tinham saído no largo periodo de quatro seculos muitos dos mais estremados campeões da independencia de Portugal, do seu poder, e da sua gloria. Foi, emfim, na villa de Thomar que se reuniram as côrtes, que reconheceram, em 1581, os pretendidos direitos de D. Filippe II de Castella ao throno portuguez.

Filippe II veio assistir a esta reunião, cercado de todo o esplendor da sua côrte, e ahi se demorou por algum tempo, depois da sua acclamação, para tratar dos negocios da ordem de Christo, como seu grã-mestre. Passados quasi quarenta annos, em 1619, seu filho D. Filippe III de Hespanha, depois de ter feito a sua entrada em Lisboa com extraordinario fausto e apparato, partiu para Thomar, onde presidiu a um capitulo geral da ordem de Christo, que durou tres dias, e em que se concluiu a reforma dos seus estatutos encetada pelo seu antecessor. Este soberano perpetuou a memoria do seu governo em Portugal, e da sua visita a Thomar com dois monumentos grandiosos: o claustro, ainda hoje chamado dos *Filippes*, no convento de Christo, e o aqueducto, que traz agua para o mesmo edificio.

As reformas de D. João III despojaram o convento de Christo da sua antiga importancia e esplendor. Assim pois, atravez das pompas d'estas visitas reacs, e da magnificencia d'aquellas construcções, transparecia a decadencia da ordem, e pelas mesmas causas, e por outras resultantes do infortunio d'Africa, e do jugo hespanhol, tivera origem, e tomava vulto a decadencia da villa.

Na porfiosa luta de vinte e oito annos, que consolidou a independencia do paiz e a dynastia de Bragança, proclamadas em o 1.º de Dezembro de 1640, esteve a villa de Thomar não lembrada do inimigo, e quasi esquecida do governo.

No começo do seculo seguinte, em que a morte de Carlos II de Hespanha fez do occidente da Europa o theatro d'essa famosa guerra, chamada da *sucessão*, na qual o duque d'Anjou, neto de Luiz XIV de França, e o archiduque Carlos d'Austria, dispu-

tavam o throno de S. Fernando, hospedou a villa de Thomar a este principe, que pouco depois foi imperador d'Alemanha, com o nome de Carlos vi, e a el-rei D. Pedro ii, quando voltavam da campanha da Beira em 1704. D'ahi a dez annos recebeu esta nobre povoação com singulares festejos e alegrias a el-rei D. João v, e seus irmãos, os infantes D. Antonio, e D. Manuel, acompanhados de uma brilhante e numerosa côrte.

As prosperidades e sollicitude da primeira metade d'este reinado fizeram-se sentir na villa de Thomar. A estrada, que a ligava a Lisboa, a Coimbra, e ao norte do reino, foi feita de novo, e as suas pontes foram reparadas, ou reconstruidas. O oiro que affluia continuamente do Brazil a Lisboa, refluindo da capital, como coração do reino, para todos os membros d'este corpo, animou as industrias em todo o paiz, e Thomar floresceu a seu turno. Porém a nova estrada por Leiria, mandada abrir pela rainha D. Maria i, dando outra direcção aos viandantes e ao commercio interior, foi causa de recommençar a decadencia de Thomar, que progrediu d'ahi em diante já pela ruina da sua estrada, já pelas terriveis consequencias da guerra do principio d'este seculo.

A terceira invasão franceza deixou n'esta villa tristes vestigios da sua passagem. O inimigo entrou ahi em Outubro de 1810, e tanto n'esta sua marcha sobre as linhas de Torres Vedras, como na sua retirada em Março do anno seguinte, commetteu vandalicas devastações nos edificios da villa, e principalmente no convento de Christo, onde destruiu muitas preciosidades artisticas, e importantissimos documentos historicos.

Os curtos annos de paz e tranquillidade, que o nosso paiz desfructou depois da guerra geral, mal deixaram resarcir-se a villa de Thomar das suas graves perdas. No longo periodo de trinta annos, que se succedeu, todo cheio de discordias civis, de instabilidade, de descuido, e embaraços para todo o genero de melhoramentos materiaes, felizes foram as povoações do interior, que se poderam con-

servar estacionarias. Thomar teve essa fortuna, de vida primeiramente á libertação da terra, que desenvolveu bastante a sua industria agricola, e depois ao systema protector das pautas de 1836, que deu notavel impulso á sua industria fabril. Apesar de que o commercio, fonte de vida para aquellas duas industrias, se acha ali ainda peado pelas difficuldades da viação, cremos, comtudo, que Thomar já vae prosperando, e é fora de duvida que tem diante de si um proximo futuro de engrandecimento, que se realizará logo que o caminho de ferro do norte, unindo-a em estreitas e faceis relações com os dois maiores centros de povoação, de industria, e de capitaes de Portugal, Lisboa e Porto, a deixe explorar desassombradamente as riquezas do seu solo, o amor do trabalho dos seus habitantes, as singulares bellezas da sua situação, e os monumentos de historia e primores d'arte, que encerra.

A villa de Thomar foi elevada á cathegoria de cidade pela rainha, a senhora D. Maria II, que tambem creou conde de Thomar ao senhor Antonio Bernardo da Costa Cabral. Tinha esta cidade representação em as nossas antigas côrtes, onde os seus procuradores tomavam assento no quarto banco. Tanto o senhorio como a jurisdicção espiritual d'esta terra pertenciam á ordem de Christo, cujo mestre nomeava um prelado com jurisdicção quasi episcopal sobre todas as terras e egrejas da ordem, o qual não reconhecia autoridade ecclesiastica superior senão o papa.

O brasão d'armas da cidade de Thomar é um escudo coroadado, e n'elle em campo de prata uma cruz de purpura da ordem de Christo. Antes da instituição d'esta ordem tinha outro brazão, que era allusivo ao martyrio de Santa Iria, e se compunha do modo seguinte : escudo esquartelado por uma cruz, no primeiro quartel da direita uma figura de homem, representando Britaldo com um bastão ou sceptro na mão; no segundo o soldado, que degolou a santa, chamado Banão, levantando o braço armado de um punhal, e junto uma arvore; no ter-

ceiro um castello ; no quarto a santa virgem degolada, caindo no rio Nabão.

A cidade de Thomar estende-se por uma planicie ao longo do rio, terminando em cada extremidade n'um vasto campo ou rocio, chamado a *Varzea grande*, e a *Varzea pequena*. N'aquella desemboca a estrada, que vae de Lisboa ; e d'esta sae a estrada, que conduz para Coimbra. A varzea grande não terá muito menos de dois kilometros de circumferencia. Cultivada na sua maior parte, ou cearas ou simples relva offerecem perennemente á vista um extenso tapete de matizada verdura. Sombreia-a uma soberba alameda de arvores frondosas. Adorna-a um elegante padrão, ou cruzeiro, de brincada escultura, obra d'el-rei D. Manuel. Guarnece-a por um lado o Nabão com a faxa prateada de suas limpidas aguas. Por outro lado fazem-lhe cêrco viçosas collinas e o monte alcantilado, do cimo do qual a dominam o velho castello dos templarios, e o antigo convento da ordem de Christo. E' um sitio summamente alegre e delicioso.

A *varzea pequena*, ainda que menos variada em bellezas e contrastes, é comtudo muito amena e aprazivel. Tambem tem muito viço e frescura. Tambem a rega o Nabão, e serve-lhe de ornato uma fonte.

São duas as ruas principaes da cidade, ambas mui compridas, e cortadas de varias travessas. A melhor chama-se *Corredoura*. E' bella pela sua extensão, alinhamento, e largura ; pelos bons predios, que a guarnecem, e sobretudo pela sua situação, pois que n'um extremo tem por horisonte o monte do castello, e no outro tem por limite o rio e a grandiosa ponte de cantaria, que lhe dá seguimento para uma linda alameda da margem opposta.

Tem a cidade uma bonita praça, onde se levantam dois dos seus melhores edificios : a igreja parochial de *S. João Baptista*, e a *casa da camara*, ambos monumentos do animo magnifico d'el-rei D. Manuel. Na fachada da casa da camara vê-se o escudo das armas reaes entre a cruz de Christo e a esphera armilar, nobres divisas do rei *afortu-*

nado. A igreja de S. João Baptista ostenta nos variados labores da sua frontaria aquelle typo engraçado e loução da architectura gothico-florida, que symbolisa a edade d'ouro de Portugal.

Além d'esta freguezia, tem a cidade outra parochia, de mais antiguidade e de mais interesse historico. Tem, como a primeira, a prerogativa de collegiada; mas além d'isso goza das regalias de matriz, e da mais subida honra de ter servido de cabeça ás poderosas e distinctissimas ordens do Templo, e de Christo. O seu orago é *Nossa Senhora d'Assumpção*; mas, porque a cercam oliveas, é mais conhecida pelo nome popular de *Santa Maria dos Oliveas*, ou do *Olival*. Está situada fora da cidade, e do outro lado do rio, em lugar deserto. Da sua fundação já fallámos, tratando da origem de Thomar e seu castello. E' uma igreja de tres naves, que apenas conserva da fundação dos templarios a frente principal, de singela architectura gothica. Todos os mestres da ordem do Templo, e alguns da de Christo foram sepultados n'esta igreja, uns em tumulos levantados sobre leões, outros em sepulturas humildes, mas com os seus epitaphios. Porém nos reinados de D. Manuel e de D. João III, em que se fizeram muitas obras de reedificação e augmento, foram trasladados quasi todos estes despojos mortaes para uma capella do corpo da igreja, allegando-se a necessidade de desembaraçar esta de tantos mausoleos, que a obstruiam. E commetteu-se a barbaridade de desfazer e inutilisar todos aquelles tumulos, perdendo-se assim as inscripções sepulchraes de tantos mestres benemeritos, exceptuando as de Gualdim Paes e Lourenço Martins, mestres do Templo. Na capella-mór ainda se conserva o epitaphio de D. Gil Martins, primeiro mestre da ordem de Christo.

O *convento de Christo* está contiguo ao castello. A sua igreja, consagrada a *Nosso Senhor Jesus Christo*, mostra em mui differentes typos de architectura as diversas reconstrucções por que tem passado. A capella-mór é a parte mais antiga, e tambem a mais rica. Exteriormente é de forma octogona, acastel-

lada, com sua corôa de ameias. Interiormente tem em volta do altar-mór uma charola, com capellinhas, obra de gosto oriental, e de muito primor artistico, ornada de excellentes esculpturas relevadas e vasadas, de pinturas e doirados.

Se se der credito ás tradições da ordem, e da povoação, esta capella-mór é ainda a mesma que fundou D. Gualdim Paes. A estas tradições oppõem-se, porém, a perfeição das esculpturas, e a profusão dos ornatos, que não parecem proprias de uma epoca de tanto atraso nas artes, e de tanta singeleza nas construcções. Estas contradicções poderão todavia conciliar se, acceitando-se a hypothese de ter trazido D. Gualdim, no seu regresso da Palestina, ou mandado vir depois alguns artistas d'esse paiz, pois que as artes achavam-se então muito mais adiantadas na Asia que na Europa.

As mais partes da egreja foram completamente reedificadas por el-rei D. Manuel. No corpo do templo nada ha presentemente que admirar; pois que as primorosas cadeiras do côro, mandadas fazer por el-rei D. Manuel de madeira da India com mil delicadas esculpturas, executadas segundo os desenhos de Miguel Angelo Buonarotti, foram queimadas pelos francezes em 1810; e os livros de cantochão, decorados de ricas illuminuras, devidas ao habil pincel de Francisco de Hollanda, já lá não existem. Na fachada do templo prodigalisou o architecto a poesia da arte em mil engraçados relevos de variadissima invenção.

O convento é um edificio immenso, construido igualmente em differentes epocas. Encerra oito claustros, alguns dos quaes são de maravilhosa fabrica. Um d'elles, contiguo á egreja pelo lado do norte, tem todas as apparencias de ter sido obra da primeira fundação dos templarios. D'esse tempo tambem ainda se conservam, segundo todas as probabilidades, algumas partes do convento para o lado da horta e jardim. Do infante D. Henrique existem dois claustros, e um d'el-rei D. Manuel. D. João III construiu, além dos dormitorios, refeitorios, casa de capitulo, noviciado, hospedarias, e mais offici-

nas, um grande claustro. De D. Filippe ii e D. Filippe iii de Hespanha são duas obras sumptuosas : o aqueducto, que traz agua ao convento, e o claustro, de notavel gosto e magnificencia, ainda hoje chamado dos *Filippes*. Ambas estas construcções foram principiadas pelo primeiro d'aquelles soberanos e acabadas pelo segundo. O aqueducto começa em Santo Antonio dos Pegões, a uma legua de distancia, d'onde conduz duas copiosas nascentes sobre arcos de cantaria, em alguns sitios duplicados. Ao chegar ao convento encosta-se á frontaria d'elle, formando-lhe vistoso e singular adorno com as pyramides e cruzeiros de Christo, que n'este ponto o guarnecem e coroam.

Junto ao convento ergue-se o castello. O venerando alcaçar de Gualdim Paes, que soffreu e fez empallidecer as meias luas do poderoso e arrogante imperador de Marrocos, ainda lá está de pé com os seus torreões e baluartes, e com as suas duas cêrcas de muralhas. Para o lado do nordeste e meio dia está sentada a fortaleza em alto throno de rochas escarpadas. Para o lado de noroeste e sul levanta-se sobre terreno, que desce com declive de facil accesso. Dentro do castello vêem-se as ruínas de uma ermida, que foi dedicada primitivamente a Santa Maria do Castello, e depois a Santa Catharina. No largo espaço comprehendido entre a primeira e segunda cêrca de muralhas verdejam actualmente vinhas, hortas e pomares, que os mananciaes do aqueducto do convento veem regar abundantemente. Dos baluartes do castello, como das janellas do convento, desfructa-se uma vista admiravel.

Pela extincção das ordens religiosas o convento de Christo ficou sendo, e é, propriedade do estado, mas a sua cêrca, e a do castello, com o edificio das hospedarias foram comprados pelo senhor conde de Thomar.

Havia na cidade mais tres conventos: o de *S. Francisco*, de franciscanos, fundado em 1623, hoje pertencente á camara; o de *Nossa Senhora da Annunciada*, de capuchos piedosos, construido n'uma eminencia sobranceira á Varzea pequena no anno

de 1645 ; e o de *Santa Iria*, de freiras franciscanas, hoje extinto, edificado em 1476 no mesmo sitio em que esteve o mosteiro de religiosas de S. Bento, onde viveu e padeceu martyrio aquella santa virgem. Está situado junto ao Nabão, e ahi se mostra ainda o pego, onde a tradição refere, que foi lançado o corpo da martyr, depois de degolada (*). Este edificio foi vendido e demolido para novas construcções.

Os outros edificios religiosos são, a *egreja e hospital da misericordia*, fundados por el-rei D. Manuel em 1501, e mais quatorze ou quinze egrejas e ermidas dentro da cidade, e nas suas immedições.

Possue esta cidade um bonito theatro, uma sociedade philharmonica, duas fabricas de papel, e uma de fiação de algodão. Esta ultima, sobretudo, é um importante estabelecimento fabril, que emprega grande numero de braços, e cuja força motriz é a agua do rio.

E' Thomar mui farta não só dos generos de primeira necessidade, mas de outros que se podem considerar regalos da vida. Abastecem-a de excellente agua varias fontes; de mimosas e variadas frutas e hortalicas os pomares e hortas, que a circumdam; de peixe fresco o Nabão e a costa da Nazareth, que, apesar de ficar a 14 leguas de distancia, lhe envia a miudo muito pescado; e, finalmente, de caça rasteira e do ar os montes visinhos, e as margens do rio. Tem feiras annuaes a 3 de Junho, a 17 do mesmo mez, e a 20 de Outubro.

Pelo que dissemos, fallando da situação da cidade, poder-se-ha julgar da belleza e amenidade dos seus suburbios. Os da margem opposta do rio, onde está o arrabalde ou bairro de Santa Iria, são deliciosos.

O Nabão nasce na fonte do Agroal junto da foz da ribeira das Pias; recebe no seu curso algumas pequenas ribeiras, rega muitos campos e pomares,

(*) Fallámos d'esta lenda no artigo da villa de Santarem.

faz trabalhar muitos moinhos, e lança-se no Zeze-re, que a seu turno desagua no Tejo.

Da cidade de Nabancia poucos vestígios se conservam. Vê-se porém no termo de Thomar o local, que outr'ora serviu de assento a uma cidade, que floresceu sob o dominio dos romanos com o nome de *Bezelga*, e da qual teem apparecido em diversas occasiões restos de edificios, columnas, porticos, obras de mosaico, e canos de agua. O sitio que esta cidade occupava é conhecido agora pelo nome popular de *Monte da Cidade*; mas o seu nome conserva-se em uma pequena aldêa, proxima d'ali. Junto ao adro da egreja de Bezelga descobriu-se no seculo xvii uma vasta obra de mosaico. Um nosso escriptor do seculo passado, fallando d'esta descoberta, diz ser « uma calçada subterranea sobre argamaça feita de pedrinhas quadradas do tamanho de dados, de varias côres, á mancira de embrechado, de curioso artificio. » Tambem diz que ahi se achou « um cano de telhões por onde algum dia corria agua. » Outro escriptor nosso, o autor do *Agiologio Lusitano*, tratando da mesma materia, escreveu o seguinte : « Dez annos ha, que tremendo a terra, subiram os moradores de Bezelga ao alto d'este monte (da *Cidade*) para ver se nas cavernas, que abriu achavam algum oiro ou prata, com que muitos se enriqueceram de repente. »

Na freguezia das Ollalhas ou Olaias, que fica a duas leguas de Thomar, descobriram-se ha pouco menos de dois seculos sete minas de oiro, qûe se exploraram não sabemos por quanto tempo, mas consta que se extrahiui d'ellas bastante oiro. No logar do Soveral, tambem do termo de Thomar, existem minas de ferro.

O termo d'esta cidade é muito fertil, sobretudo nos valles, que pela sua frescura se prestam a todo o genero de cultura. As principaes producções são: cereaes, azeite, vinho, e frutas, em que entram castanhas, de que exporta bastante quantidade.

Thomar tem uma população de perto de quatro mil almas. D'entre os seus filhos, que mais a illustraram, apontaremos os seguintes : — *Antonio de*

Castilho, filho do celebre architecto João de Castilho, que fez o risco e dirigiu as obras do convento de Christo em tempos d'el-rei D. Manuel ; Antonio de Castilho foi lente da universidade de Coimbra, desembargador da casa da supplicação, embaixador a Inglaterra, guarda-mór da Torre do Tombo, e chronista-mór do reino : — *D. frei Duarte d'Araujo*, D. prior geral da ordem de Christo : — *D. frei Lourenço Garro*, D. prior geral da mesma ordem, e depois bispo de Cabo Verde : — *Gaspar Leitão da Fonseca*, socio da academia real de historia, e escriptor distincto : — *Pedro Vaz Quintanilha*, poeta comico, autor de muitas poesias e autos mui estimados em seu tempo : — *Mendo de Foios Pereira*, embaixador a Madrid, e secretario d'estado d'el-rei D. Pedro II.

A VILLA DA TORRE DO MONCORVO.

Esta villa da provincia de Traz-os-Montes, districto administrativo de Bragança, está edificada nas faldas do monte Roboredo, em situação pouco elevada, mas que domina um dilatado valle, que os rios Douro e Sabor limitam pelo sul e noroeste. O Douro corre a uma legua da villa, e o Sabor a pouco mais de meia; e pela sua junção dão ao territorio em que está Moncorvo a forma triangular. O primeiro d'aquelles rios serve aqui de divisão ás provincias da Beira Alta e Traz-os-Montes. Moncorvo é cabeça de comarca, e dista quatorze leguas da cidade de Miranda, e umas cinco da villa de Freixo d'Espada á Cinta.

A fundação d'esta villa data do seculo XII ou XIII, e teve principio em uma torre, que ahi edificou um tal Mendo ou Mem Corvo, para sua morada e segurança. Segundo o costume, e necessidade d'aquelles tempos, os aldeãos pobres, que viviam isolados n'aquellas circumvisinhanças, demandando o abrigo de uma casa forte e a protecção de um rico proprietario, foram mudando pouco a pouco as suas choupanas para junto da torre. Assim se formou, ao que parece, o primeiro nucleo da povoação. Passado pouco tempo augmentou rapidamente á custa da villa de Santa Cruz, que ficava d'ali uma legua, em sitio tão doentio, e salto d'agua, que os seus moradores foram-se transferindo para a nova povoação, que lhes offerecia a triplicada vantagem de ares salubres, abundancia d'agua, e excellentes terrenos para cultura.

A villa de Santa Cruz, abandonada completamente, caiu em ruinas, e hoje raros vestigios mostra da sua existencia. A nova povoação, tomando o nome porque era conhecida a torre, começou a chamar-se *Torre de Mendo Corvo* ou de *Mem Corvo*.

Pretendem alguns antiquarios, que a etymologia de Moncorvo se deriva de *Mons Curvus*, dizendo que assim designavam o monte Roboredo por ser

um tanto curvo ou arqueado. Não se pode, porém, acceitar esta opinião, visto achar-se em todos os documentos antigos, que fallam d'esta terra, o nome de Torre de Mencorvo, e não Moneorvo, como agora dizemos. Outros querem que o seu primeiro nome fosse Torre do Monte do Corvo, ou dos Corvos, autorisando-se com o brasão d'armas da villa.

A respeito da fundação da torre, e da etymologia do nome, ha uma tradição no povo, que apesar de não merecer credito, a vamos referir pela sua originalidade, e por julgarmos proprio d'esta obra consignarmos n'ella as lendas, historicas ou fabulosas, que as crenças populares teem enlaçado com a origem das povoações.

Conta pois a tradição, que um pobre lavrador chamado Mendo, que vivia com sua mulher em uma choupana não longe do monte Roboredo, achara um thesouro enterrado. Vendo-se de repente tão rico cuidou perder o juizo; mas voltando a si, reconheceu a necessidade de fazer segredo do achado para que lh'o não roubassem. O seu primeiro pensamento foi referir o caso á consorte, tanto para que ella tomasse parte nas suas alegrias, como para que o ajudasse na guarda do precioso thesouro. Porém a esta idéa succedeu logo outra na alma desconfiada do lavrador. Seria sua mulher capaz de conservar em si o segredo? Este receio levou-o a pôr a provas a discrição d'ella, e para isso lhe disse que acabava de presenciar um acontecimento nunca visto até então, mas que lhe pedia um segredo inviolavel. Era o caso que vira um corvo parir uns poucos de corvosinhos. A mulher ficou pasmada, e não podendo conter em si um mysterio tão maravilhoso, foi-o divulgando ás visinhas, acrescentando o numero de filhos, que o corvo parira; mas a cada uma ia pedindo o mais absoluto sigilo. De bocca em bocca foi correndo o conto até não haver quem o ignorasse em todas aquellas immediações. A vista d'isto resolveu-se o lavrador a occultar o thesouro a sua mulher, e para o ter mais seguro edificou uma torre para sua morada, e depositou d'elle. Do nome do lavrador, e do caso do

corvo ficaram chamando ao edificio a *Torre de Mendo do Corvo*, nome que com o tempo se corrompeu em Torre de Mencorvo, e depois Moncorvo.

El-rei D. Diniz fez villa a Torre de Moncorvo, e concedeu-lhe foral com os mesmos privilegios, que tivera a antiga villa de Santa Cruz, que eram muitos, sendo um que os devedores, que se acolhessem dentro dos seus muros, não podessem ser executados. D. João I fez-lhe novas concessões, alargando-lhe o termo até incluir n'elle Foscôa, que ao diante se separou, sendo elevada a villa com o nome de Villa Nova de Foscôa. El-rei D. Manuel reformou aquelle foral em 1512.

Na guerra que houve entre Portugal e Castella, em tempo do nosso rei D. Fernando I, sendo invadida a provincia de Traz-os-Montes pelos inimigos, padeceram muitos vexames e prejuizos os moradores da villa de Torre de Moncorvo, posto que os castelhanos não chegassem a entrar dentro dos seus muros. Teve porém sorte peor na lucta, que rebentou entre os dois paizes em 1762. Aquella provincia foi outra vez assolada pelo exercito hespanhol, commandado pelo marquez de Sarria, caindo em seu poder, depois de Miranda e Bragança, a villa de Torre de Moncorvo. A occupação não foi longa, e passados poucos mezes assignou-se o tratado de paz; todavia a entrada do inimigo ficou commemorada na villa por bastantes estragos e extorsões.

Floreceu outr'ora esta povoação pelo impulso das industrias agricola e fabril. Reconhecendo-se o quanto os seus bellos campos eram apropriados á cultura do linho canhamo, foi esta producção ali introduzida, e levada a grande ponto de desenvolvimento pelo governo. Construiram-se na villa vastos armazens para o preparo e arrecadação do canhamo, que vinha depois para a real cordoaria de Lisboa, montando-se ali a administração por conta do estado.

Além d'isto houve n'esta villa uma fabrica de sabão, que fornecia d'este genero grande parte das provincias de Traz-os-Montes e Minho, e uma fabrica de seda.

A villa da Torre de Moncorvo tinha representação em nossas antigas côrtes, com assento no banco decimo terceiro. Acha-se descripto em diversas obras o seu brasão d'armas do modo seguinte : um castello de prata, com uma só torre, e aos lados dois corvos. Porém o que se vê desenhado no livro das armas das cidades e villas de Portugal, que existe na Torre do Tombo, e ao qual seguimos, compõe-se do escudo simplesmente das quinas portuguezas em campo vermelho, e por baixo duas espheras armilares de prata. Sendo a esphera a divisa d'el-rei D. Manuel, é de crer, que foi este soberano que deu o brasão á villa.

A rainha senhora D. Maria II creou primeiro barão e depois primeiro visconde da Torre de Moncorvo a Christovão Pedro de Moraes Sarmiento, ministro plenipotenciario de Portugal em Londres, hoje fallecido. Presentemente é segundo barão do mesmo titulo seu filho, João Pedro de Moraes Sarmiento, que pelo seu casamento com a filha herdeira dos senhores marqueses de Fronteira, é conde da Torre. São alcaides-móres da Torre de Moncorvo os senhores condes de Sampaio.

A egreja de Nossa Senhora da Assumpção é a unica parochia. E' um templo grandioso, que dizem ser digno de servir de cathedral. Os outros edificios religiosos e pios são : a casa da misericordia ; um hospital com sua ermida ; a egreja de Santiago, que era a antiga parochia, antes da fundação da actual ; e varias ermidas.

Abastecem a povoação de excellente agua quatro fontes publicas, além de algumas particulares, e de muitos poços. A cêrca de muros, que defende a villa com tres portas, e aos lados d'ellas baluartes, foi obra d'el-rei D. Diniz. O castello parece ser construcção mais antiga. E' de forma quadrangular, com duas torres, e dois baluartes redondos. Para o lado do sul fica-lhe superior parte da povoação.

Os suburbios d'esta villa são formosos e pittorescos. As margens do Douro e do Sabor ; os viçosos campos de Vellariça, regados pela ribeira d'este

nome; as encostas do monte Roboredo cobertas de pinhaes e carvalhos seculares; alguns montes meio cultivados, meio agrestes, apertando entre si amenos e frescos valles; innumeraveis fontes e algumas ribeiras dando frescura e fertilidade ás collinas e aos prados; multiplicam os contrastes, e variam os quadros.

A pouca distancia da villa, encostado ao monte Roboredo, está o edificio do extincto convento de S. Francisco, que pertenceu aos frades capuchos, e foi edificado em 1569.

As principaes producções agricolas do concelho da Torre de Moncorvo, consistem em algum trigo, milho, centeio, muito azeite, linho, fructas, e algum pouco vinho. A creação de gados é de pouca importancia. A do bicho da seda, e a fiação d'esta dão emprego a bastantes braços.

Conta esta villa, incluindo o arrabalde contiguo aos muros, uns mil e setecentos habitantes. Posto que o seu clima seja excessivamente rigoroso no verão com o calor, e no inverno com o frio, é contudo muito sadio. Nas diversas invasões de peste, que outr'ora assolaram o reino, teve esta terra a fortuna de escapar ao contagio, sendo victimas d'elle povoações mui proximas.

Apezar do estado de ruinas das estradas da provincia de Traz-os-Montes, que tanto ahi entorpece todos os ramos da industria, a villa da Torre de Moncorvo é farta dos generos mais essenciaes, por isso que os cria dentro do seu termo. Além dos productos da agricultura, já mencionados, fornecem-na de peixe os rios Douro e Sabor, e a ribeira de Velariça, e de caça as serras visinhas. A 15 d'Agosto tem a sua feira annual.

Foi natural d'esta villa Violante Gomes, chamada pelo povo a *Pelieana*, que tanto captivou pela sua formosura o infante D. Luiz, de quem teve a D. Antonio, prior do Crato, que chegou a ser aclamado rei de Portugal em Santarem e Lisboa depois da morte de seu tio o cardeal rei D. Henrique.

Tambem foi berço de Francisco Botelho de Mo-

raes e Vasconcellos, autor de varias obras em prosa e verso, sendo a mais notavel o poema heroico *El Alfonso*, que tem por assumpto a fundação da monarchia portugueza. Em galardão por esta obra concedeu-lhe el-rei D. João v o habito de Christo com uma boa pensão.

A VILLA DE TORRES NOVAS.

Na provincia da Estremadura, cinco leguas ao nordeste de Santarem, que é a capital do districto, está a villa de Torres Novas, edificada em sitio baixo, e banhada pelas aguas do rio Almonda.

Se se der credito a alguns dos nossos antiquarios, que se occupam de Torres Novas, teve esta villa a sua origem em uma torre, que os gregos ahi fundaram nos tempos em que, navegando ao longo das costas da Lusitania, lhe devassaram os rios. Pretendem aquelles autores, que os gregos chamaram á dita torre *Neupergama* (Torre Nova), a qual, sendo incendiada pelos romanos na sua primeira invasão, apezar de reedificada logo depois, se ficou denominando *Torre queimada*. Subjeita toda a Lusitania ao dominio de Roma, os conquistadores repararam e augmentaram aquella fortaleza; fizeram-lhe uma cêrca de muros, e começaram a construir dentro d'ella algumas casas, que ao diante se foram multiplicando. A esta povoação deram o nome de *Nova Augusta*. Vencidos e expulsos os romanos pelos godos, mudaram estes o nome de Nova Augusta no primitivo, e como em vez de uma só torre existissem então muitas tanto na fortaleza, como nas muralhas exteriores, ficou-se chamando Torres Novas.

Não se querendo, porém, phantasiar sobre uma epoca da historia da Luzitania tão pouco conhecida, como é a que precedeu a conquista romana, forçoso será confessar, que nada se sabe ao certo sobre a fundação de Torres Novas. Todavia não se pode duvidar da sua muita antiguidade.

Era uma terra bem fortificada sob o dominio arabe. Conquistou-a aos moiros el-rei D. Affonso Henriques no anno de 1148; porém no de 1184 veio pôr-lhe cêrco o miramolim de Marrocos á frente de um grande exercito. Deu-lhe assalto e tomou-a no dia 24 de Junho; e em seguida fez arrazar tudo, castello e povoação, partindo d'ali so-

bre Santarem, onde os nossos lhe fizeram pagar cara a barbaridade com que se houve em Torres Novas. Estando reedificada de pouco tempo, em 1190 tornou a ser sitiada pelos moiros, que a entraram por capitulação, destruindo-a novamente. Outra vez conquistada pelos portuguezes capitaneados pelo infante D. Affonso, filho primogenito de D. Sancho I, e seu successor, foi levantada das suas ruínas pelo rei D. Sancho, que repoz as fortificações no estado anterior, mandando povoar a villa. Este mesmo soberano lhe concedeu foral com eguaes privilegios aos de Thomar, que eram mui grandes.

El-rei D. Diniz doou o senhorio d'esta villa á rainha Santa Isabel, sua esposa, por occasião do seu consorcio. Possuiram-na depois alguns infantes até ao reinado de D. João II. Este monarcha deu-a a seu filho bastardo, D. Jorge de Lencastre, duque de Coimbra; e desde então conservou-se nos seus descendentes, os duques d'Aveiro, até á extinção d'esta casa em 1759, cujos bens e senhorios foram encorporados na corôa.

Em 1438, tendo fallecido el-rei D. Duarte, e succedido no throno seu filho, el-rei D. Affonso V, contando apenas cinco annos de idade, foram convocados a côrtes os tres estados do reino na Villa de Torres Novas. Entre outras providencias governativas, que ahi se determinaram, foi uma, que andassem na côrte dois prelados, cinco fidalgos, e oito cidadãos annualmente nomeados. Era uma especie de commissão permanente das côrtes para servir de conselho junto do governo nos negocios importantes do estado.

No reinado de D. João II serviu esta villa de assento á casa da supplicação, primeiro tribunal do reino, creado por D. João I. D'esta villa foram chamados a Evora os juizes d'aquelle tribunal, que sentencearam o duque de Bragança, D. Fernando II, no anno de 1483.

Torres Novas gozava do privilegio de enviar procuradores ás antigas côrtes, os quaes se sentavam no banco sexto. El-rei D. Manuel fez marquez de Torres Novas a D. João de Lencastre, que depois

foi primeiro duque d'Aveiro, e era filho de D. Jorge, duque de Coimbra. D. Philippe II de Castella elevou esta villa a cabeça de ducado em favor dos primogenitos dos duques d'Aveiro. Extincta esta casa, foi renovado o titulo de marquez de Torres Novas na pessoa de D. Alvaro Antonio de Noronha Abranches Castello Branco, setimo conde de Valladares, pelo principe regente D. João, depois rei, sexto do nome. Este titulo acabou pela morte do primeiro marquez. O senhor D. Pedro V creou visconde do mesmo titulo ao senhor Antonio Cesar de Vasconcellos Corrêa, ao presente governador geral da India.

O brasão d'armas d'esta villa é, em campo vermelho, uma torre de prata sobre terreno verde, tendo por cima das ameias um braço de guerreiro armado de uma clava de ferro.

Divide-se a villa em quatro parochias, que são : o *Salvador*, que é a matriz ; *Santa Maria*, *S. Pedro*, e *Santiago*. Tem casa de misericórdia, hospital, e varias ermidas. Teve dois conventos de frades, e um de freiras, actualmente extinctos. Este ultimo, intitulado do *Espirito Santo*, era de religiosas terceiras franciscanas, e foi fundado em 1536 por D. Branca, tia do arcebispo de Braga, D. frei Aleixo de Menezes, a qual se recolheu e professou no dito convento. Os de religiosos eram : o de *S. Gregorio*, de carmelitas calçados, edificado em 1558 por D. Jaime de Lencastre, bispo de Ceuta, filho de D. Jorge, duque de Coimbra. Este edificio está n'um sitio ameno, sobranceiro ao rocio da villa : e o de *Santo Antonio*, de arrabidos, foi fundado em 1562 por D. João de Lencastre, primeiro duque d'Aveiro, em Liteiros, a meia legua da povoação, e depois, por ser o lugar doentio, transferiu-o o duque de Aveiro, D. Alvaro, em 1591 para o sitio em que está, chamado Berlê, proximo da villa, para o lado do sul. N'esta transferencia foi-lhe mudada a antiga invocação de *Nossa Senhora do Egypto* na de *Santo Antonio*.

Torres Novas sempre foi uma povoação muito industriosa, do que dão testemunho as suas antigas

fabricas de papel, e de tecidos de algodão, e a que modernamente se organisou de tecidos de linho, por meio de acções. Esta fabrica emprega grande numero de braços ; tem aperfeiçoado os seus productos, e acha-se em estado prospero.

As cercanias de Torres Novas são bem cultivadas, e conteem alguns sitios de muita belleza e amenidade, sobretudo junto ás margens do Almonda. Nasce este rio nas saldas da serra d'Ayre, ou de Minde, entre os logares de Pedrogão Pequeno e da Zibreira, uma legua ao noroeste de Torres Novas. Rebentando por um só olho d'agua, e despeinhando-se logo por cima de rochedos, e por entre escabrosa penedia, com grande fragor, forma uma formosa cascata mui digna de ser vista. D'ali se encaminha por um valle assombrado de muito e anoso arvoredado até entrar pelo meio da villa de Torres Novas. D'aqui continua o seu curso por mais outra legua, até desaguar no Tejo defronte do logar da Azinhaga. Cortam o rio algumas pontes, sendo tres junto da villa : a *ponte do Ral*, que é a mais antiga, e dizem que a sua primeira fabrica foi obra dos romanos ; a *ponte da Levada*, que dá saída para o rocio, e para o convento do Carmo, de S. Gregorio Magno ; e a *ponte Nova*, que communica para os olivaeis, e para a estrada da Gollegã.

E' orlado o Almonda de muito arvoredado silvestre ; passa por entre grande numero de hortas e pomares, que rega, e faz trabalhar as machinas da fabrica de tecidos de linho, e muitos moinhos na villa e nos arrabaldes, para o que lhe represam as aguas muitos açudes. Por ser a sua agua melhor que a das fontes da villa, a maior parte da povoação bebe d'ella.

Os romanos, achando este rio muito semelhante ao Mondego na pureza e excellente qualidade das aguas, lhe deram o nome de *Alius Munda*, outro Mondego, pois que a este chamavam *Munda*. D'aquelle nome se derivou o de Almonda. Posto que haja quem lhe assigne outra etymologia, esta é a que nos parece melhor.

Ha nos arrabaldes de Torres Novas umas grutas,

que são das mais notaveis curiosidades geologicas de Portugal. Distam da villa meia legua, e dão o nome a uma pequena povoação, que está edificada sobre ellas chamada o *logar das Lapas*. A aldêa occupa a corôa de um oiteiro, que se acha todo minado e aberto em grutas tão altas, e tão compridas, que parecem ruas subterraneas. Em algumas partes vêem-se aberturas na sua abobada natural, por onde lhe entra luz. Mas n'outras partes são tão escuras, que não se pode andar n'ellas sem o auxilio de um archote. Em occasiões de tempestades abrigam-se ali muitas vezes os pastores com os seus rebanhos, assim como os jornaleiros; o que deu origem ao adagio mui vulgar n'aquelles sitios, que diz que — no *logar das Lapas* andam os vivos por baixo dos mortos, pois que a igreja parochial, cujo orago é Nossa Senhora da Conceição, está exactamente por cima da grutas.

E' tradição entre aquelle povo, que os moiros, durante o seu longo dominio em o nosso paiz, abriam aquellas grutas para extrahir d'ali a pedra com que fabricaram as fortificações de Torres Novas. Se porventura são o resultado do artificio humano, tambem é possivel, que datem de tempos mais remotos, e que tivessem por autores os romanos, ou os phenicios. N'esta hypothese devem ser as galerias de alguma mina por elles explorada. Entretanto algumas pessoas intelligentes, que teem visitado estas grutas, inclinam-se mais a que sejam naturaes.

Nos primeiros tempos da monarchia achou-se em uma d'estas grutas, mettida em uma cavidade a uns vinte e cinco palmos de altura do pavimento, uma pequena imagem de Nossa Senhora, que attrahindo grande devoção dos povos d'aquellas visinhanças, estes lhe edificaram em logar próximo uma boa igreja, onde a collocaram, com a invocação de Nossa Senhora da Graça. Como a villa de Torres Novas foi por vezes tomada e possuida alternadamente pelos christãos e pelos moiros, é provavel que em algum d'estes conflictos os christãos procurassem salvar a sagrada imagem das profanações musulmanas, escondendo-a n'aquelle logar tão occulto; e que de-

pois ou perdessem a idéa do sitio, ou que fossem victimas da ferocidade dos seus inimigos.

O termo de Torres Novas tem bons terrenos, muitas quintas importantes, e variada producção. E' abundante de cereaes, legumes, fructas, vinho, e azeite. Estes dois ultimos productos, juntamente com algumas fructas seccas, e aguardente, são os principaes generos agricolas que exporta. Tem alguma criação de gado. Caça não falta, e de peixe d'agua doce vem muito á villa tanto do Almonda, como do Tejo.

Torres Novas encerra uns quatro mil e trezentos habitantes. Faz-se ahi uma feira annual a 12 de Março, mui concorrida, e de bastante commercio.

Foram naturaes d'esta villa o doutor *Antonio Pimenta*, um dos nossos melhores mathematicos do seculo xvii, lente da universidade de Coimbra, e autor de numerosas obras; e *frei Arsenio da Ascenção*, doutor em direito, e theologia, frade dominico, e provincial da ordem em Roma, prégador de Fernando ii, grã-duque de Florença, e seu conselheiro, medianeiro da composição entre este principe e o papa Urbano viii, e fundador do convento de Santo Agostinho, de dominicos, em Florença no anno de 1636.

A VILLA DE TORRES VEDRAS.

Esta muito antiga villa da provincia da Estremadura, districto administrativo de Lisboa, dista da capital sete leguas para o norte, e duas da costa do oceano. A sua situação é mui aprazivel e formosa. Figurae uma vasta bacia, cujo fundo, perfeitamente plano, não tenha menos de meia legua de circumferencia. Formae-lhe as bordas de altos montes, tão unidos, que apenas deixem entre si estreita passagem ao rio Sisandro, e, entre outras, ás estradas de Runa e de Lisboa. Quasi no meio d'este valle circular levanta um monte de forma conica, muito menos elevado do que os outros, que orlam o valle, e por tal modo isolado, que nem por leves ondulações de terreno se mostre ligado áquelles. Coroa este monte com um velho castello em ruinas, cingindo-o a meia altura com uma cêrca de muros arruinados; e nas faldas d'elle collocae a villa de Torres Vedras, parte subindo um pouco pela encosta, que olha para o sul, e parte, a mais principal, sentada em planicie, e torneando-lhe a raiz por todos os lados, menos pelo norte. Orlando de arvores as margens do Sisandro, e algumas das estradas, que saem da villa, afora dois passeios, que a ennobrecem; povoando todo o valle de vinhas, hortas, pomares, e prados, e cortando-o com um aqueducto, que traz agua á villa sobre uma dupla arcada; ornando as quebradas dos montes de alem com humildes casaes, e alguns arvoredos; e finalmente rematando a mais alta das suas eminencias com o grande forte de S. Vicente; ficará com pleto o quadro d'aquella linda e pittoresca bacia.

Debalde teem pretendido os antiquarios descobrir a origem de Torres Vedras. Essa memoria gastou-a o tempo, e de tal sorte, que nenhum vestigio nos deixou d'ella. Não resta porém duvida sobre a sua muita antiguidade; pois que quatro lapidas com inscrições latinas, achadas nas suas vi-

sinhanças, provam que no tempo do dominio romano já ali existia uma povoação (*).

Ignora-se qual fosse o seu nome n'esta epoca. Destruido, porém, o imperio romano pelos povos do norte, e avassallada por estes a Lusitania, começaram os suevos, ou os godos, a denominar aquella povoação, no seu barbaro latim, *Turres Veteres*, Torres Velhas, para differença da villa já existente de Torres Novas. D'aquelle latim corrupto se derivou o nome de Torres Vedras.

A sua historia sob o governo dos godos, e dos arabes ficou tambem em completo mysterio. Apenas podemos suppôr, que n'esse tempo já era uma terra importante, pela circumstancia de ser fortificada, o que bem se deprehende do seu proprio nome, e por alguns vestigios, que os moiros ahi deixaram.

Pelos annos de 1148, rendidas Santarem e Lisboa á espada victoriosa de D. Affonso Henriques, cuidou este soberano de expulsar os moiros de toda esta parte da Estremadura, comprehendida entre o Tejo e o oceano. Torres Vedras caiu, pòis, em poder do conquistador; mas como lhe disputou a entrada com tenaz resistencia, ficou um montão de ruinas, e os seus moradores ou succumbiram ao ferro dos christãos, ou buscaram a salvação na fuga.

Tratou logo depois D. Affonso Henriques de mandar reparar os edificios, e povoar a villa, concedendo-lhe para este fim muitos privilegios. Todavia o seu primeiro foral em forma, de que ha noticia, foi-lhe dado por el-rei D. Affonso III em Evora aos 15 d'Agosto de 1228. El-rei D. Manuel, que se applicou á reforma dos foraes do reino, reformou aquelle estando em Santarem em o 1.º de Junho de 1510.

(*) D'estas lapidas conservam-se tres : duas na quinta chamada da *Rainha*, na freguezia da Carvoeira: a outra na parede exterior da egreja parochial de Matacães, ao lado da porta travessa.

D. Affonso III e a rainha D. Beatriz, sua mulher, residiram por vezes em Torres Vedras n'uns paços, que então havia proximo do castello, e de que não existem signaes. N'esses paços fundou a mesma rainha uma capella real, que ainda ali permanecia no reinado d'el-rei D. Manuel, que a mandou remover para o convento da Graça.

El-rei D. Diniz, D. Affonso IV, e D. Fernando I, tambem por vezes tiveram a sua côrte n'esta villa. D. João I ahi convocou os seus conselhos em 1413 para decidir-se sobre o projecto da conquista de Ceuta. E o infante D. Pedro, duque de Coimbra, regente do reino na menoridade de seu sobrinho, el-rei D. Affonso V, reuniu côrtes na mesma villa em 1441 para se resolver a questão do casamento d'el-rei com sua prima, a infanta D. Isabel, filha do regente.

No anno de 1493 presenciou Torres Vedras uma grande solemnidade. Tendo ido passar tres mezes n'esta villa el-rei D. João II, n'ella recebeu com muita pompa uma embaixada portadora de um rico presente, que lhe enviou el-rei de Napoles. Tambem por este tempo ahi deu audiencia a mr. de Leon, que vinha offerecer-se para o servir com trezentas lanças nas guerras d'Africa.

Passados tres annos, tendo succedido no throno el-rei D. Manuel, e achando-se em Torres Vedras, no mez de Setembro, ahi celebrou duas funcções magnificas de bem diverso genero: umas apparatusas exequias pelo seu successor, e a recepção solemne de um embaixador da poderosa republica de Veneza, ao qual o mesmo monarcha fez a honra de armar cavalleiro, assistido de toda a sua côrte.

Voltou el-rei D. Manuel a Torres Vedras em 1497 e 1518, e D. João III, seu filho, ahi foi passar alguns dias em 1525, elevando por esta occasião a villa a cabeça de comarca.

Quando se effeituou a revolução do 1.º de Dezembro de 1640, foi aquella villa uma das primeiras povoações da Estremadura, que secundaram os patrioticos esforços da capital. Em Agosto de 1652

recebeu com extraordinarias festas e demonstrações de alegria a el-rei D. João iv, no seu regresso de Peniche. Este soberano demorou-se tres dias em Torres Vedras, e estando já de todo arruinados os paços velhos e os novos, hospedou-se nas casas do prior de S. Pedro, contiguas á mesma egreja.

Honraram tambem esta villa com a sua visita os reis D. João v, D. José i, D. Maria i e D. Pedro iii com toda a real familia; o principe regente D. João, por duas vezes, em 1797 e em 1806; a rainha, senhora D. Maria ii, e seu esposo, el-rei D. Fernando, o senhor D. Pedro v e a rainha senhora D. Estephania; e o principe Jorge de Inglaterra, duque de Cambridge.

As invasões francezas do começo d'este seculo deram celebridade em toda a Europa ás linhas de defesa de Torres Vedras. Na terceira e ultima tentativa de Napoleão i para se apoderar de Portugal, vieram murchar-se junto áquellas linhas os loiros do marechal Massena e do seu formidavel exercito. O inimigo apresentou-se ali aos 7 de Outubro de 1810, e sem ousar correr a sorte das armas, começou a sua retirada sobre Santarem no dia 14 do seguinte mez de Novembro, onde se conservou inactivo até Março de 1811, em que se viu forçado a abandonar esta posição estrategica.

Na historia moderna das nossas revoluções tambem esta villa adquiriu uma triste celebridade. Em Novembro de 1846 foi theatro de uma batalha sanguinolenta entre as tropas commandadas pelo marechal do exercito, duque de Saldanha, que alcançou a victoria, e as forças revoltosas do commando do tenente general, conde do Bomfim. Entre as victimas d'este deploravel conflicto perdeu Portugal uma das suas maiores illustrações, o sabio ex-ministro Luiz da Silva Mousinho d'Albuquerque.

Pertenceu o senhorio de Torres Vedras a algumas das nossas rainhas e infantas. A primeira que o possuiu foi a rainha D. Beatriz, mulher de D. Affonso iii; e depois d'ella as rainhas Santa Isabel, esposa d'el-rei D. Diniz; D. Leonor Telles de Menezes,

mulher d'el-rei D. Fernando ; D. Filippa de Lencaestre, mulher de D. João I ; D. Leonor, esposa de el-rei D. Duarte ; D. Leonor, mulher de D. João II ; D. Isabel e D. Maria, primeira e segunda mulher d'el-rei D. Manuel. Foram tambem senhoras d'aquella villa as infantas D. Isabel, filha de D. João I, duquesa de Borgonha ; D. Isabel e D. Maria, filhas d'el-rei D. Manuel ; e uma filha bastarda, mas legitimada, de D. João IV, chamada D. Maria, que viveu recolhida no convento das freiras de Carnide.

El-rei D. Fernando, antes de fazer doação d'este senhorio a D. Leonor Telles, deu-o a um fidalgo hespanhol, por nome João Affonso da Moxica. El-rei D. Affonso V doou-o ao arcebispo de Braga D. Fernando, que foi regedor da casa da supplicação.

A alcaidaria-mór de Torres Vedras, depois de ter pertencido a diversas pessoas, foi dada por D. Affonso V a D. João d'Alarcão, e seus successores, por este ter casado com a filha herdeira de Gomes Soares de Mello, reposteiro-mór, cujos serviços aquelle monarcha recompensou d'este modo. Por occasião da restauração de 1640, tendo o representante d'esta familia, D. João Soares d'Alarcão e Mello, seguido o partido de Hespanha, foi despojado de todos os seus bens e honras, e a alcaidaria-mór de Torres Vedras passou para a familia dos Camaras Coutinhos, da qual é chefe ao presente o senhor D. Gastão da Camara Coutinho Pereira de Sande, primeiro conde da Taipa.

D. Antonio, prior do Crato, quando se fez acclamar rei de Portugal pela morte de seu tio, o cardeal rei D. Henrique, nomeou conde de Torres Vedras a Manuel da Silva, seu parcial. D. Filippe IV de Hespanha tambem recompensou a adhesão que lhe tinha o acima referido D. João Soares de Alarcão e Mello, creando-o conde do mesmo titulo, e depois marquez do Trocical. Finalmente o principe regente, D. João, galardoou os serviços de Arthur Wellesley, mais tarde duque de Wellington, e então commandante em chefe dos exerci-

tos alliados anglo-lusos, na defesa das linhas de Torres Vedras, elevando-o de conde do Vimeiro, com que o tinha agraciado alguns mezes antes, a marquez de Torres Vedras por decreto de 17 de Dezembro de 1811, e no seguinte a duque de Victoria. Seu filho primogenito é actualmente segundo marquez do mesmo titulo.

Tinha esta villa representação em as nossas antigas côrtes, com assento no banco setimo. O seu brasão d'armas é um castello de oiro com tres torres em campo verde.

Foi cercada outr'ora esta villa de muralhas com suas torres e tres portas, denominadas, de *Santa Anna*, da *Varzea*, e da *Corredoira*. A primeira foi demolida em 1641 para desafrontar e augmentar o *largo da Graça*. A segunda demoliu-se em 1734 por occasião de se fazer a estrada nova d'esta villa para Mafra, em cujas obras se empregou a pedra. A terceira desapareceu mais anteriormente. D'estas portas ficaram os seus nomes aos bairros em que estavam situadas. Das muralhas, quasi inteiramente subterradas ou derrocadas, apenas se divisam alguns vestigios, servindo de alicerces a outros edificios.

São tres as egrejas parochiaes: a matriz, que tendo por orago a Nossa Senhora da Assumpção, é conhecida pelo nome popular de *Santa Maria do Castello*, por estar edificada dentro da sua primeira cêrca de muros: *S. Pedro*, e *Santiago*, situadas no coração da villa. Tinha outra, intitulada *S. Miguel*, que se acha no arrabalde, entre o monte do castello, e o rio Sisandro, a qual acaba de ser suprimida.

A fundação da igreja e hospital da misericórdia data de 1520. Aquella é um templo de regular grandeza, e cuja sacristia é digna de menção especial. O hospital é bem dotado e servido. Substituiu o antigo hospital do *Santo Espirito*, em cujas casas se estabeleceu, e cujos rendimentos foram encorporados na misericórdia. Depois, fazendo a mesma confraria aquisição de uma casa nobre, que estava con-

tigua á sua egreja, para ahi transferiu o hospital.

A rainha D. Leonor, mulher d'el-rei D. Duarte, instituiu n'esta villa sete mercearias para donzellas ou viuvas pobres e honestas.

Além d'estes estabelecimentos pios, teve Torres Vedras em outros tempos mais dois hospitaes, o dos *Gafes*, intitulado de Santo André, cujo edificio se demoliu em 1544 para ahi se construir o convento da Graça, ao qual se annexaram os seus bens; e o de S. *Gião*, que foi extincto, passando as suas rendas para a misericordia, bem como as da confraria chamada das *Ovelhas*.

Contam-se muitas ermidas dentro e fora da villa; e teve o convento de Nossa Senhora da Graça, de eremitas calçados de Santo Agostinho, fundado primitivamente em 1266 em frente da parochia de Santiago, e transferido em 1544 para um larog á saída da villa, sobre a estrada de Lisboa. Foram n'elle prelados, S. Gonçalo de Lagos, que a camara tomou para patrono da villa, e D. frei Aleixo de Menezes, ao diante arcebispo de Goa, e depois de Braga. O edificio do convento é hoje propriedade particular. A egreja foi entregue á irmandade do Senhor dos Passos, que n'ella conserva o culto divino com decencia.

Torres Vedras é mais bella vista de longe, que de perto. As suas ruas são, em geral, muito estreitas, tortuosas, pouco limpas, e guarnecidas de casas de tres e mais andares, que as fazem humidas e taciturnas. Só tem uma que seja direita e bem larga. Chama-se *rua das Olarias*, e começa junto ao largo da Graça, que é a melhor praça da villa. Os outros largos são pequenos. Quanto a casas nenhuma possui, que mereça mencionar-se; todavia algumas tem grandes e de prospecto regular. A da camara na praça do Pelourinho nada tem de notavel.

Os seus principaes monumentos são: o castello, o aqueducto, e o chafariz dos *Cannos*.

O castello apenas offerece o interesse da antiguidade. Corôa, como acima dissemos, o alto do

monte, ficando a meia altura d'elle a cêrca exterior de muros, com uma unica porta, que ainda existe de pé. Ignora-se a epoca da sua fundação. Consta porém que o reparou el-rei D. Fernando, e mais tarde el-rei D. Manuel, pois que sobre aquella porta se vê a sua divisa apar do escudo das armas reaes.

No recinto do castello avultam as paredes de um amplo edificio, que mostram a divisão das salas, que encerrava. Segundo a tradição, e conforme refere a Monarchia Lusitana, residiu ali alguma das nossas primeiras rainhas. Serviu largos annos de habitação aos alcaides-môres do castello, um dos quaes o reedificou no seculo xvii. Foi este o seu nono alcaide-mór, D. João Soares d'Alarcão, de quem já nos occupámos n'outro logar.

A ruina d'este edificio, e do castello foi causada pelo terremoto de 1755.

Tinha o castello dentro de seus muros tres cisternas, e um caminho subterraneo, por onde se descia á margem do Sisandro.

O aqueducto foi principiado em 1657. Tem de extensão um quarto de legua, e corre em metade d'esta distancia por baixo da terra, e pela outra sobre arcos dobrados, ou singelos. Os dois maiores, que são contiguos e bastante altos, atravessam o rio, e a estrada real que conduz de Torres Vedras a Alhandra.

O *chafariz dos Cannos* reúne o interesse artistico ao da antiguidade. E' de architectura gothica, e tem a forma de um pavilhão semicircular com cinco faces, divididas por columnas, que vão sustentar o entablamento, que é guarnecido de ameias com suas esculpturas, e pyramides mais elevadas, que correspondem ás columnas. Em cada uma das faces se abre um arco ou portico ogival, ornado de seis columnas, tres de cada lado. Debaixo do pavilhão, que é coberto de abobada, está a fonte, lançando agua por duas bicas n'um pequenc tanque, d'onde passa para outro tanque collocado inferiormente, e que toma toda a frente do pavilhão. Este ultimo

é grande, e de construcção moderna. Serve para uso dos animaes.

E' construido todo este chafariz de cantaria bem lavrada. Tem uma inscripção, que diz o mandara fazer uma infanta portugueza no anno de 1561. Posto que não declara o nome da fundadora, não pode ser outra senão a infanta D. Maria, filha de el-rei D. Manuel e da rainha D. Leonor, sua terceira mulher. Aquella infanta foi senhora da villa de Torres Vedras, como dissemos n'outro lugar; e além d'isso n'aquella data era a unica infanta, que havia em Portugal.

Entretanto temos alguma duvida em acreditar, que esta obra fosse feita no anno referido na inscripção. Reinava n'esse tempo D. Sebastião, e é sabido que no reinado antecedente, de D. João III, acabou o emprego da architectura gothica em o nosso paiz, introduzindo-se o gosto da architectura classica, tambem chamada do renascimento das artes. Foi tão applaudida a innovação, e desde logo caiu a architectura gothica em tanto desagrado, que não só cessou a construcção de novos edificios gothicos, mas até nos que estavam em obras, como o mosteiro de Belem, abandonou-se o risco até ali seguido, para se concluir a edificação segundo as regras da nova architectura. Julgamos pois que a fundação do chafariz é muito anterior ao anno, que lhe assignala a inscripção, que certamente foi ali collocada muito posteriormente.

A' saida da villa pela estrada de Lisboa está outro chafariz tambem antigo, porém mesquinho. Tem a data de 1529, e vêem-se n'elle as armas reaes e as da villa, esculpidas em pedra.

Dos antigos paços reaes chamados *velhos* não ha vestigios. Apenas se sabe que ficavam perto do castello, no bairro denominado de *Carcavellos* para a parte do sul. Dos outros, por opposição áquelles, designados pelo nome de *novos*, existem pequenos restos no lugar, onde hoje está o açougue.

Possue Torres Vedras um theatro, e dois passeios publicos, agradavelmente situados. O *passeio do Jar-*

dim, que tomou este nome de uma fonte, que n'elle ha, estende-se n'uma planicie, fora da villa, entre os montes do castello e de S. Vicente. Tem bom arvoredor, plantado em 1821. Em 1810, por occasião da segunda invasão franceza, cortaram o antigo bosque, que ali havia. Proximo d'este passeio corre o Sisandro. O *passeio da Varzea* fica n'outra extremidade da villa. Foi plantado modernamente.

Até 1810 todas as estradas, que saíam da villa, eram outros tantos passeios, assombrados por frondoso arvoredor, que teve a mesma sorte que o do passeio do Jardim. Passados annos fez-se nova plantação, do qual poucas arvores existem.

Tres pontes cortam em torno da villa o rio Sisandro: a de *Rei*, por onde vae a bella estrada macdamisada, que passa por baixo do aqueducto, e conduz aos logares de Runa, Dois Portos, e Ribaldeira, e ás villas do Sobral de Monte Agraço, Arruda, e Alhandra: a da *Mentira*, que serve de transito para os logares situados ao norte, e para a villa d'Obidos: e a de *S. Miguel*, por onde se vae para os logares do occidente, costa do oceano e seus portos. Os suburbios d'esta villa teem muitos sitios e monumentos dignos de menção.

As famosas linhas de Torres Vedras começavam junto ao Tejo, e sobranceiras á villa d'Alhandra, d'onde seguiam por uma cordilheira de montes até á villa d'Arruda, d'ali até ao Sobral, d'esta villa até Torres Vedras, e d'aqui iam finalizar proximo da costa do oceano. Contavam estas linhas em toda a sua extensão setenta e tres reductos, cujos fogos se cruzavam. Os principaes fortes eram o de S. Vicente, junto á villa de Torres Vedras, e o do Sobral. O forte de S. Vicente compõe-se de tres reductos, com sessenta e cinco canhoneiras, è capacidade para accommodar quatro mil homens. Foi mui bem construido, e com os reparos, que ha pouco se lhe fizeram, acha-se em soffrivel estado de conservação. Goza-se d'elle um ponto de vista admiravel.

A um quarto de legua da villa está situado o ce-

lebre *convento de Santo Antonio do Varatojo*, da extincta congregação de missionarios apostolicos. Acha-se edificado em terreno elevado, mas apesar d'isso escondido entre montes. E' uma pobre e acanhada construcção, tal como a pediam a pobreza e austeridade de vida dos seus moradores. Tem junto a si o logar do Varatojo, pequena e miseravel povoação.

Fundou este convento el-rei D. Affonso v, em uma quinta que ahi possuia, no anno de 1470, qaando, desvanecidos todos os sonhos da sua ambição, desilludido da idéa de reinar em Castella, constrangido a separar-se de sua segunda mulher, D. Joanna de Castella, a *excellente senhora*, sua sobrinha, pensou em renunciar a todas as grandezas do mundo, e ir esconder as suas tristezas e desganhos entre as solidões e penitencias do Varatojo.

D. Affonso v não teve bastante força d'alma para trocar a purpura real pelo burel, mas fez erigir o convento no meio das asperezas dos montes, entregou-o aos religiosos observantes de S. Francisco, e aprazia-se em visital-o a miudo.

Passados vinte e um annos, el-rei D. João II e sua esposa, a rainha D. Leonor, feridos nas suas mais caras affeições pela tragica morte de seu unico filho, o principe D. Affonso, foram encerrar-se por alguns dias sob as santas abobadas do Varatojo, para dar livre desafoço ás suas lagrimas, e buscar conforto entre os exercicios de piedade.

Em 1680, um peccador, que se acolhera contricto á religião serafica, e que ahi se transformara n'um varão eminente em virtudes, erudição, e eloquencia, instituiu, no convento do Varatojo, a congregação dos missionarios apostolicos, precedendo bulla pontificia, beneplacito regio, e consentimento da ordem de S. Francisco. O instituidor chamava-se frei Antonio das Chagas.

Em 1715, D. Gaspar de Moscoso, irmão do marquez de Gouvêa, e valido d'el-rei D. João v, desprendendo-se de tantos laços doirados com que o mundo o ligava e seduzia, foi mudar n'aquella aus-

tera mansão o illustre appellido da sua familia no humilde nome de frei Gaspar da Encarnação. O seu real amigo duas vezes foi de proposito ao Varatojo para o visitar durante o seu noviciado, e em Junho do seguinte anno foi honrar-lhe o acto da profissão com a sua presença, e com o esplendor da sua côrte.

A egreja é pequena, de modesta architectura, e acha-se despojada dos poucos objectos d'arte notaveis, que outr'ora continha. No angulo externo do côro ainda se conserva uma janella, d'onde D. Afonso v, segundo refere a tradição, costumava falar e dar audiencia ao povo, quando ali se achava. A cêrca do convento tem uma formosa matta, e n'ella um sobreiro, que era uma das mais annosas e corpulentas arvores da Estremadura antes de ser fendido por uma tempestade, não ha muitos annos. N'este sobreiro foi achada em tempos antigos uma imagem da Virgem, que se venera com a invocação de *Nossa Senhora do Sobreiro* em uma capella mandada construir por um devoto em frente da porta da egreja. Em uma grande cavidade do tronco principal do sobreiro está um altar de pedra e cal, onde em tempo dos missionarios se celebrava festa solemne no anniversario do apparecimento da Senhora. No alto da cêrca ha uma capella, d'onde se goza um vasto panorama de terras e mar. O convento e cêrca pertencem hoje a um egresso da mesma congregação.

Distante de Torres Vedras quasi meia legua para o sul está o *convento do Barro*, junto ao lugar d'este nome. Fundou-o a infanta D. Maria, filha de el-rei D. Manuel pelos annos de 1370. Pertenceu aos frades arrabidos, e a sua egreja é dedicada a Nossa Senhora dos Anjos. Na cêrca do convento ha uma frondosa matta. Actualmente é tudo propriedade particular.

A legua e meia da villa, sobre a costa do oceano, está o antiquissimo convento de Pena Firme, da invocação de Nossa Senhora da Assumpção, fundado em 1226, e que foi habitado por frades agostinhos

calçados. Pretendem os chronistas d'esta ordem, que a primeira fundação d'este convento se deve ao eremita alemão Santo Ancirado no anno de 850, e que o habitara e reedificara S. Guilherme, duque d'Aquitania, quando viera em peregrinação a Santiago de Galliza.

Proximo da villa, e contiguo á estrada que vae para Runa, ha uns banhos de caldas, chamados dos *Cucos*, de grande proveito para certas enfermidades. A nascente está tão perto do leito do Sisandro, que é coberta pelas aguas d'este rio, apenas a sua corrente engrossa um pouco. Ha annos foram melhoradas as casas dos banhos, o que lhes attrahiu concurrencia.

Continuando por aquella estrada, encontra-se junto ao lugar de Runa, e a uma legua de distancia de Torres Vedras, o magnifico *Asylo dos invalidos militares*, fundado e dotado pela virtuosa princeza do Brazil, viuva, D. Maria Francisca Benedicta, irmã da rainha D. Maria I. Começou-se esta obra grandiosa em 1792, e em consequencia da partida da familia real para o Brazil, e das invasões francezas nos principios do seculo seguinte, só veio a concluir-se em 1827. A inauguração effeituou-se no dia 25 de Julho, em que a augusta fundadora, que presidiu a todos os actos d'esta solemnidade, completava oitenta e um annos. Forma este edificio um grande quadrado com tres andares, e dois amplos pateos, tendo no centro a egreja. Metade é destinado para o asylo, e a outra metade é palacio real. A egreja é toda ornada de bellos marmores, extrahidos de uma pedreira visinha do edificio; e possui ricas alfaias, e vasos sagrados. A custodia, sobretudo, de oiro, e ornada de pedras preciosas, é uma peça riquissima, de muito primor artistico, e de singular feitio. O desenho d'ella foi obra da propria princeza. Despendeu a fundadora só na construção do edificio mais de seiscentos contos de réis. Para este estabelecimento pio concorre presentemente sua magestade a imperatriz viuva do Brazil, du-

queza de Bragança com o donativo annual de dois contos de réis.

Entre Runa e Torres, ao lado da estrada que communica estas duas povoações, ha uma curiosidade natural, que merece ver-se. E' uma gruta aberta n'uma rocha coroadada de arvoredos, e por toda a parte verdejante. Pela amenidade do sitio em que se acha, visitava-a frequentes vezes a princeza D. Maria Francisca Benedicta, quando residia em Runa, e gostava de ir ali tomar alguma refeição. Por este motivo ficou-lhe o nome de *gruta da princeza*. N'essa epoca fecharam-lhe a entrada com uma porta de grades.

Contem os arrabaldes e termo de Torres Vedras muitas quintas importantes com bellas habitações. Mencionaremos só uma, que pela sua magnificencia podia aspirar ás honras de residencia real. E' a formosa *quinta das Lapas*, dos senhores marqueses de Penalva, a tres quartos de legua da villa.

O rio Sisandro tem o seu nascimento n'uma fonte, que lhe dá o nome, e que rebenta junto do logar da Sapataria. A sua foz é na costa do oceano, a pouca distancia do logar da Assenta. Tão pobre no verão, que chega a perder a corrente, é poderoso e arrebatado no inverno pelas muitas aguas, que recebe dos montes visinhos, e de varias ribeiras.

As cercanias de Torres Vedras são fertilissimas, bem como todo o concelho. Produzem muito vinho, que é o ramo principal da sua cultura, cereaes, legumes, azeite, muitas e excellentes frutas, e abundam em pinhaes e outras mattas silvestres, onde se encontra bastante caça. Tambem tem creação de gado, principalmente ovelhum e cabrum.

A população da villa excede a tres mil habitantes, que se empregam na agricultura, no commercio, e nas pequenas industrias manufactoras.

Foram naturaes d'esta villa, entre outras pessoas notaveis, *D. Garcia Froyas*, mãe do conde de Barcellos, *D. Pedro*, filho natural d'el-rei D. Diniz, e autor do celebre Nobiliario; a *infanta D. Leo-*

nor, imperatriz d'Alemanha, mulher de Frederico III, e filha d'el-rei D. Duarte, e da rainha D. Leonor ; *D. João Soares d'Alarcão*, conde de Torres Vedras, e marquez do Trocifal ; *D. Manuel da Silva Francez*, bispo de Tagaste, provisor e coadjutor do arcebispo de Lisboa D. João de Sousa ; *D. frei Eugenio Trigueiros*, bispo de Macau, e arcebispo eleito de Goa ; e o *padre Manuel Agostinho Madeira Torres*, prior da egreja de Santa Maria do Castello, presidente das côrtes em 1821, socio da academia real das sciencias de Lisboa, e autor de uma memoria historica e economica sobre a villa de Torres Vedras e seu termo, que a mesma academia publicou nas suas obras, a qual nos serviu de guia em muitas das noticias, que damos n'este artigo.

A VILLA DE TRANCOSO.

No districto administrativo da Guarda, cinco leguas ao norte da cidade d'este nome, e sobre a estrada que conduz para Lamego, está a villa de Trancoso, edificada n'uma planicie desaffrontada, e lavada dos ventos por todos os lados. O terreno apenas se levanta suavemente para um dos extremos da povoação, formando um pequeno oiteiro, que serve de base ao castello.

O padre Carvalho diz na sua *Corographia*, que foi esta villa fundada por Tarracon, rei da Ethiopia e do Egypto, quando aportou em Hespanha pelos annos de 730 antes da vinda de Christo, chamando-lhe *Taracon*, corrupto hoje em Trancoso. Accrescenta, que floreceu opulenta no seculo decimo; que no anno de 1038 a conquistou aos moiros el-rei D. Fernando, o Magno, de Castella; que pelos annos de 1131 veio sobre seus muros com potente exercito Albucaran, rei moiro de Badajoz, pondo-lhe apertado cêrco, do qual se defenderam os moradores da villa com esforçado valor até chegar a soccorrel-os D. Affonso Henriques.

Mas apesar de todas estas noticias, devemos confessar, que nada se sabe ao certo sobre a fundação de Trancoso, nem ácerca da sua historia até ser tomada por D. Affonso Henriques. A propria data d'este successo é duvidosa. Segundo alguns autores é a de 1122, conforme outros a de 1131. A Monarchia Lusitana segue esta ultima, referindo que o regulo Albucaran se assenhoreara de Trancoso, e ahi exercera muitas crueldades, antes que chegasse do Minho em soccorro dos sitiados o infante D. Affonso Henriques, ao qual coube, todavia, a gloria de dar batalha e vencer os moiros, resgatando a villa para a fé catholica.

O seu primeiro foral, que se acha sem data no livro dos foraes velhos da Torre do Tombo, foi-lhe dado pelo fundador da monarchia. Depois confir-

mou-o el-rei D. Affonso II no anno de 1217, estando em Trancoso.

A 24 de Junho de 1282 celebrou-se n'esta villa com muito luzimento o consorcio d'el-rei D. Diniz com a princeza D. Isabel d'Aragão, que hoje veneramos como santa. No dia 22, em que se viram pela primeira vez, aquelle soberano fez doação á sua futura esposa, como prenda de noivado, do senhorio d'esta villa.

Durante a guerra da independencia de Portugal, nos fins do seculo XIV, ganharam as armas portuguezas uma assignalada victoria contra os castelhanos proximo dos muros de Trancoso. O inimigo, ufano com a tomada de Vizeu, e carregado de immensos e valiosos despojos, que tirara d'esta cidade, apresentou-se diante da villa de Trancoso no dia 25 d'Abril de 1385. Gonçalo Vasques Coutinho, que então governava o castello de Trancoso, não obstante as poucas tropas de que podia dispôr, e a superioridade numerica dos castelhanos, sae ao encontro do inimigo, e ao cabo de quasi todo um dia de renhido combate, vence e desbarata completamente os invasores, fazendo-lhes grande numero de prisioneiros, e apoderando-se de toda a sua bagagem.

El-rei D. João III deu o titulo de duque de Trancoso ao infante D. Fernando, seu irmão. El-rei D. João VI, sendo principe regente, fez conde da mesma villa ao marechal sir G. C. Beresford, a quem havia confiado o commando em chefe do exercito portuguez, e ao qual elevou posteriormente ao titulo de marquez de Campo Maior.

Gozava esta villa no antigo regimen de voto em côrtes, com assento no banco oitavo.

O seu brasão d'armas, tal como se acha desenhado na Torre do Tombo, é um castello de prata sobre um oiteiro, e em campo verde, tendo por cima uma aguia de oiro, levantando o vôo.

Vemos, porém, em varias obras descripto este brasão por differentes modos. N'umas accrescenta-se ao que dissemos uma estrella. N'outras augmen-

tam-lhe ainda o escudo das armas reaes, collocado sobre o castello, ficando-lhe de um lado a aguia, e do outro a estrella. Os escriptores que o descrevem d'esta maneira, dizem que el-rei D. Diniz é que lhe accrescentara o escudo das armas reaes em memoria da celebração do seu casamento.

Tem esta villa a configuração circular, com uma praça no centro. Não sabemos quem lhe mandou fazer as muralhas e o castello, nem qual seja o seu estado de conservação actualmente. No seculo passado existia tudo de pé. As muralhas tinham de circumferencia mil e duzentos passos, e eram guardadas com quinze torres, entre as quaes se abriam as quatro portas chamadas d'*Elrei*, do *Prado*, de *S. João*, e do *Carvalho*, e mais tres postigos. O castello, que dizem ter de circuito trezentos passos, compõe-se de cinco torres, ligadas por fortes muros com ameias, e de uma grande torre de menagem no centro, muito mais elevada que as outras.

São quatro as parochias dentro da villa: *Santa Maria de Guimarães*, de que eram padroeiros os condes de Povolide; *Santiago*, *S. Pedro*, e *S. João*. Tem egreja da misericordia, e hospital; e na praça o convento de *Santa Clara*, ainda habitado por freiras franciscanas, e fundado por Christovão Mendes de Carvalho no anno de 1539 com a invocação de Nossa Senhora do Sepulchro.

Da parte de fora dos muros, em um grande campo povoado de arvoredos, está o edificio do extincto convento de Santo Antonio, que foi de religiosos franciscanos, fundado em 1569. No sitio agora occupado pelo convento existiram os paços, onde se effeituou a cerimonia do casamento d'el-rei D. Diniz com a rainha Santa Isabel, os quaes foram construidos expressamente para esta solemnidade. Em commemoração d'este successo fundou-se ali a ermida de S. Bartholomeu. Os paços reaes transformaram-se depois n'aquelle convento.

No meio da villa ergue-se uma elevada torre, onde está o relógio. Abastecem a povoação de excellente agua, que se recommenda no verão pela sua

muita frialdade, cinco fontes. Uma d'estas, que fica fora dos muros, e visinha do convento de Santo Antonio, dà origem ao rio Tavora, que, engrossado com outras fontes e regatos, atravessa toda aquella parte da Beira, correndo para o norte, até se lançar no Douro, perto da villa de Tavora.

Fresca no verão, mas frigidissima no inverno, a villa de Trancoso é terra muito sadia, e abundante dos generos mais necessarios á vida. Conterá uns mil e trezentos habitantes. A 24 d'Agosto tem a sua feira annual, de tres dias.

Os suburbios da villa são amenos e bem cultivados. Pelas margens do Tavora estendem-se bellas campinas. O termo é muito fertil, pois o regam muitas fontes e ribeiras. Cria-se n'elle bastante gado, e produz alguns cereaes, com especialidade milho e centeio, legumes, algum vinho e azeite, e variedade de frutas, em que entram as castanhas.

Proximo do logar da Aldêa Nova, pertencente ao termo, ha uma fonte d'aguas sulphureas, chamada *Fonte do Peião*. Sae d'ella tanta copia d'agua, e esta tão quente, que, se fôra n'outro paiz, já ha muito que ahi haveria um bom estabelecimento de excellentes banhos de caldas.

Nas serras d'este termo encontra-se bastante caça. O rio Tavora apenas fornece a villa de Trancoso de alguns barbos, e outros peixes miudos. Porém, apezar da sua distancia da costa do oceano, ainda recebe esta villa algum pescado do mar.

Foram naturaes d'esta villa Gonçalo Annes Bandalra, sapateiro, autor das celebres prophcias sebastianistas; e Affonso de Lucena, secretario da duqueza de Bragança, D. Catharina, que escreveu varias obras, sendo a mais notavel uma justificação dos direitos d'esta senhora á successão da corôa de Portugal, apresentada ao cardeal rei D. Henrique.

A VILLA E PRAÇA DE VALENÇA.

Ergue-se esta villa e praça de guerra sobre terreno bastante elevado junto da margem esquerda do rio Minho, e quatro leguas distante da sua foz. Tem defronte, na distancia de um tiro de canhão, a cidade episcopal de Tuy, tambem edificada em sitio alto, na margem direita do rio, que serve de limite e divisão á nossa provincia do Minho, e ao reino de Galliza.

E' a villa de Valença cabeça de comarca. Dista dez leguas para o norte da cidade de Braga, a cujo arcebispado pertence; e sete leguas ao nor-nordeste da cidade de Vianna do Castello, que é a capital do seu districto administrativo.

Como succede a respeito de quasi todas as nossas povoações, que teem uma origem remota, ignora-se a epoca da fundação d'esta villa, e tambem quem foram os fundadores. Não falta quem designe como taes uns soldados veteranos, que militaram sob as ordens de Viriato, o grande capitão da antiga Lusitania, dizendo que Decio Junio Bruto, consul romano na Hespanha ulterior, reconciliando-se com elles, lhes dera aquelle sitio para edificarem uma povoação pelos annos 136 antes do nascimento de Christo. Esta opinião parece, todavia, destituida de fundamento, se se attender a que no itinerario, que descreve a via militar romana, que communicava as cidades de Braga e d'Astorga, vem nomeadas Ponte de Lima e Tuy, e não se faz menção de nenhuma outra povoação no intermedio d'aquellas, quando se sabe que a referida via militar passava proximo do logar, onde está Valença. Portanto não é provavel, que se esta villa existisse n'aquelle tempo, deixasse o itinerario de a mencionar.

Não havendo tambem memoria d'esta villa do tempo dos godos, nem dos arabes, mas sendo certo que el-rei D. Sancho I lhe deu foral, e a fez po-

voar, pode-se razoavelmente presumir, que foi fundada no reinado antecedente. E' bem natural que nas guerras, que houve entre Portugal e Leão, se lembrasse D. Affonso Henriques de occupar com alguma povoação fortificada um ponto importante, como é Valença, para defesa d'aquella fronteira do reino, pór onde os leonezes faziam continuas invasões.

Acceitando-se esta hypothese, conjecturaremos ainda mais, que durante as mesmas guerras se aruinaría e despovoaria aquella terra, pois que D. Sancho I a mandou povoar no anno de 1200.

Passados dezesete annos reformou-lhe o foral el-rei D. Affonso II, accrescentando-lhe novos privilegios e regalias com o fim de attrahir maior numero de moradores.

Nas discordias, que se suscitaram entre este soberano e as infantas, suas irmãs, chamaram estas em seu soccorro os leonezes, que logo na sua entrada tomaram e queimaram a villa de Valença. Reedificou-a, e mandou-a novamente povoar el-rei D. Affonso III, no anno de 1262; e por essa occasião lhe mudou o antigo nome de *Contrasta* no de Valença. Do primeiro não sabemos a etymologia. Talvez proviesse dos dois vocabulos latinos *contra-castra*, por ter sido fundada defronte, e em opposição a Tuy. O segundo dizem que se deriva de *valentia*, e que por esse nome quiz D. Affonso III designar a importancia da posição, ou a das obras de fortificação com que a defendeu.

Em 1451 deu el-rei D. Affonso V o senhorio d'esta villa, com o titulo de marquez, a D. Affonso, conde Ourem, e filho primogenito de D. Affonso, primeiro duque de Bragança. Foi o primeiro marquez, que houve em Portugal. Morrendo este principe no estado de solteiro, em vida de seu pae, o mesmo rei D. Affonso V fez conde de Valença a D. Henrique de Menezes, conde de Loulé, e alferes-mór do reino, por occasião do seu casamento com D. Guiomar, filha de D. Fernando I, segundo duque de Bragança. D. Henrique de Menezes era filho do illus-

tre D. Duarte de Menezes, terceiro conde de Vianna.

El-rei D. João v restabeleceu o marquezado de Valença por carta regia de 10 de Março de 1716 em favor de D. Francisco de Portugal, setimo conde de Vimioso, e descendente de D. Affonso de Portugal, bispo d'Evora, que era filho bastardo do primeiro marquez de Valença, acima referido.

Apezar da sua situação sobre a raia, e de ser praça forte, Valença tem sido pouco incommodada nas guerras, tanto d'este seculo, como dos dois anteriores. Mesmo na segunda invasão franceza, em que foi ameaçada pelo exercito commandado pelo marechal Soult, que entrara em Tuy no dia 10 de Fevereiro de 1809, na sua marcha sobre Portugal, teve Valença a fortuna de se ver desaffrontada da presença do inimigo, que julgou mais prudente ir atravessar o rio Minho n'outro sitio, d'onde se dirigiu em direitura á cidade de Braga.

Na lucta da liberdade e restauração do throno da senhora D. Maria II, foi tomada a praça de Valença em Março de 1834 pelas tropas constitucionaes, commandadas pelo almirante Carlos Napier.

A villa de Valença gozava da prerogativa de enviar procuradores ás nossas antigas côrtes, onde tomavam assento no banco decimo. O senhorio d'esta villa, tendo vagado para a corôa no reinado de el-rei D. Manuel, deu-o este monarcha em 1499 a D. Fernando de Menezes, segundo marquez de Villa Real. Conservou-se n'esta casa até á sua extinção em Agosto de 1641, em que foram sentenciados á morte e executados, como complices na conjuração contra el-rei D. João IV, o ultimo marquez de Villa Real, e seu filho, o duque de Caminha. Depois, creando-se a casa do infantado, foram incorporados n'ella o senhorio de Valença, e todos os mais bens sequestrados áquella familia.

O brasão d'armas d'esta villa compõe-se do escudo das quinas em campo azul, e aos lados, na parte inferior duas estrellas de prata, e na superior duas meias luas, tambem de prata, com as pontas voltadas para baixo.

Apezar de estar edificada em logar elevado, tem esta villa o assento plano. As suas primeiras fortificações consistiam apenas n'uma simples cêrca de muros com tres portas. Construíram-lhe mais tarde um segundo cinto de muralhas. Porém as obras regulares de defesa, que a elevaram a praça de guerra de primeira ordem, tiveram principio no reinado de D. João IV, por occasião da guerra da restauração do reino. Como em toda essa campanha era sempre o Alemtejo o principal theatro da guerra, para aqui se voltavam todas as attenções, e assim aquellas obras progrediram vagarosamente, tanto n'aquelle reinado, como nos dois seguintes. E em tempos posteriores ainda se lhe accrescentaram novos melhoramentos.

Consta esta praça de sete baluartes, que atam com a muralha antiga, a que se fizeram algumas cortinas de novo. Em razão de ser mui alta aquella muralha, e de se lhe ter profundado os fossos, accrescentaram-se-lhe mais tres baluartes a cavalleiro, uns dentro dos outros. Em volta tem tres revelins, dois que cobrem as portas, e flanqueam os arredores, que são fundos; e o terceiro, que defende a fonte, que lhe fica de fora, e varre uma planicie, que se estende até ao rio. Além d'estas tem ainda outras obras de fortificação no corpo propriamente da praça; e fora d'elle, em um oiteiro visinho, chamado do *Bom Jesus*, tem um forte com tres baluartes, dois meios baluartes, e dois revelins.

Tres portas communicam a praça com os arrabaldes: a de *Santiago*, que é a principal, e está voltada para o sul; a do *Poço*, que dá saída para a fonte; e a do *Postigo do poço de S. Vicente*, que olha para o norte, e deita para o lado do rio, e da cidade de Tuy.

Dentro da villa ha uma só egreja parochial, dedicada a Santo Estevão, que é collegiada com quatro dignidades e conegos. Teve principio esta collegiada no reinado de D. João I, por causa d'um scisma, que então affligiu a egreja. Tendo-se introdu-

zido graves desintelligencias no collegio dos cardeaes, na segunda metade do seculo xiv, quinze cardeaes, que cinco mezes antes haviam concorrido com o seu voto para a eleição de Urbano vi, elegeram papa em 21 de Setembro de 1378, sendo aquelle vivo, a Roberto de Genebra, que tomou o nome de Clemente vii. A França, a Hespanha, Portugal, onde então reinava D. Fernando, a Escocia, e a Sicilia acceitaram esta segunda eleição, reconhecendo por soberano pontifice a Clemente vii. O resto da christandade conservou-se na obediencia de Urbano vi, declarando por anti-papa o seu competidor. Porém em 1381 reconheceu o nosso rei D. Fernando a Urbano vi.

N'estas circumstancias, alguns conegos da cathedral de Tuy, que seguiam o partido de Urbano vi, vendo-se perseguidos pelo seu bispo, retiraram-se para Valença no anno de 1392, e ahi favorecidos por el-rei D. João i, que já governava n'este paiz, formaram um novo capitulo. O bispo de Tuy sequestrou-lhes immediatamente as prebendas; mas elles ficaram desfructando as rendas, que possuia aquella mitra em Portugal, e se tiravam de duzentas e trinta egrejas, que Theodomiro, rei dos suevos, dera á sé de Tuy, entre os rios Minho e Lima.

Continuaram as coisas n'este estado durante os reinados de D. João i, e D. Duarte. Na menoridade de e-rei D. Affonso v, obteve o infante D. Pedro, regente do reino, do summo pontifice Eugenio iv, a desannexação d'aquellas egrejas do bispado de Tuy, e a instituição, ou confirmação da collegiada de Santo Estevão. A sua igreja foi fundada por D. João i.

Fora dos muros tem Valença outra parochia, da invocação de *Santa Maria dos Anjos*.

Ha n'esta villa casa da misericordia, hospital para os pobres, e outro militar, varias ermidas, um pequeno theatro, quarteis para tropa, e as mais accommodações que se requerem n'uma praça. Teve um convento de freiras franciscanas, hoje extincto. Fornece-se d'agua de um poço, que tem de muros a dentro, e de uma fonte proxima de uma das portas.

Não encerra edificio algum notavel. Tem um jornal politico e noticioso, intitulado a *Razão*. Como praça de guerra é governada por um coronel, ou official general, e guarnecida pelo terceiro regimento de artilharia, que tem ahi o seu aquartelamento permanente. Como cabeça de comarca é residencia de um juiz de direito. A sua população não chega a mil e oitocentas almas, não comprehendendo n'este numero a guarnição.

As cercanias de Valença são muito lindas. Basta para as fazer summamente apraziveis a visinhança do Minho, que na opinião de muita gente é o mais formoso rio de Portugal. Portanto, das muralhas da praça gozam-se para qualquer lado vistas deliciosas de prados e collinas, que verdejam continuamente; do rio, que vac correndo em largo alveo por entre frondosos arvoredos; e da visinhança de Tuy, que se levanta airoosamente sobranceira ao rio, e toda cercada de verdores.

Logo á saída da villa está a ermida do Bom Jesus, em sitio alegre e arborisado. A meia legua encontra-se o edificio do velho mosteiro de S. Salvador de Ganfey, outr'ora habitado por monges benedictinos. Ignora-se a era da sua fundação, mas sabe-se que existia no anno de 691. Foi destruido em 997 por Almansor, que entrando por estas terras á frente de um poderoso exercito de moiros, levou tudo a ferro e a fogo. Reedificou-o em 1018 D. Ganfrido, ou Ganfey, cavalleiro francez, de quem tomou o nome. No seculo xiv foi reconstruido pelo conde de Barcellos, D. Pedro, filho bastardo d'el-rei D. Diniz, o qual assistiu n'elle quatro annos, sendo fronteiro-mór contra Galliza. Na sua egreja, de tres naves, esteve primeiramente enterrado em sepultura raza, depois em tumulo de pedra, o corpo de Ganfrido, que foi abbade d'este mosteiro, e que morreu com opinião de santo. Em 1603 foi trasladado para outro tumulo doirado junto da sacristia. O claustro com a sua bella fonte foi obra d'esse tempo.

Perto do mosteiro, no logar de Tardinhade, ha

uma ermida dedicada a S. Theotonio, primeiro prior de Santa Cruz de Coimbra, a qual foi edificada na casa, onde nasceu este santo, que teve um logar distincto entre os homens illustres do reinado de D. Affonso Henriques.

As principaes produções do termo de Valença são: milho, centeio, e trigo, legumes, vinho, linho, hortaliças, e frutas. Cria algum gado, e não lhe falta caça. Da villa de Caminha vae bastante peixe do mar para o mercado de Valença, que tambem é abastecido pelo rio Minho de peixes mimosos, como são, entre outros, salmões e lamprêas.

O rio Minho tem a sua origem na Galliza, em uma lagoa chamada *Fuente Miña*. Desde que principia a dividir a provincia do Minho no reino de Galliza, passa na fronteira de Portugal pelas villas de Melgaço, Monção, Valença, Villa Nova da Cerveira, e Caminha, onde entra no oceano. Na fronteira hespanhola banha as villas de Crecentes, e Salvaterra, a cidade de Tuy, e os fortes d'Amorin e Goyan. Tem um curso de sessenta leguas. A sua foz é muito larga, e tem no meio uma pequena ilha, que divide o rio em dois braços.

Nasceu n'esta villa Francisco da Rocha, mais conhecido pelo nome de Francisco de Setubal, por ter vivido ahi alguns annos. Foi um pintor muito estimado em Lisboa, onde existem alguns bons quadros do seu pincel. Viveu na segunda metade do seculo passado.

A VILLA DE VEIROS.

Está edificada esta villa em sitio alto, na provincia do Alemtejo, districto administrativo de Portalegre, a umas tres leguas ao norte de Estremoz.

Conforme a tradição popular, que se autorisa com uma inscripção romana, que ahi se achou, e se conserva, já existia esta povoação no tempo dos romanos. Porém, n'este caso, deveria ser terra pobre e pequena, pois que não ficaram memorias d'ella. O que não se pode duvidar, é que a dominaram os moiros, e isto já é bastante para prova da sua muita antiguidade.

Restaurou-a para a fé christã el-rei D. Affonso II pelos annos de 1217; e pouco depois mandou-a povoar, reparando-lhe os estragos, que padecera por occasião da conquista. Deu-lhe foral com muitos privilegios el-rei D. Manuel, a 2 de Novembro de 1510.

Tinha representação esta villa nas reuniões dos tres estados do reino, nas quaes os seus procuradores se sentavam no banco decimo-segundo. Eram seus alcaides-móres os condes de Villa Nova de Portimão, titulo hoje extincto. Em 1822 el-rei D. João VI fez visconde de Veiros o tenente general Francisco de Paula Leite. Ao presente é segunda viscondessa sua filha, a senhora D. Maria Rita Leite de Sousa Freire Salema de Saldanha e Noronha.

Um escudo de prata, sem mais divisa, é o brasão da villa de Veiros.

Tem uma só parochia, da invocação do Salvador, outr'ora da ordem d'Aviz, casa da misericordia, e as ermidas de Nossa Senhora do Mileu, de S. Sebastião, S. Bento, Santa Catharina, e Santiago. A primeira d'estas é muito antiga. Junto á porta principal vêem-se um cippo com inscripção romana, e outra sepultura de bastante antiguidade.

Possue a villa de Veiros um castello, cuja origem se ignora, mas que é tão antigo, que, acham-

do-se em ruínas no reinado de D. Diniz, foi mandado reedificar pelo mestre da ordem d'Aviz, D. Lourenço Affonso. Não sabemos o estado em que ao presente se acha, porém no seculo passado ainda se conservava de pé com as suas sete torres ligadas por fortes muralhas ameiadas, quatro portas, e no centro uma alta torre de menagem.

N'este castello nasceu pelos annos de 1370 D. Affonso, primeiro duque de Bragança, filho bastardo d'el-rei D. João I, e de D. Ignez Pires, que ao diante foi commendadeira de Santos, e que era natural da villa de Veiros ; D. João I era n'aquella epoca simplesmente mestre da ordem de S. Bento d'Aviz.

Os suburbios d'esta villa são cortados pela ribeira de Anna Loura, que os faz amenos e productivos. Nasce esta ribeira de uma fonte, que lhe dá o nome, e que rebenta de uma rocha nas proximidades da villa de Estremoz. Leva agua em todo o anno, com a qual faz trabalhar muitas azenhas, e vae incorporar-se no rio Sorraya, junto á villa de Fronteira. Na sua passagem pelos arrabaldes de Veiros rega muitas hortas, e pomares, e guarnece-lhe as margens muitas arvores. Cria pouco peixe, e esse muito miudo.

O termo de Veiros é regado por mais outras ribeiras chamadas Almuro, e Souzel. As suas principaes producções consistem em trigo, centeio, cevada, legumes, e azeite. Tem algumas frutas, e excellentes montados, em que se cria muito gado suino.

A VILLA DE VIANNA DO ALEMTEJO.

Na provincia do Alemtejo, districto administrativo d'Evora, e cinco leguas ao sudoeste d'esta cidade, está a villa de Vianna sentada no dorso da serra do seu nome, que a abriga do lado do sul, e a expõe ao norte.

Pretendem varios escriptores, que foram os gallos celtas que a fundaram alguns seculos antes do nascimento de Christo. E accrescentam, que em memoria da cidade de Vienna sua patria, lhe deram o mesmo nome.

A memoria mais antiga, que se encontra d'esta terra, é que, achando-se em ruinas e abandonada, a mandou reconstruir e povoar D. Gil Martins, que lhe deu o seu primeiro foral. Este D. Gil Martins viveu nos principios do seculo XIII, reinando D. Affonso II, e foi avô de D. Martim Gil, conde de Barcellos, e alferes-mór d'el-rei D. Diniz.

Pelos annos de 1313 el-rei D. Diniz a fez villa, concedendo-lhe novo foral com muitos privilegios, um dos quaes determinava, que não poderiam residir n'ella fidalgos sem licença da camara.

N'esta epoca era senhor de Vianna o conde D. Martim Gil, acima mencionado. Por sua morte fez D. Diniz doação d'este senhorio a seu filho e herdeiro, o infante D. Affonso, com a condição de a não poder doar senão á infanta sua mulher, ou a algum filho seu. Por isto se vê que a villa de Vianna era tida por este soberano em muita consideração, ou pelas suas rendas, ou pela importancia do seu castello.

Tendo-se manifestado a peste em Evora, na occasião em que ahi se celebravam as magnificas festas pelo consorcio do principe D. Affonso, filho primogenito d'el-rei D. João II, com a princeza D. Isabel, filha dos reis catholicos, Fernando e Isabel, saíram d'aquella cidade toda a familia real e a côrte. Primeiramente dividiram-se pelos arrabaldes, e depois foram para a villa de Vianna, onde entraram

no dia 10 de Janeiro de 1491. Assistiram n'esta villa todo o resto de Janeiro, e recolheram-se a Evora alguns dias antes do entrudo, tendo cessado o flagello.

Segundo dizem o padre Carvalho na Corographia Portugueza, e D. Antonio Caetano de Sousa no quarto tomo do Agiologio Lusitano, reuniu côrtes em Vianna el-rei D. João II no anno de 1482. Todavia nem Rui de Pina, nem Garcia de Rezende fazem memoria d'estas côrtes nas chronicas d'el-rei D. João II.

Em Fevereiro de 1692 fez mercê el-rei D. Pedro II do titulo de conde de Vianna a D. José de Menezes, seu estribeiro-mór, e alcaide-mór da dita villa, do qual não ficou successão.

A villa de Vianna tinha voto nas antigas côrtes com assento no banco decimo-setimo. O seu brasão d'armas é, em campo azul, um leão rompente de oiro, collocado no centro do escudo entre dois escudetes de prata esquartelados por uma cruz vermelha, um de cada lado, e entre dois signos de Salomão, tambem vermelhos, um na parte superior do escudo, e o outro na parte inferior.

Tem esta villa uma só parochia, fundada por el-rei D. Diniz; casa de misericordia; hospital; uma ermida; e um mosteiro de freiras de S. Jeronymo, unico que ha em Portugal d'esta ordem. A sua invocação é *Jesus*, e foi edificado em 1560, sendo arcebispo d'Evora o cardeal infante D. Henrique, que auxiliou a fundação. E' um bom edificio com excellente egreja, ainda habitado por umas dezeseis ou dezeseite religiosas. Occupa um dos lados do rocio da villa.

Teve um convento de religiosos terceiros regulares de Jesus, intitulado de *S. Francisco*, construido primitivamente para freiras da mesma ordem, e occupado em 1580 pelos frades terceiros. Não sabemos que destino se deu ao seu edificio depois da extinctão das ordens religiosas.

O castello parece ser obra d'el-rei D. Diniz. As ruas da villa são em geral direitas e bem alinha-

das. E' terra alegre e saudavel pela sua posição abrigada do sul, e desaffrontada do lado do norte, para onde desfructa dilatadas vistas.

Os suburbios são muito apraziveis pelas hortas, pomares, vinhas, arvoredos silvestres, e fontes de boa agua, que n'elles se encontram. Proximo da villa vêem-se as ermidas de S. Pedro, S. Sebastião, e S. Vicente; e mais distantes as de Santo André e Nossa Senhora d'Ayres. Esta ultima é um bello templo, ao qual concorrem muitas romarias.

O termo é fertil, e produz muitos cereaes, vinho, azeite, e frutas. Não é falto de caça, e encerra em diferentes montanhas pedreiras de finissimos marmores de mui diversas qualidades, d'onde teem vindo alguns para as officinas de Lisboa, apesar das difficuldades do transporte. Uma parte d'aquella preciosa collecção de marmores de Portugal, que figurou nas exposições de Londres e de Paris, atrahindo pela sua belleza a attenção dos visitantes, foi extrahida por mr. Dejeant dos arredores de Vianna.

Conta esta villa uns mil e quatrocentos habitantes.

Foram naturaes de Vianna do Alemtejo o celebre missionario da India, o padre Antonio Francisco Cardim, jesuita, que falleceu de sessenta e tres annos em 1659; escreveu e imprimiu varias obras, todas relativas ás suas viagens e peregrinações; e o padre João da Fonseca, tambem jesuita, e escriptor distincto.

A CIDADE DE VIANNA DO CASTELLO.

Tem logar distincto esta cidade entre as mais lindas e bem situadas povoações não só da provincia do Minho, á qual pertence, mas de Portugal. Está sentada em uma planicie na margem direita do rio Lima, e junto da sua foz. Nas costas da cidade erguem-se uns montes, que a abrigam do norte. Para o lado do sul, na margem esquerda do Lima, limita-lhe o horizonte uma cadêa de collinas, povoadas de densos pinhaes, e separadas do rio por extensos e bem cultivados campos, orlados de arvoredos. Dista do Porto dez leguas, quatro de Caminha, e cinco de Braga.

Crê-se geralmente, que o primeiro assento d'esta povoação foi no alto do visinho monte, onde está a ermida de Santa Luzia. Dizem que a fundaram ali os gallos celtas pelos annos de 296 antes do nascimento de Christo, e que, em memoria de Vienna, cidade das Gallias, sua patria, lhe pozeram o nome de Vianna, como fizeram antes ou depois á villa de Vianna do Alemtejo.

Pretendem outros escriptores, que fôra fundada primeiramente com o nome de *Calpe* junto do rio no logar onde está a actual cidade, e que depois, por se ver de continuo exposta ás incursões dos seus inimigos, buscando sitio mais defensavel por natureza, transferiu-se para o alto do monte, onde mudou o nome de Calpe no de Vianna.

Querem ainda outros, que Vianna surgisse das ruinas da cidade romana de *Britonia*.

De tudo isto o que se pode deduzir com maior probabilidade, é que no tempo dos godos Vianna estava situada sobre o monte proximo.

Parece que foi cidade episcopal até ao anno de 610 da era christã, em que este bispado se supprimiu, unindo-se ao de Tuy, e passado tempo ao arcebispado de Braga. Ali padeceram martyrio S. Theophilo, S. Saturnino, e Santa Revocata pelos annos

de 260; e nos principios do seculo v foram bispos de Vianna, S. Maximo, e S. Valentino. Dêstruíram-a os moiros, quando invadiram a Península no começo do seculo viii; e parece que não tornou mais a levantar-se.

El-rei D. Affonso iii, que acabou de expulsar os moiros de Portugal, e que tanto se occupou da re-edificação das povoações arruinadas, passando por aquelles sitios, resolveu-se a restaurar Vianna, mas teve o bom juizo de preferir ao cume da ingreme montanha a planicie, que se estende das suas faldas até ao rio; logar não só mais bello e mais commodo, mas tambem mais apropriado ao desinvolvimento da nova villa. Esta fundação effeituou-se no anno de 1260, e para ella se serviram de uma grande parte dos materiaes da antiga Vianna, que jaziam abandonados no alto do monte. Apezard'isto, ainda ali se viam muitos vestigios de edificios no seculo passado.

Deu-lhe foral com grandes privilegios o mesmo rei D. Affonso iii. Seu filho, el-rei D. Diniz, para animar o commercio, que então começava a desinvolver-se n'esta villa, creou n'ella uma feira franca, ou mercado, de quinze em quinze dias.

N'esta epoca, e nos seguintes reinados até ao de el-rei D. Manuel, as pescarias eram o principal, e quasi exclusivo ramo da industria dos viannenses. Incitados porém a maiores empresas pelos descobrimentos de Vasco da Gama, de Pedro Alvares Cabral, e de outros que os precederam, entregaram-se com ardor ao commercio externo e á navegação do alto mar. O seu porto encheu-se de navios, que demandavam as nossas ilhas, varios paizes da Europa, o Brazil, e os bancos da Terra Nova para a pesca do bacalhau. A villa constituiu-se um pequeno emporio dos generos coloniaes, não só para o consumo da provincia, mas para exportação em grande escala para os paizes estrangeiros.

Frei Luiz de Sousa, na vida do arcebispo D. frei Bartholomeu dos Martyres, descreve o estado de Vianna no anno de 1560 pelo seguinte modo: «...

Vianna, villa das mais insignes d'este reino, terra cheia de gente rica e muito nobre, de grande trato e commercio, por uma parte com as conquistas de Portugal, ilhas, e terras novas do Brazil; por outra com França, e Flandres, Inglaterra, e Allemanha, donde e pera onde recebia de ordinario muitos generos de mercadorias, e despedia outras; perra os quaes tratos traziam os moradores no mar grande numero de naus e caravellas, com grossas despesas, a que respondiam eguaes retornos e proveitos, que tinham a villa florentissima, e em estado de uma nova Lisboa. » N'outro logar ainda accrescenta: « Mas nenhum commercio lhe tem montado tanto como o das terras novas do Brazil, que vae em tamanho crescimento, que no tempo em que isto escreviamos (1619), traziam no mar setenta navios de toda a sorte, com que a terra está massiça de riqueza, porque se estendem os proveitos a todos, succedendo nos mais dos navios serem armados e marinhagem tudo da mesma terra. »

N'um manuscrito intitulado *Livro das carregações de Gaspar Caminha Barreto*, refere este, em relação aos annos de 1621, 1622 e 1623, as exportações de assucar, e de outros generos coloniaes, que se fizeram d'esta villa para Dunquerque, Ruão, Callais, Amsterdão, Hamburgo, e Veneza; e de cobre, ferro, panno de linho, cordas, ferragens, e muitos outros objectos, para o Rio de Janeiro, Bahia, e Pernambuco.

D'esta prosperidade dão testemunho muitas casas particulares, e a matriz da cidade, que ostentam nas suas fachadas, mais ou menos, galas da architectura gothica.

Attento o engrandecimento de Vianna, concedeu-lhe el-rei D. Sebastião o titulo de *notavel* em 26 de Março de 1563.

No anno de 1574, depois de algumas prevenções de que em França se aprestava uma armada, destinada a infestar as costas do Minho, appareceu a esquadra franceza, composta de oito navios, nas aguas de Vianna, no dia 8 de Setembro. O inimigo

pretendeu forçar a barra, mas foi repellido com tanta energia e acerto pela guarnição do castello, e pelos habitantes que acudiram promptamente em auxilio da fortaleza, que se viu obrigado a levantar mão da empresa.

O jugo estrangeiro não conseguiu, apesar de todo o peso dos seus vexames, quebrar o animo dos viannenses. Assim que lhes chegou a noticia da revolução de Lisboa do 1.º de Dezembro de 1640, não sómente secundaram com acclamações este brado patriótico, mas dispozeram-se a *accommetter* o castello, cuja guarnição castelhana se apercebeu a seu turno para uma resistencia a todo o transe.

Quasi toda a gente da villa, e das visinhanças, capaz de manejar uma arma, correu a unir-se em um corpo para o ataque da fortaleza. Começaram por lhe formarem cêrco, e n'uma noite construíram sobre a barra um *reducto* para obstar a que o inimigo recebesse soccorros por mar. Depois edificaram mais dois fortes em sitios convenientes para combater o castello. A' vista de taes disposições, o governador, Bernardino Golanco Santilhana, pediu capitulação, e, sendo aceita, entregou o castello no dia 20 de Dezembro de 1640.

Passados seis annos deram os viannenses outra prova do seu valor e amor de patria. Tendo partido da cidade do Porto para a villa de Vianna, em Outubro de 1646, uma caravela carregada de artilharia, destinada a guarnecer as praças da fronteira do Minho, saíram-lhe ao encontro defronte de Esposende uns corsarios francezes de Dunquerque, que a tomaram depois de algum combate. Apenas isto constou em Vianna, alvoroçou-se a villa, e todos á porfia se offereciam para ir vingar a affronta. Aprestaram, pois, uma caravela, e um navio hamburguez, que se achava n'aquelle porto; guarnecem-no de gente armada, e saem ao mar em demanda dos corsarios, que encontraram, *accommetteram*, e pozeram em fuga, resgatando a caravela com a artilharia. Guardam-se no archivo da

camara duas cartas d'el-rei D. João iv, de elogio e agradecimento por estes gloriosos feitos dos viannenses.

Começou a decair Vianna da sua antiga opulencia, primeiro por causa dos pesados impostos lançados pelo intruso governo dos Filippes sobre a navegação, e depois pelas invasões e conquistas dos hollandezes no Brazil, que paralyzaram e causaram graves prejuizos ao commercio de Vianna. As guerras da restauração de 1640, e da successão de Hespanha, e por este mesmo motivo a emigração para o Brazil, fizeram progredir aquella decadencia durante os reinados de D. João iv, D. Affonso vi, D. Pedro ii, e parte do de el-rei D. João v. Porém as descobertas das minas de ouro e diamantes do Brazil, e o grande desinvolvimento, que assumiu n'este ultimo reinado o commercio de Portugal com aquella riquissima colonia, resuscitaram a amortecida industria dos viannenses. E no seguinte reinado de D. José i ainda recebeu nova vida pelo impulso, que o marquez de Pombal soube dar a todos os interesses economicos do paiz. N'esta epoca a sua navegação e commercio estenderam-se, além dos paizes já mencionados, aos portos da Suecia, e da Russia.

As sabidas desgraças, que opprimiram o nosso paiz nos principios d'este seculo; a abertura dos portos do Brazil ao commercio das nações estrangeiras; e depois a sua emancipação, fizeram novamente decadente a villa de Vianna. A estes males ainda accresceu outro, que foi o entupimento do seu porto pelas areias, de sorte que não permitte a entrada aos navios de maior lotação, que outr'ora o demandavam. Todavia este estado precario tem melhorado progressivamente pelos beneficios do systema, que nos rege, e pelas diversas reformas, que tem creado industrias novas, regenerando e protegendo as antigas. Presentemente o movimento annual d'este porto regula por quatrocentos a quatrocentos e cincoenta navios entrados e saídos,

com uma lotação aproximada de trinta mil toneladas.

Julgamos dever commemorar aqui um acontecimento, que excitou a curiosidade de toda a povoação. No dia 7 de Agosto de 1840 um pescador conduziu pela barra dentro um peixe monstruoso, que, a tres leguas da costa, se lhe tinha envolvido nas redes, morrendo em consequencia de ter engolido parte das mesmas redes com grande numero de pescadas. Foi preciso o auxilio de muitas juntas de bois para o arrastarem para terra. Tinha quarenta palmos de comprido, e doze de circumferencia. Guardavam-lhe a bocca, que era desmesurada, oito ordens de dentes collocados symmetricamente. Os intestinos, de que se extrahiui meia pipa d'azeite, pesaram quarenta e uma arrobas, a pelle perto de cincoenta, e o todo computou-se em duzentas e sessenta. Classificou-se no genero *squalus*, presumindo-se ser uma especie do *squalus maximus*.

Na guerra civil, que assolou Portugal nos annos de 1846 e 1847, tendo-se conservado fiel ao governo de Lisboa o castello de Vianna, foi este cercado e accommettido pelas tropas da junta do Porto, que, não conseguindo vencer a sua resistencia, tiveram de levantar o cêrco, e retirar-se. Em galardão d'esta defensa, a rainha, a senhora D. Maria II, elevou a villa á cathegoria de cidade com o nome de Vianna do Castello.

El-rei D. Pedro I fez conde de Vianna a D. Alvaro Peres de Castro. Por morte d'este fez el-rei D. Fernando mercê d'este titulo a D. João Affonso Tello de Menezes, pae do valente D. Pedro de Menezes, que tambem foi conde de Vianna, e primeiro capitão de Ceuta. El-rei D. Affonso V, querendo remunerar os grandes serviços de D. Duarte de Menezes, filho bastardo do dito D. Pedro de Menezes, não só lhe concedeu o mesmo titulo, mas igualmente o senhorio de Vianna da Foz do Lima, como então lhe chamavam.

Representou logo a camara contra uma tal mercê, allegando que pelos seus privilegios não podia

Vianna ser alienada da corôa, senão em favor de alguma pessoa da familia real. Existe no archivo municipal a carta de D. Alfonso v em resposta á camara, na qual se lê o seguinte periodo : « Como »o dito D. Duarte por os serviços, que a nós tem »feitos, e seus grandes merecimentos o fizemos con- »de da dita villa, e tirar-lho agora não he cousa con- »veniente a nós de o fazer por alguns respeitos, a »nós prove, e praz, que o dito D. Duarte haja a »dita villa em sua vida, e mais não &c.»

Por causa d'esta questão é que se collocou na fachada da casa da camara a pedra em que se lê o referido privilegio, esculpido em caracteres doirados.

D. João vi, sendo principe regente, creou conde de Vianna em 13 de Maio de 1810 a D. João Manuel de Menezes, irmão do quarto marquez de Tancos; e sendo rei, elevou-o a marquez do mesmo titulo em 3 de Julho de 1823. Ao presente é segundo marquez, e segundo conde de Vianna, seu filho o senhor D. João Manuel de Menezes.

Esta cidade é cabeça de districto e de comarca, e como tal é sede de um governador civil e mais autoridades e corporações administrativas, de um juiz de direito, e de um lyceu. Tem casa de alfandega, e o regimento de infantaria n.º 3 tem ahi o seu quartel permanente.

No antigo regimen tinha Vianna voto em côrtes, com assento no banco quinto. O seu brasão d'armas é um escudo coroadado, e n'elle, em campo de prata, uma nau de oiro á vela, em mar azul, tendo na vela do mastro grande as armas reaes, e na proa uma ancora.

Divide-se a cidade em varios bairros denominados a *Villa*, comprehendidos outr'ora dentro da cêrca de muros; o da *Bandeira*; o da *Carreira*; o de *Monsserrate*; o da *Ribeira*; o de *S. Bom Homem*; o do *Postigo*; o de *S. Bento*; e o *Campo do Forno*. Todos estes bairros estendem-se pelo espaço de meia legua, contando desde a rua do Loureiro até S. Vicente de Fora.

São duas as parochias da cidade : *Nossa Senhora d'Assumpção*, e *Nossa Sonhora do Monserrate*. A primeira, que é a matriz, foi fundada por el-rei D. João I, e instituida em collegiada com um arcipreste, thesoureiro, e seis conegos, no reinado de D. João II, no anno de 1483. No seu principio esteve na igreja de S. Salvador, junto ao mosteiro das benedictinas; mas pouco depois fundou-se-lhe igreja propria. É um templo grande, bem construido, e decorado com os brincados ornatos da architectura gothica. Em uma das capellas do corpo da igreja, do lado do evangelho, vê-se uma imagem de S. Christovão, de proporções gigantescas, obra muito antiga, esculpida em madeira.

A igreja e hospital da misericordia foram edificados nos começos do seculo XVI por el-rei D. Manuel. A igreja foi reedificada em 1714. A sua frontaria é de um gosto de architectura original, de que não conhecemos outro modelo em o nosso paiz. Compõe-se de um vestibulo, que é sustentado por seis grossas columnas, duas meias embebidas nos cunhaes, e que dão entrada por cinco arcos espaçosos. Sobre o vestibulo erguem-se duas ordens de galerias, em cada uma das quaes lhe sustentam a architrave seis cariatides, sendo as duas das extremidades tambem meio embebidas nos cunhaes. Remata a fachada um frontão com as armas reaes, coroadado por uma imagem de Christo crucificado, e decorado nos acroterios com duas estatuas.

Contam-se na cidade dezoito ermidas, e quatro conventos de freiras ainda habitados. O de *Santa Anna*, de religiosas de S. Bento, foi fundado em 1512. Tem dois pateos na entrada, onde antigamente se corriam toiros. O *mosteiro de S. Bento*, igualmente de freiras benedictinas, teve principio no anno de 1549. O *convento de Nossa Senhora do Carmo*, de freiras carmelitas, construido em 1647, foi primeiramente de frades da mesma ordem. O quarto é o *convento das Chagas*, de ursulinas.

De frades teve os seguintes conventos, cujos edificios se acham presentemente occupados pelo go-

verno civil, tribunal de primeira instancia, e outras repartições publicas. *Santa Cruz*, que foi de religiosos dominicos, teve por fundador no anno de 1563 o arcebispo de Braga, D. frei Bartolomeu dos Martyres, que renunciando o arcebispado, n'elle veio morrer, e jaz na capella-mór da egreja em tumulo de marmore branco e vermelho. *S. Theotónio*, que pertenceu aos conegos regrantes de Santo Agostinho, foi edificado pela ordem em 1634. *Santo Antonio*, que foi de frades capuchos da provincia da Conceição, fundou-o a ordem com esmolos no anno de 1612.

Além d'estes edificios religiosos e pios ha em Vianna duas confrarias das ordens terceiras de S. Francisco, e S. Domingos; e casa d'asylo da infancia desvalida.

Possue a cidade varias praças, campos e largos; ruas extensas e limpas, e algumas bem alinhadas; um caes magnifico; um passeio publico; theatro; club, denominado *assemblya viannense*; e dois jornaes politicos, noticiosos, e litterarios, intitulados *Aurora do Lima* e *Viannense*. A praça principal pela nobreza dos edificios é o *Campo do Forno*. N'um dos seus quatro lados ergue-se a egreja da misericordia, e n'outro a *casa da camara*. Foi esta fundada por el-rei D. Manuel, que a mudou do bairro da Ribeira, onde anteriormente se achava. Na fachada, sobre as janelas, vêem-se de uma parte as armas da cidade, da outra a esphera armilar, divisa d'el-rei D. Manuel, e no centro as armas reaes, e a cruz da ordem de Christo, com uma inscripção, tirada do foral dado a Vianna por D. Affonso III, que faz memoria, entre outros privilegios, do que determina, que em tempo algum o senhorio de Vianna se alienará da corôa, excepto se fôr em favor de rainha, principe ou infante. Este edificio, que é coroado d'ameias, foi reconstruido no seculo passado. No meio da praça levanta-se um esbelto chafariz com duas taças, d'onde a agua cae para um tanque circular. N'esta praça correram-se toiros antigamente por occasião de algumas festas.

O *campo de Nossa Senhora da Agonia*, no extremo occidental da cidade, é muito vasto, e bello pela sua situação. Limita-o pelo lado de este o oceano, e pelo de leste o monte, em cuja faldá está edificada a ermida de Nossa Senhora da Agonia. Guarnece-lhe o lado do sul uma comprida alameda de copadas arvores, e o palacio que foi da viscondessa do Geraz do Lima, e hoje propriedade de seu neto, o senhor Luiz do Rego da Fonseca Magalhães, par do reino. Por occasião da festa da Senhora da Agonia, nos dias 23 d'Agosto e seguintes, faz-se n'este campo uma feira e arrayal, que attrahem extraordinaria concorrência de gente de muitas leguas em redor, e até de Hespanha. Assistindo nós a um fogo de artifício em uma d'essas festividades, calculámos em mais de cincoenta mil os espectadores reunidos n'aquelle campo.

Tem Vianna um grande caes de cantaria, que se estende até á barra, com varias linguetas para desembarque.

Contiguo a este caes fica o *passeio publico* n'uma deliciosa situação entre a cidade e o castello, e sobranceiro ao rio.

O *theatro* é muito parecido em tamanho e construção com o nosso da rua dos Condes.

Encerra esta cidade grande numero de familias nobres e ricas, de que lhe resulta possuir muitas casas apalaçadas de agradável aspecto, e não poucas de architectura gothica, habitadas, e no melhor estado de conservação. D'entre as primeiras sobressae o palacio do senhor Luiz do Rego da Fonseca Magalhães, de que acima fallámos. Entre as segundas tem o primeiro logar o palacio do senhor visconde da Carreira, Alvaro. E' um lindo edificio, que mostra nas variadas esculpturas da sua nobre frontaria aquelle typo engraçado do gothico-florido, que entre nós tambem se pode designar pelo nome de *Manoelino*.

O *castello de Vianna*, intitulado de Santiago, deve a sua fabrica primitiva aos viannenses, que o levantaram á sua custa ainda no reinado de D.

Affonso III, por cujo serviço foram concedidos á sua camara os titulos e jurisdicção de alcaide-mór d'este castello, e de capitão-mór da villa. Achando-se o castello em bastante ruina em tempo d'el-rei D. Manuel, mandou-o reconstruir este soberano, adaptando-o ao uso da artilharia, e guarneecendo-o de canhões. Depois fizeram-lhe muitas obras de reedificação e de augmento em 1567, reinando D. Sebastião; e em 1652, sob o governo d'el-rei D. João IV, e sendo governador das armas da provincia D. Diogo de Lima, visconde de Villa Nova da Cerveira.

Compõe-se o castello de cinco baluartes e dois revelins, com um largo fosso em torno, e uma grande e dilatada esplanada. Encerra a casa do governador, capella, casa d'armas, armazens, e outras officinas. Perto do castello ha um fortim, situado no fim do caes, mesmo na barra, e que serve de registro.

Das antigas muralhas de Vianna, construidas tambem pelos seus moradores em tempo de D. Affonso III, poucos vestigios restam. Abriam-se n'ellas cinco portas, chamadas: de *Santiago*, de *S. Pedro*, de *S. Filippe*, de *Nossa Senhora da Victoria*, e de *S. João*. Excepto a primeira, todas as outras tinham junto a si capellas dedicadas, a da porta de *S. Filippe* a *S. Crispim* e *S. Crispiniano*, e as tres restantes aos santos da sua propria invocação.

Communica-se a cidade com a margem opposta do rio por uma bella ponte de madeira, de boa construcção, bem cuidada na sua conservação, e de um grande comprimento, pela muita largura que o rioahi tem. E' um lindo passeio, d'onde se desfructam variadissimos e mui formosos panoramas.

Chafarizes de optima agua tem Vianna muitos nos logares publicos, nos conventos, e nas suas respectivas cêrcas, e alguns d'elles são de engraçada traça. Os da Ribeira fornecem aguada para as embarcações. O chamado de *Gontim* é singular pela muita frialdade da sua agua.

O mercado é mui abundante dos variados pro-

ductos de agricultura e horticultura, proprios d'aquella provincia, e bem assim de pescado do alto mar, e do Lima, que é afamado pelas saborosissimas lamprêas e salmões, que n'elle se pescam em tanta quantidade, que, além dos que se consomem na cidade, e mais povoações visinhas ao rio, se exportam frescos e de conserva para o Porto, Lisboa, e outras terras do reino.

Os arrabaldes de Vianna são de uma belleza verdadeiramente encantadora. Para o nosso gosto é o Lima, d'entre todos os rios de Portugal, o de margens mais lindas, mais amenas, e pittorescas. Nos arvoredos, que o orlam, rouba ao rio Minho uma das feições que maior primazia lhe dão. Nas quintas de regalo, que banha, assimilha-se ao Douro. Nas antigas e pittorescas povoações, que se espelham na sua corrente; nos ferteis e viçosos campos, que rega e corta; e nas montanhas, assombradas de vasto arvoredo, que fazem caixilho a estes campos; possui os encantos, que mais distinguem por formoso o Mondego. E sobretudo isto, ainda tem o Lima uma feição propriamente sua, que lhe dá infinita graça e magestade. Consiste ella nos palacetes gothicos, e nas torres quadrangulares, coroadas de ameias, nobres solares de remotas eras, que lhe povoam as margens; e nas ermidas com suas torres de cupula bysantina, que servem de corôa aos mais altos cumes d'aquellas montanhas.

O rio Lima, que os romanos denominaram *Limia*, e que alguns escriptores nossos crêem, na sua boa fé, ser o celebrado Lethes da antiguidade, nasce de uma lagoa chamada *Beon*, na parte do norte da provincia de Orense, reino de Galliza. Atravessa Portugal do nascente ao poente, e n'elle banha os muros das villas da Ponte da Barca, e Ponte de Lima, e os da cidade de Vianna do Castello, junto da qual se lança no oceano. Criam lamprêas, salmões, trutas, solhos, barbos, e ainda outros peixes. A sua foz é apertada por um cabedelo, que se estende para o sul; guarnece-na, porém, de ambos os lados bem construidas muralhas de cantaria. Esta obra do en-

canamento do rio foi começada no principio do seculo passado. Depois de estar parada muitos annos, encetou-se de novo em 1805. Foi interrompida em 1807 pela invasão dos francezes, e continuada passados annos, sem chegar á conclusão segundo os planos approvados. Ultimamente teem sido emprendidas algumas obras para melhoramento da barra, que é dividida por diversos rochedos e bancos de areia em tres canaes chamados a *barra grande*, *portas de Castellão*, e *portas* simplesmente. Um paredão, que ahi se construe ao presente, e que liga a terra firme com uns rochedos, que se levantam no oceano, deve melhorar muito a barra.

D'entre as mais apraziveis vivendas das margens do Lima, citaremos duas por mais bellas, posto que fiquem afastadas da cidade: as quintas e palacios dos senhores condes d'Almada, e de Britiandos. Sobresaeem ambas pelo risonho da situação, e pelas pompas da natureza; porém a segunda reúne a estas vantagens o concurso da arte (*).

A meia legua de Vianna, para o norte, em sitio alto, mas cercado de montes, que por todos os lados lhe limitam o horisonte, está o edificio do extincto convento de S. Francisco, que foi de frades capuchos da provincia da Conceição. A sua primeira fundação effectuou-se no anno de 1398; e no de 1584 passou por uma reedificação geral. Tem contigua uma linda matta, com muitas capellas e fontes.

Todo o concelho de Vianna é muito bem cultivado, e regado por numerosos mananciaes. As suas producções mais communs, são: cereaes, com especialidade milho, que exporta para differentes portos do reino; legumes, vinho, linho, e frutas. Tem varias marinhas, das quaes recolhe algum sal.

Vianna contém perto de sete mil habitantes, não entrando n'este numero o regimento que n'ella tem o seu quartel.

(*) Veja-se o que d'ella dissemos no artigo de Ponte de Lima.

Acha-se ligada por meio de excellentes estradas macdamisadas, e carreiras regulares de diligencias com as cidades do Porto, de Braga, e de Guimarães, e com as villas de Caminha, Barcellos, e Villa Nova de Famalicão.

Illustraram esta cidade muitos filhos benemeritos, dos quaes nomearemos alguns. O insigne jurisconsulto *Pedro Barbosa*, foi lente da universidade de Coimbra, desembargador do paço, chanceller-mór do reino, e autor de diversas obras juridicas muito estimadas, e da recopilação e reformação das ordenações do reino, que fez por ordem de D. Philippe II de Hespanha, depois d'este se assenhorear de Portugal. *D. Miguel Pereira*, foi prelado de Thomar, e bispo da Bahia, falleceu em 1630. O doutor *Marçal Cazado Jacome*, bispo eleito de Portalegre. *Domingos Ribeiro Cirne*, arcebispo eleito de Goa, e depois bispo d'Elvas.

A VILLA DA VIDIGUEIRA.

Está fundada em uma alegre planicie na provincia do Alemtejo, districto administrativo de Beja. Dista da cidade d'Evora sete leguas para o sul, e quatro para o nordeste da cidade de Beja.

Posto que se ignore a origem d'esta villa, consta todavia que já existia em tempos anteriores á monarchia, tendo então assento em outro sitio, que uns querem que fosse, onde agora chamam *Alfaia-tes* e *Ferrarias*, na varzea do Zambujal; e outros dizem que era junto á ermida de Santa Clara. Estes ultimos fundam a sua opinião em ter sido esta ermida a primeira parochia da villa.

Não se sabem as razões, que houve para esta mudança de local, nem a epoca em que se effectuou. Provavelmente arruinou-se nas guerras contra os moiros, e dispersando-se os seus moradores, parte d'elles veio a reedificá-la com os seus proprios materiaes em logar melhor, ou mais a seu gosto. Do que ha noticia é que era uma pequena e pobre aldeia no meiado do seculo XIII; e que, tratando el-rei D. Affonso III de fazer povoar a provincia do Alemtejo, que pela sua recente conquista aos moiros estava quasi deserta, doou o senhorio da Vidigueira ao mestre Thomé, thesoureiro-mór da sé de Braga, com a condição de a mandar povoar com gente da sua diocese, onde superabundava a população.

Cumpriu mestre Thomé aquella clausula, e a povoação da Vidigueira cresceu rapidamente. Por morte d'este primeiro donatario passou aquelle senhorio para os seus sobrinhos, que o transferiram ao arcebispo de Braga D. Martinho de Oliveira. Pouco depois trocou-o este prelado com el-rei D. Diniz pela herdade de *Chão da Veleira*, na qual instituiu o morgado d'Oliveira, de que é actualmente possuidor o senhor conde de Rio Maior.

Em 1315 fez doação da Vidigueira el-rei D. Di-

niz a sua sobrinha, D. Isabel, filha do infante D. Affonso, seu irmão. Fallecendo esta senhora, entrou na posse d'este dominio sua filha, D. Maria, e depois sua neta, D. Joanna.

Por mercê d'el-rei D. Fernando passou a Vidigueira em 1367 para Vasco Martins de Mello; e por morte d'este para D. Isabel, filha bastarda do mesmo soberano.

Subindo ao throno D. João I, e querendo recompensar os grandes serviços do condestavel D. Nuno Alvares Pereira, deu-lhe em 1385 muitos bens e senhorios, entre os quaes se incluia o da Vidigueira. Em 1422 o mesmo condestavel fez doação d'esta terra a seu neto, D. Fernando, conde de Arrayolos e marquez de Villa Viçosa, e mais tarde segundo duque de Bragança. Conservou-se n'esta augusta casa até que D. Jaime, quarto duque de Bragança, a vendeu a D. Vasco da Gama, o illustre descobridor da India, por escriptura feita em Evora a 17 de Novembro de 1519. Foi o preço da venda quatrocentos mil réis de juro, e quatro mil cruzados em dinheiro, quantia muito grande n'aquelle tempo, em que o alqueire de trigo regulava de quinze a vinte réis.

No seguinte anno de 1520, a 20 de Janeiro, elevou el-rei D. Manuel ás honras de conde da Vidigueira a D. Vasco da Gama, cujo titulo se tem conservado sem interrupção nos seus descendentes. Presentemente é decimo-quarto conde da Vidigueira o senhor D. Thomaz Xavier Telles de Castro da Gama Ataide Noronha Silveira e Sousa, filho primogenito do senhor marquez de Niza.

Deu foral a esta villa el-rei D. Manuel no 1.º de Junho de 1512. O seu brasão d'armas é um castello enlaçado com uma vide. Allude este brasão ao castello da villa, e ás muitas vinhas, que o seu territorio outr'ora continha. Dizem que d'esta circumstancia tirou a villa o seu primeiro nome de *Videira*, que depois se trocou no de Vidigueira.

E' cercada esta villa de espaçosos campos ou rocos, em um dos quaes se acha a unica parochia, dedicada a S. *Pedro*. E' um bom templo de tres na-

ves, edificado á custa de Pedro Lopes Pinto, prior d'esta freguezia. Concluiu-se no anno de 1590.

A primeira parochia da villa foi a ermida de Santa Clara. D'esta transferiu-se para a ermida de Santa Margarida, onde depois se erigiu a casa da misericordia. A terceira trasladação foi para a actual egreja de S. Pedro.

A *casa da misericordia* foi fundada no anno de 1620, e occupa um dos lados da praça da villa. Os outros edificios religiosos são : o *recolhimento do Espirito Santo*, de terceiras carmelitas, que teve principio em 1668, na ermida da mesma invocação, o qual ainda se conserva habitado : as ermidas de S. Braz, S. Sebastião e S. Pedro, dentro da villa, e fora as de Santa Clara, e de S. Rafael, e a egreja do extincto *convento de Nossa Senhora d'Assumpção*, que pertenceu aos frades capuchos da provincia da Piedade. Fundou este convento em 1545 D. Francisco da Gama, segundo conde da Vidigueira.

Sobre uma eminencia, que se ergue no campo ou rocío, onde está a egreja parochial de S. Pedro, avulta o *castello da Vidigueira*. Attribue-se a sua fundação a D. Fernando I do nome, e segundo duque de Bragança, então senhor d'aquella villa. Pelo tempo adiante fizeram-lhe muitas obras de augmento e reedificação os condes da Vidigueira, e marquezes de Niza, alguns dos quaes por muitas vezes residiram em um palacio dentro do mesmo castello.

A um quarto de legua da villa, nas faldas de uma serra, e sobranceiro a uma dilatada varzea, está o edificio do extincto *convento de Nossa Senhora das Reliquias*, que foi de frades carmelitas. Fundou-o a mesma ordem em 1495, concedendo-lhe el-rei D. Manuel uma ermida, que ahi existia, onde se venerava com muita devoção e concorrência dos povos d'aquelles arredores uma imagem de Nossa Senhora das Reliquias. Esta imagem, segundo conta a sua lenda, foi salva por uns monges das profanações dos moiros na occasião da sua entrada na Lusitania, permanecendo largos annos escondida

n'umas brenhas. Depois foi descoberta n'um zambujeiro no proprio local onde se lhe edificou a ermida. Tomaram-a os carmelitas para orago do seu convento, collocando-a na capella-mór da egreja.

N'esta capella-mór teem seu jazigo os marquêzes de Niza, condes da Vidigueira. Em um arco, ou nicho, que se abre na parede do presbyterio, do lado do evangelho, esteve até ha poucos annos o caixão, que encerra as cinzas do illustre descobridor da India. Em uma pedra embutida na mesma parede lê-se a seguinte inscripção :

«Aqui jaz o grande argonauta D. Vasco da Gama, primeiro conde da Vidigueira, e almirante das Indias Orientaes, e seu famoso descobridor. »

O portuguez, que mais conhecido fez em todo o globo o nome de Portugal, não tem uma pedra, que lhe guarde os despojos mortaes das injurias dos profanadores. Por vergonha d'esta patria ingrata aquelle caixão (que ao presente se acha na matriz da Vidigueira), tem sido frequentes vezes aberto e patente aos olhos dos viajantes curiosos ; e não poucos ossos do illustre finado figuram hoje entre as reliquias de homens notaveis em varios gabinetes de antiguidades !

Na parede fronteira, do mesmo presbyterio, está n'outro caixão, collocado como aquelle, D. Francisco da Gama, quarto conde da Vidigueira. No pavimento da capella-mór jazem em sepulturas razas, entre outros membros d'esta familia, D. Vasco Luiz da Gama, quinto conde da Vidigueira, e primeiro marquez de Niza, e seu filho, D. Francisco Luiz Balthazar Antonio da Gama, sexto conde da Vidigueira e segundo marquez de Niza.

Para uma das paredes lateraes d'esta capella-mór deu o primeiro marquez de Niza um grande painel da Ascensão de Christo, de vinte e dois palmos de altura, e dezeseis de largura, que era reputado como obra de muito primor e de elevado preço. Não achamos memoria do nome do autor, nem sabemos se ainda ali existe.

Possuia este templo muitas alfaias e vasos de su-

bido valor, e varias reliquias em custosos relicarios de oiro e prata. A cêrca do convento é grande e muito arborisada. Cortam-na duas ribeiras, que levam agua todo o anno.

Não devemos deixar de fallar da ermida de S. Rafael, tambem situada nos arrabaldes da villa da Vidigueira, por quanto a imagem do archanjo, seu padroeiro, acompanhou Vasco da Gama na sua primeira viagem á India. Pela muita devoção que lhe tinha este ousado navegador, levou-a na camara da sua nau, á qual deu o nome de S. Rafael.

D'entre as pessoas notaveis naturaes da villa da Vidigueira, citaremos o erudito escriptor *Achiles Estaço*; o veneravel *frei Antonio das Chagas*, eloquente orador sagrado; e D. Christovão da Gama, que padeceu martyrio pela fé christã em terras de Africa.

O termo da Vidigueira contém bellas varzeas, regadas por diversas ribeiras, e bem cultivadas. Consistem as suas principaes producções em cereaes, vinho, e azeite. Não faltam para o consumo da villa frutas e outros generos agricolas. Tem creação de gados, e n'algunas serras abunda a caça.

A população da Vidigueira não é inferior a duas mil e quatrocentas almas. Tem feira annual de tres dias a 20 de Janeiro.

VILLA DO CONDE.

Tem assento esta villa em terreno plano sobre a margem direita do rio Ave, e a meio quarto de legua da sua foz. Dista cinco leguas para o sudoeste da cidade de Braga, e quatro para noroeste da cidade do Porto, a cujo districto administrativo pertence.

Attribue-se a el-rei D. Sancho I a fundação d'esta villa, no anno de 1200. Ha, porém, quem julgue que este monarcha foi simplesmente o restaurador de uma antiga povoação, que ali existia em ruinas, e que florecera no tempo dos romanos. Os que sustentam esta opinião, autorisam-a com a existencia de um velho e derrocado castello, que era conhecido pelo nome de *Castro*, e que se demoliu no seculo xiv para se edificar no seu logar o mosteiro das freiras de Santa Clara. Aquelle nome, e a tradição, dão motivo para se presumir, que fôra obra romana. N'este caso, é possível, e mesmo provavel, que os romanos tivessem fundado alguma povoação junto da fortaleza, principalmente por ser o sitio, como porto de mar, e foz de um rio, tão azado para o estabelecimento de uma colonia. Entretanto, isto não passa de uma conjectura com mais ou menos fundamento.

O primeiro senhor d'esta villa foi o conde D. Mendo Paes Rofinho, do qual lhe veiu a denominação de *villa do Conde*.

El-rei D. Diniz doou este senhorio a D. Maria Paes Ribeira, nobre e formosa dama de quem teve varios filhos bastardos. Depois entrou na posse de Villa do Conde D. Affonso Sanches, filho natural do mesmo rei, e de D. Aldonça Rodrigues Telha. Nasceu este principe antes do anno de 1289, e casou com D. Thereza Martins, filha de D. João Affonso de Menezes, conde de Barcellos, e senhor d'Albuquerque.

que, e de Villa do Conde, e neta de D. Sancho iv, rei de Castella.

Estando resolvido D. Affonso Sanches a reconstruir o antigo castello, de que acima fallámos, para defensa da povoação e do porto, sonhou em certa noite, que a obra já estava começada, e se andava fazendo com a escada dirigida para o ceo. Julgando ver n'este sonho, que era vontade de Deus, que em vez de um castello edificasse ali uma casa de oração, decidiu fundar um convento. Lançou-lhe a primeira pedra no anno de 1318, e assim que se acabou, entregou-o ás religiosas franciscanas, da regra de Santa Clara.

O fundador fez doação, em sua vida, ao mosteiro de muitos bens, e por sua morte, e de sua mulher, deixou-lhe o senhorio de Villa do Conde e de outras terras, com avultadas rendas. Lograram as freiras por muitos annos este senhorio. A abbadesa com o seu ouvidor sentenceava as appellações das sentenças do juiz; e possuia todos os direitos reaes.

El-rei D. Duarte começou a contestar ás freiras estes grandes privilegios; e D. João iii acabou a questão desapossando-as d'elles, em 1537, e dispondo d'este senhorio em favor do infante D. Duarte, seu irmão. Pelo casamento de D. Catharina, filha d'este infante, com D. João i, sexto duque de Bragança, passou o mesmo senhorio para a real casa de Bragança.

Villa do Conde tinha representação nas antigas côrtes do reino, e os seus procuradores n'ellas tomavam assento no banco oitavo. Tem por brasão de armas em mar azul uma nau á vela.

Os seus alcaides-móres eram nomeados pelos duques de Bragança. Depois da sua exaltação ao throno, tem andado esta alcaidaria-mór na familia dos Baenas Sanches.

Ha na villa uma só parochia, dedicada a *S. João Baptista*, fundada por el-rei D. Manuel, e erigida em collegiada pelo arcebispo de Braga, D. Diogo de Sousa, no anno de 1518. Além d'este os principaes edificios publicos e religiosos, são : a *egreja da*

misericordia, o *hospital*, seis *ermidas*, a *casa da camara*, a *alfandega*, o *convento de Santa Clara*, e o *convento de Nossa Senhora da Encarnação*, da *extincta ordem de S. Francisco*.

Tem um pequeno *theatro*; uma *assemblea*, intitulada *assemblea recreativa*; e um bello caes de *pedra*, que segue pela *margem direita do Ave* até á sua *foz*, proximo da *capella de Nossa Senhora da Guia*.

O *convento de Santa Clara*, e o seu famoso *aqueducto* são dois monumentos grandiosos, que, avultando gigantescamente sobre todas as *construcções da povoação*, dão a *Villa do Conde* um aspecto nobre e particular.

Ergue-se senhorilmente em sitio um pouco elevado, e sobranceiro á villa. A primeira *fabrica de D. Affonso Sanches* conservou-se, com algumas obras de reparo, até ao *seculo passado*. Achando-se então o *convento* muito deteriorado, e ameaçando ruina, foi mister proceder-se a uma *reedificação* desde os *alicerces*. E tão avultadas eram as suas *rendas* ainda n'esta *epoca*, apesar do muito que tinham diminuido, quando foram tirados ás *freiras* os *direitos senhoriaes da villa*, que a nova *fabrica*, verdadeiramente sumptuosa, foi levantada á *custa da ordem*. Não chegou a concluir-se, mas ainda assim é um dos mais vastos *mosteiros*, que ha no *reino*, e quanto á *regularidade, belleza, e magestade da sua architectura*, é muito superior aos melhores de *Lisboa*, e a todos os que conhecemos no *paiz*. A *frontaria principal*, que está voltada para o *occidente*, era digna de um *palacio real*. Compõe-se de tres *andares*, com dezeseite grandes *janellas* em cada um; e divide-se em cinco *corpos* por *duplicadas pilastras*. O do *centro* é coroado por um *frontão*, ornado no *tympano* com um *baixo relevo*, no *vertice* com uma *estatua colossal*, e nos *acroterios* com *quatro vasos*. Cada um dos *corpos das extremidades* tem *quatro vasos ou pyras*, por *decoração superior*.

A *egreja* é boa, e contém *alfaias de muita ri-*

queza e primor. Em uma das suas capellas jazem os fundadores em magnifico mausoleu, com o seguinte epitaphio: « Aqui jaz o muito esclarecido «principe D. Affonso Sanches, filho d'el-rei D. Diniz, de gloriosa memoria, rei de Portugal, com a «muito excellente senhora, sua mulher, D. The-reza Martins, neta d'el-rei D. Sancho de Castella, primeiros fundadores d'este convento. »

Este sepulchro esteve por muitos annos da parte de fora da egreja, onde foi levantado segundo o uso do tempo, que não permittia enterramentos no interior dos templos. No anno de 1526, a abbadessa D. Isabel de Castro mandou edificar ahi uma capella com communicacão por um arco para a egreja, de sorte que, sem remover o mausoleo, lhe deu abrigo sob as abobadas do templo.

Conduz agua para este convento um grande aqueducto, que corre por longa extensão de terreno sobre uma elegante arcaria, composta de novecentos noventa e nove arcos. No seculo passado ainda era habitado o convento por cento e vinte freiras. Presentemente residem n'elle umas trinta religiosas.

O convento de Nossa Senhora da Eucaracão, da extincta ordem de S. Francisco, foi fundado em 1522.

A barra é estreita, e só permite a entrada a navios de pequena lotacão. Defende-a um forte de cinco baluartes, principiado no seculo xvi por ordem de D. Duarte, duque de Guimarães, filho do infante D. Duarte, e neto d'el-rei D. Manuel. Fez o risco e dirigiu a obra Philippe Tercio, architecto italiano, que esteve ao serviço de Philippe II de Hespanha, pelo que alguns escriptores attribuem a este soberano a edificacão d'aquelle forte. Pelos annos de 1624, pertencendo já então o senhorio de Villa do Conde á casa de Bragança, mandou o duque D. Theodosio II continuar com a fortaleza, que veio a concluir-se durante as guerras da restauracão do reino.

Um operario, que trabalhava n'estas obras, achou ahi no anno de 1636 uma bella saphira, que ven-

deu ao conego Manuel Maio. Este vendeu-a na cidade do Porto, por vinte e cinco mil réis, a um estrangeiro, que a levou a Paris, onde dizem que obtivera por ella setenta mil cruzados. Na mesma occasião se descobriram ainda mais algumas saphiras, porém de muito menos valor.

Antes da fundação do forte havia, para defesa da barra, uma plataforma com quatro peços de artilharia, que estava situada junto da ermida, que ali se vê, consagrada a Nossa Senhora da Guia. Esta ermida é muito antiga, e de muita devoção dos maritimos. Foi oratorio dos principes fundadores do convento de Santa Clara.

Villa do Conde é terra farta e saudavel. Tem tres mil e duzentos habitantes, que pela maior parte se empregam no commercio e nas pescarias. O movimento do seu porto regula annualmente por umas duzentas e quarenta embarcações entradas e saídas. N'estes ultimos annos teem-se construido n'este porto alguns navios.

O rio Ave não é navegavel para cima da villa por causa de uns açudes, que o obstruem. Cria muitas lamprêas, saveis, barbos, trutas, relhos, escallos, e bogas. A costa visinha do oceano abastece de variado pescado não só Villa do Conde, mas parte do interior da provincia.

As cercanias d'esta povoação são lindas, para o que lhe bastam as formosas margens do Ave. Consiste a principal cultura em trigo, centeio, milho, e algum vinho. Para o consumo da povoação tem excellentes hortaliças, e frutas. No concelho cria-se algum gado.

Fazem-se na villa tres feiras mensaes, nos dias 3, 12 e 20, muito concorridas de gente de fora.

Fronreira a Villa do Conde, na margem esquerda do Ave, está *Azurara*, povoação antiga, com uma bella igreja parochial, edificada por el-rei D. Manuel.

A pouco mais de um quarto de legua de Villa do Conde, para o norte, fica a *Povoa de Varzim*, villa de seis mil habitantes, que em grande parte se

occupam da pesca. Está situada sobre o oceano, com extensas praias, limpas de pedras, o que lhe dá a vantagem de servir de estação de banhos do mar, á qual concorrem muitas familias do interior da provincia.

VILLA FLOR.

Na provincia de Traz-os-Montes, districto administrativo de Bragança, está Villa Flor edificada nas abas de uma serra, que a abriga do norte. Dista tres leguas e meia, para o noroeste, da villa da Torre de Moncorvo, e quatro, para o sudoeste, da villa de Mirandela.

Não temos encontrado memoria da origem d'esta villa; é certo porém, que tem bastante antiguidade, pois consta que el-rei D. Diniz lhe reformou o foral velho, e, segundo a tradição dos habitantes, lhe mudou o antigo nome de *Povoa d'além do Sabor* no de Villa Flor.

Até ao fim do seculo xv foi terra importante, e rica. Era habitada então por grande numero de judeus, que a faziam florecente pelo trato commercial. Pela sua expulsão de Portugal, em virtude das condições do contracto matrimonial d'el-rei D. Manuel com a princeza D. Isabel de Castella, sua primeira mulher, começou a decadencia de Villa Flor. E caminhou rapidamente n'esta senda, porque não lhe faltou sómente aquella actividade e genio mercantil, que caracterisavam, e ainda hoje caracterizam a raça israelita, mas tambem os capitaes, que n'esses tempos eram como um apanagio quasi exclusivamente seu.

Assim veio a diminuir consideravelmente a população da villa, e muitos dos seus edificios caíram em ruínas.

O senhorio d'esta villa andou na familia dos Agui-lares até ao fim do reinado d'el-rei D. Fernando. Depois, como estes seguissem o partido de D. João I de Castella, na guerra da successão, foram privados de todas as honras e bens por D. João I de Portugal, que logo fez doação de Villa Flor a Vasco Peres de Sampaio. Possuiram-na os descendentes d'este fidalgo, cujo representante actual é o senhor conde de Sampaio.

O brasão d'armas d'esta villa é uma flor de liz e o escudo das armas reaes; aquella em allusão ao seu nome, e este em memoria de lhe ter sido dado o brasão pelo soberano, (cremos que foi D. João I) em troca do antigo, que se compunha de cinco aguias. Parece que a razão d'esta mudança foi por ser este brasão o mesmo dos antigos donatarios, os Aguilares.

Não é esta villa a que dá o titulo aos condes de Villa Flor, mas sim a do mesmo nome na provincia do Alemtejo.

A unica parochia da villa é da invocação de S. Bartholomeu. Limitam-se os outros edificios religiosos á casa da misericordia e varias ermidas.

Dez fontes, uma das quaes é de boa fabrica, abastecem a povoação, que apenas consta de mil almas, pouco mais ou menos.

A sua cêrca de muros, com quatro portas, foi obra d'el-rei D. Diniz. Não sabemos se ainda os conserva.

Tanto os suburbios, como todo o concelho, são egualmente abundantes d'agua, e por consequencia mui productivos e arborisados. Consiste em geral a sua cultura em cereaes, legumes, vinho, azeite, frutas, especialmente castanhas, e linho. Cria-se n'elles algum gado, e caça miuda.

Foi natural d'esta villa o poeta Paulo Montes de Madureira Roubão, autor do poema heroico *Progressos Lusitanos*, em louvor das acções do exercito portuguez na guerra da successão de Hespanha.

VILLA NOVA DA CERVEIRA.

Esta villa é uma das praças d'armas da provincia do Minho, no districto administrativo de Viana. Está situada sobre a margem esquerda do rio Minho, quatro leguas abaixo da praça de Monção, e duas da praça de Valença; e duas leguas acima da villa de Caminha.

Fundou-a el-rei D. Diniz pelos annos de 1320 em um sitio chamado *Cervaria*, dizem que por ser frequentado de cervos, como logar que era deserto, assombrado de arvoredos, e junto de um rio. D'esta circumstancia parece que tirou a nova povoação o seu nome e brasão d'armas.

A primeira fundação d'esta villa foi um pouco mais acima, aonde chamavam as Valinhas, junto de Nossa Senhora de Lobelhe. Depois mudou-se para o logar em que se acha, por ser mais apropriado a obras de defensa.

Posto que seja praça d'armas, pouco ou nada tem figurado na historia das nossas guerras. Esta parte da fronteira de Portugal tem sido mais poupada, que as outras nas diversas lutas com os nossos visinhos. E quando estes a teem invadido, procuram sempre transpor-a onde a passagem do rio lhes offerece menos difficuldades, e por conseguinte muito acima de Villa Nova da Cerveira.

Tinha representação esta villa em as nossas antigas côrtes, com assento no banco decimo-setimo. O seu brasão d'armas é, em campo verde, um veado ou cervo, sustentando nas pontas o escudo das quinas portuguezas, sem os castellos.

El-rei D. Affonso v fez visconde de Villa Nova da Cerveira a D. Leonel de Lima, em 1476. Era um fidalgo de antiga e illustre linhagem, senhor de varias terras, e alcaide-mór da villa de Ponte de Lima. Foi o primeiro visconde, que houve em Portugal. Actualmente é o decimo-setimo visconde do mesmo titulo, terceiro marquez de Ponte de Lima,

e alcaide-mór de Villa Nova da Cerveira, o senhor D. José Maria Xavier de Lima Vasconcellos Brito Nogueira Telles da Silva, descendente de D. Leonel de Lima.

A parte mais antiga da povoação, a que chamam *dentro da villa*, é cingida de altos muros com oito torres, tres plataformas, barbican, e uma porta, sobre a qual está uma capella de *Nossa Senhora d'Ajuda*. N'esta parte da villa acham-se situadas a *egreja da misericordia*, a *casa da camara*, e *ca-dêa*, os *armazens e mais officinas* proprias de uma praça de guerra.

Sac-se d'aquella porta para um largo guarnecido por diversos predios particulares, pela *egreja matriz*, dedicada a S. Cypriano, e por dois alpendres, e um chafariz, que deita grande quantidade d'agua. D'este largo partem duas ruas; a da *Egreja*, que tem no meio a *praça do peixe*, e no fim a ermida de S. *Sebastião*, e a do *Arrabalde*, que termina na ermida de S. *Miguel*, junto da qual está uma fonte.

Toda esta parte da villa, que é mais moderna, tambem é cercada de muralha, com seus baluartes e fosso; obra feita no tempo da guerra da restauração de 1640. Fora d'esta muralha ainda ha uma rua, chamada das *Côrtes*, onde se vêem a ermida de S. *Roque*, que outr'ora foi parochia da villa, e a feitoria, ou fornos onde antigamente se cozia pão para a tropa.

Abrem-se quatro portas n'esta segunda muralha: a da *Campanha*, que olha para o norte, e tem á entrada uma capella da invocação de *Santo Antonio de Lourido*; a *porta Nova*, voltada para o sul, e que dá saída para a estrada, que conduz a Caminha e Vianna, tambem com uma capella consagrada a S. *Gonçalo*, toda cercada de arvoredos; a *porta de traz da Egreja*, que deita para leste, e dá comunicação para a rua das *Côrtes*; e a *porta do Rio*, que fica do lado d'êste, e conduz ao caes da villa sobre o rio Minho.

Defronte da porta da Campanha está o *forte de*

S. Francisco, sobranceiro ao rio, e junto da aldêa d'Azevedo, com seus baluartes e plataformas. Fez-se no seculo decimo-setimo. Em frente d'esta obra, em logar alto, está uma atalaia, que alcança com fogo de fuzilaria todo o terreno até á praça e ao forte de *S. Francisco*.

Os suburbios de Villa Nova da Cerveira são de muita belleza e amenidade, sobretudo os que se avizinham ás margens encantadoras do Minho. Vêem-se n'elles diversas ermidas, e no alto d'um monte, a um quarto de legua da villa, o convento de *S. Paio dos Milagres*, da extincta ordem de *S. Francisco*, fundado por frei Gonçalo Marinho no anno de 1392.

O mercado da villa é abundante de peixe, tanto do rio, como do mar, que dista d'ali pouco mais de duas leguas. O termo produz cereaes, legumes, hortalças, e frutas, sendo muitas as castanhas, vinho, excellente mel, e linho, que passa por ser o melhor da provincia. Tem muita criação de gado, de diferentes especies; e abunda em caça.

A população d'esta villa é alguma coisa inferior a mil almas.

Defronte da villa, na margem direita do Minho, fica o logar da Barca de Goyão, presidio da Galiza.

VILLA DAS PIAS.

Esta pequena villa da provincia da Estremadura, districto administrativo de Santarem, está edificada nas faldas de um oiteiro, que divide dois valles. Posto que esteja cercada de montes, que lhe limitam o horisonte, goza de uma situação muito aprazivel pela amenidade e frescura d'aquelles valles, povoados de frondoso arvoredo; e pela boa vizinhança, que lhe faz a ribeira das Pias.

Deram começo a esta povoação os cavalleiros do Templo no seculo xii, em que el-rei D. Affonso Henriques lhes fez doação do visinho castello de Ceras e do territorio de Nabancia, para que os povoassem e defendessem contra os sarracenos.

Em quanto durou a luta com os moiros n'esta parte do paiz, o logar das Pias teve uma existencia precaria, principalmente desde que os templarios, abandonando o castello de Ceras, que servia de refugio aos moradores das aldeas proximas, nas invasões do inimigo, fundaram o castello e villa de Thomar, e para ahi se mudaram.

Com a expulsão dos moiros principiou a desenvolver-se a agricultura, e os habitantes d'aquelle logar taes vantagens auferiram da fertilidade dos seus terrenos, que no seculo xvi se achava a povoação tão crescida e abastada, que D. João iii a elevou á cathegoria de villa. Conta-se, que passando este soberano por este logar, e pernoitando ahi, em umas casas, que então eram de Jeronymo de Sousa, fôra recebido com tantas festas e apparato, que logo resolveu fazel-a villa, não só como signal do seu reconhecimento, mas tambem pela idéa, que ficou fazendo da riqueza da terra. Assim que chegou a Evora realisou esta graça por alvará de 23 de Fevereiro de 1534; e a Jeronymo de Sousa creou capitão-mór da dita villa.

Não se sabe com certeza qual seja a etymologia do nome de Pias. Presume-se, comtudo, que provém

de um antigo chafariz, que está á entrada da villa, o qual deita agua para dois pequenos tanques ou pias, cavadas em uma pedra inteiriça.

O senhorio, alcaidaria-mór e jurisdicção ecclesiastica andavam annexos ao convento e prelazia de Thomar.

Tem esta villa por brasão d'armas um escudo com a imagem de Nossa Senhora da Piedade.

Dentro da villa ha uma só parochia intitulada *S. Luiz*, e nos suburbios duas, *S. Silvestre aos Chãos*, e *Nossa Senhora da Graça das Areas*, chamada antigamente *Santa Maria das Arenas das Pias*. D'esta ultima foram freguezes todos os moradores do logar das Pias até que, erigido este em villa, se instituiu a parochia de *S. Luiz* na ermida da mesma invocação pelos annos de 1550. A egreja actual foi edificada em 1588. Está situada no centro da povoação, em terreno elevado, com um espaçoso adro, para o qual se sobe por escadas de cantaria. E' um bello templo de tres naves.

A unica ermida, que ha na villa, é a de *Santo Antonio*, que foi parochia, quando tinha a invocação de *S. Luiz*.

Tem esta povoação algumas casas nobres, e diversos chafarizes, que a abastecem de muita e boa agua. Na villa, e dentro dos limites da freguezia, que são mui circumscriptos, contam-se mais de trinta fontes. Ainda que sadia, farta de todos os generos necessarios á vida, e cercada de terrenos fertilissimos, não chega a ter setecentos habitantes. Aqui, como em outras terras do interior, as vantajosas condições do solo são quasi annulladas pela difficuldade das communicações.

Os arredores d'esta villa são accidentados e pittorescos. Ergue-se ahi a *serra de Santa Catharina*, d'onde brotam copiosos mananciaes, que regam os dois valles acima referidos. Do mais alto cume da serra, onde está uma ermida de Santa Catharina, desfructa-se um lindo panorama, em que figuram o Tejo e os dilatados campos de Santarem. Os valles, que se estendem entre esta serra e a de *S. Sa-*

turnino, estão cobertos de vinhas, hortas, pomares, e outros arvoredos.

A *ribeira das Pias*, que passa proximo da villa, tem origem junto da ermida de S. Marcos, dentro da quinta da Figueira. Nasce em uma gruta de bastante altura para poder entrar n'ella um homem, onde rebentam dois olhos d'agua, que ahi formam um pequeno lago. Sae a ribeira d'este lago, e engrossada com as vertentes da serra de Santa Catharina, faz trabalhar muitos moinhos e lagares d'azeite, até se lançar no rio Nabão.

No termo d'esta villa ha uma curiosidade natural digna de menção. E' a *gruta d'Avecasta*, situada n'um monte junto ao logar d'este nome, e pouco acima da ermida de S. João. Entra-se para ella, descendo para uma cova circular, que lhe serve como de pateo, e na qual se levanta um arco aberto na rocha, e tão proporcionado, que parece obra d'arte. Este arco, que dá entrada para a gruta, tem mais de quinze pés d'altura, e quarenta de largura. A lapa é muito espaçosa, e com a mesma elevação do arco. A sua abobada, toda de rocha, está sempre gotejando agua por entre os musgos e avenca, que a cobrem. Vista de fora parece escura, e medonha: mas dentro é bastantemente clara, excepto n'uma caverna, que n'ella se abre para o lado esquerdo, onde não é possível penetrar sem auxilio de archote. Dizem que esta caverna tem saída para a parte opposta do monte.

Perto do logar d'Avecasta forma-se todos os annos uma grande lagoa com as chuvas do inverno, a qual se conserva até ao verão. Na estação propria é frequentada de muitos patos e outras variedades de caça d'arribação; o que attrahe a estes sitios numerosos caçadores.

Em um oiteiro proximo da lagoa existe uma antigualha de muita celebridade entre os povos d'aquelles contornos. Chamam-lhe *torre do ladrão Gayão*. E' uma torre quadrangular, arruinada, e bastante alta, que mostra ter tido tres andares, com janellas, e uma unica porta na altura do primeiro andar, para a qual se entrava, sem duvida,

por alguma ponte levadiça. Contiguo a torre vêem-se restos de outros edificios, que deixam presumir, que ali houve habitação de uma poderosa familia.

Brandão, na terceira parte da Monarchia Lusitana, pretende que esta torre fôra de D. Gayão, alcaide-mór de Santarem, homem facinoroso, a quem chamaram o *Ladrão*. E a phantasia do povo creou uma historia cheia de horrores, que ainda hoje faz estremecer de medo a muitos moços e donzellas d'aquelles sitios, quando passam por junto d'essas ruinas mysteriosas.

Diz, pois, a lenda popular, que em eras remotas vivia na dita torre um gigante chamado Gayão, tão desmesurado na grandeza do corpo, como na perversidade da alma. Por todas aquellas visinhanças não havia quem se julgasse seguro, por mais forte que fosse, e bem guardado, contra as malfeitorias do gigante. E aos viandantes de longes terras, que passavam descuidosos e achegados á sua habitação, accommettia-os de improvis, roubando-os e dando-lhes morte cruel. As scenas horri-veis, de que a lenda está repleta, é um nunca acabar de lagrimas e sangue.

Apiedou-se, enfim, a Providencia d'aquelles miserios povos, e determinando castigar o seu algoz, serviu-se de um fraco instrumento para executar a sua justiça. Certo dia, estando Gayão á espreita dos que passavam, viu que se encaminhava para ali um anão. Mal este infeliz se aproximou da torre fatal, viu-se repentinamente assaltado pelo gigante. O pobre anão, tomado de medo, ou fingindo terror, tirou logo a bolsa, e deixou-a cair no chão. Porém apenas o gigante se abaixou para a apanhar, sentiu um ferro agudo traspassar-lhe as entranhas. A viveza da dôr fêl-o erguer de um pulo, mas foi a ancia da morte; caindo sem vida sobre o anão, esmagou, e fez cadaver o seu vencedor.

Acaba a lenda, dizendo que os dois adversarios foram ali mesmo enterrados, e que lá permanecem as suas sepulturas, assignaladas com grandes pedras.

Passando por este sitio o infante D. Luiz, filho d'el-rei D. Manuel, para se desenganar, ou para desilludir os habitantes, mandou abrir a sepultura do gigante. Escusado será dizer, que não achou vestigio algum do que procurava.

A torre de Gayão dista meia legua da Villa das Pias. Fica perto da ribeira da Murta, e dá o nome á *quinta da Torre da Murta*. Esta propriedade, que comprehende uma formosa mata de sobreiros e carvalhos, fechada com muro, pertenceu á extincta casa dos condes da Castanheira, cujos bens passaram, na maior parte, para os senhores marquezes de Castello Melhor.

As producções agricolas do termo da Villa das Pias consistem em cereaes, legumes, batatas, azeite, vinho, linho, e frutas, principalmente castanhas e ameixas.

Outr'ora exportava grande quantidade d'ameixas passadas para diversas terras do paiz, porém a maior parte para Lisboa. Em 1699, diz um nosso escriptor do seculo passado, só um individuo exportou trinta mil alqueires.

VILLA REAL.

Esta villa é a mais bonita e melhor terra da provincia de Traz os Montes. Sobreleva em importancia ás cidades de Bragança e de Miranda. É cabeça de comarca, e capital do districto do seu nome.

Está situada na parte occidental da provincia, em uma risonha planicie, que se estende entre dois rios, o principal dos quaes se chama *Corgo*. Dista da cidade de Lamego quatro leguas para o nordeste, outras tantas da villa d'Amarante para o sueste, e obra de duas do ponto mais proximo da provincia do Minho.

Foi fundada esta villa por el-rei D. Diniz no anno de 1288, levando assim a effeito este plano já intentado por seu pae, el-rei D. Affonso III, em 1272. Aquelle soberano deu á nova povoação o seu primeiro foral em 1289. Passados tres annos, aos 24 de Fevereiro de 1292, concedeu-lhe segundo foral, ampliando algumas regalias, e accrescendendo novos privilegios, afim de attrahir á povoação nascente maior numero de moradores. Um d'esses privilegios impedia ao alcaide mór ter parte alguma no governo da villa, favor muito apreciado pelos povos, por quanto os alcaides môres, geralmente fallando, exerciam nas suas terras não pequenos vexames.

O mesmo rei D. Diniz fez doação do senhorio de Villa Real a sua esposa, a rainha Santa Isabel, e ao diante, de accordo com esta senhora, dispoz d'elle em favor de sua nora, a infanta D. Beatriz, que o logrou depois de rainha. Mais tarde deu-o el-rei D. Fernando á rainha D. Leonor Telles de Menezes, sua mulher.

No reinado seguinte fez mercê d'este senhorio el-rei D. João I a um fidalgo do appellido de Porto Carreiro. Depois passou para a familia dos Menezes, pelo casamento de D. Maior Villalobos Porto Carreiro, herdeira da grande casa de seus paes,

com João Affonso Telles de Menezes, primeiro conde de Vianna. Foi fructo d'este consorcio D. Pedro de Menezes, segundo conde de Vianna, e primeiro capitão de Ceuta, a quem el-rei D. Affonso v creou primeiro conde de Villa Real. Sua filha, e herdeira, D. Brites de Menezes, casou com D. Fernando de Noronha, filho de D. Affonso, conde de Gijon, e de Noronha, e de D. Isabel, filhos bastardos, aquelle de D. Henrique II, rei de Castello, e esta de D. Fernando I, rei de Portugal.

Do enlace de D. Brites de Menezes com D. Fernando de Noronha nasceu primogenito D. Pedro de Menezes, que foi feito primeiro marquez de Villa Real por el-rei D. João II. El-rei D. Philippe III de Castella, e segundo dos intrusos no governo de Portugal, erigiu esta villa em ducado a favor de D. Manuel de Menezes, quinto marquez de Villa Real. O sexto marquez gozou tambem do titulo de duque de Villa Real; e o oitavo, D. Miguel de Menezes, foi duque de Caminha. Tendo entrado este infeliz mancebo, juntamente com seu pae, D. Luiz de Menezes, setimo marquez de Villa Real, na conspiração contra el-rei D. João IV, foram justicados no dia 29 de Maio de 1641. Os seus immensos bens foram sequestrados para a corôa, e passado algum tempo, este mesmo soberano fez d'elles o nucleo, ou fundamento da casa do infantado, creada para seu filho segundo o infante D. Pedro, depois rei.

No reinado de D. Maria I foi feito conde de Villa Real, pelo principe regente, D. José Luiz de Sousa Botelho Mourão e Vasconcellos, morgado de Matheus. Actualmente é terceiro conde seu neto, D. José Luiz.

Pela sua posição geographica, afastada da fronteira do reino, e das estradas, que ligam os principaes centros da povoação do paiz, esta villa tem sido das mais poupadas tanto nas guerras estrangeiras, como nas luctas civis. A esta circumstancia, e bem assim ao desinvolvimento da industria vinicola do alto Douro, deve o seu engrandecimento e riqueza, em quanto que todas, ou quasi

todas as outras terras da provincia de Traz os Montes, á falta de faceis communicações, e de impulso industrial, ou vão em decadencia, ou se conservam estacionarias. Em breve Villa Real se achará ligada ao Porto por uma excellente estrada macdamisada, já transitada por diligencias desde esta ultima cidade até á Regoa, villa sobre o Douro, que apenas dista umas tres leguas da villa de que tratamos.

Villa Real tinha voto nas antigas côrtes, com assento no banco quinto. A alcaidaria mór anda na casa dos marquezes de Olhão, hoje representada pelo senhor D. José de Mello da Cunha Mendonça e Menezes, filho, e herdeiro do ultimo marquez.

Quanto ao nome da villa, parece que lh'o deu el-rei D. Diniz, em memoria de ser fundação sua. Ha porém quem explique por outro modo a etymologia d'elle, dizendo que se deriva da situação topographica da terra entre dois rios; pelo que pretendem que o seu nome era Villa *Rial*, ao diante corrupto em Villa Real.

Consiste o brasão d'armas d'esta nobre povoação em uma corôa de loiro, tendo no meio escripta a palavra *alleo*, e ao lado uma espada. Estes emblemas dizem respeito a D. Pedro de Menezes, senhor, e primeiro conde d'esta villa. Conta-se do seguinte modo o caso, que lhe deu origem.

Conquistada aos moiros a praça de Ceuta, cuidou logo el-rei D. João I de dispôr todos os meios para a sua defensa e conservação. Quando tratou, porém, de lhe nomear governador, todos se escusavam de acceitar tão pesado e perigoso cargo. Ninguém deixava de prever, que o imperador de Marrocos viria cair em breve sobre a praça com todo o seu poder. Questão era esta para os moiros mais que de capricho e de honra, de uma transcendencia verdadeiramente grande para a segurança e independencia do seu paiz. Por tanto a difficuldade, ou antes impossibilidade de conservar Ceuta, com os recursos de que se podia dispôr, fracos para tão ardua empresa, era obvia ainda aos mais limitados entendimentos.

Foi n'estas circumstancias, que D. Pedro de Menezes se offereceu para ficar com o governo da praça.

Mandou-o el-rei vir á sua presença para lhe perguntar, se com effeito se atrevia a defender a todo o transe aquelle posto de honra das armas portuguezas. D. Pedro, que se achava jogando a *chaca* (*), quando recebeu o recado d'el-rei, apresentando-se ao monarcha com o *alleo*, que era o pau com que jogava, respondeu com singular resolução: «Com este alleo, que me vêdes na mão, o defenderei contra toda a moirisma.»

Ficou pois D. Pedro de Menezes por primeiro capitão de Ceuta; e cumpriu á risca a sua promessa. Durante vinte e dois annos, que teve este governo, foi a praça por muitas vezes sitiada e accommettida por formidaveis exercitos de moiros, que, apezar de esforços desesperados, nunca lograram rendel-a.

O illustre defensor de Ceuta foi um dos poucos portuguezes, que viram dignamente premiados o seu valor e patriotismo. Além dos titulos de conde de Vianna, e de Villa Real, teve dois galardões de subido apreço. O alleo, ou cajado com que prometteu a D. João I defender a praça, foi por determinação regia cuidadosamente guardado, para com elle se dar posse, em lugar de bastão, aos governadores d'aquella praça. E Villa Real tomou por brasão d'armas uma espada e uma corôa de loiro com a lettra *alleo*, em memoria das suas victorias.

Na Torre do Tombo acha-se desenhado de diversa maneira o brasão d'esta villa. Como ahi se vê é, em campo vermelho, um braço de homem, vestido de azul, e empunhando na mão uma espada. Cremos que este, foi o primeiro brasão que a villa teve.

Divide-se Villa Real em duas partes, a da fundação d'el-rei D. Diniz, que este soberano cingiu com muralhas e tres torres, á qual hoje chamam

(*) Jogo de cajados então muito em uso.

villa velha; e a povoação mais moderna, que se foi estendendo e crescendo por fóra dos muros, e que é a principal.

São duas as parochias: *S. Diniz*, e *S. Pedro*. Aquella é a matriz, e acha-se estabelecida na egreja do extincto convento de *S. Domingos*, para onde se mudou em consequencia do seu templo primitivo ameaçar ruina.

Os outros edificios religiosos e pios são: a *casa da misericordia*; o *hospital*; onze *ermidas*; o *convento das freiras de Santa Clara*; a *egreja do extincto convento de S. Francisco*; e a *egreja velha de S. Diniz*. Esta ultima é um templo de architectura gothica, obra d'el-rei D. Diniz. Está situada na *villa velha*, onde agora é o cemiterio, ao qual serve de capella.

O convento de religiosas claristas, da invocação de *Nossa Senhora do Amparo*, teve principio em 1602. Ainda é habitado por algumas poucas freiras.

O convento de *S. Domingos*, que pertenceu á ordem dos prégadores, foi edificado com esmolas do povo em 1524, e depois accrescentado e melhorado pelos marquezes de Villa Real. Em tempos modernos, estando a servir de quartel, reduziu-o a cinzas um violento incendio.

O convento de *S. Francisco*, que era de frades capuchos da provincia da Conceição, teve por fundadores os referidos marquezes pelos annos de 1573. É hoje propriedade particular.

Tem esta villa algumas ruas guarnecidas de boas casas, e uma grande praça, ornada de um chafariz, e de uma esbelta e alta pyramide, de uma pedra inteiriça, que remata em uma cruz. Abastecem-na d'agua nove fontes publicas. Possui um theatro, casa d'assembléa, um lyceu, e uma livraria publica, estabelecida modernamente no convento de *S. Francisco*.

Dos antigos muros e castello apenas restam alguns vestigios.

Para todos os lados são as saidas da villa desfogadas e risonhas. Hortas, pomares, devezas de

carvalhos e castanheiros, e muitas quintas, fazem todas aquellas cercanias alegres e formosas.

Entre essas quintas tem o primeiro logar a dos senhores condes de Villa Real. É uma bella propriedade, cabeça do morgado de Matheus, com um grande palacio, e uma linda matta. Na sua capella, consagrada a Nossa Senhora dos Prazeres, faz-se annualmente uma festa com arrayal, a que concorrem as gentes da villa e dos suburbios.

O concelho de Villa Real produz pouco trigo, e muito centeio e milho, vinho, frutas, com especialidade castanhas, e sumagre. Criam-se n'elle diversas especies de gado, e é abundante de caça, e de peixe dos rios Douro e Corgo. Porém o principal ramo da sua agricultura consiste nos preciosos vinhos do alto Douro, conhecidos e acreditados em todo o mundo pelo nome de *vinhos do Porto*; os quaes formam o mais valioso artigo das exportações de Portugal.

O rio Corgo passa proximo da villa, onde o atravessa uma grande ponte, nasce perto de Villa Pouca, e entra no Douro abaixo de Canellãs e Poyares, a duas leguas de Villa Real. Os romanos chamavam a este rio *Corruço*.

Villa Real conta perto de cinco mil habitantes, que se empregam pela maior parte no commercio, na agricultura, e nas pequenas industrias manufactureiras. Tem muitas familias nobres, e serve de residencia a um governador civil, juiz de direito, e mais autoridades que competem ás capitães de districto e cabeças de comarca.

Tem uma feira annual, que principia a 13 de Junho.

Foi natural d'esta villa o padre Alvaro Lobo, jesuita, que viveu na segunda metade do seculo xvi, escriptor distincto.

VILLA VIÇOSA.

Esta nobre e antiga povoação da provincia do Alemtejo, districto administrativo d'Evora, está sentada n'um valle tão fertil e verdejante, que de seus viços perennes tomou o nome de *Villa Viçosa*. Distta da cidade d'Evora sete leguas para esnoroeste, e quatro da cidade e praça d'Elvas para sudoeste.

Patria e côrte dos duques de Bragança até á sua exaltação ao throno; theatro de uma das mais lamentaveis scenas tragicas da nossa historia, e tambem das mais esplendidas festas, que n'este paiz se teem celebrado; sitio memoravel nos fastos lusitanos por uma das mais brilhantes victorias, que as armas portuguezas ganharam na restauração da sua independencia e liberdade; terra notavel por monumentos e bellezas naturaes, *Villa Viçosa* tem por muitos titulos merecida celebridade.

Alguns autores attribuem a sua fundação aos carthaginezes, 350 annos antes do nascimento de Christo. Porém, como allegam por unica prova a circumstancia de terem ali existido dois templos, um dos quaes dedicado ao deus Endovelico, e erigido por Maharbal, julgamos inteiramente infundada semelhante opinião por duas razões: a primeira porque a existencia de um templo carthaginez, ou romano, não dá fundamento bastante, só de per si, para se asseverar que taes povos ahi tivessem edificado uma povoação; a segunda porque consta de inscrições lapidares, tiradas das ruinas do dito templo, e transportadas para *Villa Viçosa*, onde se conservam, que o monumento de Maharbal existiu n'um logar a tres leguas d'esta villa, chamado actualmente *Terena a velha*.

Entretanto, apesar de se lhe desconhecer a origem, não se pode duvidar da sua muita antiguidade, pois que ha memoria de que os arabes a assenhorearam na sua invasão na peninsula.

Deveria ser n'essa epoca terra de pouca importancia, a julgar pela falta de noticias que ha d'el-

la durante o longo dominio dos sarracenos, desde o anno de 715 até ao de 1217 em que o nosso rei D. Affonso II a conquistou aos infieis. Arruinou-se e despovoou-se por essa occasião, e assim ficou até que D. Affonso III a mandou reconstruir e povoar, concedendo-lhe foral com muitas exempções aos 25 de Junho de 1270.

Tres annos antes fundaram ahi os eremitas de Santo Agostinho o seu convento de Nossa Senhora da Graça. Segundo refere a chronica d'esta ordem Villa Viçosa era então uma pobre aldêa, comprehendida no termo de Estremoz.

El-rei D. Diniz edificou-lhe um bom castello, e cercou-a de muros com suas torres, e cinco portas, chamadas: *dos Nós, de Santa Luzia, de S. Sebastião, da Esperança, e de S. Francisco.*

Assim defendida contra as invasões inimigas, não de moiros, que, já expulsos do paiz, não o incommodavam; mas dos castelhanos, que sempre foram maus visinhos, começou a villa a medrar. Porém o seu maior desinvolvimento data dos fins do seculo XIV, em que o condestavel D. Nuno Alvares Pereira, tendo entrado no senhorio d'esta villa, a ennobreceu com edificios, e animou com a sua presença, assistindo temporadas nos paços, que edificou dentro do castello.

Pelo casamento de D. Brites, filha e herdeira do condestavel, com D. Affonso, conde de Barcellos, e depois primeiro duque de Bragança, filho bastardo d'el-rei D. João I, vieram os immensos bens e senhorios de D. Nuno Alvares Pereira á casa de Bragança.

O duque D. Affonso não teve residencia fixa. Passou a sua dilatada vida ora n'uma, ora n'outra terra dos seus estados. Porém seu filho D. Fernando, primeiro do nome, e segundo duque de Bragança, fez a sua principal assistencia em Villa Viçosa, e seus successores ahi estabeleceram a sua côrte ducal, com quanto tivessem grandes palacios em Lisboa, Barcellos, e Guimarães, onde iam passar algum tempo.

O successivo engrandecimento d'esta familia em

riquezas e poderio reflectia em Villa Viçosa todo o seu lustre e esplendor. Dizendo-se que a augusta casa de Bragança se achava então montada como a de nossos reis; servida por grande numero de fidalgos, com as mesmas qualificações de officiaes môres e menores; observando em tudo o mesmo ceremonial; e que chegou a contar oitocentos criados, de todas as graduações e classes, poder-se-ha formar uma idéa aproximada da ostentação da sua côrte, e das grandezas da villa.

N'esse periodo brilhante dos seus fastos presenciou muitos acontecimentos, que ficaram memoraveis na historia da villa e do reino. Mencionaremos os mais importantes.

Será o primeiro uma tragedia, que é a pagina negra da chronica dos duques de Bragança D. Jaime, unico do nome, e quarto na serie d'estes duques, era casado com D. Leonor de Mendonça, filha dos duques de Medina Sidonia. Ao cabo de dez annos de matrimonio, um dia foi o duque avisado de que alta noite costumava entrar um homem moço nos quartos da duqueza, subindo a uma das janellas do lado do jardim. Na noite d'esse dia foi o infeliz surprehendido depois de transpôr a janella, e immediatamente caiu morto aos pés do duque.

D. Jaime, cego pelo ciume, entra furioso no quarto de sua esposa; manda ao seu capellão que a confesse, no fim do que, surdo ás vozes da desditosa, que protestava pela sua innocencia, com cinco feridas lhe arrancou a vida.

Soube-se depois, que as visitas nocturnas de Antonio Alcaforado, que assim se chamava aquelle mancebo, eram para uma das damas da duqueza. Passou-se esta scena de horrores na noite de 2 de Novembro de 1512. D. Leonor de Mendonça ficou commemorada na villa pelo epitheto popular de *duqueza santa*.

N'este mesmo seculo, em 1571, entrou em Villa Viçosa com numeroso e luzido sequito, na sua passagem para Lisboa, o cardeal Alexandrino, sobrinho do papa Pio v, e enviado por este pontifi-

ce como legado aos reis de França, de Hespanha, e de Portugal. A pompa e obsequios com que ahi foi recebido e tratado pelo duque de Bragança D. João I, e as festividades que por esse motivo se celebraram por ordem do dito duque, fizeram ecco por sumptuosas em toda a península.

Dez annos depois, quando os exercitos de Filippe II atravessaram a fronteira do Alemtejo para se apoderarem da herança do cardeal rei, entrou em Villa Viçosa, como inimigos um troço de tropas castelhanas. Alem de muitos vexames e extorsões, que fez aos habitantes, deu saque ao castello, onde se guardava um rico thesouro dos duques de Bragança.

Consummada a usurpação de Castella pelas armas do duque d'Alba; reconhecido Filippe II nas côrtes de Thomar como rei de Portugal; passou este monarcha a Lisboa, e no seu regresso a Hespanha foi a Villa Viçosa visitar a duqueza de Bragança, D. Catharina, legitima herdeira do throno portuguez, como filha do infante D. Duarte, filho d'el-rei D. Manuel.

Tres dias se demorou n'esta villa D. Filippe II com toda a sua côrte, onde foi hospedado pela duqueza, não com festas e alegrias que lh'o não permittiam o seu recente estado de viuvez, e a espoliação de que era victima, mas com magnificencia verdadeiramente real.

O astuto filho de Carlos V fez todos os partidos possiveis á duqueza para que ella renunciasse os seus direitos á corôa; e vendo a recusa inabalavel d'esta princeza, procurou alentar-lhe com brillhantes promessas a esperança de futuros engrandecimentos para a sua casa, afim de conjurar quaesquer estorvos á consolidação da sua odiosa soberania.

Ê sabido como, depois de conseguido o intento, a politica de Castella se empenhou em abater a casa de Bragança. Sendo um dos seus maiores cuidados estorvar as allianças d'esta familia com as casas soberanas da Europa, depois de fingidas muitas diligencias, que secretamente contrariava, a respeito do casamento do duque de Bragança, D. Theo-

dosio II, filho da duqueza D. Catharina, com uma princeza estrangeira, fez com que esta senhora se visse, por assim dizer, obrigada a acceitar para esposa de seu filho a uma vassalla da corôa de Castella, D. Anna de Velasco, filha de D. João de Velasco, duque de Frias, e condestavel de Castella.

No 1.º de Julho de 1602 assignou-se em Valladolid o contracto nupcial. D. Catharina ao receber esta noticia, exclamou: «Pois bem, não quizeram que meu filho casasse com uma princeza. Fazia-lhes isso muita sombra. Mas não hão de poder embarçar, que o seu casamento seja solemnizado como o de um soberano. Hão de fazer-se festas, que attrahirão a Villa Viçosa gente de todas as partes do reino; e mostrar-se-ha a quem vier todo o apparato de uma côrte real, e a hospitalidade e amor de uma carinhosa mãe.»

Foram adiadas as nupcias para d'ahi a um anno, e este tempo foi todo empregado em preparativos para as funcções.

Effectuou-se o consorcio em Junho de 1603. As festas, como fica dito, tinham um fim politico de muito alcance. Não se pouparam esforços para que fossem o mais grandiosas, que os recursos da casa de Bragança comportassem. Esses recursos eram immensamente grandes. Por conseguinte as festas foram maravilhosas; prolongaram-se por muitos dias; e attrahiram á villa muitos milhares de pessoas de todas as partes do reino, e até de Hespanha. E toda essa multidão de hospedes, que representavam todas as classes da sociedade, foi recolhida e sustentada á custa do duque de Bragança, e segundo a cathegoria dos individuos.

D'este feliz enlace nasceu o duque de Bragança, D. João II, que os portuguezes exaltaram ao throno dos seus reis naturaes com o nome de D. João IV, sacudindo o jugo hespanhol, no 1.º de Dezembro de 1640. Este successo, porém, tão venturoso para o paiz, operou a decadencia de Villa Viçosa. A ausencia dos duques, e da sua numerosissima familia, bem como a de muitas outras pessoas principaes da terra, a quem se deram empregos em

Lisboa, deixou a villa quasi deserta. A longa e encarniçada lucta, que se seguiu com a Hespanha, ainda veio afugentar d'ali muitas familias, que se não julgavam seguras n'uma terra tão proxima da raia. D'est'arte a desanimação e a miseria das industrias substituíram em Villa Viçosa o seu bulicio, esplendor, e riquezas d'outr'ora.

Ao cabo de vinte e cinco annos de guerra com a Hespanha foi sitiada Villa Viçosa pelos castelhanos, commandados pelo marquez de Carracena. Philippe IV, tendo posto todas as suas esperanças n'este general, a quem os seus compatriotas chamavam o *Marte de Hespanha*, mandou-o vir de Flandres, onde estava por governador em nome d'aquelle monarcha, e encarregou-o do commando de um exercito de tropas escolhidas entre as que mais se tinham distinguido nas campanhas d'Italia e d'Alemanha. Compunha-se este exercito de quinze mil infantes, sete mil e seiscentos cavallos, quatorze peças d'artilharia, e dois morteiros.

O marquez de Carracena, querendo abrir a campanha por uma victoria, que julgava facil, partiu de Badajoz direito a Villa Viçosa, a que poz cêrco nos principios de Junho de 1665. Consistia toda a defesa da praça em uma debil muralha; no seu velho castello, cercado de algumas obras modernas de fortificação, de pouca importancia; e n'uma guarnição de mil e quatrocentos homens. Além d'isto tinha contra si ser dominada por varios montes, que estavam em poder do inimigo.

Defenderam-se os sitiados com incrível valor, repellido successivos e violentos assaltos durante oito dias, no fim dos quaes veio em auxilio da praça o marquez de Marialva, commandando o exercito portuguez, composto de quinze mil soldados d'infanteria, cinco mil e quinhentos de cavallo, e vinte peças d'artilharia.

O marquez de Carracena levantou o campo, e foi sair ao encontro dos portuguezes, com o designio de os atacar em marcha, julgando que assim os poria em desordem, e mais facilmente venceria.

Encontraram-se os dois exercitos não longe de

Villa Viçosa, no sitio chamado *Montes Claros*, em o dia 17 de Junho do referido anno de 1665. Reinava então D. Affonso vi, filho, e successor de D. João iv.

Começou a batalha ás oito horas da manhã. Depois de sete horas de renhidissima peleja, foram rotos e desbaratados completamente os castelhanos, deixando no campo mais de quatro mil mortos, e em nosso poder seis mil prisioneiros, tres mil e quinhentos cavallos, quatorze canhões e dois morteiros, que era toda a sua artilharia, oitenta e seis bandeiras de infantaria, dezoito estandartes de cavallaria, e um grande material de guerra.

Nos reinados de D. Pedro ii, de D. João v, de D. José i, e de D. Maria i, assumiu Villa Viçosa mais alguma animação com a presença d'estes soberanos, que lhe faziam frequentes, e, ás vezes, demoradas visitas. Porém, depois da partida da familia real para o Brazil em 1807, voltou á sua habitual solidão e tristeza. Em Outubro de 1843 foi visitada por suas magestades e altezas, a rainha D. Maria ii, el-rei D. Fernando, e seus filhos, o principe real, e o infante duque do Porto; e em 1860 por el-rei o senhor D. Pedro v, e por suas altezas o infante duque de Beja, e o principe Leopoldo de Hohen-zollern.

Felizmente está travada a roda da decadencia de Villa Viçosa pelo poder dos progressos materiaes.

Acha-se esta villa em faccis communicações com Lisboa, por meio do caminho de ferro do Barreiro ás Vendas Novas, e das diligencias que transitam na estrada macdamisada, que d'este ultimo ponto conduz a Elvas, passando por Estremoz, a duas leguas e meia de Villa Viçosa. O caminho de ferro, que deve ligar Lisboa com Madrid e outras capitães da Europa, cujos trabalhos estão bastantemente adiantados, tambem passará não longe dos seus muros. E a via ferrea, em construcção, das Vendas Novas a Evora e Beja, ficar-lhe-ha a uma distancia de sete leguas. Todos estes grandes melhoramentos hão de preparar um melhor futuro para Villa Viçosa.

Foi esta villa cabeça de marquezado, cujo titulo deu el-rei D. Affonso v, em 23 de Março de 1433, a D. Fernando, conde de Arrayollos, filho segundo do primeiro duque de Bragança, e seu successor nos estados d'esta grande casa pela morte do primogenito.

A alcaidaria mór de Villa Viçosa andava na familia dos Sousas, senhores de Gouvea de Riba Tamega. Nas reuniões dos tres estados sentavam-se os seus procuradores no banco decimo sexto.

O seu brasão d'armas é, em campo verde, um castello de prata entre duas torres tambem de prata. Sobre o castello tem a imagem de Nossa Senhora da Conceição, e por cima da porta da fortaleza as cinco quinás de Portugal. Allude o brasão á padroeira da villa, ao seu castello de fundação real, e ao viçoso da sua situação.

As ruas de Villa Viçosa são direitas, largas, limpas, e guarneçadas de casas de boa apparencia. No centro tem uma praça soffrivelmente regular. Na extremidade do norte está a sua mais nobre praça, chamada *Terreiro do Paço*, cercada pelo grandioso paço dos duques de Bragança, pela capella real, pelo palacio do deão da mesma capella, pela egreja e convento de Nossa Senhora da Graça, e pelo mosteiro das Chagas de freiras franciscanas.

Para o lado do sul tem outra praça, ou campo, onde se vê o edificio do extincto convento dos capuchos. Para o lado de oeste está outro campo, ou rocio.

Divide-se a villa em duas parochias, consagradas a *Nossa Senhora da Conceição*, e a *S. Bartholomeu*. A primeira está dentro do castello. Fundou-a o condestavel D. Nuno Alvares Pereira; e el-rei D. Joao vi, achando-se no Rio de Janeiro, erigiu-a em cabeça da ordem de cavallaria, intitulada de *Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa*, aos 6 de Fevereiro de 1818. É um templo de tres naves de boa architectura. Os mais edificios religiosos são os que seguem.

A *casa da misericórdia* teve principio no seculo xvi.

O *convento de Nossa Senhora da Graça*, que foi de eremitas de Santo Agostinho, teve a sua primeira fundação em 1267. Em 1366 reedificou-o o condestavel D. Nuno Alvares Pereira; e mais tarde fizeram-lhe importantes obras os duques de Bragança D. Jaime, e D. Theodosio I. Tem uma grande egreja, construida de excellentes marmores. E' o pantheão dos duques de Bragança, que ahi repoisam em mausoleos de marmore branco e negro, collocados n'uma capella fundada para esse fim pelo duque D. Jaime. No frontispicio do templo vêem-se embebidas na parede as inscrições, que pertenceram ao templo do deus Endovelico, de que acima fallámos.

O *convento de Nossa Senhora do Amparo*, que pertenceu aos religiosos paulistas, foi edificado primitivamente no sitio de Val Bom, no anno de 1435, e no de 1590 transferiu-se para dentro da villa, começando-se então o actual, que se concluiu em 1612.

Os jesuitas tiveram aqui dois collegios: o de *S. João Evangelista*, casa professa, fundado em 1601 pelo duque de Bragança D. Theodosio II; e o dos *Santos Reis*, fundado em 1735.

O *convento das Chagas*, ainda habitado por freiras franciscanas, é fabrica do duque D. Jaime, que lhe deu principio em 1527. N'elle teem o seu jazigo as duquezas e mais princezas da casa de Bragança até á exaltação de D. João IV ao throno de Portugal.

O *convento de Santa Cruz*, de religiosas agostinhas, tambem ainda habitado, foi construido em 1529.

O *convento de Nossa Senhora da Esperança*, de franciscanas, egualmente existente, foi fundado em 1516.

Fora da villa, mas a pouca distancia, está o *convento de Nossa Senhora da Piedade*, outr'ora de frades capuchos. Teve tres fundações. A primeira, devida ao duque D. Jaime, no anno de 1500, em um sitio a meia legua da villa. A segunda em 1547, pelo duque D. Theodosio I, mais perto da povoa-

ção, sendo a causa da mudança a falta de salubridade do lugar. A terceira, por igual motivo, em 1606, escolhendo-se então local conveniente, sobranceiro á villa.

De dezeseis ermidas, que n'ella ha, as principais pela nobreza da fabrica, são : a capella do paço, que é collegiada com deão, e conegos, e a ermida de *Santo Antonio*, de que eram padroeiros os duques de Bragança. O *hospital real*, que ainda hoje se acha menos mal montado, era sustentado á custa dos duques.

O *palacio real* é a construcção da villa mais sumptuosa, e de maiores proporções. Foi começado em 1501 pelo duque D. Jaime, pois que os seus antecessores habitavam, como já referimos, nos paços do castello. Augmentou-o bastante o duque D. Theodosio I, e seu filho, D. João I fez-lhe muitos adornos por occasião do seu consorcio. As obras, porém, de mais sumptuosidade foram emprendidas pelo duque D. Theodosio II no anno de 1603, em que lhe fez inteiramente de novo toda a fachada principal.

Está situado entre duas ruas e a grande praça do *Terreiro do Paço*, da qual, conjuntamente com a capella real, que lhe fica contigua, occupa dois lados. E' construido de marmore branco. A frontaria principal, que olha para a praça, compõe-se de tres pavimentos, cujas janellas são divididas por setenta e duas pilastras, doricas no pavimento terreo, jonicas no andar nobre, e corinthias no segundo.

Pouco ha interiormente n'este vasto edificio digno de menção. Outr'ora encerrava decorações de muita riqueza e primor. Vestiam-lhe as paredes das suas numerosas salas e quartos preciosas telas de brocados, velludos, e guadamecins, bordados a oiro e prata, e cobriam-lhe os pavimentos custosas alcatifas. Nada d'isto hoje lá existe, e as salas acham-se quasi todas nuas de ornatos. Todavia n'uma, de grandes dimensões, vêm-se os retratos de todos os duques de Bragança, e de outros principes d'esta familia, pintados a oleo, e em corpo

*

inteiro, por Pedro Antonio Quillard, pintor francez ao serviço d'el-rei D. João v, que lhe incumbiu esta obra. D'este artista fazia o nosso pintor Cyrillo Wolkmar Machado o seguinte juizo: « Tinha talentos superiores; retratava bem; pintava com lindo estylo as festas galantes no gosto de Watteau, de quem parecia ser discipulo. »

A casa chamada da *armaria* era antigamente um dos objectos, que mais excitavam a curiosidade aos que visitavam este paço. Era um deposito d'armas de guerra e de caça, de differente genero e qualidade, contendo as precisas para armar alguns milhares de soldados. Perdeu-se uma grande parte em Africa, na batalha d'Alcacer-Quivir, onde o duque D. João i enviou um corpo de tropas, pago à sua custa. O resto d'aquelles armamentos empregou-se na luta da restauração de 1640.

Os jardins do paço não se recommendam por coisa alguma, nem mesmo mostram vestigios, aavez do abandono em que se acham, de terem correspondido á magnificencia da antiga habitação ducal, nem ao encarecimento, que d'elles fizeram varios autores. Esta falta é compensada pela grandeza da tapada, de que ao diante fallaremos, digna por certo de uma residencia real.

O castello é o monumento de mais antiguidade, que ha na villa. Está edificado na extremidade da povoação, do lado d'este, onde o terreno se levanta um pouco. Foi dentro da sua cêrca de muralhas, que Villa Viçosa teve o berço. Existem ainda ahi, além da egreja matriz, os restos do palacio do condestavel D. Nuno Alvares Pereira.

As mais fortificações da villa, comprehendidas durante a guerra da restauração, consistem em tres baluartes, ligados com os muros do castello; um forte para a parte do sul, em forma de estrella, com uma obra quadrada antiga no centro a cavalleiro, tres revelins, e tres meias luas. O grosso da povoação era defendido n'aquella epoca por boas trincheiras.

Tem esta villa uma casa d'assembléa. Quauto a

theatro apenas existe um em mau estado, e sem uso, no paço real.

É Villa Viçosa farta de boa agua, de excellentes frutas e hortaliças, e de todos os mais generos necessarios á vida. Os suburbios são agradaveis, e muito arborisados. Cobrem-se todos de vinhas, pomares, hortas, e olivae. Fertilisa-os a ribeira d'Asseca, que nasce perto da villa, e morre no Guadiana, no porto do Arieiro. Corre em todo o seu curso por entre margens debruadas d'arvores silvestres; faz trabalhar varios moinhos de trigo, e outros d'azeite; e cria muito peixe miudo, como bordallos, bogas, e pardelhas. Atravessam-na duas pontes, uma de cantaria, de cinco arcos; e outra de pedra tosca, que a tradição diz ser obra dos moiros.

A poucas milhas de Villa Viçosa encontra-se a grande tapada real, celebrada por Lope da Vega, e admirada outr'ora pelos estrangeiros, que a visitavam. Deu-lhe principio o duque de Bragança D. Jaime, e acabou-a seu neto, o duque D. João 1. Tem dez milhas de circumferencia, e tres na sua maior largura. Antigamente era toda dedicada aos prazeres da caça. Encerrava extensos bosques, muitas fontes, lagos, e jardins, casas de campo, e ermidas, excessiva abundancia de veados, corças, e javalis; e alguns viveiros d'aves, e de peixes; tudo alindado e tratado com magnificencia verdadeiramente real.

Ao presente está menos bella, porém mais lucrativa para o patrimonio regio, e mais util para o paiz.

A caça, de que ainda possui muita copia, achase restricta a um terço da tapada, tendo-se construido para esse fim um muro de separação em toda a largura da propriedade. Os dois terços restantes estão consagrados á agricultura e criação de gado.

N'esta parte ha mui importantes montados, sendo os outros terrenos divididos em pequenos lotes, e arrendados aos lavradores pobres. As fontes, la-

gos, e casas de campo, ainda ali se conservam. Dos jardins apenas restam vestígios.

O termo de Villa Viçosa é fértil, e produz os géneros, que geralmente se cultivam na provincia, e que mencionámos, tratando d'outras povoações do Alemtejo.

Contam-se na villa uns tres mil e quatrocentos habitantes. Tem tres feiras annuaes bastante concorridas: a primeira a 29 de Janeiro, a segunda a 29 de Maio, e a terceira a 29 d'Agosto.

Foram naturaes de Villa Viçosa el-rei D. João IV, e quasi todos os principes da casa de Bragança até á exaltação d'este soberano ao throno.

D'entre as outras pessoas notaveis, que tiveram esta villa por berço, especificaremos as seguintes: *Martim Affonso de Sousa*, governador da India, para onde foi em companhia de S. Francisco Xavier: *D. João de Mello*, presidente do desembargo do paço d'el-rei D. João III, bispo de Silves, regedor das justicas, arcebispo d'Evora, e que assistiu ao concilio Tridentino: *Padre Henrique Henriques*, jesuita, celebre missionario da India, a quem chamaram apostolo de Camorim: *Publia Hortensia de Castro*, que disfarçada em trajos de homem, matriculou-se na universidade de Coimbra juntamente com seu irmão, formou-se em philosophia, defendeu conclusões na cidade d'Elvas, em presença de Filippe II de Castella e da côrte, e compoz varias obras em latim e portuguez: *Belchior do Rego d'Andrade*, desembargador do paço, secretario das rainhas D. Luiza Francisca de Gusmão, D. Maria Francisca Izabel de Saboya, e D. Maria Sofia Izabel de Neubourg, e autor das *Antiguidades de Villa Viçosa*, das *Antiguidades da villa de Barcellos*, e da *Antiguidade da villa d'Ourem, e suas grandezas*.

A CIDADE DE VIZEU.

Acha-se esta cidade no coração da provincia da Beira Alta, da qual é capital. Tem por assento um terreno elevado, mas plano, a oeste da serra da Estrella. Forma um triangulo com as cidades da Guarda e de Lamego, distando da primeira onze leguas para oeste, e nove da segunda para o sul. Treze leguas para este fica a cidade de Coimbra. Corre o rio Vouga a meia legua dos seus muros para a parte do norte; e a quasi igual distancia para o lado do sul passa o Mondego.

A muita antiguidade de Vizeu tem dado occasião a misturarem-se com a sua historia tantas fabulas e incertezas, que não ha atinar com a verdade.

Proximo de Vizeu, em logar baixo, existiu uma cidade da antiga Lusitania, na qual dizem, que fazia a sua principal residencia o grande capitão Viriato, terror das legiões romanas. A opinião mais geralmente seguida dá a esta cidade o nome de *Vacca*, e refere, que assassinado Viriato por traição dos seus, e por industria dos romanos, estes assenhorearam-se com facilidade de toda a Lusitania, e mudaram a cidade de *Vacca*, que se achava em ruinas, para o sitio em que vemos Vizeu, onde começaram por edificar uma fortaleza, da qual permanecem duas torres. É objecto de muitas duvidas o nome que lhe pozeram na trasladação. Querem uns que continuasse a chamar-se *Vacca*; outros *Verrurium*, e outros ainda *Vico Aquario*, ou *Viso*.

Deixando os antiquarios discorrendo e enredando-se n'este escuro labyrintho, começaremos a historia de Vizeu em tempos menos remotos, e de que ha noticias mais positivas.

Esses tempos, a que alludimos, são os seculos v e vi da era christã, em que a cidade de Vizeu, sob o dominio dos reis suevos, já desfructava as prerogativas de sede episcopal, suffraganea do archiepispado de Braga. Pareça que então se chamava *Viso*. No seculo x era este o seu nome, o que

consta de escripturas authenticas do anno de 923, nas quaes figuram como senhores da cidade Hufio Huffes e D. Tareja. D'aquelle nome, pois, se derivou o actual.

Na invasão dos arabes teve esta cidade a sorte de quasi toda a península, recebendo a lei dos agarenos.

Todavia não gozaram os invasores por muitos annos a posse pacifica d'esta sua conquista. Os reis das Asturias e de Leão não tardaram a disputar-lh'a. N'essa prolongada luta cinco vezes foi presa dos infeis. No primeiro quartel do seculo x teve ali a sua côrte D. Ordonho II, rei de Leão. Depois, em 982, tornou ao poder dos moiros, capitaneados pelo terrivel Almansor.

No anno de 1027 pretendeu recuperal-a el-rei de Leão D. Affonso V, e veio pôr-lhe cêrco á frente de um poderoso exercito. Morrendo, porém, este soberano de um tiro de seta, disparado das muralhas, mallogrou-se a empresa. Passados poucos annos, seu genro, el-rei D. Fernando o Magno, resgatou e firmou para sempre na fé christã a cidade de Vizeu em 28 de Junho de 1038, e expulso os serracenos de todo o paiz comprehendido entre o Douro e o Mondego.

N'esta guerra ficou a cidade tão arruinada e despovoada, que resolveu el-rei D. Fernando transferil-a para outro sitio. Dizem que se dera principio á nova povoação na *cava de Viriato*, assento da antiga *Vacca*, cujo nome aquelle soberano pretendia tambem fazer reviver. Mas isto não passou de uma tentativa. Vizeu foi reedificada e povoada de novo, permanecendo no mesmo local.

Entrou esta cidade no dominio do conde D. Henrique e da rainha D. Thereza nos fins do seculo XI. Esta soberana, sendo já viuva, habitou por vezes n'ella, e lhe deu foral em 1125, cujo autographo se conserva ainda no archivo da camara.

El-rei D. Affonso Henriques concedeu-lhe novo foral, que foi confirmado por seu filho, D. Sancho I, no anno de 1187.

Durante o tempo em que reinaram os nossos

reis da dynastia Affonsina, não se passou em Vizeu acontecimento algum digno de memoria. A sua situação, afastada da fronteira, deveu ver-se livre das devastações da guerra em toda essa porfiosa luta, que a monarchia novel sustentou contra os moiros.

Esta circumstancia foi causa, sem duvida, de que se descurasse a conservação das antigas muralhas, que, damnificadas por occasião da tomada da cidade por el-rei D. Fernando, o Magno, por tal forma se foram arruinando, que nos fins do seculo xiv estavam inteiramente derrocadas. D'isto resultou uma grande desgraça para Vizeu.

Derrotadas as tropas castelhanas na batalha d'Aljubarrota, no dia 14 d'Agosto de 1385, as reliquias d'este exercito, na sua fuga para Castella, dirigiram-se pela Beira, e foram cair sobre Vizeu, sequiosas de rapina e de vingança. A cidade, aberta por todos os lados, facilmente foi tomada, e em seguida saqueada, e incendiada, sendo passados á espada os seus miseros habitantes.

O inimigo foi expiar as atrocidades ali commettidas diante dos muros de Trancoso, onde Gonçalo Vasques Coutinho, governador do castello d'esta villa, com a gente que pôde reunir, e D. João Fernandes Pacheco, senhor de Ferreira, o combateram e desbaratarem, fazendo grande numero de prisioneiros, e apoderando-se de toda a bagagem, que levava.

A cidade de Vizeu ficou, porém, n'um estado lastimoso. Foram immensas as perdas occasionadas pelo incendio, e pela carnificina.

Segundo o nosso antigo rifão: *casa roubada, trancas na porta*; pensou-se desde logo em fortificar a cidade. Esta questão foi tratada em côrtes; el-rei D. João 1 deu-lhe impulso; os habitantes da cidade, e dos suburbios concorreram para a obra; e traçou-se uma cêrca de muros, mais larga que a primeira. Não chegaram todavia a crescer acima dos alicerces. Feita a paz com a Hespanha, esquecido o passado, e descuidado o futuro, parou a obra.

Nas côrtes celebradas em Lisboa no anno de 1439 requereram aquelles povos o proseguimento das obras da cêrca, o que só conseguiram no reinado de D. Affonso v, concluindo-se as muralhas em 1472.

Reuniram-se côrtes em Vizeu, reinando D. João i, no anno de 1391, e no de 1419. De ambas existem documentos authenticos, embora não fizessem menção d'ellas alguns autores, que escreveram ácerca d'aquelle reinado.

O mesmo rei D. João i elevou Vizeu á cathedra de cabeça de ducado em favor de seu filho o infante D. Henrique, esse principe magnanimo, que abriu o caminho, e deu vigoroso impulso aos gloriosos descobrimentos dos portuguezes.

Por morte do infante D. Henrique succedeu no ducado e senhorio de Vizeu seu sobrinho, o infante D. Fernando, filho d'el-rei D. Duarte, e irmão d'el-rei D. Affonso v, que lhe feza mercê. Foi terceiro e ultimo duque de Vizeu, D. Diogo, filho primogenito do dito infante D. Fernando. Sendo assassinado D. Diogo em Setubal pelas proprias mãos d'el-rei D. João ii, seu primo e cunhado, pelo achar complice em uma conspiração contra a sua vida, foi extinto o ducado de Vizeu, creandose o de Beja para D. Manuel, irmão e successor de D. Diogo, e rei de Portugal depois do fallecimento de D. João ii.

Apezar de todos os contratempos foi crescendo a cidade, graças á fecundidade do solo, que a cerca, de sorte que no reinado de D. João iii tinha-se estendido por fora das muralhas, contando ahi mais população, que no recinto dos muros.

As desditas publicas desde a perda d'el-rei D. Sebastião até ao fim da usurpação de Castella, e depois a luta da restauração do reino, actuaram sinistramente sobre a prosperidade de Vizeu, ainda que, pela sua situação, foi das terras que menos padeceu dos effeitos da guerra.

Melhorou a sua sorte nos reinados de D. João v, de D. José i, e no começo do de D. Maria i, por diversas causas geraes, mas sobretudo pela maior

facilidade das communicações, pois que n'aquella epoca se restauraram, ou construíram de novo as estradas principaes do paiz.

Com os tristes resultados das invasões francezas, da partida da familia real para o Brazil, e das nossas revoluções politicas, ficaram as estradas em abandono, e ao passo que se iam arruinando, caíam em decadencia as povoações do interior. Vizeu chegou a estar quasi incommunicavel com os grandes centros de industria do reino. Entretanto os males provenientes de semelhante isolação tem-lhe sido contrabalançados pelas vantagens, que lhe resultam de ser capital de districto, e de uma divisão militar, e de ter uma feira annual, que é a mais importante de todo o nosso paiz, e que sempre tem sido mui concorrida, apesar dos incommodos da viação. Felizmente esta cidade está quasi entrada em melhores condições economicas. Em breve estará ligada por excellentes estradas a Coimbra, Porto, Lisboa, e outras grandes povoações.

Vizeu tinha voto em côrtes no velho regimen, com assento no segundo banco. É seu alcaide mór o senhor marquez das Minas, como herdeiro e representante dos antigos alcaides môres Silveiras, ramo da familia dos condes de Sarzedas.

O brasão d'armas de Vizeu compõe-se de um escudo coroadado, e n'elle um castello de prata em campo azul, e banhado por um rio. Tem de um lado do castello a figura de um homem em trajos de peregrino, tocando uma bozina, e do outro lado um pinheiro. Achamol-o ainda descripto por outro modo, consistindo a differença em se achar sobre as ameias do castello o homem, que toca a bozina.

A lenda, que deu origem a este brasão, cantou-a Garrett na sua lyra de oiro. Posto que se fez popular essa linda poesia, que o nosso grande poeta intitulou — *Miragaia* — como poderá ser desconhecida para alguns dos nossos leitores, vamos referir a lenda succintamente, e com a ingenuidade com que a narra a tradição.

«D. Ramiro II, rei das Astúrias e de Leão, que reinou desde o anno de Christo de 931 até o de 950, n'uma excursão que fez de Vizeu, onde então residia, por terras de moiros, viu e enamorou-se da formosa Zahara, irmã de Alboazar, rei moiro, ou alcaide do castello de Gaia sobre o rio Douro.

Recolheu-se D. Ramiro a Vizeu com o coração tão captivo, e a razão tão perdida, que sem respeito aos laços, que o uniam a sua esposa D. Uraca, ou como outros lhe chamam D. Gaia, premeditou e executou o rapto de Zahara.

Em quanto o esposo infiel se esquecia de Deus e do mundo nos braços da moira gentil, n'um palacio á beira mar, o vingativo irmão de Zahara, trocando affronta por affronta, veio de cilada, protegido pela escuridão de uma noite, assaltar e roubar nos seus proprios paços a rainha D. Gaia.

A injúria vibra n'alma de Ramiro o ciúme e o desejo de vingança.

O ultrajado monarcha vóa á cidade de Vizeu, escolhe os mais valentes d'entre os seus mais aguerridos soldados, e lá vae á sua frente caminho do Douro.

Chegando á vista do castello d'Alboazar, deixa a sua cohorte occulta n'um pinhal, e disfarçado em trajos de peregrino, dirige-se ao castello, e por meio de um anel, que faz chegar ás mãos de D. Gaia lhe annuncia a sua vinda.

O peregrino é introduzido immediatamente á presença da rainha, que fica a sós com elle. Alboazar tinha ido para a caça. D. Ramiro atira para longe de si as vestes e as barbas, que o desfiguravam, e corre a abraçar a esposa. Esta porém repelle-o indignada, e lança-lhe em rosto a sua traição.

No meio de um vivo dialogo de desculpas de uma parte, e de recriminações da outra, volta da caçada Alboazar. D. Ramiro não pode fugir. Já se sentem na proxima sala os passos do moiro. A rainha, parecendo serenar-se, occulta o marido n'um armario, que na camara havia. Mas apenas entrou

Alboazar, ou fosse vencida d'amor por elle, ou cheia d'odio para com o esposo pela fé trahida, abre de par em par as portas do armario, e pede vingança ao moiro contra o christão traidor.

D'ahi a pouco era levado el-rei D. Ramiro a justicar sobre as ameias do castello. Chegado ao logar da execução pediu o infeliz, que lhe fosse permittido antes de morrer despedir-se dos sons accordes da sua bozina. Sendo-lhe concedida esta derradeira graça, D. Ramiro empunha o instrumento, e toca por tres vezes com todas as suas forças.

Era este o signal ajustado com os seus soldados, escondidos no proximo pinhal, para que, ouvindo-o, lhe acudissem apressadamente. Portanto n'um volver d'olhos foi o castello cercado, combatido, tomado, e depois incendiado. A desprevenida guarnição foi passada ao fio da espada, e Alboazar teve a morte dos valentes: expirou combatendo. E D. Gaia, como ao passar o Douro para a margem opposta, se lastimasse e mostrasse dôr, vendo abraçar-se o castello, foi victima tambem do ciume de D. Ramiro, que cego d'ira a fez debruçar sobre a borda do barco, cortando-lhe a cabeça de um golpe d'espada.

À fortaleza em ruinas ficou o povo chamando o *castello de Gaia*, e á margem do rio, onde aportou o barco de D. Ramiro, deu-lhe o nome de *Miragaia*, em memoria d'aquelle fatal mirar da misera rainha.»

Tal é a lenda, que deu origem ao brasão de Vizeu, em honra da parte que os seus habitantes tomaram n'aquella empresa. O castello representa o d'Alboazar, o rio que tem por baixo o Douro, o peregrino D. Ramiro, e o pinheiro o bosque em que se escondeu a sua gente.

Usou a camara municipal d'este brasão até 6 d'Agosto de 1796, em que arderam os seus paços e a cadêa. Sendo necessario fazer um novo estandarte, e novo sinete, resolveu deixar o antigo brasão, adoptando o escudo das armas reaes. Não sabemos o motivo da mudança; mas supponho que

seria por se julgar fabulosa a lenda. Todavia se foi esta a razão, não a achamos boa, seja a lenda fabula ou historia. Em qualquer caso tinha o primeiro escudo em seu favor os respeitos da antiguidade, e a vantagem de ter a cidade um brasão propriamente seu.

A lenda pode ser fabulosa, e sel-o-ha talvez em grande parte, mas não no todo. D. Ramiro II roubou a moira Zahara, irmã ou filha d'Alboazar, a qual se fez christã, tomando no baptismo o nome de Artida, ou Artiga. Repudiando a rainha D. Urraca, casou, segundo uns, ou viveu amancebado, segundo outros, com Zahara, de quem teve um filho, chamado D. Alboazar Ramires, que foi o primeiro fundador do mosteiro de Santo Thirso, cinco leguas acima da cidade do Porto.

Modernamente mandou a confraria da misericordia collocar o brasão antigo da cidade em um dos angulos da frontaria do seu novo hospital.

Divide-se a cidade em dois districtos, oriental e occidental, cada um com uma parochia, ambas da invocação de Nossa Senhora da Conceição. Esta divisão é moderna; antes d'ella havia na cidade tres freguezias, que eram a sé, S. Martinho, e S. Miguel.

A sé está edificada no centro da povoação, e na parte mais alta d'ella. Attribue-se a sua fundação ao conde D. Henrique e a sua mulher, a rainha D. Thereza. Pelos annos de 1341 o bispo D. João fez-lhe varias obras, entre outras principiou um claustro do lado de este. O bispo D. Diogo Ortiz de Vilhegas reedificou inteiramente o côro e a abobada do templo, que é magnifica. Segundo consta de uma inscripção lapidar acabou-se esta obra em 1513. O mesmo prelado sagrou a egreja no anno de 1516.

O claustro, de architectura dorica, foi construido em 1534 pelo bispo D. Miguel da Silva, que falleceu em Roma, sendo cardeal. No lugar onde está este claustro existiram umas casas, que, conforme refere a tradição, serviram de paços aos reis de Leão e das Asturias, quando vinham pas-

sar algum tempo a Vizeu, e nas quaes tambem residiram o conde D. Henrique e a rainha D. Thereza.

A sachristia encerra excellentes quadros do nosso grande pintor Grão Vasco, e são os seguintes: o da *descida do Espirito Santo*, e o de *S. Pedro*, ambos de grandes dimensões, vendo-se o principe dos apostolos, por singular anachronismo, trajado em vestes pontificaes; e dois quadros pequenos, um de *S. Jeronymo*, em meio corpo, e outro de *Santo André* e mais um dos apostolos. Além d'estes adornam a sachristia outros paineis, que os entendidos presumem ser obra dos discipulos d'aquelle eximio artista.

Do mesmo Grão Vasco ha um quadro de vastas proporções no altar chamado da *Porta do Sol*, o qual representa a *paixão de Jesus Christo no Calvario*. Na sala do capitulo existem quatorze paineis do dito mestre, de seis palmos d'altura, e tres de largura, representando, sete d'elles, a historia de Nossa Senhora desde a Annunciação até á fugida para o Egypto; e outros sete os passos da vida de Christo desde a Cêa até ao Pentecostes.

A sala do capitulo foi edificada pelo cabido, sêde vacante, no anno de 1721, no proprio local, onde habitou S. Theotonio, no meiado do seculo xii, durante o tempo que, com o titulo de prior, governou a sé de Vizeu.

Não se sabe, como já dissemos, a epoca precisa em que foi erigido o bispado de Vizeu. Mas é fora de duvida, que o estava no meado do seculo vi, pois que no terceiro concilio bracharense, celebrado no anno de 571, se faz menção do bispo Remisol, com o titulo de prelado de Vizeu. Com a invasão e conquista dos arabes interrompeu-se por vezes a serie dos bispos d'esta egreja. Pretendeu restaural-a a rainha D. Thereza, e foi então nomeado bispo D. Odorio; porém não teve effeito esta nomeação por se oppôr o bispo de Coimbra com diversas razões, que allegou.

O que não logrou D. Thereza, conseguiu-o seu filho, el-rei D. Affonso Henriques, no anno de 1144,

sendo elevado á cadeira episcopal de Vizeu o mesmo D. Odorio. Desde então tem continuado até hoje a serie d'estes prelados com algumas interrupções de sêde vacante, uma das quaes durou dezenove annos, no reinado de D. João v. O bispado de Vizeu foi suffraganeo, nos seus primeiros tempos, da cadeira metropolitana de Braga; depois da de Merida, e desde o tempo de D. Affonso Henriques outra vez da de Braga. Na serie dos seus bispos contam-se tres cardeaes, D. Jorge da Costa, o infante D. Affonso, filho d'elrei D. Manuel, e D. Miguel da Silva.

Os outros edificios principaes da cidade, religiosos e civis, são: a *egreja da misericordia*; o *hospital*, reedificado modernamente; o *paço episcopal*; o *antigo seminario*, começado pelo bispo D. Nuno de Noronha nos fins do seculo xvi; o *velho quartel militar*, reconstruido á custa do povo nos principios d'este seculo; *duas torres de origem romana*, de que ao diante fallaremos; a *casa da camara*, reedificada depois do incendio, que a destruiu em 6 d'Agosto de 1796; a *egreja de S. Miguel do Fetal*, extramuros, que ainda ha pouco era freguezia; a *capella de N. Senhora da Conceição*, no Rocio de Santo Antonio, ou campo da Feira; a *egreja de S. Martinho*, outr'ora parochial; o *mosteiro do Bom Jesus*, de freiras benedictinas, ainda hoje habitado, começado em 1560 pelo bispo D. Jorge d'Ataide, e concluido em 1592 pelo bispo D. Nuno de Noronha; e os edificios dos tres extinctos conventos, que vamos mencionar. O *convento de santo Antonio*, que foi de frades capuchos, teve a sua fundação em 1633; e hoje serve de quartel ao regimento de infantaria n.º 11. O *convento de Nossa Senhora da Assumpção*, que pertenceu aos congregados de S. Filippe Nery, foi construido em 1688. Acham-se ao presente n'elle o seminario episcopal e o lyceu. E nos arrabaldes o *convento de S. Francisco d'Orgens*, outr'ora de capuchos, foi fundado em 1407, e feito inteiramente de novo em 1719. O convento e cêrca são actualmente

propriedade particular; e a egreja é freguezia suburbana.

A egreja de S. Miguel do Fetal é muito antiga, e parece que foi a primitiva sé de Vizeu. Tem tido diversas reedificações, sendo a ultima no anno de 1735, correndo com as despezas o cabido, se de vacante.

Na capella mór existe um tumulo, que mostra bastante antiguidade, e cujo epitaphio diz que ali se acha D. Rodrigo, ultimo rei dos godos. Antes da reconstrucção do templo em 1735 o lettreiro era assim concebido: *Hic requiescit Rodericus rex gottorum*. Por occasião d'estas obras pozeram-lhe novo epitaphio, que ainda ali se vê, e é como segue:

*Hic jacet aut jacuit postremus in ordine regum
Gottorum, ut nobis nuntia fama refert.*
Aqui jaz ou jazeu o ultimo na serie dos reis
godos, segundo nos refere a mensageira fama.

Não sabemos a razão porque se acha ali este mausoleo, nem a epoca em que foi construido. Mas o que dão por certo historiadores conscienciosos e investigadores é que D. Rodrigo morreu na batalha do Guadalete, que poz fim á monarchia dos godos, e deu principio ao dominio arabe na peninsula.

Sendo pois uma pura fabula a peregrinação d'este soberano por terras de Portugal, aquelle tumulo é um monumento mentiroso.

Como uma antiquissima tradição popular contava que D. Rodrigo, tendo escapado da batalha, vivera annos como ermitão de Nossa Senhora da Nazareth, e depois fôra morrer a Vizeu, talvez que alguém, acreditando piamente na tradição, e vendo na velha egreja de S. Miguel algum mausoleo sem inscripção, inscrevesse n'elle o primeiro dos referidos epitaphios, julgando que não fazia mais que esclarecer um ponto da historia. Mas tambem é possivel, que em vez de erro, fosse fraude para autorisar a tradição, e dar assim mais nobreza á cidade.

Vizeu tem algumas boas praças, e dois bonitos

passeios. A principal d'aquellas pelos edificios, que a cercam, é a que se estende em frente da sê e do paço episcopal. A *alameda do Rocío de Santo Antonio* é um lindo e extenso passeio.

Tem esta cidade um *theatro*, onde representam curiosos, ou alguma companhia ambulante; um club, intitulado *associação viziense*, em que se dão alguns bailes; e dois jornaes politicos, o *Viriaio*, e o *Viziense*. Possui um bom cemiterio, construido ha poucos annos junto ao hospital civil.

Das muralhas de Vizeu restam poucos vestigios, a não ser uma lapide com uma inscripção, que commemora a conclusão d'esta obra em 1472, e tres arcos das antigas portas, que teem o nome do santo, que a piedade dos vizienses ali collocara.

A lapide ainda se conserva da parte de fora do Suar.

As outras antiguidades de Vizeu são: a *Cava de Viriato*, as *torres romanas*, e a casa chamada da *torre* na rua da Cadêa.

A *Cava de Viriato* está proxima da povoação, e era, como fica dito, o assento da antiga cidade de Vacca.

A tradição refere do seguinte modo o seu principio. Informado o pretor romano, Caio Negidio, de que o pretor, Claudio Unimano, tinha sido desbaratado no Alemtejo pelos lusitanos, commandados por Viriato, apressou-se a invadir a Beira, levando tudo a ferro e a fogo, para assim fazer uma diversão ao inimigo. Viriato não tardou em acudir á provincia invadida, mas achando os romanos muito bem entrincheirados em uma planicie junto ao sitio, onde está Vizeu, cercou-os, resolvido a rendel-os pela fome, ou a obrigar-os a combate fora da circumvalação, que os defendia. Depois de algum tempo de cerco, o pretor Caio Negidio saiu a offerecer batalha, mas foi vencido, caindo o seu arraial em poder dos lusitanos.

Conservou Viriato o campo entrincheirado do inimigo. Alteou-lhe mais os muros de terra, que o cercavam; profundou-lhe os fossos; e ahi se fez tão forte, que, mais tarde, vindo sobre elle os ro-

manos com poder muito superior ao seu, não conseguiram vencel-o, nem desalojal-o d'aquella posição.

É pois a este campo que se deu o nome de *Cava de Viriato*, e no qual o grande capitão dos lusitanos fundou a cidade de Vacca, ou depois da sua morte a começaram os romanos.

No reinado de D. João I ainda a cava estava vedada e fechada com uma porta, tendo dentro uma ermida dedicada a S. Jorge, onde por deixa e disposição testamentaria do infante D. Henrique, se cantava missa em todos os sabbados, e no dia do santo se fazia uma procissão com assistencia do cabido, e muita concorrencia de povo. A capella arruinou-se, e esta pratica acabou. No anno de 1461 tomou posse da cava o cabido da sé.

Mandando el-rei D. João V medir a cava em 1728, achou-se que tinha de circumferencia tres mil e cinco passos, e os muros setenta e cinco palmos d'altura, e quarenta de largura na parte superior. Posto que a cêrca estivesse em muitos sitios destruida, a ponto de custar a distinguir-lhe os vestigios, mostrava ter tido a forma oitavada, com quatro portas, ou aberturas, duas ao norte, e duas ao sul.

Ordenou aquelle soberano que se conservasse com o maior cuidado o que restava de tão precioso monumento. Porém nos seguintes reinados esse cuidado foi affrouxando até acabar de todo. Então começaram os lavradores e habitantes das visinhanças a arrancar o que o tempo e os homens tinham poupado, uns nivelando com o arado fossos e muros, e outros levando d'ali os restos da pedraria dos edificios da antiga Vacca.

Em 1818 mandou a camara de Vizeu pôr marcos em torno da cava, tanto exterior como interiormente. Porém os devastadores ainda continuaram a assolar o monumento de Viriato. Dos muros ainda existe alguma coisa; mas dos fossos, que eram cheios d'agua, só resta um pedaço do lado occidental, actualmente chamado o *poço da cava*.

As *torres romanas* foram mandadas construir,

segundo se diz, pelo consul Junio Decio Bruto, sendo architectos d'ellas dois irmãos chamados Frontonio e Flacco. Pretendem alguns escriptores, que outr'ora se via n'uma das torres uma lapide com estes dois nomes, e na outra torre as aguias romanas.

Arruinaram-se estes monumentos, reduzindo-se a muito menor altura, que a primitiva. Uma d'ellas está no fundo da rua do Relógio. A outra, tendo sido accrescentada, e reparada, é a casa da cadêa. D'esta fez prisão do Aljube o bispo D. João Gomes d'Abreu, fallecido em 1482.

A *casa da torre*, na rua da Cadêa, pertenceu ao infante D. Henrique, duque de Vizeu, que n'ella habitou por vezes. Ainda ali se vêem por cima de uma janella gothica as armas da dynastia d'Aviz.

Em 1818 descobriu-se junto á cidade um curioso objecto archeologico, do qual não se conserva mais que a memoria. Era um sepulchro romano encontrado n'uma quinta por uns trabalhadores, na occasião de cavar. Tinha sete palmos de comprimento, e quatro d'altura. Cobriam o sarcophago tres pedras de granito. Na do meio lia-se a inscripção que segue :

Maelo Bo
Vti. F. Tap.
Anno. LX. H.
S. E. S. T. T. Levis.
Fili. T. C.

Não apparecendo ali quem apreciasse e salvasse esta antigualha, os mesmos trabalhadores vieram por fim a fazel-a pedaços.

Vizeu é terra muito sadia, farta d'aguas d'excellente qualidade, e de todas as principaes produções do nosso paiz.

Os suburbios são ferteis, amenos, e pittorescos. Em torno da cidade tudo são hortas e pomares abundantes d'agua. Mais longe estendem-se frescos valles entre montes arborisados, entremeando-se os campos, que se cobrem de cearas, com as col-

linas assombradas d'oliveiras, castanheiros, e d'outros arvoredos. Fertilisam e aformoseam todos os terrenos do concelho de Vizeu mil regatos, que se desprendem das montanhas, e os rios Mondego, Vouga, e Dão, que, a legua e meia da cidade, vão correndo por mui apraziveis valles.

D'estes rios vem á cidade algum peixe, e dos campos e montes bastante caça. As principaes producções do concelho são cereaes, legumes, vinho, azeite, frutas, e gados, do que tem muita criação.

Nas cercanias de Vizeu, em distancia de duas a tres leguas, existem minas d'estanho, e d'outros metaes; encontram-se varias fontes d'aguas ferreas e thermaes. A uma legua para o nascente, em *Alcafache*, tem a mais proxima fonte d'aguas sulphureas. A duas leguas tem as de *S. Gemil*; ambas na margem direita do rio Dão. A tres leguas para o poente estao *as da villa do Banho*, egualmente thermaes. A tres leguas para o norte, na raiz da serra de S. Salvador, acha-se uma optima nascente de aguas ferreas.

Vizeu conta seis mil habitantes. A sua feira annual é a mais consideravel de todo o reino. Começa aos 21 de Setembro, e dura mais de dez dias. Tem por assento o vasto *rocio de Santo Antonio*, tambem chamado *campo ou terreiro da Feira*, e que em tempos antigos teve o nome de *rocio de Mançorim*. Este campo, com a sua extensa e formosa alameda, fica n'uma das extremidades da povoação, e contiguo á Cava de Viriato. Pois que é esta a maior feira do paiz, daremos uma breve noticia da sua origem.

Querendo el-rei D. João 1 fazer mercê á cidade de Vizeu, concedeu-lhe uma feira annual, livre de metade da siza. Começava aos 23 d'Abril, dia de S. Jorge, por ser este santo o orago da capella, que então havia dentro da Cava, em honra do qual se fazia ali uma festa, e a feira no campo visinho.

Pelo tempo adiante levantaram-se taes duvidas e contrariedades por parte do governo, que deixou de fazer-se a feira.

El-rei D. Duarte, no principio do seu reinado, deferindo a um requerimento dos moradores de Vizeu, restabeleceu a feira, como a concedera seu pae. Tornando porém a apparecer as mesmas, ou outras opposições, apresentou a cidade de Vizeu novo requerimento nas côrtes, que o dito monarcha celebrou em Evora no anno de 1436. Foi deferida a pretensão, menos na parte relativa á siza.

D'esta segunda provisão d'el-rei D. Duarte collige-se que n'essa epoca ainda existia dentro da Cava de Viriato uma povoação, e que esta se chamava Villa Nova. Fazia-se então a feira dentro da Cava.

Havia annos que deixara de se fazer a feira, no reinado de D. Affonso v, quando este soberano a sollicitações de seu tio, o infante D. Henrique, a mandou restaurar, concedendo-lhe os mesmos privilegios, que tinha a feira de Thomar, e ordenando que começasse em dia de Santa Iria (a 20 de Outubro), e durasse quinze dias.

Data d'esta epoca o desinvolvimento d'esta feira, devido não só áquelles privilegios, mas tambem aos esforços do infante D. Henrique para que ali concorresse o maior numero possível dos productos das diversas industrias do paiz.

Em 1501 pediu a camara de Vizeu a el-rei D. Manuel, que mandasse mudar a feira para dentro da cidade. Os fundamentos d'este pedido consta da provisão regia do dito soberano, onde diz: «... e que quanto he do que toca na feira, que nos aprouvesse se mudar pera dentro da dita cidade: porquanto por se fazer na cava, a par da dita cidade, se faziao nella coisas de pouco serviço de Deos e nosso, e de muita deshonestidade, e mais que por respeito do inverno, e lugar onde se a dita feira soia fazer, e era não conveniente pera ello, nos pediao por merce, que nos prouvesse mandar mudar a dita feira pera dentro, porque por estes respeitos havia já quatro annos, que a dita feira se não fazia.»

Para obviar aos transtornos, que a invernia causava aos feirantes, entrando a feira pelo mez de

Novembro, determinou-se na citada provisão, que se tornasse a fazer a feira em dia de S. Jorge, aos 23 d'Abril.

Passados bastantes annos, tendo augmentado consideravelmente a feira, de modo que já mal se accommodava no interior da cidade, foi transferida para o sitio, onde ao presente se faz. A mudança da epoca, de 23 d'Abril para 21 de Setembro, dia em que actualmente principia, foi sem duvida resultado de varias considerações economicas, tanto para facilitar a concorrência dos lavradores, que no outono estão mais desembaraçados dos trabalhos ruraes, como para dar ensejo a que concorram áquelle grande mercado os generos das colheitas d'esse anno.

A demarcação da feira, e os proventos das licenças, e renda dos terrenos, foram dados por D. Affonso v ao infante D. Henrique, duque de Vizeu. Por morte d'este principe usufruiram-n'os os duques seus successores, até que pela extinção d'este ducado, passaram para a corôa. Não temos certeza de quando entrou n'essa administração a camara de Vizeu, mas como a vemos entrada n'essa posse no anno de 1501, supponho que foi el-rei D. Manuel, que lhe fez essa mercê em attenção á falta de rendimentos que a camara tinha.

Foi berço esta cidade de muitos homens illustres, cujos nomes formariam um longo catalogo. Apontaremos unicamente os que nos lembram agora. *El-rei D. Duarte*, nascido em 1391 e fallecido em 1438; *João de Barros*, o grande historiador da India, autor das Decadas; *Gaspar Barreiros*, sobrinho do antecedente, tambem escriptor distincto do seculo xvi, o qual deixou entre outras obras estimaveis, a *Corografia de alguns lugares, que estam em um caminho, que fez Gaspar Barreiros o anno de 1546, começando na cidade de Badajoz té a de Milam em Italia*; *Antonio Reynoso*, medico afamado do tempo d'el-rei D. João iii, lente da universidade de Coimbra, e muito versado nas linguas latina, grega, e arabe. *Gabriel da Fonseca* que foi um dos mais celebres medicos da Europa no secu-

lo xvii. Foi lente de medicina na universidade de Piza, na Italia, e depois na da *Sapiencia* em Roma, onde o tiveram por seu primeiro medico os papas Innocencio x, e Alexandre vii. Morreu em Roma no anno de 1668, deixando impressas algumas obras, que compoz sobre medicina.

PROVINCIAS PORTUGUEZAS

D'ASIA E D'AFRICA

AS CIDADES DE GOA E NOVA GOA.

Do grande imperio portuguez na Asia apenas restam algumas reliquias. Aquelle colosso, fundado por Vasco da Gama, e levantado a tamanha altura pelo genio de Affonso d'Albuquerque, desmoronou-se rapidamente, e quasi de todo se aluiu. Os pedaços que d'elle existem são para Portugal mais um tropheo das suas glorias e um monumento das suas passadas grandezas, do que um elemento do seu poder actual.

D. Vasco da Gama partiu de Lisboa para a descoberta do caminho da India no dia 8 de Julho de 1497. Dobrou o Cabo da Boa Esperança em 20 de Novembro d'esse anno. Aportou a Moçambique no 1.º de Março do seguinte anno; a Mombaça no dia 8 d'Abril; a Melinde aos 15 do mesmo mez; a Calcut no dia 20 de Maio.

Chegado o illustre nauta á nova terra da promissão, a essa India tão desejada, o seu primeiro cuidado foi diligenciar unil-a a Portugal por laços de relações intimas e amigaveis, e por mutuos interesses commerciaes.

Os seus esforços n'este sentido foram ao princi-

pio bem succedidos, mas em breve vieram annullal-os as traições dos índios, que sob apparencias d'amizade machinavam o exterminio dos portuguezes.

D. Vasco da Gama regressou á patria em 1499 com a feliz nova da descoberta da India, e em Fevereiro de 1502 para lá voltou com uma armada de vinte navios.

Reconhecendo então que era impossivel tratar amizade com gente falta de fé, castigou os traidores, repelliu a força com a força, e subjeitou á vassallagem do seu rei quantos inimigos ousaram fazer-lhe rosto.

D'est'arte lançou Vasco da Gama os fundamentos do poderio de Portugal na India. Pedro Alvares Cabral, Affonso d'Albuquerque, Lopo Soares, D. Francisco d'Almeida, e outros grandes capitães, que lhe succederam no commando das armadas, enviadas áquellas regiões, continuando na mesma obra com vigoroso impulso, estenderam por toda a Asia o nome e a influencia dos portuguezes.

No fim do anno de 1509 tremulava o pavilhão das quinas sobre muitas cidades e fortalezas da Africa oriental e da costa do Malabar. E os mais poderosos monarchas d'essas longinquas regiões, ou por vontade se tinham declarado tributarios da corôa de Portugal, ou constrangidos pela força das armas recebiam a lei dos vencedores.

El-rei D. Manuel imperava finalmente na India como o mais respeitado e temido dos seus soberanos. Mas ao seu novo imperio faltava uma condição essencial; faltava-lhe a séde, uma capital digna do seu lustre e grandeza. Affonso d'Albuquerque acudiu de prompto a tamanha falta. Não curando de medir forças para os seus arrojados commettimentos, resolve na mente, e apressa-se a realisar a conquista de Goa, a maior, mais populosa, mais rica e florente cidade, que n'aquellas partes havia.

Achava-se então este grande homem investido no cargo de vice-rei da India; e corria em principio o anno de 1510.

Disposta e aparelhada a armada em Cochim, embarcou-se n'ella o vice-rei com os seus valentes companheiros, e depois de alguma pouca demora na ilha de Angediva, fez-se no rumo de Goa, a cuja barra chegou no mez de Fevereiro.

Mandando sondar o rio a seu sobrinho, D. Antonio de Noronha, capitão da nau Cirne, metteu-se este n'um batel com alguns pilotos e homens d'armas, e assim apercebido deu começo á sua missão. Das outras naus tambem largaram alguns bateis com gente armada, que foram em seguimento do primeiro.

Apenas entrado no rio, ao dobrar uma ponta, que fazia a terra, encontrou-se D. Antonio de Noronha com uma embarcação de indios, que vinham espionar os movimentos da armada portugueza. O intrepido capitão deu pressa aos remadores para ir sobre o inimigo; mas este, mais apressado ainda, conseguiu escapar-se-lhe, indo pôr-se ao abrigo de uma fortaleza, que havia perto d'ahi para defesa do rio, e guarda da cidade de Goa.

D. Antonio, que não era homem que facilmente recuasse diante d'inimigos, vendo-se a este tempo auxiliado pelos outros bateis, que já o tinham alcançado, mette prós a terra, e á frente de um punhado de homens destemidos accommette d'improviso a fortaleza. Foi tão rapida toda esta acção, e tal o sobresalto, que ella produziu nos indios, que não poderam servir-se da artilharia, pois que o inimigo se achava já, como por encanto, debaixo das canhoneiras. Houve um porfioso combate, no fim do qual os indios abandonaram o forte, procurando a salvação na fuga.

Tomaram posse os nossos da fortaleza de Pangim, que era este o seu nome; e os fugitivos foram levar o terror dentro dos muros de Goa, distante d'ali, rio acima, umas cinco milhas. E tamanha impressão causou nos habitantes o que os vencidos contavam da furia e braveza dos portuguezes, que no momento em que Affonso d'Albuquerque se dispunha para ir atacar a cidade, veio uma em-

baixada offerecer-lhe a entrega de Goa a troco das vidas e fazendas dos seus moradores.

A entrada d'Affonso d'Albuquerque na cidade de Goa foi perfeitamente triumphal. Sairam-lhe ao encontro o povo e os principaes da cidade, estes para lhe offerecerem as chaves, e prestarem obediencia; aquelle para o receber e acompanhar até aos paços, que lhe destinaram, com aclamações, e todos os signaes d'amizade, ou, pelo menos, de respeito e de paz.

Foi o primeiro cuidado do vencedor mandar lançar pregão pela cidade para que todos continuassem, como anteriormente, na sua vida, e no seu trafico, em completa segurança, cominando severas penas aos portuguezes, que maltratassem os naturaes, ou lhes quizessem levar alguma coisa das lojas sem o previo pagamento.

Com esta politica esclarecida e generosa, que fazia executar com a maior pontualidade e rigor, adquiriu o epitheto de justiceiro, que junto á fama do seu valor, concorreu efficazmente para estender e consolidar a influencia e poder de Portugal por toda a Asia.

E verdade que Affonso d'Albuquerque pouco se logrou d'esta sua primeira conquista de Goa. Hidál-khan, ou como nós lhe chamamos, Idalcão, soberano do reino do Decan, a que pertencia a ilha e cidade de Goa, desembaraçando-se das guerras, que o traziam entretido no continente, quando se realisou aquella conquista, veio com grandes forças pôr cêrco á cidade. Ao cabo de vinte dias de assedio, e de uma resistencia inutil, porque aos inimigos de fora accresciam agora os de dentro da praça, abandonou o vice-rei a cidade, e acolheu-se com a sua gente ás naus. Mas pouco se demorou em desaffrontar as armas portuguezas.

Em Novembro d'esse anno de 1510 voltou Affonso d'Albuquerque a apprehender de novo a conquista de Goa. D'esta vez vinha melhor apercebido de navios e gente.

Deu-se o assalto com incrivel encarniçamento.

O inimigo defendeu-se com obstinada desesperação; mas taes prodigios de valor praticaram os nossos, que apesar de infinitamente inferiores em numero aos seus contrarios, entraram e tomaram a cidade aos 25 de Novembro.

Os moiros e gentios pagaram caro as traições com que tão mal corresponderam á generosidade do vice-rei na sua primeira entrada em Goa. Foi horrorosa a matança que os nossos fizeram n'elles.

Affonso d'Albuquerque, desinvolvendo toda a energia e actividade do seu character, tomou quantas providencias julgou acertadas para assegurar aquella preciosa conquista. Estabeleceu logo ali a sêde do seu governo, e desde então Goa ficou sendo a capital dos estados portuguezes na India.

No anno seguinte, aproveitando-se o inimigo da ausencia do vice-rei, que andava mui longe d'ali, empenhado na conquista de Malaca, apresentou-se em força diante dos muros de Goa. Porém, antes que o vice-rei voltasse, conseguiram os bravos defensores da cidade derrotar o exercito sitiador, e obrigar-o a levantar o cêrco, e passar á terra firme.

Quatro annos depois, no dia 16 de Dezembro de 1515, falleceu em Goa o grande vice-rei. As pompas funebres com que foi honrado o seu corpo, e as publicas e geraes demonstrações de lucto e dôr, com que foi chorada a sua morte, constituiram sem duvida a maior e mais tocante solemnidade, que se tem visto n'aquella metropole.

Antes de proseguirmos na historia de Goa, convém dizermos alguma coisa sobre os tempos anteriores á conquista por Affonso d'Albuquerque.

Não ha noticias positivas ácêrca da sua primitiva fundação. Sabe-se apenas que é de antiquissima data; e que teve por primeiro assento um sitio pouco distante, para o lado do sul, ao qual já nos tempos da conquista chamavam *Goa a velha*.

Todavia, de duas laminas que se descobriram, e que estavam enterradas, nas quaes se lia uma inscripção em linguagem Sansorut, consta que a cidade de Goa fôra fundada por Goaldeo, filho de

Cheturbhum, e neto de Toloccken Cadambó. A referida inscripção era datada d'Abril de 1054 da era vulgar.

Autorisando-se com esta descoberta pretendem alguns escriptores, que o nome da cidade se derivava do do rei seu fundador. Os naturaes do paiz chamam-lhe Govay.

No principio do seculo xiv foi tomada pelo rei ou imperador do Decan, que se assenhoreou de todo o reino de Canará, de que fazia parte a ilha e cidade de Goa. Retirado o vencedor para os seus estados, dividiu em capitánias as terras conquistadas, e repartiu-as pelos seus principaes cabos de guerra, com obrigação de lhe pagarem uns certos tributos annuaes.

Pelos annos de 1479, vindo estabelecer-se em Goa um chefe musulmano, chamado Melique Oum, com muitos seus correligionarios, expulsos e perseguidos pelo radjá d'Onor, como encontrassem a cidade de Goa arruinada, transferiram-na para um logar proximo, mais ao norte, fundando a cidade que hoje é para nós Goa a velha.

No anno de 1491 apossou-se de Goa Issuf Hidal Schah, rei de Visapour; e mandou para a governar seu filho, o principe Xahagad; o qual ahi tinha a sua principal residencia, quando os portuguezes chegaram á India.

Foi pois a este principe, a quem os nossos chamavam Sabaio, que Affonso d'Albuquerque tomou Goa. Por morte d'aquelle succedeu em seus estados do continente seu filho, Hidal-Kan, que sustentou porfiosas guerras com os portuguezes, como atraz já referimos, e as continuou por largos annos. No de 1516, governando a India Lopo Soares d'Albergaria, poz a cidade de Goa em grande aperto, mandando sobre ella um exercito de trinta mil homens. O inimigo teve de largar mão da empresa; porém os moradores da cidade padeceram muitas fomes e prejuizos.

No anno de 1527 foi a cidade de Goa theatro de muitos tumultos e desordens por causa das discordias, que tiveram entre si os dois governadores

da India, Lopo Vaz de Sampaio, que tinha terminado o seu governo, e Pero Mascarenhas, que acabava de chegar de Lisboa para lhe succeder.

No dia 25 de Março de 1538 chegou a Goa o seu primeiro bispo, D. fr. João d'Albuquerque. Até então os nossos estados da India estavam subjeitos no espiritual aos bispos do Funchal. El-rei D. João III sollicitou e obteve do papa Clemente VII a erecção do bispado de Goa, a que se deu por limites toda a Asia, e a Africa oriental desde o Cabo da Boa Esperança. O novo bispado ficou sendo suffraganeo da mitra do Funchal, que foi por essa occasião elevada á cathegoria de metropolitana. O primeiro bispo nomeado para a sé de Goa foi D. Francisco de Mello, porém morreu antes de partir para a India.

Em 1541 desembarcou em Goa, vindo na armada do governador D. Estevão da Gama, S. Francisco Xavier, chamado o apostolo das Indias, jesuita, e companheiro de santo Ignacio de Loyola. Ao cabo de onze annos de missões e duros trabalhos por quasi toda a India, e Japão, morreu em uma ilha da costa da China, d'onde o seu corpo foi transportado para Goa, onde jaz em rico mausoleo.

No dia 15 de Abril de 1547 celebrou Goa com pomposas festas, á maneira das dos triumphadores romanos, a entrada do vice-rei D. João de Castro, pela grande victoria de Diu, que alcançara em 11 de Novembro do anno anterior sobre Rume-Kan, e com a qual assegurou a posse d'aquella ilha e praça a Portugal.

Presenceou aquella cidade um grande desastre na noite de 23 de Junho de 1555, por causa da festa de S. João. Um foguete, lançado de uma casa da cidade, foi cair na ribeira sobre o galeão S. Mathheus, que se incendiou immediatamente. O rijo vento, que soprava, fez communicar o fogo a outros navios, e apesar de todas as diligencias para o atalhar, devorou seis grandes galeões, quatro caravelas, e duas galês. Governava então a India Francisco Barreto, que por sua muita energia e

actividade em pouco tempo resarcio a armada d'esta consideravel perda.

Na menoridade d'el-rei D. Sebastião, sendo regente sua avó, a rainha D. Catharina, foi erecta a sé de Goa em metropolitana pelo papa Paulo iv no anno de 1559. O seu primeiro arcebispo primaz, D. Gaspar de Leão Pereira, chegou á India em 1560. N'este anno estabeleceu-se em Goa a inquisição por bulla do mesmo pontifice, sollicitada pelo cardeal infante D. Henrique.

Este terrivel tribunal foi a causa mais efficiente da decadencia e ruina da antiga capital da India portugueza.

A politica illustrada e tolerante dos primeiros vice-reis e governadores; as vantagens de metropole de um estado poderoso; e enfim os proventos de um grande commercio, que a faziam o mais consideravel emporio de toda a India, elevaram a cidade de Goa, até áquella epoca, a subido grau de opulencia e grandeza. Vastos palacios e conventos, grandiosas egrejas, crescido numero de pagodes e mesquitas, ostentando em civilisadora união a architectura europea, indiana, e arabe, davam áquella cidade soberbo aspecto de esplendor, riqueza, e poder. Orçavam alguns escriptores a sua população n'esse tempo em duzentos mil habitantes. Este calculo não é exaggerado; porém o que é certo, é que era então uma das mais populosas cidades da India. Pois toda esta prosperidade desapareceu ante os furores da inquisição. Os naturaes do paiz, que se recusavam a mudar de religião, ou pereceram nas fogueiras do santo officio, ou viram-se obrigados a ir buscar longe do dominio portuguez segurança para suas vidas e fazenda.

Derrubaram-se um a um todos os templos da gentilidade. A fé christã ficou só em campo dentro dos muros de Goa; mas as riquezas, e os principaes fomentadores da industria, deixaram essa terra de perseguição, e a cidade abandonada dos naturaes, e menos frequentada dos portuguezes pela pro-

gressiva decadencia do seu poder na India, pouco a pouco foi caindo em ruínas.

Estas circumstancias reanimaram as perdidas esperanças de Hidal-Khan e dos mais principes indianos. Conjurando-se todos em estreita alliança para expulsar da India os portuguezes, vieram com formidaveis forças sobre a ilha de Goa em Janeiro de 1571. Segundo escreve Diogo do Couto nas suas Decadas, os exercitos combinados montavam a cem mil homens de infantaria, trinta e cinco mil de cavallo, dois mil e cem elephantes, e trinta e cinco peças d'artilharia. D. Luiz d'Ataide, conde d'Atouguia, que era o vice-rei da India, apenas dispunha de tres mil homens. Porém com tanta intelligencia, dedicação, e coragem, soube prover á defensa da ilha, e com tanto valor pelejaram os seus soldados, quando o inimigo conseguiu passar o vau e accommetter a cidade, que essa diminuta força de tres mil homens resistiu a todo aquelle grande poder, e obrigou os reis colligados a pedir a paz.

No decurso dos dez annos seguintes realisaram-se na Europa successos, que influiram sinistramente nos destinos da cidade de Goa, e de toda a India portugueza.

A perda de D. Sebastião em Africa; o accesso ao throno do cardeal D. Henrique, e logo depois a sua morte; e a usurpação de D. Philippe II de Castella, foram os tres grandes acontecimentos d'esta triste decada que apressaram a decadencia de Portugal, e o desmoronamento dos seus estados na India.

Sob o governo d'este ultimo monarcha foi creado e estabelecido em 1586 o tribunal da relação de Goa, com um chanceller da justiça.

Por estes tempos appareceram os hollandezes, e depois os inglezes, a disputar-nos o passo nos mares da Asia. E aproveitando-se do enfraquecimento progressivo, em que nos ia lançando a oppressão de Castella, foram-nos expulsando da maior parte das nossas conquistas, ora pelo seu proprio esforço, ora alliando-se com os principes asiaticos.

A restauração de 1640, travando da roda das desditas de Portugal, amparou e seguiu contra os nossos inimigos o que lhe restava das suas possessões ultramarinas. Todavia, precisado de socorrer-se á alliança d'Inglaterra na grande e prolongada luta com a Hespanha, teve de ceder áquella potencia a cidade de Bombaim, e outros territórios na Índia, dados em dote á infanta D. Catharina, filha d'el-rei D. João iv, e mulher de Carlos ii d'Inglaterra.

Em 1742, sendo vice-rei da Índia D. Luiz de Menezes, primeiro marquez de Loureço, padecia a cidade de Goa os trabalhos de um novo cerco, do qual se defendeu valorosamente, obrigando o inimigo a desistir da empresa.

Por estes tempos começou a pensar-se na transferencia da capital dos nossos estados da Índia para uma situação mais vantajosa ao commercio, e mais salubre. E além d'isso achava-se Goa tão despovoada pelas razões referidas, e por causa da horrorosa epidemia, que em 1633 lhe dizimou a população, que a maior parte dos seus edificios caíam em ruínas, uns apoz outros.

Este pensamento veio a realisar-se em 1759 sob o governo do vice-rei conde da Ega.

A pequena povoação de Pangim, edificada junto da fortaleza d'este nome, da qual fallámos mais acima, foi o lugar escolhido para assento da nova capital. E com effeito para ali se foram transferindo algumas repartições publicas.

Porém no anno de 1774 ordenou el-rei D. José a D. José Pedro da Camara, que foi governar a Índia com o titulo de capitão general, que tratasse de reedificar a cidade de Goa, e de chamar para dentro dos seus muros as familias, que a tinham abandonado.

Fizeram-se todos os esforços possiveis para realisar os desejos do monarcha. Lançou-se o tributo de um por cento nas mercadorias despachadas na alfandega; recorreu-se ao patriotismo da camara, e com os recursos assim obtidos, procedeu-se á reconstrucção de varios edificios, á abertura de no-

vas ruas, e melhoramentos de outras, e á edificação de algumas casas para arrendar. Mas todo este trabalho e despeza foram perdidos. A insalubridade do logar, por causa dos muitos pantanos das immedições, em breve tornou a afugentar a população.

Resolvida definitivamente a mudança, effectuou-se todavia lentamente por não haver em Pangim edificios capazes de accommodar as repartições publicas.

Os governadores só deixaram a residencia de Goa em 1812, anno em que tambem se transferiu a alfandega. Em 1818 o vice-rei conde do Rio Pardo mudou para Pangim a relação, e a junta de fazenda. Pelo decurso do tempo foram seguindo a mesma direcção as mais repartições do estado.

Não obstante, em quanto existiram de pe os grandes edificios publicos de Goa, e em quanto estiveram habitados os seus conventos, conservou a cidade um simulacro da sua passada grandeza. Mas isto tambem teve fim. O tempo, ou os homens derrocaram os primeiros. A lei da extincção das ordens religiosas em 1834 despovoou os segundos.

Assim acabou aquella soberba metropole, que tanto avultou e brilhou em toda a Asia pela sua importancia politica e commercial.

O brasão d'armas de Goa é, n'um escudo coroadado, as armas reaes, com a corôa e timbre d'el-rei D. Manuel, e por cima a roda do martyrio de Santa Catharina, em commemoração da tomada da cidade no dia da sua festa.

Junto da costa do Malabar, na foz do rio Mandovi, está a ilha de Goa, chamada pelos gentios *Tissuar*. Tem esta ilha quasi tres leguas de comprimento, em partes mais de uma de largura, e pouco menos de meia legua onde é mais estreita.

N'esta ilha, pois, para o lado do norte está situada a derrocada cidade do mesmo nome, a antiga metropole da India portugueza. Banha-a o rio Mandovi, que lhe forma o seu porto, em distancia de sete millas da foz.

A cidade de Goa é hoje um montão de ruínas,

cercadas e separadas por mattos e palmares. D'entre ellas erguem-se ainda de pé alguns grandes edificios, que contrastam singularmente com as miseraveis choupanas em que vivem algumas pobres familias.

A cathedral e a egreja do Bom Jesus são os mais notaveis d'esses poucos edificios, que teem resistido impavidos a tantos elementos de destruição.

É dedicada a sé a Santa Catharina, por ter sido tomada a cidade por Affonso d'Albuquerque no dia da festa d'esta santa. É um grande templo de tres naves, com quatro capellas de cada lado, além das collateraes da capella mór. Contém muitos paramentos e alfaiaes ricos e curiosos pela sua antiguidade. Foi fundada esta cathedral por Affonso d'Albuquerque, porém no seculo xvii foi reconstruida quasi inteiramente de novo. O arcebispo primaz só ali vae officiar nas grandes solemnidades.

Deita a frontaria da sé para a *praça do Sabaio*, onde existia o palacio da inquisição, hoje demolido, outr'ora morada do principe de quem a praça tira o nome.

A egreja do Bom Jesus, que pertencia ao collegio dos jesuitas, é grandiosa, como todas as que fundou esta poderosa ordem. Acha-se em bom estado, e deve a sua conservação á circumstancia de guardar sob as suas abobadas o corpo de S. Francisco Xavier, o apostolo da India. O sepulchro do santo é magnifico pelos materiaes e obra d'arte. É de marmore preto e de bronze doirado, com primorosas esculpturas. Nas quatro faces do mausoleo vêem-se representadas em baixo relevo as principaes acções do illustre missionario da India. No altar mór do templo avulta a sua imagem em estatua de prata macissa.

Ila um anno, ou pouco mais celebrou-se n'este templo com pomposa solemnidade a exposição do corpo de S. Francisco Xavier, assistindo o governador geral dos estados da India, e mais autoridades de Nova Goa. A concorrência do povo foi tão extraordinaria, que a cidade de Goa parecia resurgir alegre e ruidosa como nos tempos da sua

maior gloria. O producto das esmolas offerecidas a S. Francisco Xavier no anno economico de 1860-1861 foi de 18:000 xerafins, que correspondem a 2:880\$000 réis fortes.

Das cinco parochias da cidade, intituladas: *Nossa Senhora do Rosario*, *Nossa Senhora da Luz*, *S. Thomé*, *Santa Luzia*, *Santissima Trindade*, e *Santo Aleixo*, as duas ultimas estão destruidas.

Conserva-se a egreja da misericordia com os recolhimentos annexos.

Eram quatorze os conventos de frades: *S. Francisco*, de religiosos franciscanos; *Bom Jesus*, de jesuitas; *Santo Agostinho*, de eremitas; *S. João de Deus*, de hospitaleiros; *Santa Cruz dos Milagres*, de congregados do oratorio; *S. Domingos*, da ordem dos prégadores; *S. Caetano*, de clerigos da Divina Providencia; *S. Boaventura*, de franciscanos; *S. Thomaz*, de dominicos; *S. Paulo*, dos jesuitas; *S. Roque*, collegio da mesma ordem; *Nossa Senhora do Carmo*, primeiro de carmelitas, e depois de jesuitas; e mais dois pertencentes aos eremitas de Santo Agostinho.

Os edificios dos primeiros oito extinctos conventos, e as suas respectivas egrejas, conservam-se de pé, em melhor ou peor estado. Os outros estão em ruinas. De freiras tinha dois: *Santa Monica*, de agostinhas, ainda existente; e *Santa Thereza*, extincto.

O palacio dos vice-reis foi demolido inteiramente pelos annos de 1830, ficando como monumento o arco e portal da antiga muralha da cidade contiguo ao mesmo palacio, por ser a porta por onde Affonso d'Albuquerque entrou vencedor em Goa. Sobre o arco vêem-se as estatuas de Santa Catharina, posta ali pelo conquistador, e a de D. Vasco da Gama, levantada pelo senado da camara nos principios do seculo xvii. Era debaixo d'este arco que o senado fazia a cerimonia da entrega das chaves da cidade ao novo governador, ou vice-rei.

O palacio dos arcebispos, o da inquisição, o do senado, o da relação, e o da junta de fazenda; a alfandega, o basar, o aljube, varios hospitaes e

capellas, e outros edificios, que davam nomeada a Goa, e a faziam appellidar a *cidade doirada*, ou desapareceram, ou estão arruinados.

O arsenal ainda subsiste, e funciona, mas os poucos operarios, que ali trabalham, retiram-se á noite para as aldêas visinhas.

Ha em Goa uma fonte, umas grutas, e banhos, veneradas como santuarios pelos indios, que ali vão em peregrinação nos fins de Novembro, para fazerem as suas purificações religiosas.

Finalmente esta cidade tinha milha e meia d'extensão, quasi outro tanto de largura, e sete milhas de circumferencia. Era cercada de muros, e continha varias praças principaes, e outras menores; muitas ruas largas; e uma boa ponte e um bello caes de cantaria, que se conservam.

Ainda se fazem em Goa uma grande feira annual, a procissão do Corpo de Deus, a festa de Santa Catharina, padroeira da cidade, as acclamações dos reis, os actos de posse dos governadores geraes, e outras funcções publicas. Acabadas estas festividades, fica a cidade quasi deserta. Os conegos e dignidades da sê residem nas aldêas proximas.

Junto á cidade, sobre a margem do Mandovi, está o arrabalde de Panelim, com uma igreja parochial, da invocação de S. Pedro. D'aqui parte uma estrada, feita ou melhorada n'estes ultimos annos, que liga a antiga á nova metropole, passando pela magestosa ponte de Ribandar.

NOVA GOA.

A moderna capital da Índia portugueza está sentada em uma planície na margem esquerda do Mandovi, a duas milhas da sua foz, e a legua e meia de distancia da antiga metropole. Dista de Lisboa em linha recta mil leguas, e pelo Cabo da Boa Esperança duas mil quinhentas e quarenta. A cidade de Bombaim fica-lhe em distancia de sessenta e cinco leguas.

Pelo que dissemos tratando de Goa, se terá conhecido, que a importancia da nova capital teve começo em 1812. Até 1759, em que se effectuou a primeira mudança da sede governativa para aqui, Pangim não era mais que uma pequena e immunda aldêa, composta de mesquinhas choupanas cobertas de colmo, com duas ruas estreitas e tortuosas.

Por esta occasião algumas construcções se fizeram por ordem do governo, e algumas casas se edificaram por conta de particulares. Porém, não se dando então vigoroso impulso ás obras indispensaveis, e variando depois de accordo o governo de Lisboa, só em 1812 se cuidou de véras na transferencia da capital para Pangim, dando-se principio á construcção de alguns edificios publicos, posto que abarracados, e diligenciando-se atrahir ali a população, e sobretudo as familias abastadas, que, retiradas da cidade de Goa, viviam espalhadas pelas aldêas da ilha.

Entretanto a verdadeira época d'esta fundação é a de 1827 a 1835, que foram os oito annos do governo do ultimo vice-rei da Índia, D. Manuel de Portugal e Castro. A este probo e intelligente funcionario é a quem melhor quadra o epitheto de fundador de Nova Goa.

Por sua ordem nivelou-se o terreno; seccaram-se e aterraram-se pantanos; fizeram-se encanamentos para as aguas estagnadas, e para as immundicies; delinearam-se e abriram-se espaciaosas pra-

ças, e ruas alinhadas de oitenta palmos de largura; construíram-se alguns bons edificios publicos, seis pontes sobre varios esteiros, e um grande e formoso caes em muita extensão da ribeira; plantou-se um passeio publico junto ao rio, onde anteriormente tudo era lodaçal; emfim traçou-se e executou-se o plano de uma cidade regular e bonita, digna da preeminencia a que já se achava elevada.

A historia de Pangim, ou Nova Goa não offerece successo algum importante desde essa epoca até ao presente, a não serem varios alvoroços populares, e algumas invasões do terrivel flagello cholera-morbus.

O primeiro d'esses alvoroços rebentou em Janeiro de 1835, por occasião de ser chamado a Lisboa D. Manuel de Portugal e Castro, ultimo vice-rei, e de se instalar no governo Bernardo Peres da Silva, com o titulo de *prefeito dos estados da India*. Ao cabo de dezoito dias d'administração foi deposto tumultuariamente este funcionario, e succedendo-se uns apoz outros os governadores provisorios, Nova Goa foi theatro de tristes scenas de anarchia por longo tempo.

Em 1837 chegou ali com o cargo de governador geral da India o barão de Sabroso; porém a morte, não lhe deixando completar um anno do seu governo, tambem não consentiu, que restabelecesse a ordem em bases solidas.

O barão do Candal, que lhe succedeu no governo d'aquelle estado, falleceu igualmente no primeiro anno depois da sua chegada á India. Sendo então nomeado governador interino, até novas ordens de Lisboa, o capitão de fragata José Joaquim Lopes de Lima, rompeu o povo em taes desordens e motins, que se viu forçado aquelle official a abandonar o governo, e refugiar-se na cidade ingleza de Bombaim. Todavia durante a sua administração realisaram-se alguns melhoramentos importantes.

As coisas vieram por fim a entrar na ordem, para o que muito concorreu o tenente general con-

de das Antas, mandado á India por governador geral.

Lutando com graves difficuldades, que lhe provinham da decadencia do nosso commercio, e do abandono em que Portugal, absorvido nas lutas civis, deixava todas as suas provincias ultramarinas, Nova Goa foi sempre obtendo, apesar de tudo, alguns progressivos beneficios, já na reforma dos diversos ramos da administração publica, já em alguns aformoseamentos locais.

N'estes ultimos annos tem visto operarem-se melhoramentos importantissimos, que promettem, cremol-o firmemente, um prospero futuro á capital da India portugueza.

Entre outras obras d'utilidade, que tem emprendido o actual governador geral, o senhor visconde de Torres Novas, citaremos como as mais proficuas em resultados, as magnificas estradas, que atravessando as nossas comarcas da terra firme, vão entroncar nas que os inglezes construíram no seu territorio de Bombaim, de accordo com o dito governador, para dar saida facil e mais economica ao algodão dos seus districtos do interior.

São tres estas estradas. A de *Verem a Sinquervale*, na fronteira ingleza, é uma bem construida estrada, que atravessa a industriosa provincia de Bardez, e parte da de Bixolim. Tem muitas pontes solida e elegantemente edificadas, sendo as mais notaveis a de *D. Estephania*, a de *Namorã*, e de *Sinquervale*. A *estrada real* começa em Nova Goa, corta parte das ilhas de Goa, continua do outro lado do rio por Cortalin, Verna, Margão, Chichenin, Conculin, Canacona, e termina na fronteira ingleza. A *estrada central de Tinem* liga com a que vem de Darvar, um dos mais importantes districtos do algodão das possessões inglezas; prosegue pela provincia de Embarbaccem, e finda em Usgão na provincia de Bixolim.

As duas primeiras estradas communicam o territorio de Goa com o britanico pelo norte e pelo sul; e a ultima pelo centro. Já vem por ellas muito algodão embarcar em Nova Goa. Este producto já

representa uma valiosa exportação para a Europa. E os inglezes tratam com a maior actividade e efficacia de dar todo o desinvolvimento possível à sua cultura, sobretudo depois dos acontecimentos da America do Norte. Portanto este producto da industria ingleza virá em breve fazer de Nova Goa um grande emporio dos algodões da India.

Terminando este quadro historico, posto que resumido, demasiadamente longo em relação aos limites d'esta obra, diremos, em prova do progresso d'esta nossa possessão, que no anno passado, de 1860, houve em Nova Goa uma exposição geral dos productos da industria dos estados portuguezes da India.

Compõem-se estes estados presentemente das *Velhas e Novas Conquistas*. Chamam-se Velhas Conquistas ás ilhas de Goa, que são dez, ás provincias adjacentes de Salsete e Bardez, e ás cidades de Diu e Damão com os seus respectivos territorios; e á ilha de Anjediva.

As ilhas de Goa, e provincias adjacentes cuja superficie é de duzentas e vinte tres leguas quadradas, de sessenta ao grau, constituem tres comarcas judiciais, que teem por cabeça Nova Goa, e as villas de Margão na provincia de Salsete, e Mapuçã na de Bardez.

Dá-se o nome de *Novas Conquistas* ao territorio cedido á corôa portugueza no seculo xvii, e ao conquistado depois d'esta cedencia.

As Novas Conquistas compõem-se de dez pequenissimas provincias em que ha duzentas e oitenta e uma aldêas, tendo de superficie oitocentas e trinta e nove leguas quadradas. Outr'ora formavam uma divisão judicial á parte, porém hoje acham-se encorporadas nas comarcas de Salsete e Bardez.

As cidades e praças maritimas de Diu e Damão, situadas no antigo reino de Guzerate, são cabeças de outras duas comarcas do mesmo nome.

O territorio da India portugueza é limitado ao occidente pelo mar, e pelos outros lados cercam-no inteiramente as possessões britannicas. A sua superficie total é de mil e oitenta e seis leguas

quadradas, com uma população de quatrocentas e oito mil e quinhentas almas. D'estes estados, pois, é Nova Goa capital.

N'esta qualidade é sede do governador geral da India, e mais autoridades militares, administrativas e judiciaes, de um arcebispo primaz do oriente, de uma relação, de um supremo tribunal de justiça militar, de uma junta de fazenda, e de outras repartições e estabelecimentos publicos que ao diante designaremos, bem como de varios corpos, que fazem a sua guarnição, e formam o nucleo e principal força do exercito da India.

Conta Nova Goa quatro grandes praças, e tres mais pequenas. São sete as suas ruas principaes, todas de setenta a oitenta palmos de largura, mui direitas, acieadas, e guarneçadas de casas de apparencia agradável.

O passeio publico está situado á beira do Mandovi, em frente da barra, e dos fortes que a defendem. É um vasto campo orlado de arvores e descoberto no centro para exercicios e paradas da guarnição.

Por portaria do governador geral, barão de Sabroso, foi denominado este passeio — *Campo de D. Manuel*, em honra e memoria do seu fundador, D. Manuel de Portugal e Castro.

Duas bellas pontes, lançadas sobre um braço do rio, communicam a povoação com o campo de D. Manuel. A principal em grandeza é guarneçada de gradaria, e tem no centro duas columnas, uma de cada lado. Na da parte direita estão as armas da antiga cidade de Goa, taes como as descrevemos acima, tendo por baixo a seguinte inscripção:

O senado já sóe erguer ovante
Da Lusitania o timbre tão famoso;
Ora as forças reune diligente,
Aos projectos de um genio glorioso.
Anno de 1832.

Na columna da parte esquerda vê-se a estatua de Minerva, assentada na base da columna, com

a egide aos pés, e sustentando na mão esquerda o brasão d'armas dos marqueses de Valença, que era também o do vice-rei D. Manuel de Portugal e Castro, irmão do ultimo marquez d'aquelle titulo. Corresponde-lhe a lettra que segue:

Este escudo, que vês, ó caminhante,
A gloria sustentou d'alta Lisboa,
E anteposto se mostra á forte egide
No grão restaurador da Nova Goa.
Anno de 1829.

O *palacio dos governadores geraes* é na antiga fortaleza de Pangim, fundada por Hidal-Khan, e reconstruida em 1613 pelo vice-rei D. Jeronymo d'Azevedo. O palacio foi reedificado e augmentado em 1759 pelo vice-rei conde da Ega. A sua grande sala do docel, e outras immediatas, são adornadas com os retratos de todos os vice-reis e governadores da India, pintados a oleo, em corpo inteiro. Estes quadros, posto que lhes falte merecimento artistico, são muito apreciaveis pelo interesse archeologico, pois que sendo contemporaneos dos personagens que representam, mostram com fidelidade os trajos usados em uma longa e brilhante epoca da nossa historia. Estes quadros foram trazidos para aqui do palacio de Goa, onde estiveram até á mudança dos vice-reis.

Defronte d'aquelle palacio, em uma pequena praça irregular, está o edificio da *junta da fazenda*, obra de D. Manuel de Portugal. Acham-se n'elle, além d'esta, as seguintes repartições: *contadoria, thesouro, deposito publico, casa do sello, correio, e a aula de primeiras lettras.*

A *nova alfandega*, com um excellente caes, é um bom edificio, também fundação do mesmo vice-rei. Anteriormente estava n'um barracão tão pequeno, que era necessario arrendar alguns armazens nas visinhanças.

O *novo quartel militar* é o maior e melhor de todos os edificios publicos de Goa. Tem quatro frentes exteriores, e outras tantas que guarnecem

um grande pateo ou praça que fica no centro. Uma inscripção, collocada sobre a porta principal do lado de leste, commemora o nome do referido vice-rei, como fundador, e o anno de 1832, em que se realisou a fundação. Accommodam-se n'este vasto edificio dois batalhões de infantaria, a guarda do governo, a academia militar e de marinha; a bibliotheca publica; a junta e cofre do fardamento do exercito; os tribunaes da relação, e de supremo conselho de justiça militar; e um theatro.

Os outros edificios publicos são: a *casa da mocda*; a *cadêa*, ambas erigidas por D. Manuel de Portugal e Castro; a *casa da camara municipal*; e a *casa da camara agraria das ilhas de Goa*, edificada em 1831.

A *ponte de Pangim*, que dá communicação de Nova Goa para Ribandar, Panelim, e cidade de Goa, é a mais grandiosa obra d'este genero, que os portuguezes construíram na India. Está lançada sobre terreno inundado, por onde nas enchentes do rio entra a agua para as salinas. Tem de extensão quatro mil quatrocentos e quarenta e oito covados, o que faz perto de tres kilometros, e corre sobre quarenta e quatro arcos, que variam na altura. Os maiores tem de elevação uns dezenove palmos, e de largura pouco mais de vinte e quatro.

Foi mandada fazer esta ponte pelo vice-rei D. Miguel de Noronha, conde de Linhares. Começou-se em 1633 e acabou-se no anno seguinte. D'isto faz memoria uma inscripção, que está gravada sobre um dos arcos.

As despesas d'esta obra saíram do tributo de um por cento, lançado sobre os generos despachados na alfandega. Em 1699, em 1771, e 1832 teve esta ponte consideraveis reparos.

Nova Goa apenas tem duas fontes de optima agua; uma no bairro das Fontainhas, antiga, e outra devida ao zelo de D. Manuel de Portugal. Porém a maior parte da povoação abastece-se da agua de poços.

Os estabelecimentos de instrucção publica são:

escola medico-cirurgica, com seis cadeiras; a *escola mathematica e militar de Goa*, antiga academia militar e de marinha, com sete cadeiras; *escolas de historia, e geographia, das linguas franceza, ingleza, e marata*; varias escolas de instrucção primaria, em que entram algumas nos corpos militares, e nas fortalezas; e a *bibliotheca publica*.

A guarnição de Nova Goa consta dos seguintes corpos: *um regimento d'artilharia*, com seiscentas e cincoenta e tres praças; *dois batalhões d'infanteria*, com mil duzentas e setenta e oito praças; *dois batalhões de caçadores*, com novecentas e cincoenta praças; *guarda municipal* com cento e cincoenta e nove praças; a guarda do governo geral com oitenta praças; doze soldados do corpo d'engenheiros; e quatro companhias de veteranos com quatrocentas praças, fazendo uma somma total de tres mil quinhentos e trinta e dois homens. D'esta força conservam-se licenceadas quatrocentas praças, e saem destacamentos para guarnecer as fortalezas, e mesmo corpos inteiros para o continente.

Publica-se em Nova Goa um jornal official, intitulado *Boletim do Governo*, para o que ha uma imprensa nacional.

Além dos estabelecimentos já referidos ha mais o archivo militar, e o monte-pio do exercito da India. A fabrica da polvora, e o hospital militar acham-se em Panelim, arrabalde da cidade de Goa, e n'esta conserva-se, como fica dito, o hospital dos pobres, administrado pela confraria da misericordia. Os gentios teem em Nova Goa um pagode. Os musulmanos só nas provincias do continente teem mesquitas.

O porto de Nova Goa é formado por duas pontas de terra das provincias de Salsete e Bardez, e pela união dos rios Mandovi e Zuarim, que ali se lançam no mar, depois de terem cercado e separado do continente a ilha de Goa. A extremidade d'esta ilha, do lado de oeste, chamada Morro do Cabo entrando no oceano Indico, separa as barras da Agoada e de Murmugão. A primeira fica para o norte, entre a ilha de Goa e a provincia de Bar-

dez; onde está a praça e fortaleza d'Agoada; e a segunda para o sul, junto da provincia de Salsete, onde se acha a fortaleza de Murmugão. Estas duas barras são defendidas por mais outros fortes situados nas margens dos rios Mandovi e Zuarim.

A barra e bahia da Agoada é o porto principal. É amplo, e seguro durante o verão; porém no inverno offerece não poucos perigos. Pode ser entrado facilmente de dia ou de noite, indo lançar ferro os navios em logar onde não tem menos de cinco braças de fundo.

A fortaleza da Agoada ergue-se na foz do Mandovi sobre elevado monte, em partes formado de rochedos inaccessiveis, e cingido de muros, com um grande fosso cheio d'agua, que o não cerca inteiramente. Ha n'esta fortaleza um pharol de rotação, e uma magnifica cisterna, de que se não faz uso, por ter na raiz do monte, que lhe serve de base, uma nascente copiosa de boa agua. Foi fundada esta fortaleza em 1612, sendo vice-rei da India Rui Lourenço de Tavora.

Junto d'esta praça está a povoação de Sinquerim com perto de oitocentas almas, e uma egreja parochial. N'esta aldêa está o quartel do regimento d'artilheria. Na praia contigua á povoação ha uma abundante fonte, onde os navios costumam fazer aguada. Foi isto o que deu o nome á bahia e á fortaleza.

A barra de Murmugão é pouco frequentada de navios por causa dos bancos d'arêa e dos escolhos, que ha no rio Zuarim.

A fortaleza de Murmugão, que defende esta barra, é uma praça de guerra importantissima. Circunda-a um largo fosso, que recebendo as aguas do mar, a faz uma perfeita ilha na maré cheia. Tem muitos e bem construidos balvartes; uma vasta cisterna, com uma escada de cento e cincoenta e dois degraus, e varios fontes de excellente agna.

Foi fundada em 1624, sendo vice-rei, pela segunda vez, D. Francisco da Gama, quarto conde da Vidigueira. No anno de 1681 ordenou el-rei D.

Pedro II e Francisco de Tavora, primeiro conde d'Alvor, e então vice-rei da India, que fundasse uma cidade junto d'esta fortaleza, mandando applicar para isto 20:000 xerafins por anno. Era a intenção mudar para ali a capital. Tendo-se chegado a construir o palacio para os governadores, alfandega, hospital, casa da relação, e outros edificios publicos, mandou-se suspender a obra. Como nunca mais progrediu, todas estas construcções cahiram em ruínas, algumas das quaes ainda ali se veem.

A insalubridade do sitio, devida aos fossos lodosos da fortaleza, e a um pantano visinho, foi a causa não só de se levantar mão da obra, mas até de se ir descurando a conservação da fortaleza, que hoje se acha com grandes estragos do tempo. Ao presente tem pouca artilheria, e pequenissima guarnição.

Aquelle porto, pois, outr'ora tão frequentado de navios mercantes, e defendido por uma boa esquadra, que constituia a marinha de guerra dos estados da India, a qual no seculo passado ainda constava de sete fragatas, além de outros vasos menores, chegou a estar quasi abandonado. Presentemente tem mais animação, e o seu movimento que em 1840 foi de setecentas e quarenta e duas embarcações entradas, costeiras e d'alto mar, augmenta d'anno para anno, como se poderá julgar á vista do mappa comparativo dos rendimentos do estado da India. Vê-se d'esse mappa, que a receita geral do estado, que até ha poucos annos regulava, termo medio, por 240:000\$000 réis fortes, subiu no anno economico de 1860-1861 a 311:056\$800 réis fortes.

Quanto á marinha de guerra, pode dizer-se que é hoje quasi nulla; pois que apenas se compõe de algumas canhoneiras e pequenas embarcações, e de uma velha corveta.

A industria manufactora acha-se em grande atraso n'esta cidade, não porque os que a exercem careçam de habilidade e paciencia, que certamente as tem de sobra, mas sim pela falta essenciais-

sima de instrumentos apropriados. Esta industria está por conseguinte limitada a algumas pequenas artes e officios mechanicos, nos quaes os operarios são maus inventores, mas excellentes imitadores. Fabricam-se alguns tecidos de algodão apenas para o consumo da terra, excepto os zuar-tes, que se exportam para Moçambique. Ha varias tinturarias, e manufacturas de rendas de algodão. Tambem se fazem cabos e amarras de cairo.

A industria agricola tem tido algum desinvolvimento. Os seus principaes artigos são, arroz, e os variados productos, que se tiram dos coqueiros e das arequeiras.

O fructo do coqueiro serve para comer, no seu estado natural, para fazer doce, e juntamente com a agua que encerra, para differentes usos culinarios. Da casca do coco tiram o cairo com que fabricam cordas, amarras, e cabos para os navios. Extrahem bom azeite, não só para luzes, mas tambem para a comida, do coco secco, a que dão o nome de *cópra*. Da parte interior do coco, partido em duas metades, fazem cuias, de que usam os pobres como de tigelas. Do entre casco do coqueiro tiram uma lenha, chamada *chareta*, que reduzem a carvão, usado pelos ourives e fundidores. Dos cocos muito bem pizados fica um residuo excellente para sustento de porcos, e de outros gados. Das folhas do coqueiro fazem umas esteiras, a que chamam *olas*, com que costumam formar tapumes, e cobrir barracas, empregando tambem as mesmas folhas separadas, como nós o colmo, para a cobertura das choupanas. No talo da folha, junto ao tronco da arvore, cria-se uma planta parasita, especie de musgo, de que fazem isca. Empregam as ditas folhas na fabricação de vassouras, pinceis, e outros artefactos, e ainda tiram d'ellas uns filamentos de que fazem guita. Da raiz do coqueiro fazem baldes, e o tronco, cuja madeira è quasi tão rija como o ferro, serve para construcção de casas, e para fazer os grandes pregos, que de ordinario empregam nas mesmas.

Além de todos estes productos ainda se obteem

da mesma arvore os seguintes : a *sura*, a *jagra*, o *vinho ou aguardente*, e o *vinagre*. A *sura* é um liquido, que se extrahe do cacho do coqueiro, e da qual se faz assucar, denominado *jagra*, de que usam principalmente para a fabricação de doces. A *sura* produz aguardente por distillação, e lhe chamam *urraca*, e quando é da mais fina e graduada dão-lhe o nome de *fenim*. Da *sura* fermentada tiram o *vinagre*.

Não ha vegetal de que a industria colha mais interessantes e variados productos. Sendo pois uma das culturas mais apreciadas na India, tanto nas ilhas de Goa, como nas nossas provincias da terra firme, abundam os palmares, ou bosques de coqueiros. Estes, e os de *arecas*, outras bellas e productivas palmeiras, constituem os principaes arvoredos da ilha de Goa, e dão uma physionomia graciosa aos arrabaldes da capital.

As outras producções agricolas d'aquellas ilhas, e provincias do continente são : a pimenta, café, algodão, canella, tabaco, anil, linho canhamo, canna de assucar, amphião, sumauma, batatas, inhame, e muita variedade de legumes, hortaliças, e frutas. D'estas ultimas mencionaremos por sua excellencia os ananazes, bananas, mangas, cajus, melancias e melões, morangos, laranjas, tangerinas, figos, fruta do conde, papaias, matombas, fruta de Adão, cidras, e alguma uva. De tudo isto se exporta para Bombaim.

A ilha de Goa tambem recolhe bastante sal. Nos bosques e matos abundam os pavões, gallinhas, rolas, pombos verdes, codornizes, perdizes, e outras aves. Nas lagoas e rios encontram-se muitos patos, garças, gallinholas, galleirões, e mais variedades de caça.

A pesca não é ramo muito productivo, ainda que o podia ser, attenta a grande quantidade das ostras, que criam as perolas, que ha na foz dos rios de Goa. Porém esta pesca é prohibida, ou pelo menos era-o ainda ha pouco tempo.

Nova Goa contém uns onze mil habitantes. O seu clima é saudavel, e parecido com o de Lisboa.

Tem uma feira annual, que principia no dia 3 de abril.

O seu brasão d'armas é como vae descripto a paginas 211. O primeiro brasão d'armas da antiga metropole da India portugueza era em campo vermelho uma torre de prata, com sua porta, tendo sobre as ameias a roda do martyrio de Santa Catharina, coroada pela mitra primacial do oriente.

A CIDADE DE MACAU.

Nas costas da China, e no golpho onde se lança o rio Tigre, surge do seio do mar uma ilha montanhosa, chamada pelos chins Negao-Men. Tem dez leguas de comprimento. Na extremidade oriental d'esta ilha está edificada a cidade de Macau.

A historia d'esta nossa possessão é tão honrosa para Portugal, que a adquiriu, como para o imperio da China, que lhe cedeu esse territorio. Da parte dos portuguezes significa um serviço importante de leaes amigos prestado á China em occasião de apuro. Da parte dos chins representa um acto de gratidão nacional por esse serviço.

Na primeira metade do seculo xvi, estando recentes as nossas primeiras relações com o celeste imperio, foram as costas d'este paiz infestadas por piratas, que commettendo roubos e horriveis carnificinas, espalhavam o terror por todos os mares e portos do imperio. O numero e a audacia dos piratas zombaram do poder do imperador Khang-ili, tornando-lhe inuteis todos os seus esforços. O mal cresceu a ponto, que ameaçou acabar inteiramente com o commercio maritimo da China.

Foi n'estas criticas circumstancias, que os portuguezes se resolveram a perseguir os piratas; e com tal denodo o fizeram, que em pouco tempo os aniquilaram completamente.

Em recompensa d'este immenso serviço concedeu-lhes o imperador Khang-ili uma porção de territorio na ilha Negao-Men para ali estabelecerem uma feitoria. Era isto o que os portuguezes muito desejavam, e em vão tinham solicitado, não tendo obtido até então mais que a permissão de negociarem e residirem nos portos chinezes de Liampo, Chingcheo, e Lampacão.

N'esta concessão, porém, não se esqueceram os chins da sua proverbial astucia e desconfiança, re-

gulando as coisas de modo que os portuguezes não podessem para o futuro estender o seu dominio além dos terrenos concedidos.

Designando-lhes para a sua feitoria uma estreita orla de terra na ilha de Negao-Men, deram-lhes um ponto de importancia para um estabelecimento commercial pela situação geographica da ilha, collocada na desembocadura de um dos maiores e mais importantes rios do imperio, e no qual está a cidade de Cantão, que era e foi por muito tempo a unica porta da China para o commercio marítimo com a Europa. Separando aquella orla de terra do resto da ilha com uma alta muralha de pedra, prohibindo aos portuguezes com graves penas a passagem d'essa linha divisoria, e vigiando com numerosas forças e olhos d'Argos o cumprimento d'essa prohibição, precaveram-se contra quaesquer projectos de futuras invasões.

Se este presente nos fôra dado hoje, ficaria, talvez, para sempre o que primitivamente era, uma estreita lingua de terra, meia erigada de rochedos, meia coberta de areias. Porém n'aquella epoca era tal o esforço dos portuguezes, tão firme, tão energica e perseverante a sua vontade, que apezar de todos os estorvos e difficuldades conseguiram transformar os inhospitos rochedos e estéril praia em uma cidade bella, populosa, e rica.

Em breves annos se estendeu pela praia longa fileira de casas e armazens de agradavel aspecto, sobresaindo alguns formosos edificios publicos; e fez-se rosto ao mar com um extenso caes de cantaria. Coroaram-se os montes sobranceiros com alguns conventos e fortes. Arborisaram-se as encostas, e plantaram-se hortas e jardins em derredor da povoação. D'est'arte ao aceno do genio portuguez se ergueu quasi de improviso d'entre rochas e areias a cidade do Santo Nome de Deus de Macau, que teve começo pelos annos de 1557.

Como fosse um estabelecimento puramente commercial, no seu principio era governado á vontade dos moradores, que escolhiam d'entre si um chefe com o titulo de capitão mór.

Sendo elevada a nascente povoação á cathegoria de cidade no anno de 1583 ou 85, foi então creado o senado da camara, que ficou regendo a colonia, subjeito ao governo da India.

As frotas de Lisboa, de Goa, e de Malaca, e as relações commerciaes com a China, fizeram rapidamente populosa e florescente a cidade de Macau.

Cresceu e durou esta prosperidade em quanto Portugal se conservou independente e respeitado na Europa, e poderoso e influente na Asia. Mas logo que immerecido infortunio lhe fez dobrar a cerviz ao jugo de Castella, derrocou-se instantaneamente o imperio portuguez asiatico.

Despojado do predominio dos mares, em breve perdeu a sua supremacia na India. Os inglezes e hollandezes, desaffrontados de tão terrivel competidor, apresentaram-se potentes n'aquellas regiões, onde o ciume dos portuguezes os havia já combatido, e d'onde tinha conseguido expulsal-os. A cidade de Cantão abriu emfim assuas portas aos novos hospedes. O commercio da China mudou de rumo, e Macau foi caindo em progressivo abatimento.

Varias tentativas feitas pelos hollandezes para se apoderarem da cidade fizeram conhecer a necessidade de se estabelecer n'ella um governo militar. Foi então enviado de Goa para a defender D. Francisco Carrasco; ao qual se succedeu D. Francisco Mascarenhas, o primeiro que para ali foi com o cargo de governador e capitão general.

Em junho de 1622 surgiu em frente de Macau uma esquadra hollandeza de quinze naus, disposta a tentar um desembarque contra a cidade, e no dia 20 lançou em terra oitocentos homens bem armados. A guarnição da cidade constava apenas de duzentos soldados, mas houve-se com tal bravura, que o ataque foi victoriosamente repellido, e o inimigo mal pôde recolher ás naus uns duzentos homens, deixando o resto morto no campo, ou prisioneiro de guerra.

Esta grande victoria foi causa, sem duvida, de que ficassem escarmentados os que nos cubiçavam

aquella colonia. O que é certo é que não tornou a ser affrontada pelo inimigo.

D'este ataque veiu-nos comtudo um proveito. O governo chin, vendo o perigo, que a cidade correu, e considerando nos inconvenientes, que podiam resultar para o imperio se os hollandezes conseguissem apossar-se de Macau, consentiu em que se fortificasse a cidade. D'ahi datam pois as primeiras obras de defesa. Porém a sua decadencia foi por diante, e com ella lhe sobreveiu um novo opprobrio e vexação, o poder dos mandarins estabelecido em Macau.

Os fundadores de Macau tinham sabido crear pela sua actividade e energia uma situação prospera para a colonia. Mas os seus descendentes, amollecidos pelo clima e pelos gozos da riqueza, foram trocando os habitos activos da Europa pela indolencia e apathia das raças asiaticas. Achando nos chins bons operarios, habeis correctores, e caixeiros intelligentes, foram pouco a pouco descaçando n'elles, encarregando-os de quasi tudo quanto era trabalho. A remuneração liberal d'esses serviços foi attrahindo á cidade, primeiramente a classe laboriosa da parte chinesa da ilha, e mesmo do continente; depois innumeraveis vadios e malfeitores.

D'este modo a população chinesa de Macau em pouco tempo excedeu muito a portugueza. Em quanto o nosso pavilhão fluctuou triumphante no oriente; em quanto Portugal se fez respeitar em suas possessões ultramarinas por meio das tropas regulares, que lhes enviava, e n'ellas mantinha, houve socego em Macau. Os ricos mandavam á sua vontade. Os operarios trabalhavam satisfeitos, mas com subjeição. Os proletarios faziam o menor mal possivel, porque temiam a espada da justiça.

Porém logo que a decadencia da mãe patria se fez sentir nas colonias, desataram-se todos aquellos laços, e rebentaram na cidade graves desordens entre os chins e os portuguezes. O mais leve pretexto servia de signal de revolta, que ao principio era reprimida a custo, e depois, pela conti-

nuação de taes actos, desconceituada e sem força a autoridade, crescia e rompia em todo o genero de excessos e violencias. N'estas crises as pessoas abastadas e principaes da terra viam-se obrigadas a refugiar-se nos fortes para salvarem a vida, deixando as suas casas e estabelecimentos entregues á pilhagem.

Foi no meio dos progressos d'este flagello, que as autoridades e população portuguezas de Macau invocaram o auxilio das autoridades chinezas contra os chins rebellados. Assim se estabeleceram n'aquella cidade a intervenção, e mais tarde a influencia e supremacia dos mandarins.

Tão longo foi o abuso d'esta intervenção, que a cidade de Macau ficou portugueza apenas no nome, e n'um simulacro de autoridades nacionaes. Não se fazia ali coisa alguma sem a annuencia dos mandarins. A seu bel prazer lançavam e cobravam tributos; concediam ou negavam licença para se edificar ou reconstruir qualquer casa; fechavam o porto, quando lhes parecia; e obrigavam o governador da cidade a expulsar d'ella os estrangeiros com quem estavam em guerra, como succedeu com os inglezes em agosto de 1839, logo que começou a luta da Inglaterra com a China por causa da questão do opio.

Este estado precario e humilhante melhorou consideravelmente depois d'aquella guerra. Os chins, em parte pelo abatimento moral em que os deixaram os triumphos dos inglezes, e as arduas condições da paz, em parte por benevolencia com os visinhos, que nunca os incomodaram, prestaram-se a fazer varias concessões exigidas pelos governadores de Macau.

Para tratar d'este negocio veio á cidade um mandarin enviado pelo alto commissario de Cantão, o celebre Lyn. Ajustou-se, pois, e levou-se a effeito um tratado pelo qual augmentaram as immunidades de Macau, e se coarctaram as intervenções chinezas.

O commercio d'esta nossa possessão, que tivera um grande desinvolvimento durante a luta da In-

glaterra com a China, caíu na maior prostração assim que pelas condições do tratado de paz foram abertos cinco portos d'este imperio ao commercio de todas as nações. Para obviar a este mal foram tomadas varias providencias, sendo a mais importante a que declarou porto franco a cidade de Macau.

A nomeação e chegada a Macau do novo governador Ferreira do Amaral, no anno de 1844, assignalaram o começo de uma nova epoca para esta cidade. As importantes reformas, que concebeu, e poz em pratica, e a posição resoluta e energica que tomou em presença dos chins, acabaram de emancipar a colonia da vergonhosa tutela das autoridades chinezas.

Principiando por collocar o porto militar de Macau em um pé respeitavel, acabou com os impostos lançados em proveito do governo chinez, e despojou as suas autoridades da influencia e jurisdição, que exerciam na cidade. Estas medidas excitaram grande agitação, e longa resistencia da parte dos chins. Porém a coragem e perseverança do governador venceram todas as difficuldades, consolidando as reformas, e tranquillizando a povoação.

Por infelicidade, quando esta nossa possessão assim se ia levantando do extraordinario abatimento moral a que chegou; quando começava a restaurar-se economicamente por effeito da franquia do seu porto, e de outras providencias illustradas; sobrevieram dois attentados, um apoz outro, que encheram a cidade de consternação, expondo-a a perder todos esses beneficios tão custosamente adquiridos.

O primeiro d'aquelles attentados foi a violação flagrante e escandalosa do seu territorio, e o menoscabo da autoridade por parte da guarnição de uma fragata ingleza, que se achava surta no porto, e que desembarcando armada accommetteu a cadeia publica, e á viva força tirou d'ella, e levou para bordo um seu patricio e companheiro, que fôra preso por se não querer descobrir, sendo

advertido, diante do Santissimo Sacramento na occasião de passar a procissão do Corpo de Deus.

Succedeu este escandalo em 1849. No mesmo anno aconteceu o segundo attentado, que se seguiu de perto ao primeiro, e que foi, talvez, um triste resultado d'este.

No dia 22 de Agosto, tendo saído a passeio, a cavallo, o governador Amaral, foi barbaramente assassinado por alguns chins junto á porta da muralha, que separa o territorio portuguez do da China, e na presença de um posto militar d'esta ultima nação. Este facto augmentou de gravidade pelos justos motivos que houve para se suppor, que as proprias autoridades de Cantão não eram estranhas á perpetração de semelhante crime.

Viu-se então a cidade exposta a grandes perigos. A população chinesa, que é a principal, assumiu um aspecto ameaçador; e a portugueza, incomparavelmente menor, possuiu-se de um terror panico desmedido. Todavia, graças ao estado de defesa em que o fallecido governador deixara a cidade, e á disciplina que introduzira na tropa; e graças tambem ao apoio prestado por alguns navios de guerra britannicos ali estacionados, livrou-se Macau da anarchia e da invasão chinesa, que lh'es estiveram propinquas nos primeiros dias, que se seguiram áquella catastrophe. Depois acudiram ali embarcações de guerra e tropas regulares enviadas de Goa, com que ficaram asseguradas a paz e tranquillidade da colonia.

O novo governador, tendo a cidade bem guardada de tropa, e defendida, além da artilharia dos fortes, por uma fragata e duas corvetas de guerra portuguezas, exigiu das autoridades chinezas de Cantão uma reparação do insulto por meio da entrega dos criminosos. Ao cabo de muitas delongas, e tergiversações do mandarim de Cantão, foi-nos dada uma satisfação, senão completa, comtudo accetavel. Os criminosos, ou pelo menos uns miseraveis indigitados pelo mandarim como autores do delicto, foram justicados na cidade de Cantão.

Posteriormente restabeleceu-se a boa harmonia entre os governos chinez e portuguez, e do mesmo modo entre os subditos das duas nações residentes em Macau.

As guerras em que a Grã-Bretanha e a França, entraram como alliadas contra a China nos annos de 1854 e 1860, serviram de tornar mais firme aquella harmonia, e de proporcionar a Portugal, em virtude de um recente tratado, eguaes favores aos que o celeste imperio concedeu obrigado pelas armas aos francezes e inglezes.

O movimento commercial, que houve em Macau durante aquellas duas guerras, posto que transitório, benefico e importante em resultados; e além d'isso aquelles favores concedidos, e uma melhor administração economica na colonia, teem melhorado muito a sorte de Macau, e promettem-lhe um futuro prospero.

A cidade de Macau tem por brasão as armas reaes em escudo de prata, e em volta o seguinte lettreiro: *Cidade do nome de Deus, não ha outra mais leal.*

A etymologia do nome de Macau vem de duas palavras chinezas, *Ama* e *Cau*. A primeira designa o idolo de um pagode, que ali havia desde tempos remotos. A segunda quer dizer *porto*. Começando os portuguezes a chamar ao sitio *Amacau* logo que ahi se estabeleceram, deram depois á cidade com pouca differença o mesmo nome.

Compõe-se a administração de Macau de um *governador* nomeado de tres em tres annos, e que actualmente é o senhor conselheiro Francisco Izidoro Guimarães, capitão de fragata; e de um *conselho de governo*, presidido pelo governador, e do qual são membros o juiz de direito, o official militar de maior patente, o escrivão de fazenda, o presidente da camara e o procurador da cidade.

O governo de Macau é subordinado ao governador geral da India, mas tem por subalternos os governos de Solor e Timor.

A repartição da justiça consta de uma *junta de justiça*, que tem por presidente o governador, e

por vogaes o juiz de direito, o commandante do batalhão de artilharia, o presidente da camara, os dois juizes ordinarios, e o procurador da cidade. *O juizo de direito* é formado pelo juiz de direito, juiz substituto, e delegado do procurador da corôa e da fazenda. A instancia superior é a relação de Goa.

Ha mais na cidade uma *junta de fazenda*, a *re-partição de saude publica* com um cirurgião-mór, e um *capitão do porto*. A *camara municipal* goza seu antigo titulo de *leal senado de Macau*.

A guarnição da cidade consta de um batalhão de artilharia, e de outro batalhão de infantaria.

Macau está situada a vinte e dois graus e treze minutos de latitude norte, e a cento e treze graus e trinta e dois minutos de longitude este. Dista cincoenta milhas, pouco mais ou menos, da foz do rio Tigre, umas oitenta da cidade de Cantão, e quarenta da ilha de Hong-Kong, onde os inglezes teem um importante estabelecimento. A sua distancia de Lisboa em linha recta é de 1400 leguas, e pelo Cabo da Boa Esperança 3200.

O aspecto da cidade, visto do porto, é mui formoso e pittoresco. Está edificada em amphitheatro sobre uma extensa bahia. Parte d'ella, sentada á beira do mar, ostenta uma longa fileira de casas construidas ao uso da Europa, resplandecentes de alvura, e algumas com seus adornos architectonicos. Outra parte eleva-se sobre uma collina pedregosa, mediando entre ambas os palmares e mais arvores dos quintaes e jardins. Finalmente coroam-se os montes sobranceiros á cidade com fortalezas, conventos, e templos, que contrastam com as negras rochas graniticas, que lhes servem de base.

Os trajos variados, e na maior parte de côres garridas, da população chinesa, que percorre as ruas e anima os caes; a diversidade de embarcações, que estanceam no porto, muitas de formas singulares e exquisitas, empavesadas de flamulas e bandeiras multicôres; e emfim os resplendores do sol, e a pureza da atmospherá em dias claros,

dando brilho e realce a tudo isto, completam um quadro, que surprehende e encanta os viajantes.

A bahia, posto que não offereça ancoradouro perfeitamente seguro, pelo menos em certas epochas do anno, é ampla, e quasi que fechada pelos cabos escarpados das montanhosas ilhas Lantow e Lintin.

O porto propriamente dito é muito abrigado; porém é tão pequeno que pouco mais poderá accommodar de vinte embarcações, e apenas tenr duas braças e meia de profundidade á entrada. Porém a tres milhas da cidade para o lado do sul ha um bom ancoradouro chamado da Taipa, ou Typa, que fica entre duas pequenas ilhas, e no qual podem surgir e estacionar com segurança quaesquer navios de grande porte.

É importante o commercio de cabotagem, que se faz de um lado até Chan-gai, e do outro até ao golpho de Sião e ás Molucas, em cuja navegação se empregam alguns barcos movidos a vapor, juncos, e lorchas. Estas ultimas occupam-se em Macau, ás vezes, quando andam piratas na costa, a comboyar os juncos, e n'esse caso são commandadas por portuguezes, esquipadas por chins, e armadas com uma ou mais peças de artilharia. Segundo um documento official, possuia o porto de Macau em 1859 tres vapores, cinco navios de alto bordo armados ao uso da Europa, e trinta e cinco lorchas, ao todo quarenta e tres embarcações com 5560 toneladas.

Entre Macau, Cantão, e Hong-Kong, onde chegam as malas da Europa, ha carreiras regulares feita por barcos a vapor, que fazem a viagem em cinco horas, ou por lorchas, e outros barcos chinezes chamados Fast-boats.

Defendem a bahia e o porto tres fortes, o principal é denominado S. Thiago da Barra. E' guarnecido com trinta canhões. Tem uma fonte com boa nascente, e accommoda trezentos soldados. Para o lado de terra, mas dominando egualmente o mar, defendem a cidade outras tres fortalezas. A mais importante é a de S. Paulo do Monte. Tem asses-

tadas quarenta peças de artilharia, e encerra quatro fontes de agua nativa, uma cisterna, casa-matas e quartéis para mil soldados.

Divide-se a cidade em duas partes distinctas; uma habitada pelos portuguezes e estrangeiros europeus; a outra em que reside a povoação chinesa. Esta é a continuação d'aquella para o lado de noroeste.

São tres as parochias: a *Sé*, que é a mais populosa, *S. Lourenço*, e *Santo Antonio*. A cathedral é um bom templo, porém de architectura pesada. Foi fundada por D. Belchior Carneiro, jesuita, nomeado bispo do Japão pelo papa Pio v, e fallecido em Macau no anno de 1583. O bispado de Macau foi erecto a instancias d'el-rei D. Sebastião pelo summo pontifice Gregorio xiii, por bulla de 10 de fevereiro de 1573, e foi D. Belchior o seu primeiro prelado.

Os outros edificios religiosos são: a casa da misericordia, com um *recolhimento annexo de donzellas pobres*; o *convento de Santa Clara*, de freiras franciscanas; duas *ermidas*, sendo uma da invocação de *Nossa Senhora da Penha*, outr'ora forteza, e situada em logar alto entre dois fortes; e os edificios dos extinctos *conventos de S. Domingos*, que pertenceu á ordem dos prégadores, de *Santo Agostinho*, que foi de eremitas do dito santo, e de *S. Francisco*, que era de frades franciscanos.

Os jesuitas tiveram tambem ali um sumptuoso collegio da invocação de *S. Paulo*, edificado no anno de 1662 no mesmo sitio, onde tinham um hospicio formado em 1563, e incendiado annos depois. Pela extincção da companhia de Jesus ficou pertencendo o edificio do collegio de *S. Paulo* ao senado de Macau. Em 26 de janeiro de 1834, servindo então de quartel de tropa, foi destruido por um violento incendio. No recinto da incendiada egreja estabeleceu-se posteriormente o cemiterio publico.

Além d'estes os principaes edificios são: o *palacio do governador*, na Praia Grande, em frente de

um bello caes ; a *alfundega* ; a *casa do senado* ; a *casa da companhia ingleza das Indias Orientaes* ; o *paço episcopal* ; e dois pagodes chinezes.

A casa da companhia das Indias está edificada sobre o caes. É um rico palacio coroado de balaustrada, sendo o corpo central ornado de quatro columnas, e um frontão.

O paço episcopal occupa o convento de Nossa Senhora da Guia, situado dentro da fortaleza do mesmo nome, que se ergue sobre uma montanha alcantilada, dominando a cidade e a bahia. Goza-se d'ali um panorama admiravel, e a seu turno o paço acastellado dá realce á perspectiva de Macau.

Ha em Macau quatro pagodes principaes, dois nas aldéas de Moha e Patane, outro no caminho que vae de Patane para a *porta do Cérco*, e o quarto proximo da fortaleza de S. Thiago da Barra. Os dois ultimos são os melhores, e sobretudo os da barra, que reune a uma construcção mais sumptuosa, a belleza do sitio, e o effeito pittoresco produzido pelas suas diversas capellas, dispostas com muita arte e bom gosto em amphitheatro por entre grandes penedos e frondosas arvores.

Tem Macau tres hospitaes, dois civis, e um militar ; e os seguintes estabelecimentos de instrucção publica: o *seminario de S. José*, antigo collegio de cathecumenos chins, no qual se ensina theologia, philosophia, latim, e chinez, e é frequentado por uns trinta seminaristas ; o *asylo de Santa Rosa*, onde são educadas umas cem meninas ; uma *escola de mathematica, das linguas latina, franceza e ingleza, de ler e escrever*, instituida em 1847 pelo senado, e cujo movimento regula por cento e cincoenta discipulos.

Possue um museu de historia natural, que encerra tambem varios objectos curiosos relativos ás artes e sciencias d'aquelles paizes.

Tambem tem uma typographia, e um jornal official, intitulado *Boletim do governo de Macau*.

O *cemiterio catholico* é, como dissemos, no recinto da incendiada egreja de S. Paulo. Serve-lhe de frontaria e de entrada o frontispicio do templo,

que as chammas pouparam, e se acha em bom estado de conservação. É uma fachada grandiosa pelas suas proporções, adornos e materiaes. Porém a sua architectura é falta de gosto, e sobrecarregada de decorações. Compõe-se de quatro corpos de diferentes ordens de architectura. O primeiro é adornado de dez grandes columnas jonicas, entre as quaes se abrem tres portas, que dão entrada para o cemiterio. O segundo é decorado com outras dez columnas da ordem composita, e quatro estatuas mettidas em nichos. O terceiro tem por ornatos seis columnas corinthias, uma estatua de Nossa Senhora em um nicho cercado de figuras de anjos, quatro quadros com baixos relevos de figuras symbolicas, e ainda outras decorações. O quarto corpo é ornado de quatro columnas, tres estatuas, e diversos emblemas da paixão de Jesus Christo, tendo por corôa um frontão, em cujo tympano se vê representado o Espirito Santo.

O templo de S. Paulo foi uma das mais ricas e notaveis construcções, que os jesuitas levantaram no Oriente. Era o principal monumento da Macau, e tinha celebridade n'uma grande parte da Asia.

Para a edificação do cemiterio demoliram-se as paredes lateraes da egreja até meia altura, e construíram-se junto d'ella dois lanços de galerias abobadadas, sustentados por pilares. A parte superior é um terrado, e serve de passeio; na parte inferior abriram-se catacumbas nas paredes, e sepulturas no pavimento. No logar occupado outr'ora pela capella mór edificou-se a capella do cemiterio. O que era recinto da antiga egreja está arruado e plantado de cedros.

Este cemiterio é administrado, e foi feito pela confraria da misericordia no anno de 1837, sob a direcção do padre Joaquim José Leite, superior do collegio de S. José.

O cemiterio dos chins é em sitio ermo. Os seus tumulos alvejam por entre latadas de flores.

As ruas da cidade são pela maior parte tortuosas, estreitas e pouco acciadas, principalmente as

que ficam mais proximas ao mar, todavia em outro tempo foram muito mais immundas. As casas, construidas de pedra, e caiadas exteriormente, teem uma apparencia regular, e mostram acceio. Algumas, edificadas no gosto singelo e elegante da architectura ingleza, e pertencentes a subditos da Gram-Bretanha, são de mui agradavel aspecto. Onde se veem mais casas d'esta architectura é na Praia Grande, á beira mar, sobre um caes extenso e magnifico, com desembarcadiros commodos. É o melhor e mais lindo sitio da cidade.

Macau é perfeitamente abastecida não só dos mantimentos necessarios á vida, mas tambem de muitos de regalo. Acha-se sempre provida de excellentes carnes, de muita variedade de aves, peixes, hortaliças, legumes, e fructas. Recebe todas, ou quasi todas estas provisões do territorio chinês, circumstancia que obrigará em todos os tempos o governo e os moradores de Macau a procurarem viver em boa harmonia com o celeste imperio.

Tem esta cidade bons mercados cobertos, e d'estes o melhor em edificio, e mais notavel pela variedade e valor das mercadorias, que expõe á venda é o *baazar chinês*. Os chins teem singular geito para fazerem exposiçào de productos de industria. Sabem dispor-os com verdadeiro gosto artistico, e de maneira a fazer realçar cada um dos objectos. Tanto no baazar como nas lojas observam á risca esta pratica.

O commercio é a industria quasi exclusiva de Macau, pois que não tem fabricas, nem terrenos para lavoura. Todavia possui algumas pequenas industrias manufactureras muito aperfeiçoadas, posto que exercidas, em geral, pelos chins. Os trabalhos em que estes artistas mais sobresaem são os da ourivesaria, e os da esculptura em marfim, tartaruga, e madeira, de que fazem artefactos de pasmosa delicadeza.

Os arrabaldes da cidade são limitadissimos, pois que todo o territorio, que ali possuímos, mal chega a ter uma legua de comprimento, e meia na

sua maior largura, accrescendo a isto a ingratição do solo. Entretanto contam se em volta da cidade varias hortas e jardins, e tres aldeas habitadas por chins.

Ha em Macau uma curiosidade natural, e ao mesmo tempo sitio historico de mui subido apreço. É a *gruta de Camões*, onde o principe dos poetas portuguezes, inspirado pelo amor da patria, compoz alguns cantos, ou deu os ultimos traços no seu poema sublime, os *Lusiadas*, com que glorificou Portugal, e se immortalisou a si proprio.

E' formada esta gruta por grandes rochedos, com duas entradas divididas por um penedo de figura conica, no qual descança a parte superior da rocha. Sobre a gruta está um esbelto pavilhão ou mirante, donde se descobre em dilatado horizonte a bahia e a cidade de Macau, e parte do porto da Taipa, ou Typa, sempre animado por uma immensidade de navios europeus e barcos chinezes.

Acha-se esta gruta em um quintal particular. O seu actual proprietario, o senhor Lourenço Marques, mandou ha pouco fazer em Lisboa um busto em bronze do grande poeta para ser collocado naquella celebre lapa. Esta obra está concluida, e brevemente partirá para o seu destino. Foi feito o modelo pelo senhor Bordallo Pinheiro, e os trabalhos de fundição foram executados nas officinas do arsenal do exercito pelo senhor Felisberto José Pereira.

Está feito o busto com bastante perfeição. Tem de peso 49 kilogrammas.

A população de Macau tem tido muitas e grandes variações em resultado de alguns acontecimentos de Portugal, e ainda mais dos successos de que tem sido theatro a China desde o anno de 1842, em que a expedição ingleza, ao cabo de uma curta lucta, conseguiu fazer abrir aos europeos os portos do celeste imperio. A emigração dos chins do territorio do imperio para dentro da cidade, ou d'esta para outra qualquer parte, é que fórma aquellas grandes variações.

Em certas épocas chegou Macau a não ter mais de dez mil moradores. Quando a guerra assolou Cantão em 1854, elevou-se aquelle numero a mais de sessenta mil. Presentemente poder-se-ha calcular em trinta e cinco mil almas a totalidade da população, sendo cinco a seis mil portuguezes, vinte e cinco a trinta mil chins, e quinhentos a seiscentos estrangeiros em grande parte inglezes, francezes, americanos, e holandezes.

A salubridade do clima, a bondade e variedade dos viveres, e tambem a belleza do sitio, attrahem a Macau em certa época do anno muitos negociantes inglezes de Hong-Kong, que a procuram como logar de repouso e de recreio. Assim tambem serve muitas vezes de hospedaria ás legações europeas na China. D'este trato tem colhido a cidade muitos proveitos, d'entre os quaes mencionaremos a edificação de lindas casas de campo, e a introdução de muitas commedidades e confortos da vida, hoje usados na Europa.

A CIDADE DE S. PAULO DA ASSUMPÇÃO DE LOANDA.

Os dois antigos reinos de Angola e Benguella e suas dependencias formam actualmente a provincia portugueza da Africa occidental, designada pelo nome de governo geral de Angola.

O primeiro d'aquelles reinos estende-se entre os dois grandes rios Ambriz e Cuanza, e confina ao norte com o reino do Congo, ao sul com o de Benguella, a leste com as terras dos Mulluas, Jaga Cassange, e Dala Quicua, e a oeste com o oceano. O segundo tem por limite, pelos lados de leste e sul as terras de Humbe, e os territorios pouco conhecidos, que ficam além das correntes do Cutato, do Cunhinga, e do caudaloso rio Cunene, pelo norte o reino de Angola, e por oeste tambem o oceano. Os dois teem de extensão de norte a sul, ou de costa, desde o Ambriz até Cabo Negro, cento e setenta leguas maritimas, e de oeste a leste, ou do mar para o interior, umas cem pouco mais ou menos. A sua area aproxima-se a dezeseite mil leguas quadradas com uma população, que se calcula em seiscentos e sessenta mil habitantes, comprehendendo-se n'este numero os povos alliados e tributarios da côroa de Portugal.

D'esta vasta provincia portugueza da Africa occidental é capital a cidade de S. Paulo da Assumpção de Loanda, situada em uma bahia na costa do reino de Angola, ao sul da foz do rio Bengo, em uma latitude 8° 48', e distante de Lisboa 808 leguas em linha recta, e 1050 por mar.

Correndo o anno de 1484 enviou el-rei D. João II a Diogo Cam, a proseguir nos descobrimentos da costa occidental da Africa, tão gloriosamente começados pelo illustre infante D. Henrique. Diogo Cam descobriu na sua primeira viagem o reino do Congo, e na segunda o de Angola e Benguella até ao Cabo Negro; collocou em di-

versos sitios padrões de pedra, que levava de Lisboa, com as armas reaes, e duas inscripções, uma em portuguez, outra em latim; e travou relações com os regulos indigenas.

Em 1491 chegou ao Congo a primeira missão portugueza, que ahi derramou a luz do Evangelho, e desde essa época até 1559 não passaram além os esforços dos portuguezes, que então se empregavam quasi exclusivamente nas conquistas da India. N'este anno fizeram-se as primeiras tentativas para a fundação do estabelecimento portuguez em Angola, porém d'esta vez ficaram sem effeito, e só se renovaram em 1574, encarregando el-rei D. Sebastião essa empreza a Paulo Dias de Novaes, neto de Bartholomeu Dias, o descobridor do Cabo da Boa Esperança.

Partiu Paulo Dias de Lisboa no referido anno com tres navios, e no seguinte de 1575 surgiu e lançou ferro em frente da barra do Cuanza. Desembarcou na ilha de Loanda, e passando em seguida á terra firme, construiu logo o forte de S. Miguel, fundou a villa de S. Paulo de Loanda com a sua igreja (1576); organisou o governo, e tomou o titulo de *capitão e governador do novo reino de Sebaste, na conquista da Ethiopia*. Pouco durou, porém, o nome de *Sebaste* dado áquella terra em honra do rei de Portugal. Os navegantes e os colonisadores principiaram a chamar-lhe *Angola*, que era o nome do rei d'esse paiz, e assim continuou a denominar-se.

Tratando Paulo Dias no começo do estabelecimento de se pôr em boas relações com os regulos do interior, contrahiu paz e alliança com An Gola, rei do Dongo. Mas ao cabo de tres annos o rei preto quebrou o tratado, e atacou traiçoeiramente os portuguezes.

Paulo Dias, apenas com um punhado de soldados, destroça completamente o inimigo na batalha de *Anzelle*, e proseguindo de victoria em victoria, conquista a *Ilamba* e parte da *Quissama*, as minas de *Cambambe*, e o *Colungo*, e funda os presidios de *Massangano*, e do morro de *Benguella*.

Colheu-o a morte quando dispunha uma expedição contra o Dongo (1589).

Durante a administração dos quatro governadores, que se seguiram a Paulo Dias de Novaes, em um periodo de cinco annos, experimentaram as armas portuguezas sorte varia, mas apesar de alguns grandes revezes conquistaram novos territorios.

No anno de 1594 chegou a Loanda o governador João Furtado de Mendonça com 400 soldados de infantaria, e 30 de cavallaria. Tambem levou comsigo doze mulheres brancas, escolhidas em Lisboa no recolhimento das convertidas, para casarem em Angola com os soldados ou colonos portuguezes.

O anno de 1595 ficou assignalado nos annaes de S. Paulo de Loanda por dois terriveis flagelos, a fome e uma grande epidemia.

Os dez annos seguintes foram empregados quasi exclusivamente em render e castigar diversos sovas, que se rebellaram contra o dominio portuguez, e na construcção dos presidios de *Muxima* e *Cambambe*.

Em 1605 foi creada cidade a villa de S. Paulo de Loanda, que n'esse mesmo anno teve importantes melhoramentos, ordenados pelo governador Manoel Cerveira Pereira.

Sob o governo de D. Manoel Pereira Forjaz, correndo o anno de 1607, fez-se a primeira tentativa para abrir communicação pelo interior de Africa entre Loanda e Moçambique.

A guerra dos pretos contra o nosso presidio de Cambambe foi causa de mallograr-se a empreza.

Tendo-se apossado os holandezes do porto portuguezes de *Pinda*, no rio Zaire, e tratando de se fortificarem n'elle, foram expulsos d'alli por uma esquadra, que mandou contra elles D. Manoel Pereira Forjaz (1609).

Os successores de D. Manoel sustentaram porfiosas guerras contra os pretos, ora repellindo e castigando as aggressões e rebeldias de alguns sovas, ora procurando descubrir terras, e estender o dominio de Portugal.

Com este ultimo proposito se collocou á frente de uma expedição Manoel Cerveira Pereira, achando-se pela segunda vez governador de Angola (1617). Deu em resultado esta empreza, a descoberta e conquista de uma parte do reino de *Benguella*, e a fundação da fortalleza de *S. Filippe de Benguella*.

No anno de 1621 teve principio na historia de Angola aquelle celebre episodio da rainha Ginga, que deu assumpto para um romance a um elegante escriptor francez. A embaixada de Ginga, rainha de Matambá, pedindo paz e alliança ao governador de Angola; o seu baptismo em Loanda com grande solemnidade, recebendo então o nome de D. Anna de Sousa (1622); o fratrecidio que commetteu, envenenando seu irmão, Gola Ginga Bandy, rei de Matambá, em vingança por este lhe ter assassinado um filho (1623); a sua apostasia e a guerra que moveu aos portuguezes; a batalha, que lhe deu o governador de Angola Fernão de Sousa, e na qual Ginga perdeu a maior parte do seu exercito, ficando prisioneiras suas irmãs Cambe e Funge (1627); o baptismo d'estas com os nomes de D. Barbara e D. Engracia (1628); as pazes celebradas entre os portuguezes e a rainha de Matambá em 1636; a renovação da guerra em 1641 e 42, 46 e 49, alliando-se a rainha com os holandezes; a reconciliação de Anna Ginga com a egreja catholica em 1657, são os principaes successos d'aquelle episodio. Morreu Anna Ginga em 1680 no gremio do christianismo.

Em 1626 foi trasladada para a cidade de S. Paulo de Loanda a sé do Congo, que fôra instituida por bulla de 13 de julho de 1597. Naquelle mesmo anno se fortificou a cidade pelo lado do mar para resistir aos holandezes, que a ameaçavam com uma forte esquadra.

O commercio de Loanda soffreu então, e nos annos seguintes, enormes perdas, e aquellas nossas possessões correram o maior risco de se perderem para a corôa de Portugal, pois que ao passo que os holandezes nos faziam crua guerra por mar e

por terra, excitando contra nós os regulos do interior, os portuguezes de Angola e Benguella, quasi esquecidos pelo governo de Madrid, que parecia folgar com os revezes e humilhações do pavilhão das quinas, viam-se reduzidos, por assim dizer, aos seus proprios recursos em uma lucta tão obstinada e tão desigual.

Entretanto, apesar da sorte adversa que opprimia a mãe patria, os portuguezes continuaram ainda a sustentar por muito tempo na Africa, como na Azia, a honra do seu nome, e o lustre das armas lusitanas.

Em 1633 armaram-se em guerra no porto de Loanda cinco navios mercantes, e sahindo ao encontro de duas naus hollandezas, travam peleja, e rendem-nas no dia 13 de Novembro. Quatro annos depois entrava prisioneiro n'aquelle porto um navio de guerra hollandez com vinte e quatro peças.

Em agosto de 1641 apparece á vista de Loanda uma nova e poderosissima armada, enviada pela Hollanda á conquista de Angola. Constava de vinte e uma naus, com dois mil homens de tropa, fóra os da guarnição. Foi tal o terror, que se apoderou dos habitantes, que abandonaram a cidade, e obrigaram o governador, Pedro Cesar de Menezes, a retirar-se para o Bembem. No dia immediato (23 de Agosto) desembarcaram os hollandezes, e apossaram-se de Loanda sem resistencia.

Pedro Cesar de Menezes recolhe-se logo depois com as suas forças ao presidio de Massangano, que se torna o centro das operações contra os inimigos externos e internos, pois que os regulos dos paizes visinhos, e muitos sovas vassallos do rei de Portugal, se uniram com os hollandezes para nos expulsar d'aquellas regiões.

Assoberbados os portuguezes com a immensa superioridade dos exercitos contrarios, e victimas de algumas infames traições, foram despojados da maior parte d'esses seus dominios.

Os hollandezes, violando o tratado de treguas, que acabavam de ajustar com o governador aci-

ma nomeado, attacam de improviso as nossas tropas, que, tomadas de sobresalto, se deixaram cortar e desbaratar, ficando mortos no campo os seus melhores capitães, e ferido e prisioneiro o proprio governador (26 de maio de 1643).

Em 1645, quebrando novamente a paz, celebrada entre Portugal, já livre e independente sob o sceptro de D. João iv, e a Hollanda, tomaram-nos Benguella os hollandezes, e por mais tres annos nos affrontaram e molestaram, limitando-se as nossas tropas á defensa de Massanganõ, e de algumas outras fortallezas.

A sorte porém cançara-se de nos perseguir. Portugal já encarava com a fronte erguida os seus inimigos, e combatendo e vencendo os que ousavam disputar-lhe a liberdade, vellava pelas suas possessões ultramarinas, e acudia solícito aos seus filhos, que pelejavam na Africa, na Azia, e na America.

Em 12 de maio de 1648 parte do Rio de Janeiro Salvador Correa de Sá Benevides com novecentos soldados, em uma armada de quinze navios, quatro dos quaes comprara e esquipára á sua custa. Surge diante de Loanda aos 12 de agosto e n'esse mesmo dia intima aos hollandezes para que se rendam por capitulação no praso de 48 horas. Recebendo resposta negativa, desembarca com a sua tropa no dia 14, e logo n'essa noite ataca e abre brecha na fortalleza de S. Miguel, onde os inimigos se haviam acolhido. Na manhã de 15 capitularam os hollandezes, e embarcaram para a Europa.

Em memoria d'este triumpho, obtido no dia em que a Egreja celebra a Assumpção da Virgem, tomou a cidade o nome de *S. Paulo da Assumpção de Loanda*.

A esta victoria seguiram-se outras, com que Salvador Corrêa expulsou os hollandezes dos territorios de Angola e Benguella; obrigou o rei do Congo a implorar a paz, e a ceder a ilha de Loanda, e sugueitou todos os sovas rebellados.

O restaurador de Angola reedifica immédia-

tamente a capital, que se achava em grande ruína.

Em 1665 tornou o flagello da guerra a assolar Angola. O rei do Congo invade esta nossa possessão com numeroso exercito, mas sae-lhe ao encontro Luiz Lopes de Sequeira á frente dos nossos, e travando batalha nas terras de Ambuilla, desbarata os negros, que deixam no campo um consideravel numero de mortos, e entre elles o seu rei.

Em janeiro de 1667 foi theatro a cidade de Loanda de um grave tumulto contra o governador Tristão da Cunha, a quem o povo obrigou a embarcar, e seguir viagem para o Brazil. O senado da camara tomou então posse do governo até á chegada do novo governador.

O resto do seculo 17.^o foi consummido em luctas mais ou menos importantes com os pretos dos paizes circumvisinhos, cujos reis ou sovas aproveitavam todas as oppportunidades para se revoltarem contra o dominio portuguez. Durante esse periodo tiveram as nossas armas um grande desastre, cahindo n'uma emboscada dos negros a expedição, que marchava de Loanda contra elles commandada por João Soares de Almeida. Este infortunio porem foi compensado com assignaladas victorias, que nos deram a posse dos estados do Dongo, e outros territorios.

No mesmo periodo se fez a segunda tentativa para abrir communicacão por terra com a costa oriental; mas tambem foi infructifera.

No anno de 1712 foi novamente fortificada a cidade de Loanda, receando-se hostilidades da parte dos francezes, que se achavam em guerra com Portugal por causa da successão de Hespanha.

Varias guerras com os pretos, de que os nossos saíram quasi sempre vencedores; as intrigas e desavenças dos jesuitas com os governadores, que acabaram pela expulsão dos primeiros em 1760; uma conspiração dos degradados para matarem o governador e officiaes, e saquearam a cidade, descoberta, e punida com o supplicio dos culpados em

1763; a creação do terreiro publico em 1765, e a da aula de fortificação em 1768; e uma grande fome em 1783, foram os mais notaveis successos da historia de Loanda até ao fim do seculo 18 °

Em 1807 conseguiu o tenente coronel de milicias de Loanda, Francisco Honorato da Costa, estabelecer relações directas com a nação dos mulúas, cujo rei mandou uma embaixada solemne ao governador de Angola em 1808. N'este mesmo anno, graças a taes relações, se levou a effeito com bom exito a terceira tentativa para se descóbrir caminho atravez do sertão para Moçambique.

No anno de 1813 comprehendeu o governador de Angola, José d'Oliveira Barboza, uma obra colossal e de immensa utilidade se a podera concluir. Era a conducção das aguas do rio Cuanza para abastecimento de Loanda. Trabalharam n'esta empreza 500 pretos durante o referido anno, e os dois seguintes; acabando porém aquelle governador o tempo do seu governo em 1813, largou-se não da obra, que ficou completamente inutil.

Os annos de 1816 e 1817 foram memoraveis para Loanda por causa da fome, que affligiu os seus moradores.

Todavia nos tres annos de 1816 a 1819, que foram os do governo de Luiz da Motta Feo e Torres, a cidade recebeu deste funcionario consideraveis melhoramentos, que se continuaram no tempo do seu successor, Miguel Vieira Tovar de Albuquerque.

Em fevereiro de 1822 amotinou-se o povo de Loanda contra o governador Joaquim Ignacio de Lima, e constringendo-o a largar o governo, elegeu e instalou uma junta provisoria de sete membros presidida pelo bispo, D. Fr. João. Estas desordens provocaram outras da parte da tropa, que a seu turno se rebellou contra a junta.

Para restabelecer a ordem foram enviados de Lisboa um batalhão expedicionario, e um official encarregado do commando da força armada. Porém em outubro de 1823, logo que chegou a Loanda a noticia da queda da constituição em

Portugal, revoltou-se aquelle batalhão com o pretexto de querer voltar para a Europa. Tendo-se conservado fiel o resto da guarnição, acolheram-se os revoltosos na fortaleza de S. Miguel, onde foram sitiados, e obrigados a deporem as armas. Depois foi dissolvido o batalhão e os soldados foram distribuidos pelos presidios.

Seguindo os impulsos, que lhe dava a mãe patria, Loanda sujeitou-se em 1828 ao governo da usurpação, e em 25 de junho de 1834 acclamou a senhora D. Maria II e a carta constitucional.

Em 1836 poz a cidade em susto e desasocego uma nova insurreição da tropa, que assassinou o tenente coronel, commandante da força armada, Lourenço José de Andrade, e feriu outros officiaes. Em dezembro do mesmo anno foi publicada a lei da abolição do trafico da escravatura. Depois estabeleceu-se a estação naval de Angola para a repressão daquelle vergonhoso trafico.

As revoluções e guerras civis, que traziam Portugal em continua agitação desde 1820; as porfiosas luctas com os negros do interior, e as insurreições militares, desordenaram inteiramente as finanças de Angola, e estagnaram o seu commercio. A prohibição do trafico da escravatura, que era tanto uma exigencia da civilisação, como uma necessidade do desenvolvimento industrial de Angola, augmentou comtudo os males publicos, em quanto os capitaes, que até alli se empregavam quasi exclusivamente na escravatura, não tomaram mais honroso e proficuo rumo, animando o commercio e a agricultura.

Em 1838, tendo o sova *Quiluange Quiassama* invadido as nossas terras de Ambaca, foi derrotado e preso pelas tropas enviadas de Loanda sob o commando do tenente coronel Joaquim Philippe de Andrade. O territorio daquelle sova foi incorporado nos dominios portuguezes, e forma actualmente o districto do *Dugne de Bragança*, que é defendido por uma fortalleza com 12 peças de artilheria.

No anno de 1839 começou a cidade de Loanda

a ser illuminada por ordem e dispendio da sua camara municipal. Este anno tambem foi propicio para aquella nossa provincia africana, pois se fizeram muitas explorações no interior e ao longo da costa. No seguinte de 1840, fundou-se o presidio de Mossamedes na bahia do mesmo nome.

Em 1842 principiaram a fazer-se sentir os sutatares effeitos da abolição do trafico da escravatura. As relações commerciaes entre as praças de Lisboa e de Loanda, até então quasi nullas, entraram em caminho de progressivo desenvolvimento. O decreto de 5 de junho de 1844, que abriu os portos de Loanda e de Benguella ao commercio estrangeiro, deu novas condições de prosperidade á capital da Africa occidental portugueza.

Tornou a accender-se a guerra com os negros em 1847, e em 1850, e ambas essas campanhas tiveram um feliz resultado para as nossas armas, que submeteram e castigaram os sovas, que ousaram invadir o nosso territorio.

Nestes ultimos annos de 1860 para cá, tem sido assolada Angola por dois flagelos, que lhe têm causado consideraveis perdas: a guerra do Congo, e a febre amarella. A primeira, sustentada com sorte varia pelas tropas da provincia, e pela expedição enviada de Lisboa, tem paralisado o commercio interno, occasionando-lhe grandes prejuizos. A segunda, dizimando a população, e affugentando os estranhos, está sendo um obstaculo ao desenvolvimento da cidade de Loanda, e de toda a provincia.

Todavia apesar da grandeza d'estes males, esta nossa possessão vae prosperando, embora lentamente, graças ás riquezas do seu sólo, e ao impulso, que se tem dado á exploração dessas riquezas. O augmento da agricultura em plantações valiosissimas, como são o café, e o algodão; a lavra em larga escala de mui importantes minas de cobre, e de outros jazidos mineralogicos; o estabelecimento de carreiras mensaes de navios movidos a vapor, pertencentes á companhia União Mercantil, pondo em communicação regular e mais breve

todos os portos d'aquella provincia entre si e com a metropole; e finalmente a attenção e esforços que o governo vae empregando nos melhoramentos da mesma, todas estas circumstancias, auxiliando-se mutuamente, promettem á Africa portugueza, e por conseguinte tambem a Portugal, um futuro de engrandecimento e prosperidade.

A cidade de S. Paulo da Assumpção de Loanda divide-se em duas partes, alta e baixa, aquella está edificada sobre um pouco elevado monte; e esta estende-se ao longo da praia, de leste a oeste, desde a ponta da *Izabel*, onde está o passeio publico, até ao morro de S. *Miguel*, que serve de base á fortalleza do mesmo nome.

A cidade baixa é a mais povoada, e o centro do commercio. Aham-se ahi a *alfandega*, construida em 1770, com um bello caes de cantaria; o *arsenal* ou *trem*, edificado em 1750; o *terreiro publico*, levantado em 1754, grande edificio quadrangular com uma praça no centro, e n'ella uma cisterna; o *quartel do esquadrão de cavallaria*, feito em 1755; a *egreja parochial de Nossa Senhora dos Remedios*, actualmente servindo de sé, a qual é dedicada a Nossa Senhora da Conceição; as *egrejas de Nossa Senhora da Nazareth*, do *Corpo Santo*, de *Santa Iphigenia*, e de *Nossa Senhora do Carmo*, que pertencia ao convento dos carmelitas descalços fundado em 1663; o *passeio publico*; a *Praça do Pelourinho*; a praça e mercado, denominados *Quitanda pequena*, a extensa praia, de meia milha de comprimento, toda guarnecida de cazas nobres; e a praça e mercado chamados *Quitanda grande*, ou simplesmente *Quitanda*.

O passeio publico está situado na extremidade da cidade, junto ao mar, na *ponta da Izabel*. Foi plantado em 1771 por ordem do governador D. Francisco Innocencio de Sousa Continho. O vice-almirante, e governador de Angola, Luiz da Motta Feo e Torres, affirmoseou-o muito em 1819, construindo-lhe um bom portal com pilares de pedra e gradaria de ferro, formando um simi-circulo. Junto ao passeio mandou edificar o mesmo vice-

almirante uma casa de campo para os governadores de Angola.

Esta parte da cidade é menos sadia pela sua posição baixa, posto que actualmente não se encontram pantanos nas suas visinhanças, como outr'ora. A calçada Nova é a principal comunicação da cidade baixa para a alta, que está assentada sobre uma colina não muito elevada.

Na cidade alta estão os seguintes edificios e praças: O *palacio do governador*, foi reconstruido em 1761, demolindo-se inteiramente o antigo. Em 1817 foi augmentado, e afformoseado por Luiz da Motta Feo e Torres, que melhorou a *praça do Palacio*, erigindo no meio d'ella um obelisco destinado a commemorar a aclamação d'el-rei D. João VI.

O *paço do Bispo* occupa o antigo collegio dos jesuitas, fundado no seculo 17.^o

A *casa da junta da fazenda*, ergue-se na *praça do Palacio*.

O *quartel de infantaria* foi mandado edificar em 1753 pelo governador D. Antonio Alvares da Cunha.

A *sé* velha hoje em ruínas. A *egreja da misericordia*, data dos principios do seculo 17.^o Tem annexo o hospital, com cinco enfermarias. Os outros edificios religiosos d'esta parte da cidade são: a *egreja de S. João*, pertencente aos militares; o *hospicio de Santo Antonio*, que foi dos frades capuchinhos, edificado em 1651; a *egreja do Rosario*, a de *S. Paulo* e a de *S. José*, que pertenceu ao convento da ordem 3.^a de S. Francisco.

A *casa da camara* e a *cadéa*, ficam proximas á casa da junta da fazenda.

A *praça do Palacio* é guarneçada de arvoredos. Pela frente que olha para o mar, corre uma alta muralha, a que chamam *muralha de recreio* tanto por causa da alameda, que sustenta, como pela linda vista, que d'ahi se gosa, da cidade baixa e do porto.

O principal mercado de Loanda chama-se *Quitanda grande*. Foi construido em 1818 por ordem do vice-almirante Feo e Torres.

Não ha na cidade fonte alguma; apenas tem dois poços publicos, denominados *maiangas*, e as cisternas do terreiro, e da fortalleza de S. Miguel, de que se abastece a tropa. Quasi toda a agua, que os habitantes consommem vem-lhes do rio Bengo, e é transportada por barcos, que a trazem em tanques. Os hollandezes, durante o seu dominio em Loanda, tentaram encanar o rio Cuanza desde a confluencia do Lucala até á proximidade da cidade, com o duplicado fim de a abastecer de agua, e de a dotar com um canal de communicação com o alto Cuanza. Esta obra porêem ficou em começos, e o mesmo succedeu ás que foram emprehendidas pelos governadores D. Antonio Alvarés da Cunha, em 1758, para conduzir á cidade a agua do Cuanza, e José d'Oliveira Barbosa, no anno de 1813, para encanar com o mesmo fim as aguas do rio Bengo.

A cidade de Loanda é cercada pelo lado de terra com uma linha de guardas barreiras, mandada fazer em 1817 pelo governador Luiz da Mota Feo e Torres. E' defendida por tres fortallezas e dois fortes.

A *fortaleza de S. Miguel* é a cidadella de Loanda. Campêa sobre um oiteiro, donde domina o mar, e a ilha de Loanda, bem como a cidade, e terra em redor. Deve a sua primeira fundação a Paulo Dias de Novaes, e a segunda ao governador Francisco de Vasconcellos da Cunha, que a fez construir de taipa e adobes no anno de 1638. No de 1705 principiou-se a sua reedificação a pedra e cal, que foi concluida em 1740. Trinta annos depois fizeram-se-lhe importantes obras de accrescentamento, e melhoramento.

Occupa esta fortaleza toda a crista do monte, chamado outr'ora de S. Paulo, e agora de S. Miguel. Para o lado de terra tem dois baluartes, em que se podem assestar dez canhões, cruzando o fogo com o baluarte do *cavalleiro*, de dezeseis peças. Para o lado do mar apresenta duas baterias, uma inferior com seis peças, e outra superior com capacidade para setenta e oito canhões. Todavia

nunca esta fortalleza teve montadas mais de sessenta peças. Encerra boa casa para o governador, quartéis para um regimento de infantaria, e uma companhia de artilheria, tres armazens, paiol á prova de bomba, capella, prisão, e uma cisterna, que leva 1:320 pipas de agua. Tem uma grande esplanada plantada de arvoredos. A entrada d'esta fortalleza é defendida por um reveiim com fosso aberto na rocha, e ponte levadiça.

A *fortaleza de S. Pedro*, situada sobre o morro da *Cassandama*, foi começada em 1703 pelo governador Bernardo de Tavora de Sousa Tavares, e acabada em 1756 pelo governador D. Antonio Alvares da Cunha. Tem dois baluartes para a parte de terra, tendo cada um nove peças, e para a parte do mar duas baterias, uma superior em que podem trabalhar dez canhões, e outra, baixa, acasamatada, e aberta na rocha, com oito peças. Contém esta fortaleza casa para o governador, quartéis, armazens, e uma pequena cisterna.

A *fortaleza de S. Francisco do Penedo* é a chave do porto de Loanda. Foi fundada em 1687 sobre um penedo proximo da praia, do qual lhe veio o nome. Era então um pequeno forte de seis peças de artilheria. O governador de Angola, D. Francisco Innocencio de Sousa Coutinho, reedificou-a e ampliou-a muito em 1763, ligando o penedo com a terra firme, sobre a qual assentou a maior parte da nova fortaleza, que do nome do fundador se chamou de S. Francisco.

Tem a fôrma d'um pentagono irregular com duas ordens de baterias, que a cercam, a superior com vinte e quatro peças, e a inferior ao lume da agua, capaz de ser guarnecida com 37 canhões. Contém casa para o governador, quartéis para a tropa, e mais officinas, uma cisterna e um grande paiol á prova de bomba que accommoda quatro mil arrobas de polvora, e que serve tambem de deposito para a do commercio. Tem fosso, em que entra a agua do mar, com ponte levadiça. Esta fortaleza serve de registro do mar e da terra, porque domina e varre simultaneamente com o seu

fogo a entrada do porto, e o ancoradouro, e a estrada desde a Nazareth até o Cacuaco, que é a principal avenida da cidade para o interior. A linha de guardas barreiras, que principia na fortaleza de S. Miguel, termina na de S. Francisco do Penedo.

O porto de Loanda é formado pela ilha d'este nome, que fica fronteira á cidade, e pela terra firme. Tem milha e meia de extensão, e é abrigado e seguro, mas só recebe navios de pequena lotação. O ancoradouro para os navios grandes é a milha distante da ilha de Loanda, onde offerece 16 ou 17 braças de bom fundo de area.

A ilha de Loanda é quasi toda de area, e raza. Habitam-na uns mil e trezentos moradores, que se empregam pela maior parte na pesca do marisco, de que abundam as suas praias. Tem duas ermidas, dependentes das duas parochias da cidade. Ha n'esta ilha alguns jardins, hortas, e pomares, pertencentes ás pessoas abastadas da cidade. Quasi contigua, pelo lado do sul, está a ilha de *Casenge*, muito arborisada, com uma povoação de oitocentas almas, e uma egreja parochial.

A cidade de Loanda possui dois theatros, uma casa de assembléa, varios botequins e bilhares, e uma imprensa nacional, onde se imprime o jornal official *Boletim do Governo de Angola*.

Os estabelecimentos de instrucção publica limitam-se ao seminario episcopal, creado pela senhora D. Maria II em 1851; duas aulas de primeiras letras, para os dois sexos, outra de latim, e um collegio particular, em que se ensina grammatica portugueza, noções de desenho e geometria, e escripturação mercantil.

Nos arredores de Loanda ha alguns lugares aprasiveis, como o suburbio, que começa no passeio da *Ponta da Izabel*, e varios sitios das margens dos rios Bengo, e Dande, onde se vêem bonitas casas de campo, pertencentes ás pessoas ricas da cidade. Todos esses lugares, porém, são insalubres, pelo menos em uma parte do anno, e mais que nenhuns outros os que se avisinham da-

queiles rios, por causa das suas margens paludosas.

As hortas da ilha de Loanda, e das Maiangas, e as varzeas que se estendem ao longo dos rios Bengo, Dande, e Zenza, abastecem os mercados da cidade de algumas hortaliças e fructas da Europa, e de outras do paiz, de cereaes, legumes etc. As fructas, que se dão na Europa, e que ali se cultivam mais commummente são: a laranja, cidra, lima, limão, pecego, maçã, uvas, figos, romã, melão e melancia. As do paiz são: ananaz, banana, cajú, anona, côco, arossa, gego, zondo, mamão, papaya, muximbo, pitanga, cola, e outros.

Entre as aves domesticas indigenas criam-se algumas especies europeas.

No porto, e na costa vesinha produz o mar muita variedade de peixe, taes como a corvina, a que dão o nome de *pungo*, cherne, dourada, enxova, lingoado, pescada, enxarroco, mero, garoupa, chocos, morea, pargo, palumbeta, peixe-espada, raya, peixe-gallo, pampano, salemo, salmonete, peixe-pedra, sarda, sardinha, peixe-burro, solho, bonita, bagre, e outros mais. Ha muita copia de lagostas, camarões, ostras, mexilhões, caranguejos, e mais diversidade de mariscos, e tambem ha bastantes tartarugas. Frequentam aquelles mares algumas baleas.

Em geral as proximidades da costa são aridas, e pouco productivas. Porém no sertão ha territorios de mui grande fertilidade, possuindo immensas riquezas naturaes, e alguns offerecendo um clima saudavel.

Os bosques do interior abundam em excellentes madeiras para construcção e para marcenaria, e são habitados por uma infinita variedade de animaes, que fornecem ao commercio preciosos despojos. Os elefantes e os bufalos andam em grandes manadas. De tigres, leões, leopardos, rhinocerontes ou abadas, hyenas, lynces, javalis, cavallos marinhos, girafas, antilopes, veados, zebras, lontras, e de muitas outras especies, possuiu aquelle paiz prodigiosa quantidade. De aves apreciaveis pela suavidade do

canto, e pela formosura e valor da plumagem, não é menos rico e variado.

Em mineralogia favoreceu-o igualmente a natureza. Angola e Benguella encerram muitas minas de ferro, cobre, estanho, chumbo, mercurio, enxofre, sal, salitre, petroleo, e carvão de pedra. Teem pedra calcarea, mui fina pedra lioz, quartzo cristalisado, gesso, giz, e muitos outros productos mineralogicos.

Produz esta nossa possessão café, assucar, algodão, trigo, milho, arroz, mandioca, anil, tabaco, oleo de ricino, azeite de palma, azeite de coco, azeite de amendoim, ou mendobi, vinho de cajú, urzella, gomma copal, cera e mel.

A fóra os cercaes, que se consomem no paiz, e que não bastam para as suas necessidades, pois que importa muita farinha de trigo de Lisboa, e da America, os mais generos, juntamente com o marfim, pontas de abada, coiros de bufalo, e pelles de outros animaes, cobre e outros mineraes, alimentam o commercio de exportação da cidade de Loanda, que vae tendo consideravel augmento

Loanda tem por brasão de armas um escudo bipartido com a imagem de Nossa Senhora da Conceição da parte direita, em campo azul, e a de S. Paulo á esquerda em campo vermelho. Este brasão é anterior á restauração de Angola por Salvador Corrêa de Sá Benevides. Nossa Senhora da Conceição é o orago da sé, e S. Paulo o patrono da cidade.

A população da cidade, com as duas ilhas, que lhe ficam defronte, orça por 12:600 habitantes, dos quaes nove mil são pretos, e d'estes cinco mil são escravos.

Sendo a administração de Angola e Benguella igual á dos estados da India, a cidade de Loanda é sede do governador geral, que actualmente é o senhor Calheiros, do bispo da diocese de Angola e Congo, do conselho do governo, da junta de fazenda, da junta de saude publica, da relação de Loanda, creada pela senhora D. Maria II em 1831, comprehendendo Angola, Benguella, e suas de-

pendencias, e as ilhas de S. Thomé e Príncipe, da junta de Justiça, do juiz de direito, do conselho superior de justiça militar, da commissão mixta para o julgamento das prezas de contrabando de escravatura, do intendente da marinha, do capitão do porto, e mais auctoridades. A guarnição compõe-se de um batalhão de infantaria com 688 praças; uma companhia de artilheria com 139 praças; uma companhia de sapadores com 100 praças, e um esquadrão de cavallaria com 63 praças. Esta força com a que está guarnecendo os presidios fórma um effectivo de 2:101 soldados de 1.^a linha, que teem por auxiliares 3:365 homens de milicias, pertencentes ás diversas povoações de Angola e Benguella.

Pois que demos uma noticia geral, posto que mui resumida, d'estes dois paizes, nomearemos os districtos em que se acha dividida a nossa vasta possessão da Africa occidental.

Angola comprehende os districtos de *Loanda*, do *Bengo*, de *Icolo e Bengo*, do *Dande* e de *Libongo*, proximos do mar; de *Calumbo*, de *Muxima*, de *Massangano*, de *Cambambe*, e de *Pungo Andongo*, sobre o rio Cuanza; de *Zenza*, de *Cazengo*, de *Ambaca*, de *Colungo alto*, de *Dembos*, de *S. José de Encoge*, do *Duque de Bragança*, e de *Tala Mungongo*, no interior ao norte do Cuanza.

Compõe-se Benguella dos districtos de *S. Filippe de Benguella* e de *Novo Redondo*, entre os rios Catombela e Cavo; e dos de *Baiundo*, de *Quilengues e Sambos*, de *Bihé*, de *Hambo*, *Galengue*, e *Sambos*, de *Dombe grande*, de *Cuconda etc.* no interior.

Os districtos de *Ambriz*, e de *Mossamedes*, são dependencias, o primeiro de Angola, e o segundo de Benguella, mas cada um com o seu governador.

A CIDADE DE S. SEBASTIÃO DE MOÇAMBIQUE.

A mais rica das nossas possessões ultramarinas é a vasta provincia de Moçambique. Infelizmente tambem é a mais despresada.

Occupa uma grande superficie de terreno na parte oriental da Africa. Na costa estende-se pelo espaço de 400 leguas, desde a bahia de Lourenço Marques até Cabo Delgado.

É tambem mui grande a sua extensão para o interior, e posto que não estejam bem assignalados os seus limites, deve-se suppor, attendendo á distancia que vae de Quilimane a Tete, que não é menor de 200 leguas.

A superficie total do territorio sujeito á corôa de Portugal é calculada em vinte e quatro mil leguas quadradas maritimas, com uma população de trezentos mil habitantes, parte d'elles subditos portuguezes, parte apenas tributarios. Conforme um recenseamento official feito em 1849, os estabelecimentos portuguezes situados na costa tinham uma população de 68:000 almas, entrando n'este numero 42:000 escravos, e tão sómente 2:000 brancos europeus, ou descendentes destes, e moiros, e banianos, que são oriundos da Asia.

Compõe-se a provincia de Moçambique, além da capital, de seis districtos administrativos, que são Ibo, Quelimane, Senna, Sofalla, Tete, e Inhambane, e de sete districtos militares, que são os seis referidos e o presidio de Lourenço Marques.

A ilha de Moçambique, que dá nome a toda a provincia, dista da costa uma légua, ou alguma coisa menos, formando o canal tambem chamado de Moçambique. É pois n'esta pequena ilha, cuja circumferencia não excede a uma légua, que está edificada a cidade de Moçambique, capital dos domínios portuguezes na Africa oriental.

O primeiro portuguez que visitou a costa oriental da Africa e a ilha de Moçambique foi João Peres da Covilhã, que em companhia de Affonso de Paiva percorreu o Egypto, a Abyssinia, e a India, por terra, e por ordem d'el-rei D. João II no anno de 1487.

Tendo dobrado D. Vasco da Gama o Cabo da Boa Esperança, no dia 8 de Julho de 1497, na sua derrota para a descoberta da India, aportou a Moçambique no 1.º de março do seguinte anno. Era então governada esta região por um regulo moiro. A terra firme era habitada quasi exclusivamente pelos negros, naturaes do paiz. A ilha de Moçambique era povoada de moiros, que faziam d'ella um logar de escala nas suas viagens e relações commerciaes entre a cidade de Quiloa, da Mina, e de Sofala.

Ao cabo de alguns dias, depois de ter communicado com os moiros, presenteando o seu regulo, e recebendo provisões, continuou D. Vasco da Gama a sua viagem para a India. Porém antes de partir collocou n'uma ilhota proxima da ilha de Moçambique um padrao consagrado a S. Jorge, do qual a ilha veio a tomar o nome.

A 20 de Julho de 1501 surgiu diante de Moçambique a segunda armada portugueza, que sulcou aquelles mares. Era capitaneada por Pedro Alvares Cabral, o famoso descobridor do Brasil. Todas as outras armadas portuguezas, que se lhe seguiram, em demanda da India, ali foram lançar ferro para se repararem dos damnos causados pelas iras do mar, e para se proverem de mantimentos.

Reconhecendo-se por conseguinte a importancia d'aquella ilha como ponto de escala para a navegação da India, e tendo dado os moiros, que n'ella dominavam, sobejas provas do seu odio contra os portuguezes, foi occupada pelos nossos em 1506. Depois encarregou el-rei D. Manuel de levantar ali uma fortaleza a Duarte de Mello, que partiu de Lisboa no anno de 1507 já com o cargo de capitão de Moçambique.

Duarte de Mello chegou á ilha de Moçambique em uma armada destinada para a Índia, mas que se demorou ahí o tempo necessario para ajudar e proteger a edificação da fortaleza. Foi esta fundada na ponta da ilha á entrada da barra, com quarteis para tropa, uma igreja dedicada a S. Gabriel, e um hospital.

Impoz-se respeito por este modo aos moiros, que viviam na ilha de Moçambique; porém os do visinho continente cada vez mais zelosos e irritados da preponderancia, que os portuguezes iam adque-rindo n'aquellas regiões, faziam-lhes toda a sorte de vexames e de hostilidades, que as circumstan-cias permittiam. Eram então os portuguezes muito poderosos, senão pelo numero pela sua audacia e valor, para suportarem por muito tempo um estado de coisas, que os contrariava e humilhava. Come-çando pois por expulsar os moiros da ilha, não tardaram em levar-lhes a guerra ao continente.

Apoderaram-se as nossas armas em breves annos de tantas cidades, e de tão grande extensão de territorio, que Portugal chegou a ter sob o seu dominio quasi toda a costa oriental da Africa.

As mesmas causas, que produziram a sua decadencia na Asia, o fizeram decadente na Africa. Os inglezes e os hollandezes, aproveitando-se do seu enfraquecimento, disputaram-lhe as suas conquistas tanto n'uma como n'outra parte. Arrebatarem-lhe muitas; fizeram-lhe perder não poucas em proveito dos soberanos indigenas, com quem se allia-ram contra nós; e se não nos despojaram de todas as nossas possessões foi porque nunca o valor e a coragem abandonaram os portuguezes mesmo no maior auge das desditas de Portugal.

Correndo pois o anno de 1607 foi Moçambique acommettida pelos hollandezes, que a entraram e saquearam, não podendo impedil-o as poucas forças, que então a defendiam, as quaes se acolheram á fortaleza, que sustentou um assedio com repetidos e violentos ataques durante dois mezes. Porém os nossos por tal modo se houveram, que foi repellido e vencido o inimigo. A alliança que

os portuguezes fizeram por essa occasião com o imperador de Monomotapá contribuiu muito para affugentar d'ali os hollandezes, e assegurar aquella possessão á corôa de Portugal.

No mesmo anno de 1607 fez doação aquelle soberano ao rei de Portugal de varias minas muito importantes dos seus estados, o que deu occasião a fundarem-se alguns estabelecimentos no interior da provincia. Começou então a desinvolver-se o commercio interno, e alguns desses estabelecimentos, á sombra de fortalezas, que se erigiram para os defender, chegaram a adquirir certa importancia. Com este movimento commercial prosperou Sofala, primeira capital da provincia, e a pequena povoação da ilha de Moçambique, graças á excellencia do seu porto, sentiu ainda mais os seus beneficos effeitos, crescendo a ponto de obter ao diante as honras de villa, e mais tarde as de cidade e de cabeça da Africa oriental portugueza.

Sacudiu Portugal o jugo de Castella em dezembro de 1640, e Moçambique apressou-se a secundar o patriotico esforço da metropole apenas lhe chegou a noticia.

Acabada a luta da nossa independencia, e expulsos os hollandezes das terras do Brazil, tratou-se de dar grande impulso á colonisação deste paiz. Como as necessidades da agricultura demandavam não só muitos braços, de que Portugal não tinha sobras, mas tambem homens que podessem supportar o trabalho sob o sol dos tropicos, recorreu-se á Africa e assim se deu principio ao trafico da escravatura em larga escala.

No commercio de Moçambique operou-se em pouco tempo uma completa transformação. Os immensos lucros, que offerecia o trafico da escravatura, foram distrahindo as atenções e os capitães das industrias, que iam tornando florecente a provincia.

Aquelle trafico trouxe, não ha duvida, grande cópia de dinheiro á cidade de Moçambique, e durante bastantes annos lhe deu um aspecto de apparente prosperidade; porém foi a origem da maior

parte dos males, que tem affligido aquella nossa possessão, e a causa efficiente da miseria a que ella chegou.

Não houve só a lamentar a quasi extincção do commercio interno, a ruina de alguns estabelecimentos do interior, o definhamento da agricultura, o abandono emfim de todos os ramos da industria, que podem dar a um paiz a verdadeira e duradoira prosperidade.

Peior ainda que tudo isto foram as outras consequencias d'aquelle barbaro trafico: a relaxação inoculada nos costumes, a corrupção introduzida nos empregados do governo, e a despovoação da provincia pelas carregações de escravos enviados para a America, e pela emigração de muitos pretos para longe das fronteiras portuguezas. A tal ponto chegaram a cubiça e a immoralidade dos negreiros e de algumas auctoridades, que avultado numero de pretos, subditos d'el-rei de Portugal, foram vendidos como escravos, e transportados para o Brazil.

Os rendimentos publicos, declinando de anno para anno, não bastavam para as necessidades da provincia, nem sequer chegavam para a sustentação do governo e da força armada. A divida publica sempre crescendo, e os meios de segurança a diminuir; os empregados procurando nas extorsões e na veniaga o modo de preencherem os seus ordenados, ou de locupletarem a sua cubiça; a auctoridade sem força nem prestigio; a pouca tropa, que estava guarneecendo os presidios sem disciplina; o desleixo e a desordem lavrando em todos os ramos da administração; e por toda a parte a demoralisação a campear, levaram a provincia de Moçambique a uma situação da maior gravidade.

Aproveitando-se d'este estado de enfraquecimento, ou diremos melhor de dissolução, os cafres, e outras hordas selvagens dos paizes circumvisinhos, romperam em hostilidades contra a provincia; e os proprios povos tributarios e alliados da corôa de Portugal começaram a levantar o estandarte da rebelião. A historia de Moçambique n'estes ulti-

mos trinta annos tem sido uma guerra quasi continua n'um ou n'outro ponto da provincia.

Em 1835 os negros landianos exerceram uma horriavel carnificina nos habitantes de Inhambane.

Em 1842, houve uma revolução no presidio da Bahia de Lourenço Marques. Os amotinados, commettendo todo o genero de violencias contra os portuguezes, e contra as suas propriedades, assassinaram o governador.

Mais tarde, correndo o anno de 1856, rebentou outra insurreição nas margens do Zambeze. Os revoltosos unidos com os cafres assolaram o paiz, e cortando as communicações do interior com o litoral, entre as povoações de Teté, Senna, e Quilimane, obrigaram alguns estabelecimentos portuguezes a comprarem a segurança e a paz á custa de oneroso resgate.

Em 1858 repetiram-se quasi as mesmas scenas tambem nas immedições do Zambeze. Os insurgentes apoderaram-se de importantes carregações de marfim, que iam caminho de Quilimane.

Ainda no anno passado, de 1861, o flagello da guerra affligiu a provincia de Moçambique. As ultimas noticias vindas d'esta nossa possessão em fevereiro do corrente anno de 1862 participam uma importante victoria ganha pelas tropas portuguezas contra os negros.

Não ha duvida que em toda esta prolongada lucta as armas portuguezas teem obtido afinal triumpho contra os indigenas, com mais ou menos sacrificio. Entretanto os males, que d'ahi teem resultado para a provincia são tão grandes, que se lhes não acudirem com prompto remedio, arriscamo-nos a ver cair da corôa de Portugal aquella joia, que n'outras mãos seria já de um valor inestimavel, como fonte de immensos recursos. Cremos, porém, que se aproxima a época da regeneração das nossas provincias ultramarinas por meio de um impulso civilisador. Cremol-o assim, porque já todos em Portugal reconhecem essa grande necessidade, e a opinião publica ha de seguramente obrigar o governo a applicar toda a sua

atenção, empenho, e esforços na resolução d'aquella importantissima questão. O que se tem feito ultimamente em favor d'essas provincias é na verdade mui pouco; porém mostra que se está entrando no bom caminho. E será impossivel a qualquer ministerio recuar ou parar n'elle.

Relativamente a Moçambique foi o porto da cidade franqueado ao commercio de todas as nações no anno de 1853; estabeleceram-se varias alfandegas provinciaes; reformou-se a pauta dos direitos; e nos dois ultimos annos enviou-lhe a metropole tres embarcações movidas a vapor, a *Infanta D. Maria Anna*, e *Barão de Lazarim*, que actualmente cruzam na costa, dando força ás auctoridades e impondo respeito aos negros, e o *Zambeze* para navegar no rio d'este nome, e proteger os estabelecimentos do interior.

A povoação de Moçambique foi elevada á cathedra de villa por el-rei D. José I, no anno de 1761, recebendo o nome de *S. Sebastião de Moçambique*, que era o da invocação da sua primeira fortaleza. Em 1818 foi creada cidade, obtendo as honras de capital da Africa oriental portugueza por decreto de 18 de Setembro do principe regente, D. João. Até então era Sofala a sede do governo de toda a provincia.

Ergue-se a cidade de Moçambique em uma ponta da ilha do mesmo nome, em 15° 2' de lat. sudoeste, e 38° 27' 45'' de long. este. Dista de Lisboa 980 leguas em linha recta, e 1:980 em viagem em volta do Cabo da Boa Esperança.

A cidade de S. Sebastião de Moçambique é sede de um governador geral, nomeado de tres em tres annos, de um juiz de direito, de um prelado, que tem a jurisdicção ecclesiastica de toda a provincia, além de outras auctoridades subalternas.

O brasão d'armas de S. Sebastião de Moçambique compõe-se de cinco setas verdes, atadas com uma fita vermelha, e por baixo duas palmas verdes, tudo no meio de um escudo de prata. Desnecessario seria dizer-se que este brasão é allusivo ao martyrio do patrono da cidade.

A organização do governo e administração pública são eguaes ás que referimos das outras provincias ultramarinas. A repartição de justiça é subordinada á relação de Goa, e assim tambem a prelazia de Moçambique está sujeita ao arcebispo primaz do oriente. Foi creada esta prelazia a instancias d'el-rei D. João III pelo papa Paulo III, concedendo-se ao prelado as honras episcopaes com o titulo de bispo de Pentacomea, ou de Olba.

A guarnição da cidade e fortalezas é feita por um batalhão de infanteria, com 300 homens, e duas companhias de artilharia com uns 150 soldados.

Não apresenta esta cidade uma bonita perspectiva a quem a observa do porto, porque o seu assento em terreno baixo não deixa ver do mar os seus melhores edificios, nem mesmo ajuizar da grandeza da povoação. Estende-se por um espaço de terreno, que tem perto de duas milhas.

Divide-se a cidade em sete bairros, denominados *de S. Domingos, de S. Gabriel, da Sé, do Concelho, da Misanga, da Marangonha, e da Ponta da Ilha*.

As parochias são duas: a matriz ou sé, dedicada a *Nossa Senhora da Purificação e do Livramento*, e a outra consagrada a *S. Sebastião*. A sé, é um templo bem construido, de uma só nave, mas que se acha muito damnificado. Está situado proximo do mar, e quasi no centro da cidade. E' a principal freguezia, não só pela sua gerarchia, mas porque abrange a todos os moradores da cidade, menos os que habitam na praça e fortaleza de *S. Sebastião*, na qual está erecta a parochia da mesma invocação.

O templo desta ultima acha-se em ruinas, e inteiramente descoberto. O parcho administra os Sacramentos na capella do palacio de *S. Paulo*, residencia do governador da provincia. Nessa egreja arruinada de *S. Sebastião* está sepultado João da Silva Tello de Menezes, 1.^o conde d'Aveiras, vice-rei da India, fallecido em Moçambique no anno

de 1651 quando voltava pela segunda vez a Goa com o mesmo cargo de vice-rei.

Os outros edificios religiosos e estabelecimentos pios são os seguintes: *A igreja da misericordia*, fundada nos principios do seculo 17.^o, é o templo da cidade que possui melhores paramentos e alfaias. *O hospital militar e civil de S. João de Deus*, occupa o convento da mesma invocação, que pertenceu á ordem dos hospitaleiros. Foi edificado em 1681, e reconstruido em 1703. A antiga igreja do convento serve de capella do hospital. *O asilo da infancia desvalida* foi instituido em 1856, e occupa o edificio do extincto convento de S. Domingos. *A igreja de S. Francisco Xavier*, que pertenceu aos jesuitas, é actualmente capella do palacio do governador. Na capella mór, do lado da epistola, está uma lapide embebida na parede com este letreiro: *Aqui jaz D. Estevão de Athaide, castellão que foi desta praça, que a defendeu de dois cercos dos holandezes, general das conquistas das minas de prata: falleceu em 1633, e a companhia o recebeu n'este collegio.* No pavimento da mesma capella mór está sepultado o marquez de Aracaty, governador de Moçambique, cargo de que tomou posse em 1837. *A capella de Nossa Senhora da Saude*, outr'ora igreja do hospicio dos frades capuchos, é hoje administrada pela camara municipal, e serve de capella do cemiterio publico, que lhe fica contiguo. *A capella de Nossa Senhora do Baluarte*, está dentro da fortaleza de S. Sebastião. Nella se celebra a cerimonia da entrega do bastão aos governadores de Moçambique no acto de tomarem posse d'este cargo. Estão ahi sepultadas algumas pessoas notaveis. *A capella de Santo Antonio*, está edificada em uma pequena ponta da ilha. Os dominicos tiveram n'esta cidade um convento, cuja igreja dedicada a Nossa Senhora do Rosario se acha em completa ruina.

Os outros edificios principaes são o *palacio de S. Paulo*, residencia do governador; a *casa da junta da fazenda*; a *alfandega*; o *arsenal da marinha*, a *impreza nacional*, que occupa a antiga casa do Ouvidor; a casa chamada *do Bispo*, que

é a residencia do prelado; e a *casa da camara municipal*. Esta ultima passa por ser o melhor palacio municipal das nossas possessões ultramarinas á excepção do de Macau. Encerra um *theatro*, e tem contigua a cadêa publica. O caes e ponte da alfandega, com 122 metros de comprimento, é uma bella obra.

As ruas da cidade são em geral estreitas, e mal gradadas. As melhores praças e largos são os seguintes: de *S. Paulo*, em frente do palacio do governo, e da alfandega, é arborizado, e eguarneado de alegretes de flores; da *União*, tambem chamado do Pelourinho, com sua fileira de acacias, e no centro uma columna de oito metros de altura, coroada pela esphera armilar; da *Saude*, tambem arborizado, e com um obelisco no meio de nove metros de elevação, terminando em uma corôa real, fundado em 1826 em commemoração de haver el-rei D. João VI assumido o poder absoluto.

As casas pela maior parte são mal construidas, mas encontram-se bastantes bem edificadas, caidas, e com seus terrados.

Ha na cidade tres mercados, dois chamados *bazares*, onde se vendem hortaliças, frutas, e mais generos de consummo diario, e o terceiro denominado *banca do peixe*.

Não ha na cidade fonte alguma. A agua de que se abastecem os moradores é de cisternas, que são muitas, e de alguns poços. Vem-lhes tambem de fóra, de uma fonte situada na bahia de Titangone a umas tres leguas de distancia de Moçambique. Por esta falta, e pela natureza do solo calcarco de que é formada, a ilha de Moçambique é arida e esteril. Todavia em torno da cidade apparecem algumas palmeiras, e outras arvores. Todos os generos para o consummo dos habitantes, incluindo hortaliças e fructas, veem da terra firme.

Defendem a cidade e o porto tres fortalezas denominadas de *S. Sebastião*, de *S. Lourenço*, e de *Santo Antonio*. A primeira é a principal. Está bem artilhada, e em bom estado de conservação. Tem quatro baluartes, dois para o mar, e dois para o

lado de terra, que dominam toda a ilha. O vasto *campo de S. Gabriel* separa a fortaleza da cidade.

O forte de S. Lourenço está edificado sobre um rochedo ao sul da ilha, e afastado d'ella uns cem passos. É pequeno, e tem poucos canhões.

O forte de Santo Antonio acha-se situado quasi no meio do litorral da ilha, e apenas o guarnece-m duas peças.

O porto é formado pelas tres ilhas de Moçambique, de S. Jorge, e de S. Thiago, e pela costa do continente. Tem mais de duas leguas de circumferencia, e offerece commodo e seguro ancoradouro aos navios de maior lotação, inclusivè naus. A barra é de facil entrada.

Limitam-se os estabelecimentos de instrucção publica na cidade, a uma escola de latim e de primeiras letras. Tem uma typographia, e um jornal *Boletim do Governo de Moçambique*.

O clima da cidade de Moçambique é muito insalubre, por ser a ilha terra baixa e alagadiça. Se não fôra a excellencia do porto, as vantagens d'esta situação geographica para o commercio, e navegação da India, e ao mesmo tempo a segurança da capital, sem duvida teria sido mudada ha muito a sêde do governo, para algum ponto do continente mais sadio e ameno.

A insalubridade da ilha foi causa de que se povoaasse na terra firme, no fundo da bahia, um sitio chamado *Mossuril*, de clima benefico, e de terrenos fertilissimos. Crescendo pelas muitas condições favoraveis da sua posição, Mossuril tornou-se um suburbio delicioso da capital, e logar de refugio durante a quadra das febres endemicas. A sua população é hoje maior que a da cidade, que apenas conta uns tres mil habitantes, na maxima parte negros, ou banianos, oriundos da India.

Ha em Mossuril um palacio dos governadores de Moçambique, e muitas casas de campo dos moradores mais abastados da cidade. No outono, ordinariamente, faz-se em Mossuril uma feira annual, denominada *dos Mujãos*, porque ali concorrem os pretos d'este nome em grandes caravanas,

compostas de tres mil individuos, e mais, trazendo do interior d'Africa marfim, gomma copal, pelles de animaes, e outros productos, que trocam por generos e mercadorias da Europa. Antigamente tambem era feira de escravos.

Em torno da povoação de Mossuril veem-se muitas hortas e pomares de laranja, e de outras frutas de que se abastece a cidade de Moçambique.

Apesar da sua decadencia ainda esta cidade é a praça mais commercial da costa oriental da Africa. Importa da India algumas variedades de tecidos de algodão, principalmente os *zuartes* de Goa, de côr azul; e da Europa tambem muitas fazendas de algodão, e outras diversidades de mercadorias e utensilios, que convem ao commercio de permutação de generos que se faz com os pretos do interior, e de todo o litoral africano.

Mercado central d'esta parte da Africa, exporta marfim, pontas de abada, ou rhinoceronte, pelles de animaes, e pennas de aves, cera, gomma copal, resina, ambar, balsamo, malachites, tapioca, arrow-root, sagú, caffè, anil, oleo de ricino, gerselim, urzella, salsaparrilha, varias drogas medicinaes, cocos, cristal de rocha e outras produções.

Entretanto este movimento commercial é feito em pequena escala em consequencia do atraso em que se acha a provincia, e pelas outras rasões acima expostas.

Quando a civilisação e a industria fizerem sentir o seu poder n'esta rica provincia, não só ha de augmentar extraordinariamente a exportação de todos aquelles generos, mas hão de concorrer ao mercado da cidade de Moçambique ainda muitos outros productos do sólo africano tanto, ou mais valiosos que os que deixamos mencionados.

Possue minas de ferro, de cobre, de carvão de pedra, de oiro, e de prata. Alguns rios trazem abundancia de oiro nas suas areas. O districto de Sofala, principalmente, sempre teve nomeada a este respeito desde a mais remota antiguidade.

Em pedras preciosas não é menos rico aquelle territorio. Encontram-se n'elle, em muitas partes, bellas esmeraldas, e outras pedras; e na costa abundam as perolas. Os bosques do interior podem fornecer uma infinita variedade de madeiras excellentes para construcção, e das mais apreciaveis para marcenaria. O ebano, por exemplo, é ali vulgar. As arvores da quina, e de todo o genero de especiaria, crescem em densas florestas pelo sertão de Moçambique.

Além d'isto prestam-se aquelles terrenos e aquelle clima a todas as mais culturas em que actualmente se occupa a industria agricola na provincia de Angola. Dão-se ali perfeitamente a canna do assucar, o caffè, o cacau, o tabaco, e o algodão. Os cereaes tambem offerecem boa producção, e chegaram a dar emprego a grande numero de braços, antes do trafico da escravatura despovoar aquellas regiões pelos milhares de escravos que enviava annualmente para a America, e pelas tribus inteiras que affugentava para longe das nossas possesões.

Nas margens dos differentes rios que atravessam a provincia até se lançarem no mar em territorio portuguez, sobre tudo nas margens do Zambeze, ha extensissimos prados sempre cobertos de optimas pastagens, em que se cria algum gado, mas onde este ramo da industria podia ser elevado a um subido ponto de importancia, e de apperfeiçoamento.

A zoologia é um outro elemento de immensa riqueza para aquella provincia. São infinitas a diversidade e quantidade de animaes, que povoam os mattos, e cujos despojos o commercio paga a pezo de oiro. Os elefantes e os hyppopotamos ou cavallos marinhos, de dentes de marfim, especialmente os primeiros, caem aos milhares em cada anno sob o fuzil do caçador. Os tigres, onças, pantheras, leopardos, girafas, zebras, e muitos outros animaes de pelles formosissimas, não teem conta.

As aves de plumagem variegada, de cores vivas

e brillhantes, e de canto harmonioso, tambem são innumeraveis.

Abundam os mattos em muitas especies de caça grossa e miuda, rasteira e do ar. Nõs rios e ao longo da costa ha bastante variedade de peixes.

A tantas e taes condições de prosperidade, que tem a provincia de Moçambique, ainda accrescem as magnificas bahias, e os portos commodos e seguros, que se abrem na sua extensa costa; e os rios, que a cortam, navegaveis por grande distancia.

A bahia de Lourenço Marques, é o melhor porto de toda a costa. Podem n'elle fundear em perfeita segurança as maiores naus. Tem esta bahia seis a sete leguas de largura, e n'ella vcem desaguar os rios navegaveis de Maputo, Manina, e do Espirito Santo.

No porto de Inhambane vem lançar-se o rio do mesmo nome, e no de Sofala o rio Sofala Grande.

No districto de Quelimane estão as differentes bocas por onde o rio Zambeze mistura as suas aguas com as do mar. O porto de Quelimane não é accessivel aos navios de grande lotação, porém o rio ou braço de mar, em cujas margens está situada a villa de Quelimane, que lhe dá o nome, não tem menos de meia legua de largura na sua foz. O porto de Mocambo, proximo do de Moçambique, é como este uma bella posição commercial. Desembocam n'elle tres rios, um dos quaes, chamado Conducia, é de longo curso, e se lhe suppõe a origem nos grandes lagos do interior. O porto de Ibo é tambem, como o antecedente, um ponto que se pode tornar importante para o commercio. Ibo é uma ilha, que juntamente com outras, formam o districto de Cabo Delgado, o ultimo das possessões portuguezas ao norte de Moçambique. É uma ilha de rica e variada producção, onde se cultivam cereaes, e abundam o algodão, o caffè, o tabaco, as madeiras de construcção, o ambar, a gomma copal, e a urzella. A povoação de S. João de Ibo, defendida por tres fortes, é a capital da ilha, o do districto.

O Zambeze será uma importantissima arteria de riqueza e de civilisação, quando fôr animada pelo commercio.

Este caudaloso rio não é somente o principal da provincia de Moçambique, é tambem um dos mais consideraveis de toda a Africa. Tem a sua origem nas serranias do centro de Africa, e recebe todos os grandes mananciaes, que brotam das faldas orientaes d'aquellas cordilheiras. Corre principalmente de este para oeste; depois dirige-se do norte para o sul, e a final toma outra vez á direcção de este. Em todo o seu extenso curso veem muitos rios engrossar-lhe a corrente. Os principaes são o Liba e o Chobé. O primeiro, oriundo do paiz dos Balondas, traz-lhe o seu tributo pelo lado do norte; e o segundo, que se julga ter principio nas serras de Bihé com o nome de Cubango, lança-se-lhe pela parte do sul.

A trinta leguas da costa divide-se o Zambeze em dois braços, e depois ainda se reparte em mais dois. Entra portanto no mar, no canal de Moçambique, por quatro bocas distantes umas das outras, deixando entre si bons terrenos para a agricultura, aos quaes leis especiaes deram a natureza de prazos transmissiveis unicamente ás femeas, com o fim de promoverem os cazamentos d'estas com os portuguezes idos da Europa, e assim augmentarem e melhorarém a colonisação.

O mais consideravel d'aquelles quatro braços do Zambeze toma o nome de rio de Quilimane, que tem de largura na sua foz, como acima dissemos, meia legua.

Durante a estação invernosa trasborda o Zambeze tres ou quatro vezes por anno, causando grandes inundações na sua margem direita, de que resulta serem doentios muitos sitios d'ella. Todavia passa por outros territorios, que por se acharem mais elevados, são sadios, e tambem ferteis, e além disso mais povoados.

Ha varias povoações e estabelecimentos portuguezes nas margens d'este caudaloso rio. A primeira é a villa de Quilimane, a sete leguas da sua

barra, sentada em terreno baixo e humido, e por essa rasão pouco saudavel.

A segunda é a villa de Senna, cabeça do districto de Rios de Senna, e distante de Quelimane sessenta leguas. Foi outr'ora populosa e rica, mas actualmente acha-se em grande decadencia, tanto por causa da insalubridade do clima, como pelas continuadas aggressões dos pretos *landins*.

A terceira é a villa de Tete, capital do districto do mesmo nome. Está edificada em lugar elevado e sadio na margem direita do Zambeze, em distancia de outras sessenta leguas da villa de Senna.

FIM

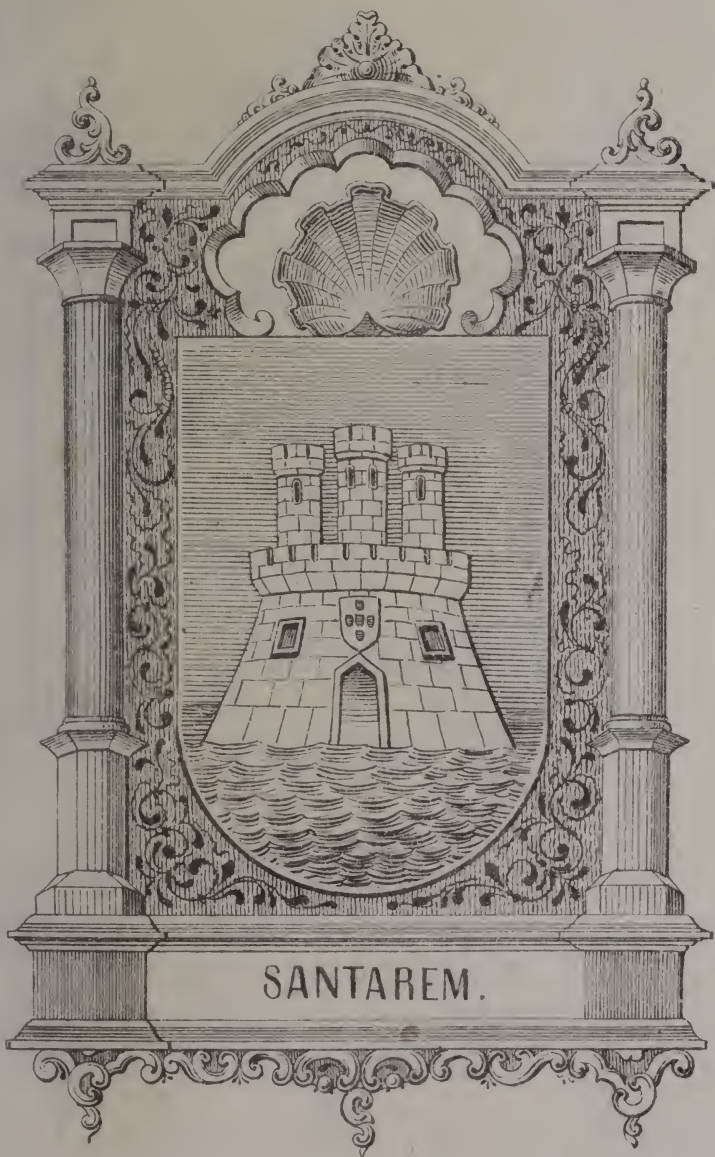
ÍNDICE DO TERCEIRO VOLUME.

Villa de Sabugal.....	1
» de Santarem.....	4
» de Santiago de Cacem.....	28
» de Serpa.....	34
Cidade de Setubal.....	39
» de Silves.....	54
» de Tavira.....	62
» de Thomar.....	69
Villa da Torre de Moncorvo.....	86
» de Torres Novas.....	92
» de Torres Vedras.....	98
» de Trancoso.....	113
» e praça de Valença.....	117
» de Veiros.....	124
» de Vianna do Alemtejo.....	126
Cidade de Vianna do Castello.....	129
Villa da Vidigueira.....	143
» de Villa do Conde.....	148
» de Villa Flór.....	154
» Nova da Cerveira.....	156
» de Villa das Pias.....	159
» de Villa Real.....	164
» de Villa Viçosa.....	170
Cidade de Vizeu.....	183
» de Goa.....	201
» de Nova Goa.....	213
» de Macau.....	228
» de S. Paulo da Assumpção de Loanda.....	244
» de S. Sebastião de Moçambique.....	262

RECTIFICAÇÃO IMPORTANTE.

No segundo volume, a paginas 11, tractando-se de Lamego, diz-se que é *capital de districto*, e *sede de um governador civil*. Foi equívoco. Esta cidade é simplesmente cabeça de concelho e de comarca, e pertence ao districto administrativo de Vizeu.





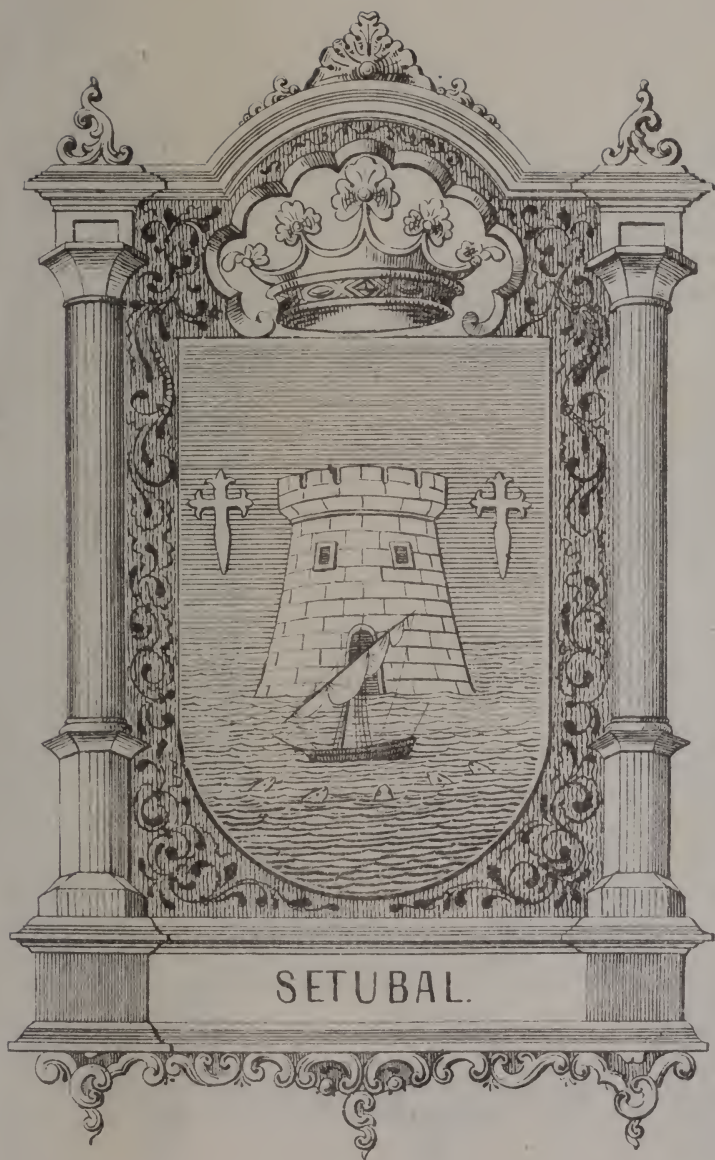


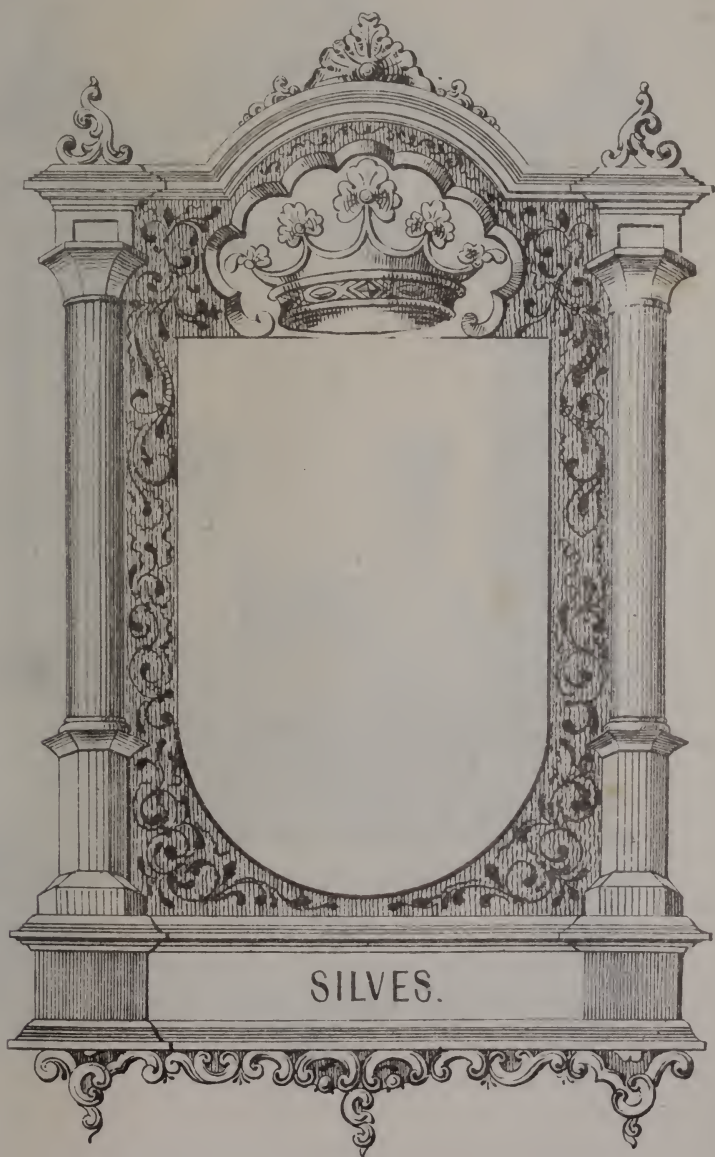




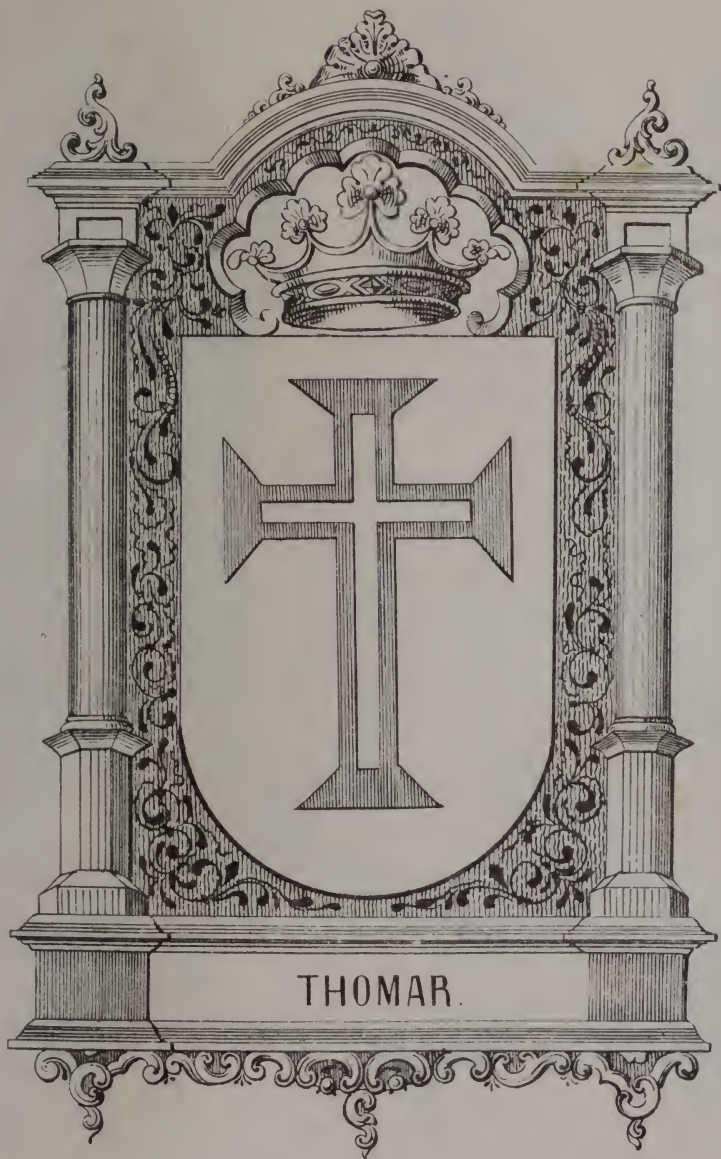




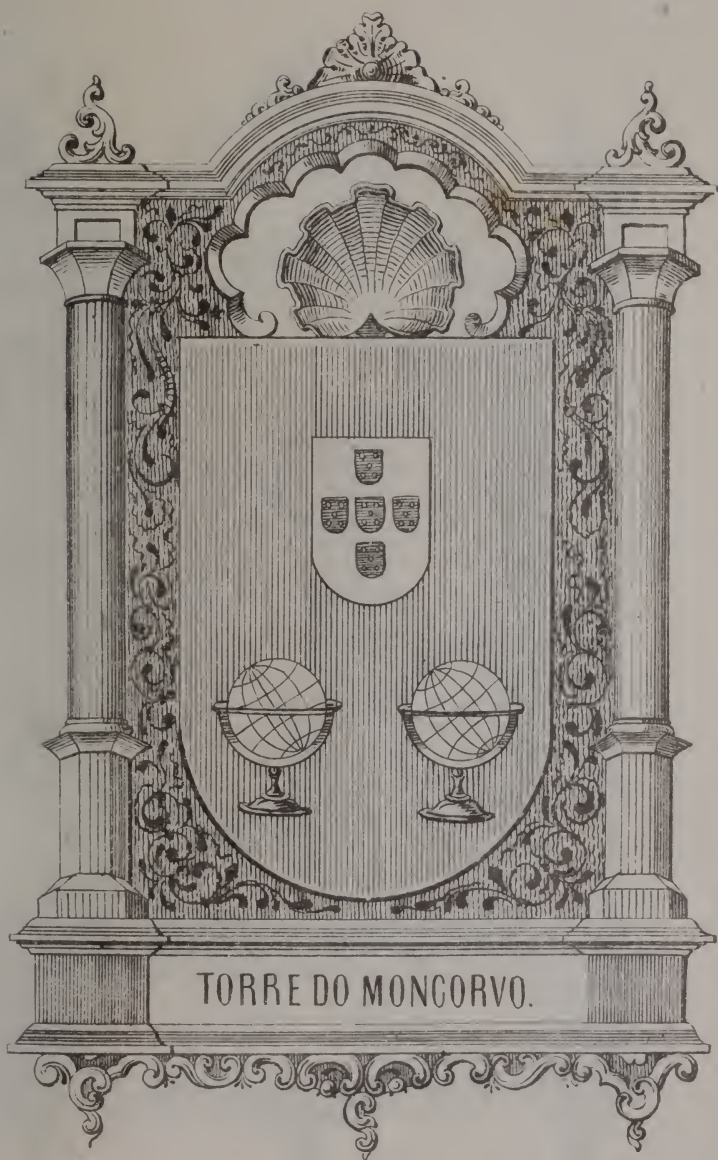




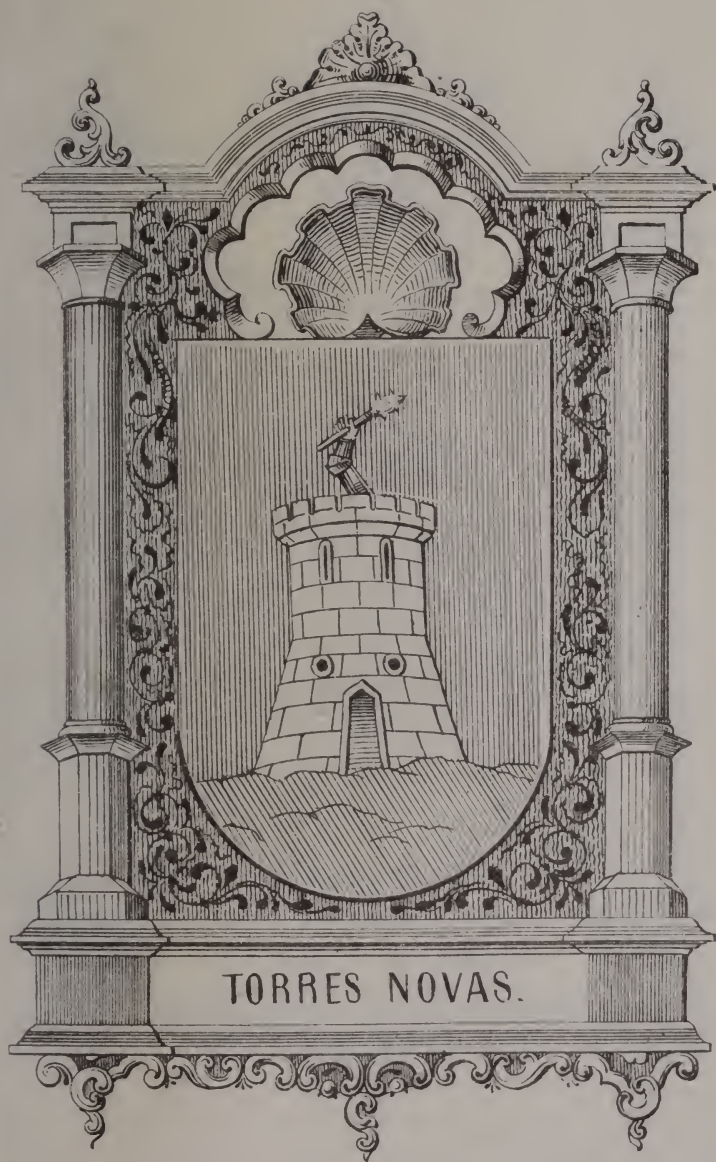




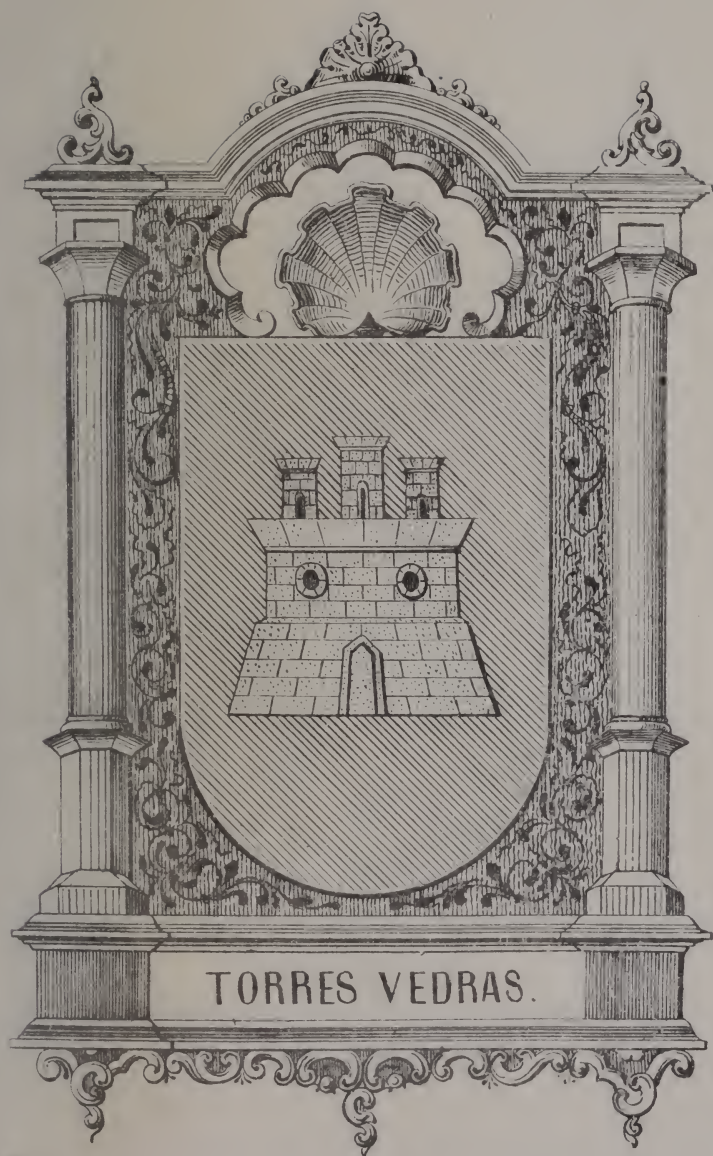


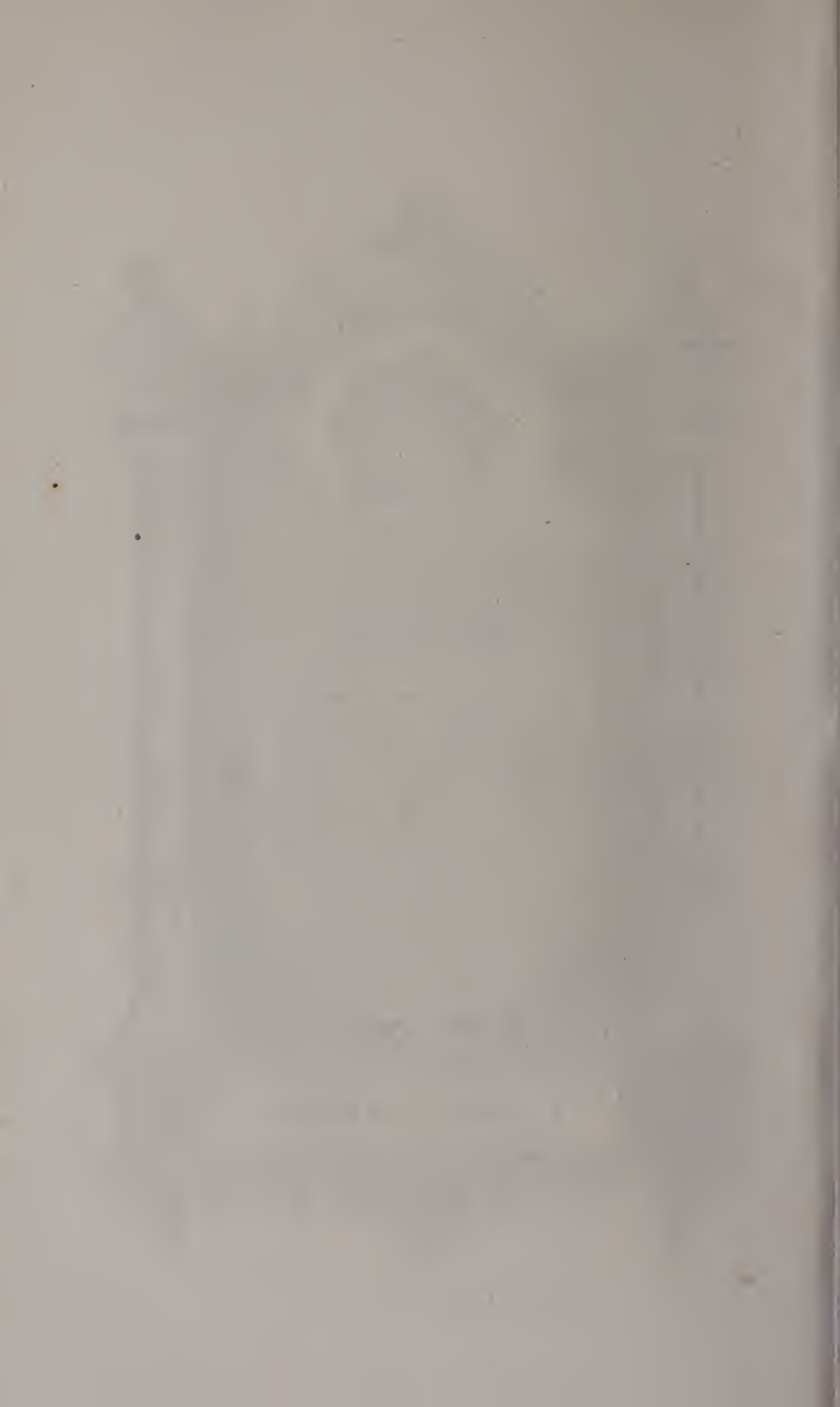


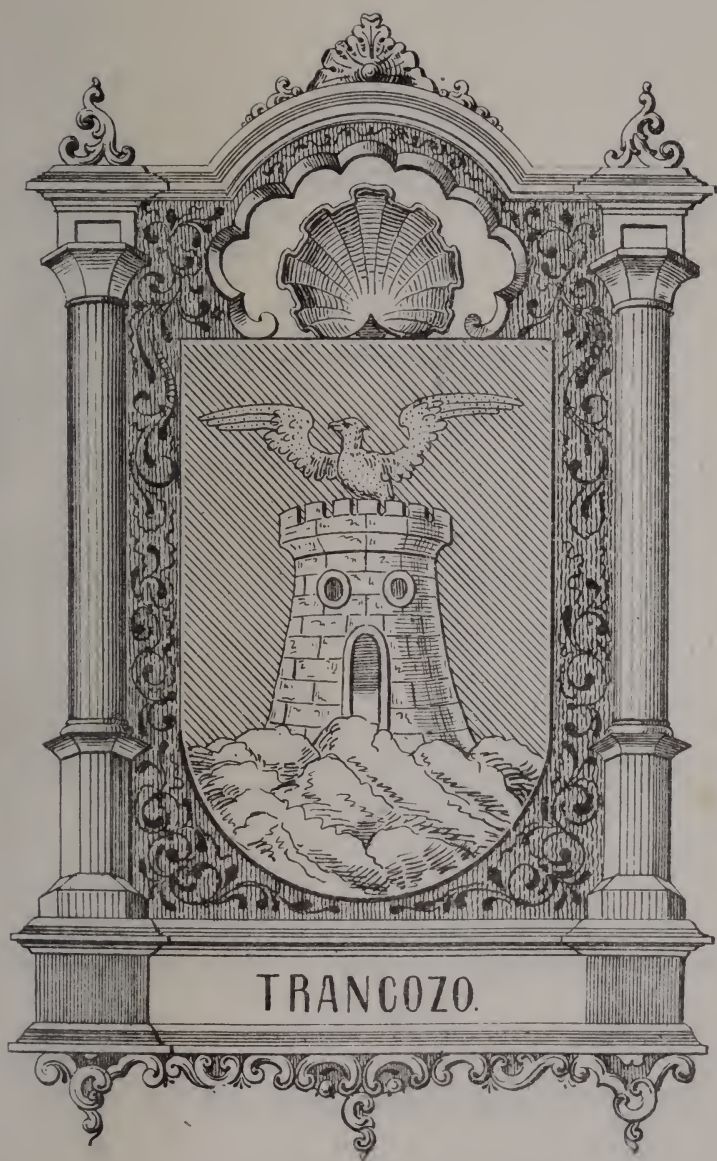




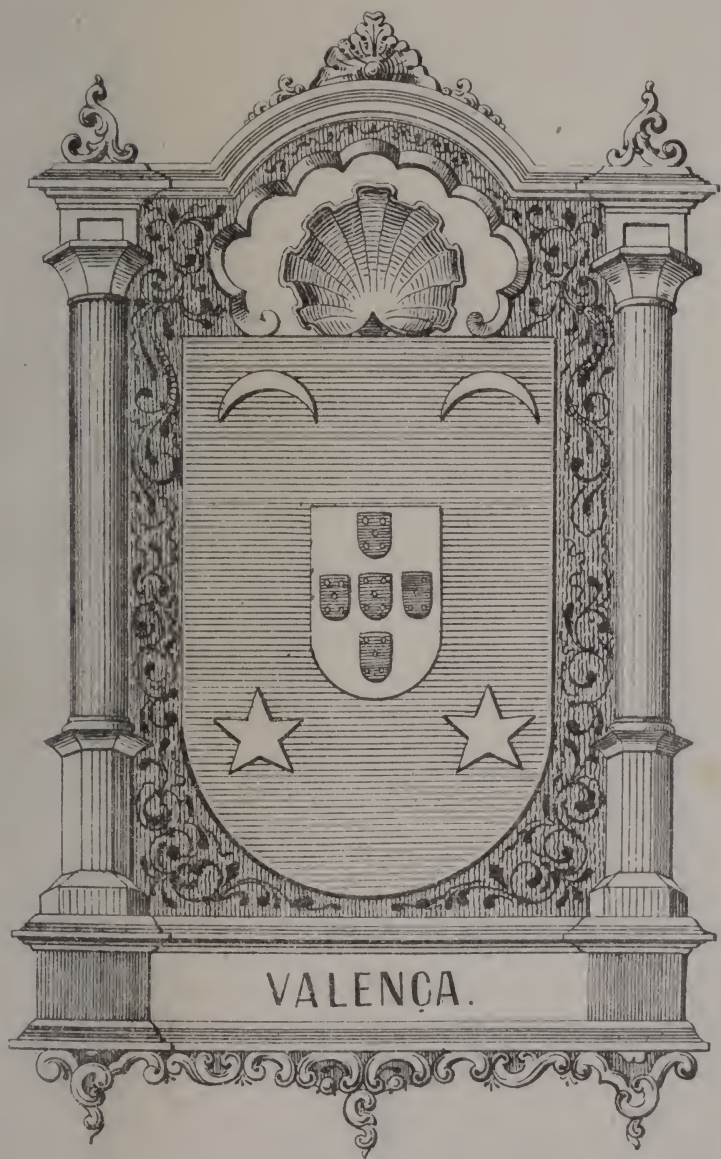




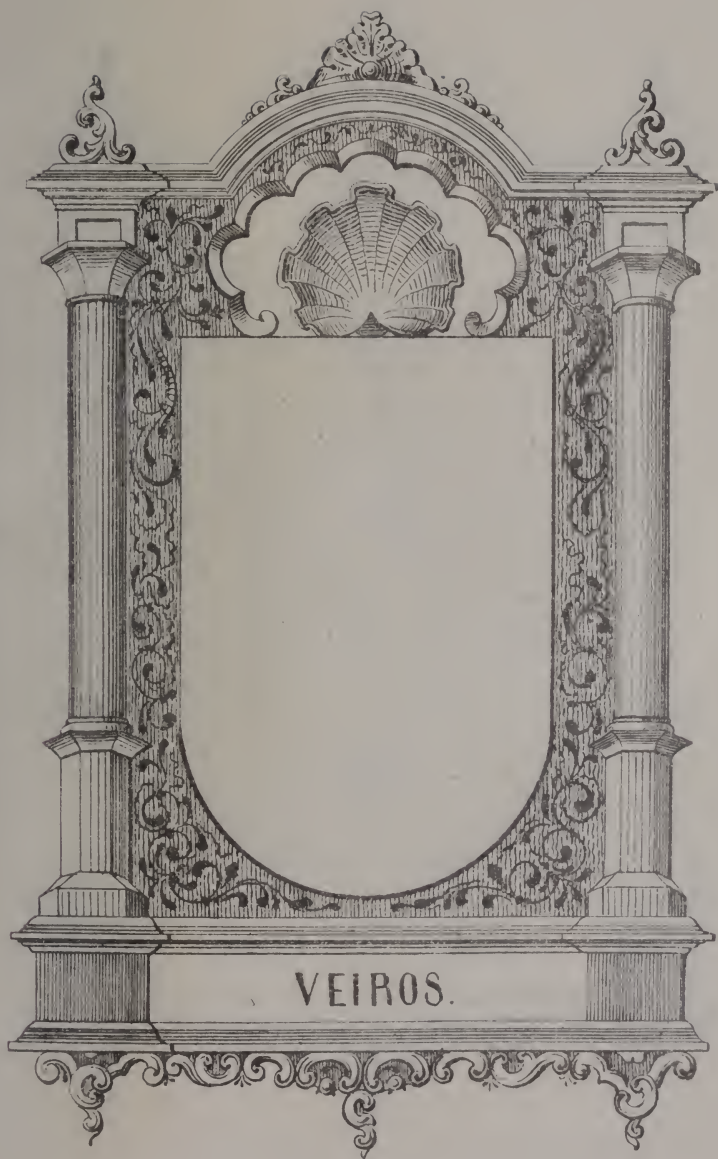




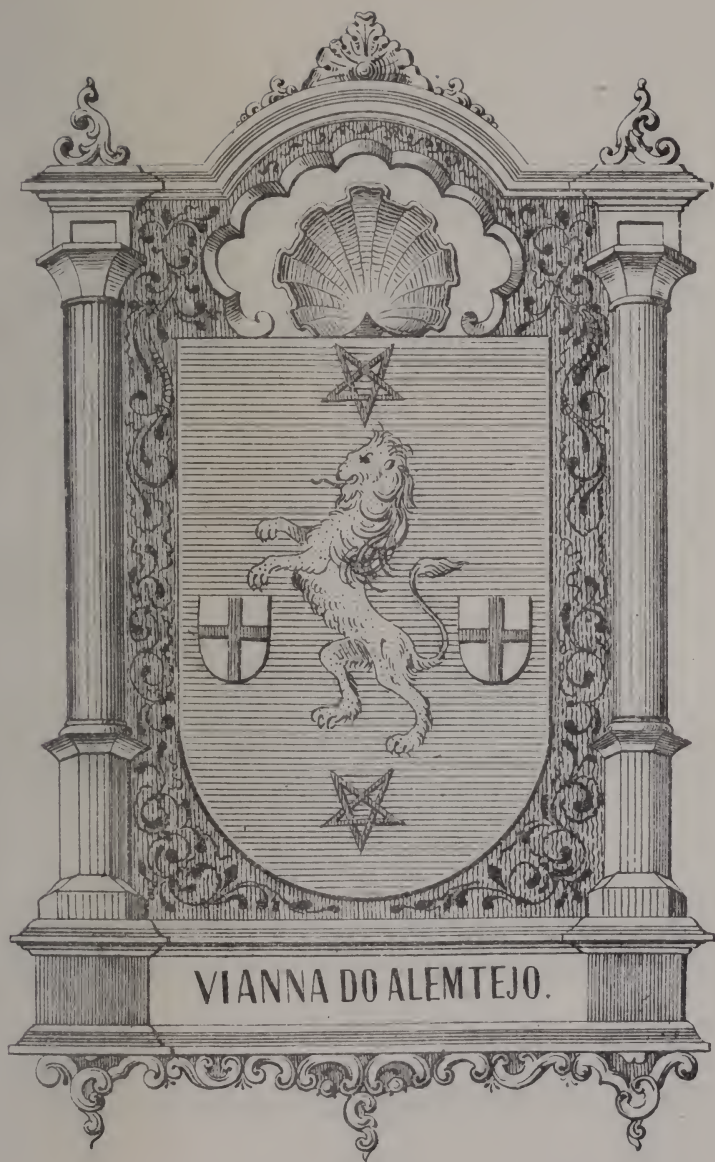
TRANCOZO.



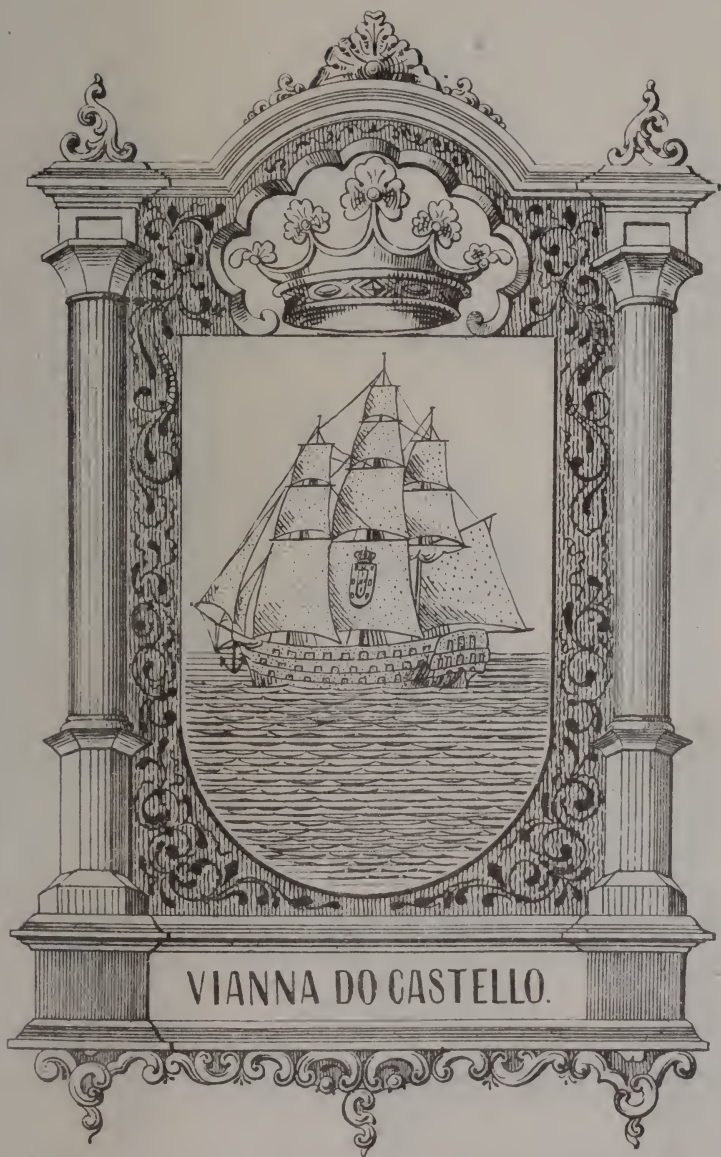




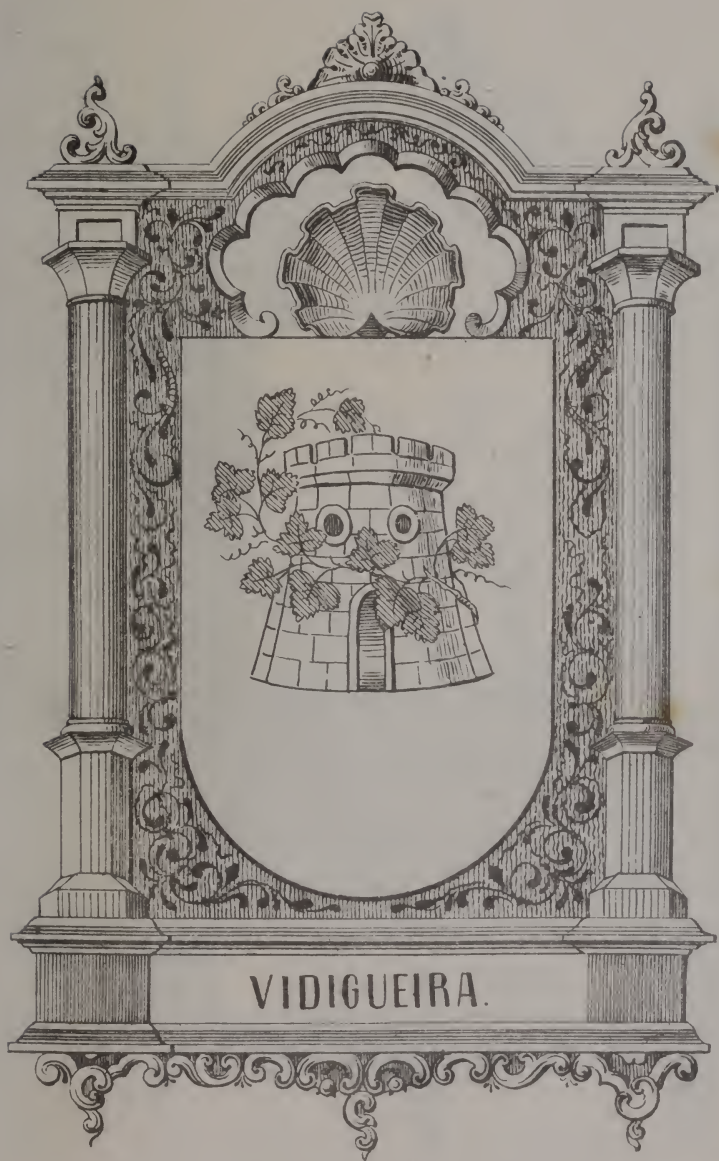








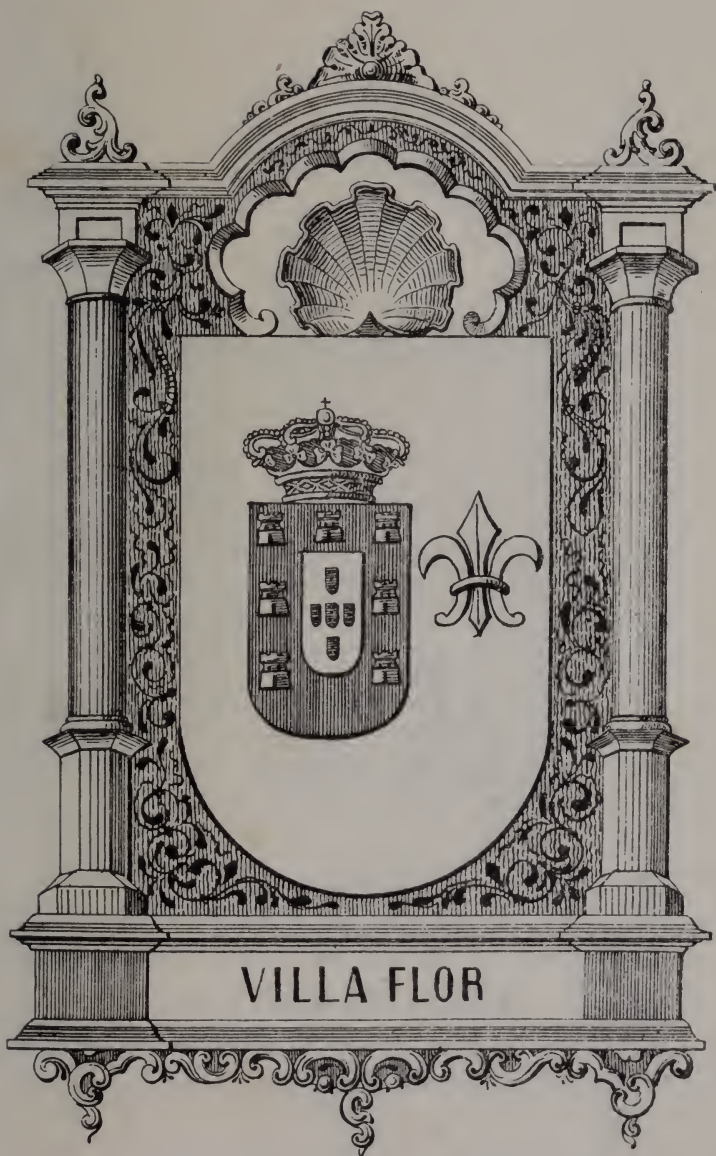




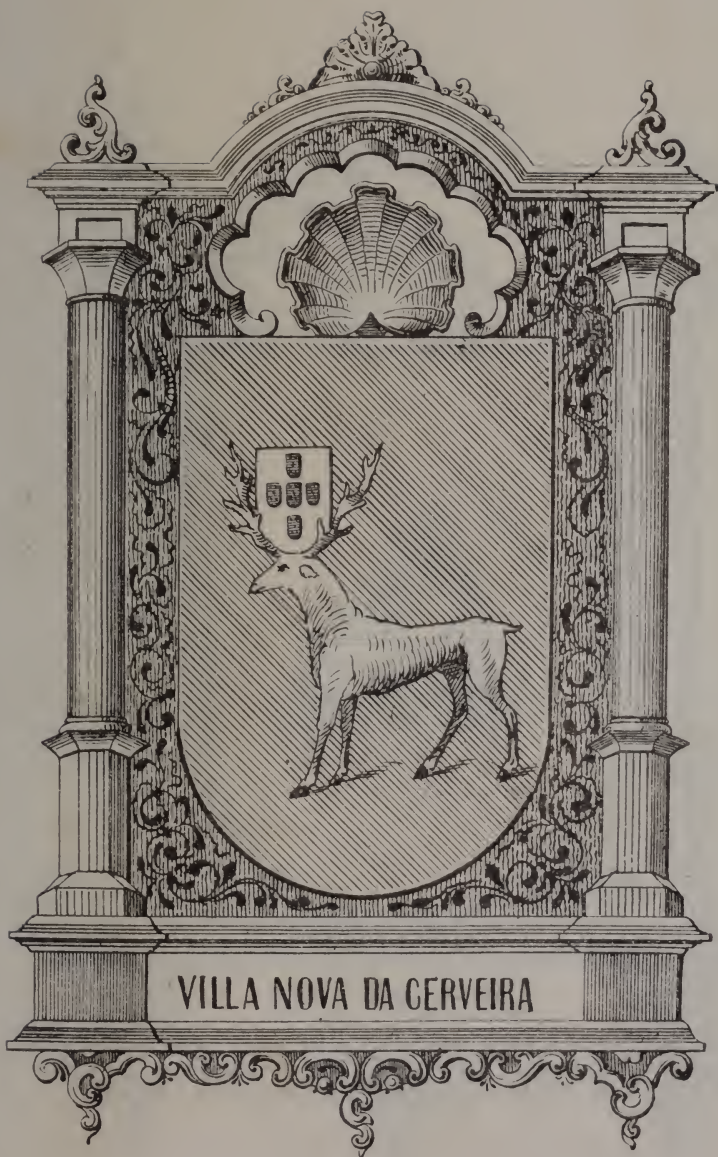








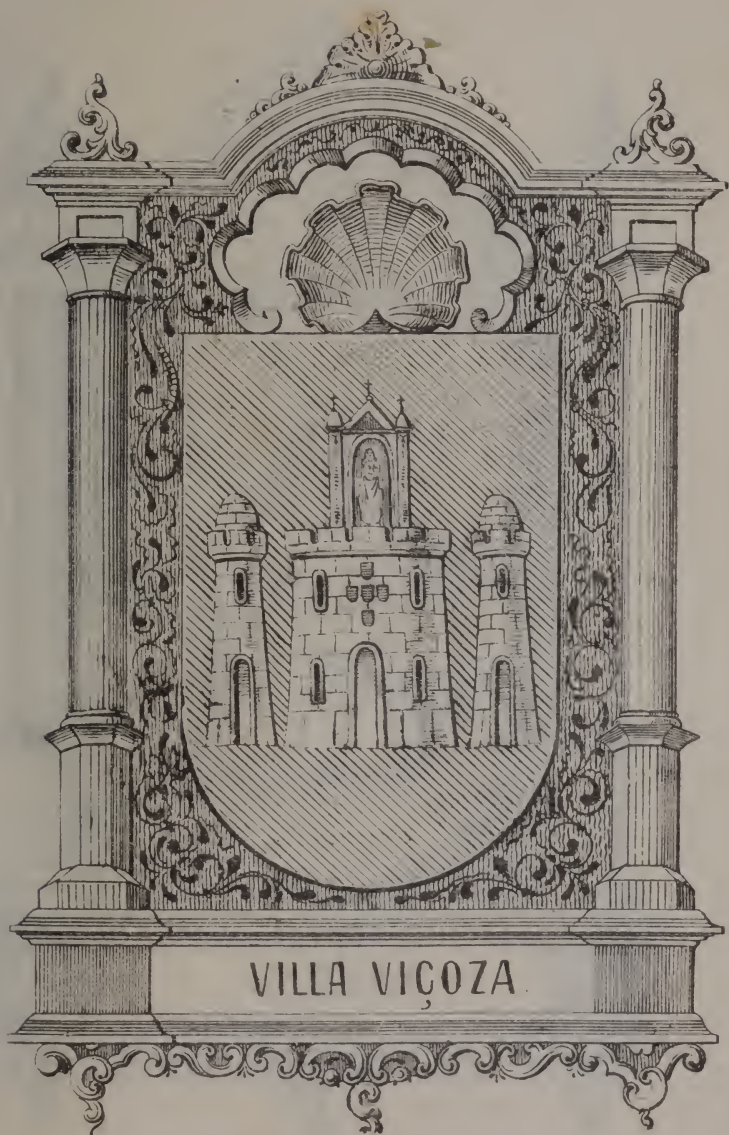






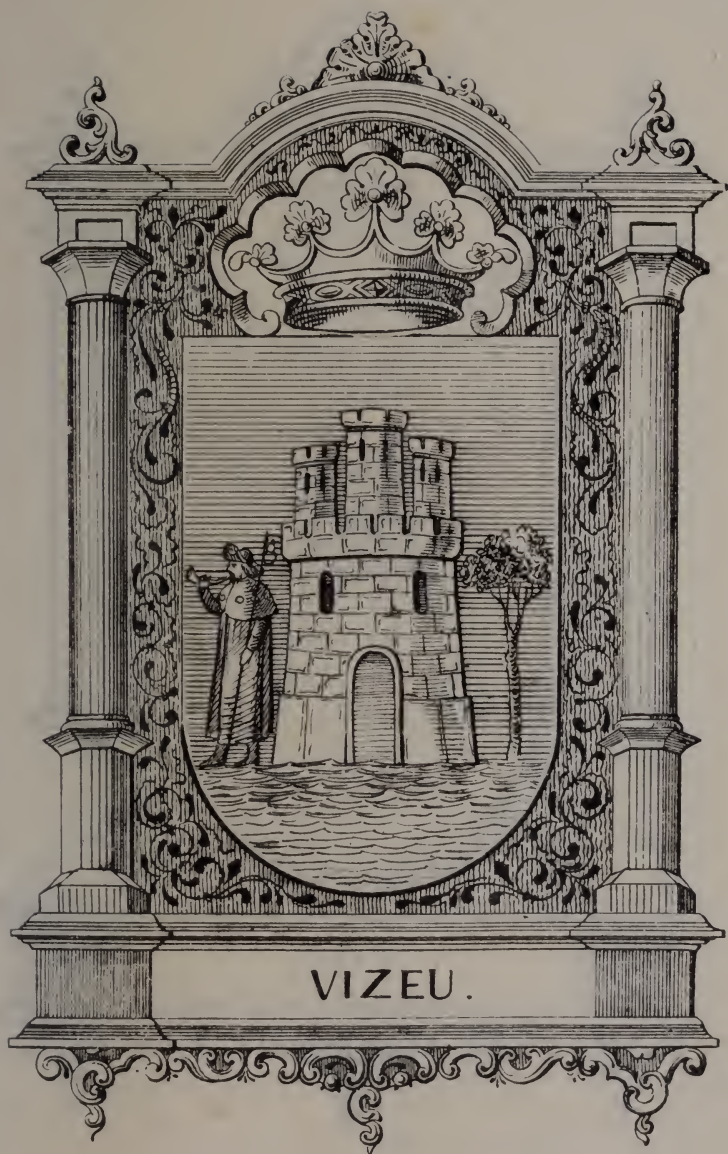




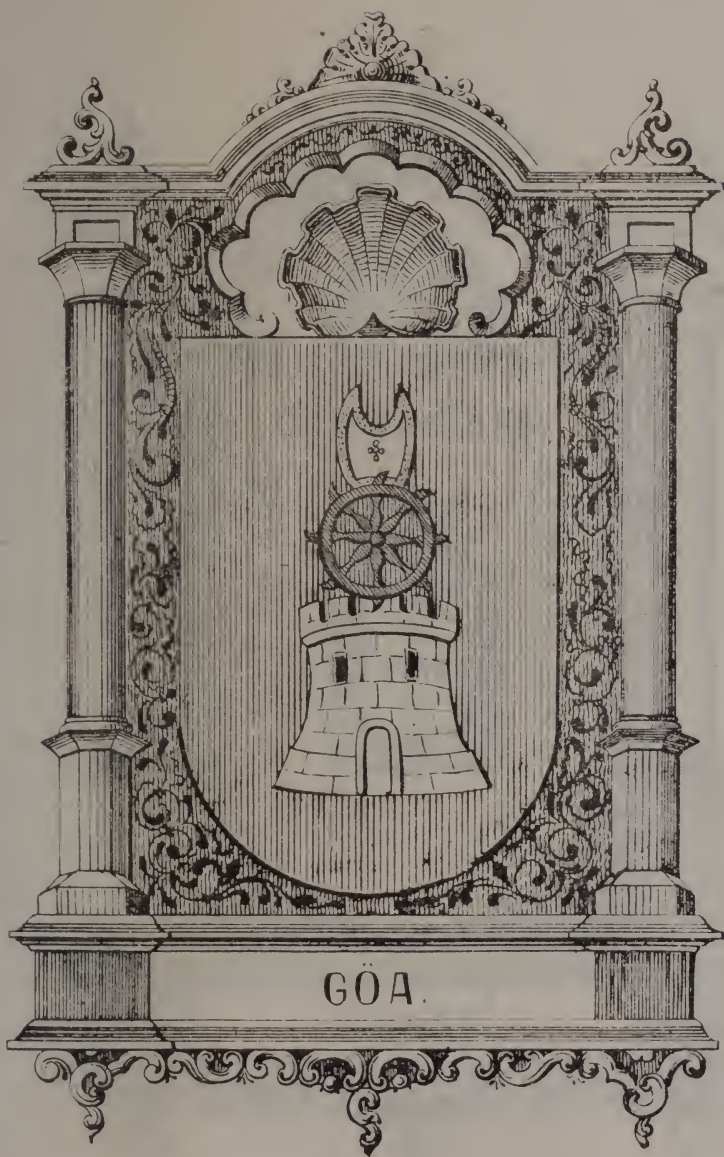


VILLA VIÇOSA













DE DEOS NÃO HA

CIDADE DO NOME

OUTRA MAIS LEAL.

MACAU









MOÇAMBIQUE









GETTY CENTER LIBRARY



3 3125 00034 7050

